

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Geografia**

Karina Martins da Cruz

**A CONTRIBUIÇÃO DE ALEMÃES E DESCENDENTES PARA A
FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL CATARINENSE: O CASO DA
REGIÃO METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS (SC)**

**Orientadora: Profa. Dra. Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira
Co-Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurélio da Silva**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Área de Concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano

Florianópolis (SC) - 2008

**A Contribuição de Alemães e Descendentes para a Formação Sócio-Espacial Catarinense:
O Caso da Região Metropolitana de Florianópolis (SC).**

Karina Martins da Cruz

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia, área de concentração, Desenvolvimento Regional e Urbano, do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de **Mestre em Geografia**.

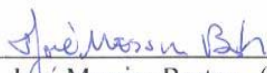


Prof. Dr. Carlos José Espindola
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM: 29/08/2008



Dra. Raquel Ma. F. do Amaral Pereira (Presidente e Orientadora-UFSC/UNIVALI)



Dr. José Messias Bastos (Membro-GCN/UFSC)



Dr. Marcos Aurélio da Silva (Co-orientador-GCN/UFSC)



PhD. João Klug (Membro-HSP/UFSC)

Florianópolis - 2008

Dedico este trabalho:

Aos colonos alemães e seus descendentes tornados produtores rurais e/ou comerciantes, que têm participado ativamente das transformações na região.

Aos meus pais e, especialmente, ao Márcio.

AGRADECIMENTOS

O trabalho de dissertação é um processo solitário, movido pela curiosidade que, no entanto, exige um diálogo com muita gente. Sem a interferência solícita de outros, não há como dar prosseguimento à investigação. Nestes momentos, creio que Deus está presente, conectando pensamentos e pessoas. Quero aqui registrar o meu sincero agradecimento à minha orientadora, Profa. Dra. Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira, pela firmeza, paciência e confiança na condução do trabalho. Estendo minha dívida ao Prof. Dr. Marcos Aurélio da Silva, co-orientador do trabalho que, de forma significativa, concedeu apoio teórico e sugestões para a melhoria da redação dos capítulos. Igualmente de suma importância foram os contatos com o Prof. PhD. João Klug, do Departamento de História da UFSC, na indicação de fontes e me alertando a para a necessidade de esclarecer alguns fatos. Agradeço também ao Coordenador de Pós-Graduação em Geografia, Prof. Dr. Carlos José Espíndola e à Secretária, Marli Terezinha Costa, pelos encaminhamentos e profissionalismo, além dos professores das disciplinas cursadas (ano de 2006), especialmente ao Prof. Dr. José Messias Bastos, pelas aulas enriquecedoras, pelos trabalhos publicados e indicações.

Agradeço aos colegas — doutorando Márcio R. Teixeira Moreira, a quem sou grata pelo apoio emocional dispensado quando resolvi mudar de tema, por explicações sobre o município de Itajaí e no empréstimo de textos; mestrando Mateus Schappo, pela visita a familiares e vizinhos no município de Angelina, onde estive num antigo “secos e molhados” que funcionou entre 1920-60, restando ainda preservados o casarão, a mobília e os livros-caixa; e mestranda Nádia Stürmer, pelos cafés na sua casa para trocarmos as aflições acadêmicas. Também registro o auxílio da doutoranda Sônia M. Teixeira Moreira, em disponibilizar acesso a alguns livros.

Devo especiais agradecimentos à bibliotecária voluntária Patrícia Régis, da Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (BIHGSC), pela sua dedicação e presteza em encontrar manualmente algumas obras raras; à funcionária Neusa Maria Schmitz, do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC), organizadora do material que demonstrou preocupação em conservar as cartas originais às quais tive acesso; ao funcionário e historiador Érico H. dos Santos, do Arquivo Público Municipal

de Florianópolis, pelas recomendações bibliográficas; e aos funcionários que me atenderam na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPESC); Biblioteca Central da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC); Biblioteca do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF); Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/SC); além da Biblioteca Universitária, Biblioteca do Colégio Aplicação, Sala de Monografias e Biblioteca Setorial do Centro Sócio-Econômico (CSE), e Biblioteca Setorial José Saramago (CFH) na UFSC.

De fundamental importância também foram os serviços de Gabriel Lima e Jordan Trebien na digitalização de mapas; dos professores de alemão Noêmia e Detlef Brall que traduziram parte do “*Gedenkbuch*”; da professora de inglês Liliane M. Furtado que organizou o *Abstract*, e do pessoal que lidou com xerografia, encadernação, *scanner* e manutenção de informática.

Registro a minha gratidão àqueles que possibilitaram informações sobre comerciantes e empresas extintas — Hilda, Irma e Teresinha Schappo, Dalvina de Jesus Siqueira, Leatrice Moellmann, Márcia Pagani, Ervino Stähelin e funcionários da Casa de Cultura da Prefeitura Municipal de São Pedro de Alcântara.

Meu muito obrigada também aos representantes de empresas, pela disponibilidade de tempo e em aceitar a gravação de cada entrevista facilitando na análise empírica!

Agradeço a atenção prestada por Dioceses Vieira à frente da Secretaria Municipal da Receita e ao fotógrafo Pedro Clasen da Assessoria de Imprensa, ambos na Prefeitura Municipal de São José.

De grande valia ainda foram as demais pessoas com as quais confirmei algumas informações, pois me ajudaram a consolidar melhor determinados pontos no texto.

Sou grata ao apoio constante da minha mãe, Dayse, separando recortes de jornal, avisando-me sobre o lançamento de livros e eventos, fornecendo indicações e contatos sobre algumas famílias ou pessoas na região, acompanhando-me em várias expedições, etc.

A bolsa do CNPq, por um ano, tornou-se um auxílio fundamental para o custeio de despesas relacionadas à pesquisa. Agradeço o auxílio federal recebido, bem como ao Colegiado do Programa!

RESUMO

O objetivo deste trabalho é examinar os reflexos da colonização alemã catarinense na estrutura comercial da Região Metropolitana de Florianópolis, através de um dinâmico e resistente pequeno modo de produção. As áreas de colonização alemã lindeiras a Florianópolis, embora tivessem recebido mais apoio financeiro, acolheram um menor número de colonos para o amanho de um meio natural pouco favorável à agricultura. Entre estes imigrantes predominaram os que professaram a religião católica, o que difere das áreas coloniais situadas nos vales atlânticos ao norte. Os colonos alemães que se estabeleceram na Região Metropolitana de Florianópolis foram encaminhados inicialmente para as áreas de “boca da mata”, mantendo um contato estreito com o tropeirismo, responsável pela ocupação de expressiva extensão do território sulino. A divisão de terras mais diversificada acarretou uma diferenciação social, onde vendistas e madeireiros conseguiram estágios de acumulação numa estrutura social bastante horizontalizada, na qual predominavam atravessadores responsáveis pelo encarecimento das manufaturas agrícolas entre o litoral e a serra. Durante a 2ª dualidade (1889-1930), estas áreas coloniais permaneceram atreladas ao domínio dos latifundiários de Lages e dos comerciantes de *import-export* do litoral catarinense, inclusive, aqueles que modernizaram o comércio do centro urbano de Florianópolis. Após a Revolução de 1930, as dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelos descendentes de alemães aumentaram a resistência de determinadas famílias, onde os hábitos de poupança e negociação exercitados no âmbito familiar promoveram uma cultura de pequenos empreendedores que se afunilaram após as décadas de 1950-60, período no qual houve a oportunidade de saída do meio rural antes do *boom* demográfico de Florianópolis. Neste intercurso, planos de governo forneceram um desenvolvimento industrial prioritário a cada década (ciclos juglarianos), concomitantemente à expansão de determinados bairros continentais de Florianópolis e São José (Estreito, Campinas e Kobrasol), onde doze conglomerados, empresas ou famílias de empresários descendentes de alemães ascenderam comercialmente pela via americana, em sua maioria beneficiados por políticas públicas, as quais foram aproveitadas nos períodos depressivos para o desenvolvimento dos setores de materiais de construção, venda de eletrodomésticos, supermercadista, construção civil e venda de automóveis e combustíveis. Observou-se que entre 1980-2007, cerca de 1/4 das empresas registradas no município de São José apresentaram sobrenome de origem alemã.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the impact of German colonization of Santa Catarina State on the commercial structure of the Metropolitan Region of Florianópolis, through a small, resistant and dynamic mode of production. It appears that the areas of German colonisation next to Florianópolis however had received more financial support and a lesser number of settlers on a natural environment not favourable to agriculture. Among these immigrants predominated the profess of the Catholic religion, which differs from the colonial areas in the Atlantic valleys to the north. The German settlers established on Florianópolis Metropolitan Region were led to the “mouth of the jungle” areas maintaining a strong merchant contact with cattle drivers responsible by the occupation of extensive extension of Brazilian South territory. The division of land contributed to a more diverse social differentiation, where the traders and the woodcutters could reach accumulation stages of a social structure rather horizontal, where dominated intermediary merchantises responsible by the increase the price of agricultural manufactures between the coast and the plateau region. During the 2nd duality (1889-1930), these colonial areas remained assigned to the field for large land owners of Lages and the import-export traders, on the Santa Catarina coast, including those that modernize the trading center of Florianópolis. After the Revolution of 1930, the social and economical difficulties faced by the families of descendants of Germans increased the resistance of some families, where the habits of savings and negotiation exercised by the family promoted a culture of entrepreneurs who are diminished to small numbers after the decades of 1950 –60. At which time there was an opportunity to leave rural areas, before the population boom of Florianópolis. In this intercourse, the government plans favour the industrial development priorities of each decade (juglarian cycles), concomitant with the expansion of certain districts on continental Florianópolis and São José (Estreito, Campinas and Kobrasol), where twelve businesses conglomerates or families of descendants of German entrepreneurs ascend commercially by an American Way, mainly beneficiaries of public policies, which were used on depressed periods to developing the sectors of building materials, trade of home appliances, supermarket propriety, civil building and cars and fuels trade. Observed that between 1980-2007, approximately 1/4 of companies registered in the municipality of San Jose has a name of German origin.

Se elles possuíssem a tenacidade de que se jactam, teriam á fôrça de fecundidade, allemanizado a Europa; é justamente a malleabilidade de que são dotados, a facilidade com que se sujeitam á ordem e á regra, a sympathia innata que teem pelas cousas estrangeiras e o seu amor pelo estudo das línguas que os teem diluído e apoucado.

...e os unicos, que teem conservado a sua originalidade entre os Lusitanos e os Indios, são os colonos estabelecidos nas províncias meridionaes do Brazil, em S. Paulo, Panamá [sic], Santa Catharina, S. Pedro do Rio Grande do Sul; mas é insignificante o número d'elles e o meio "latino" que os suffoca ha de anniquilal-os dentro de muito pouco tempo.

Onésime Reclus (1837-1916)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 - O trapiche da Praia Comprida no município de São José (fins do séc. XIX)	174
FOTO 2 - O comércio de Felipe Petry em 1922, na Praia Comprida, São José.....	174
FOTO 3 - Vista do centro de São José (anos 1920).....	175
FOTO 4 - Benjamin Gerlach no seu Café Social (1930), praça central de São José...	175
FOTO 5 - Estrada Geral de Coqueiros com a Escola Alemã e Salga do Fett (1926)...	176
FOTO 6 - A venda rural de João Schappo em 1930, Garcia, Angelina.....	176
FOTO 7 - Cargueiros transportando produtos na estrada até Lages.....	177
FOTO 8 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Palhoça (1906).....	177
FOTO 9 - Rua central de Palhoça com traços arquitetônicos luso-brasileiros e, ao fundo, a Igreja Evangélica.....	178
FOTO 10 - Vista panorâmica de Anitápolis, então distrito de Palhoça.....	178
FOTO 11 - “Santo Amaro” enquanto principal distrito de Palhoça.....	179
FOTO 12 - Estrada entre as localidades de Caldas e Santo Amaro.....	179
FOTO 13 - Visita do governador Adolpho Konder ao comércio de Germano A. Kretzer, no caminho entre São Pedro de Alcântara e Angelina (1926).....	180
FOTO 14 - Vista do alto da Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara (1929).....	180
FOTO 15 - Vista parcial do Alto Biguaçú, margeado pelo rio Biguaçú (1929).....	181
FOTO 16 - Casa no bairro Limeira, no atual município de Antônio Carlos.....	182
FOTO 17 - Casa no bairro Santa Filomena, em São Pedro de Alcântara.....	182
FOTO 18 - Casa no bairro Garcia, município de Angelina.....	183
FOTO 19 - Casa no bairro Vargem Grande, município de Águas Mornas.....	183
FOTO 20 - Casa na rua Alves de Brito, Centro, Florianópolis.....	184
FOTO 21 - Antiga casa da família Bunn, Praia Comprida, São José (demolida).....	184
FOTO 22 - Casa na av. Bocaiúva esq. Othon Gama D’Eça, Centro, Florianópolis.....	185
FOTO 23 - Casa na av. Santos Saraiva esq. Marechal Câmara, Estreito, Florianópolis.....	185
FOTO 24 - Sobrado de João Nicolau Born (1892), Centro, Biguaçú.....	186
FOTO 25 - Casa que pertenceu a Fernand Hackradt (Século XIX), família Scheele e ao barão Dietrich Freiherr von Wangenheim, Centro, Florianópolis.....	186
FOTO 26 - Casarão Philippi construído em 1907, Vargem Grande, Águas Mornas.....	187
FOTO 27 - Casa de Germano Kretzer construída em 1920, Santa Filomena, São Pedro de Alcântara.....	187
FOTO 28 - Antigo Comércio de Felipe Petry construído em 1908, Praia Comprida, São José.....	188
FOTO 29 - Comércio inicial de Eugênio Raulino Koerich (1930), Colônia Santana, São José.....	188
FOTO 30 - Antigo prédio de vendeiro, Centro, Rancho Queimado.....	189
FOTO 31 - Antigo “secos e molhados” rural de João Schappo construído em 1920, Garcia, Angelina.....	189
FOTO 32 - Antiga casa vendista rural, Santa Filomena, São Pedro de Alcântara.....	190
FOTO 33 - Casa com aparência de ex-vendista no centro de Antônio Carlos.....	190
FOTO 34 - Moinho inicial de Hackradt e Ebel (séc. XIX).....	191

FOTO 35 - Antiga sede (ao fundo) de Hackradt e posterior de Hoepcke (séc. XIX).....	191
FOTO 36 - Seções de Fazendas (esq) e Ferragens (dir) da firma Hoepcke, rua Altino Corrêa (Conselheiro Mafra) esquinas com a Deodoro.....	192
FOTO 37 - A “Fábrica Santa Catarina” da firma Wendhausen, na rua Bocaiúva.....	192
FOTO 38 - Interior em funcionamento da “Fábrica Santa Catarina”.....	193
FOTO 39 - Padaria Moritz (lado direito) na esquina da rua Felipe Schmidt (década 1950).....	193
FOTO 40 - Casa Moellmann na rua XV de Novembro, em Blumenau (década 1960).	194
FOTO 41 - A Igreja da Comunidade Luterana de Florianópolis.....	195
FOTO 42 - A Escola Alemã da Comunidade Luterana de Florianópolis.....	195
FOTO 43 - Prédio do antigo atacado Hoepcke.....	196
FOTO 44 - Prédio na rua Felipe Schmidt esq. com Deodoro.....	196
FOTO 45 - O Centro Comercial ARS, na rua Conselheiro Mafra.....	197
FOTO 46 - Prédio da antiga fábrica de pregos Hoepcke.....	197
FOTO 47 - Indústria de Bebidas Leonardo Sell, em Rancho Queimado.....	201
FOTO 48 - Unidade da “Lojas Koerich”, situada na rua Conselheiro Mafra, Centro, Florianópolis.....	201
FOTO 49 - Unidade dos supermercados “Imperatriz”, na rua Aniceto Zacchi, Ponte do Imaruim, no município de Palhoça.....	202
FOTO 50 - O Bairro Kobrasol no município de São José.....	202
FOTO 51 - Protensul com fábrica situada no bairro Ponta de Baixo, em São José.....	203
FOTO 52 - Loja Dominik, marginal da rodovia BR-101, no bairro Roçado, São José..	203
FOTO 53 - Distribuidora Kretzer, localizada na marginal da BR-101, bairro Praia Comprida, São José.....	204
FOTO 54 - Posto Nienkötter, no bairro Capoeiras, Florianópolis.....	204
FOTO 55 - Loja da Gerber Móveis, na rua Anita Garibaldi, Centro, Florianópolis.....	205
FOTO 56 - Loja “A Barateira” na rua João Pinto, Centro, Florianópolis.....	205
FOTO 57 - O Beiramar Shopping, Centro, Florianópolis.....	206

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - A Divisão de Terras nas Colônias.....	40
TABELA 2 - Distribuição produtiva dos distritos de Palhoça em 1939.....	58
TABELA 3 - Número de fábricas nos municípios catarinenses em 1941.....	103
TABELA 4 - Classificação das cidades segundo ordem de valor de vendas (1955)....	107

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Estabelecimento das Colônias Alemãs em Santa Catarina.....	23
QUADRO 2 - Despesas do Governo Imperial com colônias até 1880.....	25
QUADRO 3 - Comércio Geral nas colônias locais (em mil réis).....	39
QUADRO 4 - Produção Agrícola na Região (década 1940/50).....	60
QUADRO 5 - Cadastro Econômico de Empresas em São José (1980-2007).....	141

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A FORMAÇÃO SOCIAL CATARINENSE NA FACHADA ATLÂNTICA CATARINENSE E O PAPEL DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ	17
1.1 Os alemães na origem da pequena produção mercantil da fachada atlântica catarinense.....	17
1.2 O Caso das Colônias Antigas.....	32
1.2.1 A tipologia arquitetônica.....	52
1.2.2 Dinâmica das áreas rurais no entorno de Florianópolis.....	55
2. O CAPITAL MERCANTIL E A BURGUESIA COMERCIAL-INDUSTRIAL: REFLEXOS DA 2ª DUALIDADE NA ILHA	68
2.1 Antecedentes da Origem Alemã na Praça Portuária.....	68
2.2 A Burguesia Comercial-Industrial na 1ª metade do século XX.....	94
2.3 Situação urbano-econômica na década de 1940.....	100
3. A PRESENÇA DE DESCENDENTES DE IMIGRANTES ALEMÃES NA ASCENSÃO DE ALGUNS GRUPOS EMPRESARIAIS	106
3.1 Emersão de capitalistas a partir do meio rural pós-1950.....	106
3.2 Trajetórias de diversificação dos “alto-capitalistas”.....	118
3.2.1 Padrões gerais obtidos pelas entrevistas.....	135
3.3 A cultura de pequenos empreendedores.....	139
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS	148
APÊNDICE	168
ANEXOS	173

INTRODUÇÃO

Enquanto núcleos pioneiros da colonização alemã em Santa Catarina as colônias de São Pedro de Alcântara, Vargem Grande, Santa Isabel, Leopoldina, Piedade e Teresópolis, situadas na área fronteira à cidade de Desterro/Florianópolis, mesclaram-se às colônias nacionais vizinhas (Angelina e Santa Teresa), estabelecendo uma pequena produção mercantil diferenciada daquela (a açoriana) existente na Ilha de Santa Catarina e faixa litorânea próxima.

O foco central da investigação é chamar inicialmente a atenção para o fato de que, quando se busca analisar a formação sócio-espacial do litoral catarinense, a presença de imigrantes alemães e seus descendentes é ofuscada pela interpretação dominante de que seus traços característicos resultam exclusivamente de uma herança portuguesa, ou mais precisamente, luso-brasileira, reforçada pelos fluxos migratórios açorianos ocorridos em meados do século XVIII. Daí porque o desenvolvimento deste trabalho dispõe-se a reconhecer a participação, numa segunda e terceira etapa após o assentamento colonial estabelecido nas áreas em estudo, dos elementos de origem alemã que contribuíram de forma decisiva para a evolução da formação socioeconômica da região em apreço, bem como para o seu desenvolvimento urbano.

É bastante freqüente e comum a interpretação divulgada em inúmeros trabalhos sobre a colonização do estado de Santa Catarina, segundo a qual, comparadas às colônias alemãs situadas nos vales do Itajaí-Açú, Itajaí-Mirim e Itapocu, as colônias próximas à Capital “não prosperaram”. Sobre as últimas, é importante destacar que as diferenças de desenvolvimento podem ser atribuídas a vários fatores e que a industrialização bem-sucedida naqueles vales advêm justamente de especificidades histórico-geográficas. Segundo Willens (1980), não poucos artífices e vendeiros dentre os descendentes de alemães contribuíram para a formação de um sistema econômico autônomo nas áreas de colonização homogênea. Constatou-se, então, que a definição de insucesso atribuída à hibridiz étnica na Região Metropolitana de Florianópolis precisava ser elucidada para que se possa compreender o destacado papel que determinados grupos empresariais, originários da iniciativa de descendentes de alemães, ocupam na atualidade.

A investigação exigiu uma abordagem interdisciplinar, buscando apreender o *modus operandi* na formação de capitais oriundos da pequena produção alemã. A análise realizada teve, pois, uma preocupação com a totalidade, abarcando, como recomenda Mamigonian (1991), num primeiro nível, a participação dos fenômenos naturais na vida humana (de mudanças lentas), sob outro nível, as atuações das estruturas econômico-sociais combinadas e, num nível mais elevado, os acontecimentos políticos e eventos em geral.

A periodização utilizada neste estudo baseia-se na proposta de Bastos (2000, p.127-128) que define uma etapa de desenvolvimento urbano da capital de Santa Catarina do último quartel do século XIX até as vésperas da década de 1950 — durante o qual se registra o enfraquecimento econômico ocorrido após a Revolução de 1930 — e outra que se estende dos anos 1950 aos dias atuais. De acordo com o referido autor, a cidade de Desterro, atual Florianópolis,

... nos seus mais de dois séculos e meio de existência passou em linhas gerais por três grandes fases no processo de desenvolvimento urbano. A primeira urbanização está vinculada à ascensão da pequena produção mercantil açoriana que na virada do século XVIII para o século XIX tornara-se exportadora de gêneros alimentícios como a farinha de mandioca, óleo de peixe, peixe salgado, etc. Essa fase está relacionada também ao estabelecimento das milícias portuguesas do Brasil meridional e a função administrativa de capital da Província. A segunda, iniciada a partir do último quartel do século passado, quando, então, Florianópolis é promovida à condição de praça comercial importadora que vai abastecer as emergentes colônias de alemães [ao norte] e italianos [ao sul] recém instaladas nos vales atlânticos catarinenses. A última fase está relacionada ao processo de inserção da capital catarinense no contexto do capitalismo industrial brasileiro e catarinense que ocorre com mais vigor a partir da segunda metade dos anos 50 e transforma radicalmente a cidade. Florianópolis, assim, readquire funções de nível estadual que havia perdido com a decadência da pequena produção açoriana e após Revolução de 30 quando então as principais empresas comerciais florianopolitanas teimam em permanecer vinculadas ao esquema econômico-territorial anterior à referida revolução. (grifo nosso)

Na segunda e na terceira fase, estiveram presentes de maneira atuante no cenário comercial-portuário e, depois, substituindo aos anteriores no cenário comercial-rodoviário, algumas dezenas de comerciantes de origem alemã, tornando expressiva a sua participação na organização do espaço urbano e regional. O capítulo inicial traça um panorama geral sobre os temas a serem aprofundados nos capítulos dois e três, entendendo inicialmente a formação social enquanto um processo histórico e

geográfico, e levantando os primeiros referenciais comparativos, desde as formas de adaptação colonizatória dos alemães e descendentes na região estudada, os meios de ascensão social existentes, a dinâmica das áreas rurais em seus vários estágios e as possibilidades regidas pelas condições de trabalho na saída do meio rural até as áreas continentais próximas a Florianópolis.

O capítulo dois é iniciado pelo último quartel do século XIX, período este de efervescência para o comércio *import-export* e a navegação de cabotagem quando se registra a formação de uma burguesia comercial, no seio da qual os descendentes de alemães tiveram um papel de destaque no comércio florianopolitano até pouco depois da década de 1930. Esta etapa é balizada pela 2ª dualidade brasileira (1889-1930)¹, delimitada pelos eventos da Proclamação da República e a Revolução de 1930, período marcado por um conjunto de transformações sociais: o processo de industrialização nacional, a ascensão de Getúlio Vargas² e a centralidade econômica das fábricas, estrutura ferroviária e portuária de São Paulo, em detrimento dos importadores do Rio de Janeiro. Subordinados a estes últimos — comerciantes do Rio de Janeiro —, os primeiros comerciantes descendentes de alemães de Florianópolis perderam sua expressão econômica e política, conforme será tratado ao longo do segundo capítulo.

Somente a partir do início da década de 1950, é que a conjuntura econômica de Florianópolis e adjacências retoma um novo fôlego econômico salientado pelo crescimento da estrutura urbana e rodoviarismo na região, além dos investimentos na ampliação do serviço público estadual. Este é o foco do capítulo 3, que discute a estrutura comercial em processo de desenvolvimento, paulatino no Centro e em

¹ A 2ª dualidade significa a união hegemônica, tanto política quanto economicamente, dos comerciantes de *import-export* com os latifundiários ex-escravistas. Cf. Mamigonian (1987) é preciso entender que as mudanças no Brasil são provocadas pelas classes subalternas através de uma pressão de baixo (das forças produtivas), porém, que são controladas e postas em prática de cima para baixo, ou seja, o Estado brasileiro se compõe de duas classes dominantes que revesam o seu poder (cada uma assumindo a regência de sócio maior e sócio menor na metade do período) a cada 40 anos, aproximadamente. Cf. Castro (2005), tendo como referencial as idéias e estudos de Ignácio Rangel, a dualidade é exatamente a teoria que junta o processo econômico e as classes sociais, enquanto objetos de uma análise de economia política.

² Cf. Bastos (2002) é necessário chamar a atenção para a conjuntura econômica brasileira do período Vargas (1930-1945), no qual ocorreu a queda de cerca de 70% no preço do café no mercado internacional, o seu principal produto de exportação, quando os artigos importados considerados supérfluos (aqueles que a indústria nacional já possuía capacidade de fabricar), passaram a serem comprados com dólares sobrevalorizados. Dessa forma, após a Revolução de 1930, o desenvolvimento do capitalismo industrial brasileiro foi alavancado por meio do processo de substituição de importações que contou com uma forte intervenção do Estado.

determinados bairros periféricos, como Estreito, Campinas e Kobrasol. Os elementos de origem alemã foram beneficiados por uma estrutura em que ocorreram sucessivos alavanches sócio-econômicos (ciclos juglarianos)³ no país, bem como pela especialização em ofícios e da descentralização dos pontos comerciais. O comportamento empresarial é também interpretado através da realização de entrevistas individuais, visando o entendimento de dois processos em curso: a formação de “alto-capitalistas” e a “cultura de pequenos empreendedores”.

Analisa-se o município de Florianópolis a partir da sua relação com as áreas continentais próximas (São José, Palhoça e Biguaçu), buscando entender a ilha não apenas como propagadora do crescimento urbano das suas áreas adjacentes. A temática assume uma perspectiva voltada ao desenvolvimento comercial da Região Metropolitana de Florianópolis como um todo, cabendo o entendimento de que a pequena produção mercantil de origem alemã concebeu, em duas fases, uma significativa parcela das iniciativas locais de ascensão dentro da formação social em estudo.

³ Cf. Rangel (1987, p.53-54): “Uma vez induzidas certas mudanças institucionais, capazes de sensibilizar um grupo de atividades econômicas e de promover o seu desenvolvimento — isto é, a passagem a moldes industriais, geralmente a partir dos moldes artesanais característicos da 2ª dualidade — elevam-se as taxas de formação de capital, do ‘setor’ e da economia como um todo.” Quer dizer, os ciclos juglarianos renovam a economia brasileira através do foco num setor industrial a cada década, aproximadamente. Este fenômeno é percebido desde a decadência da 2ª dualidade. Portanto, é possível a aplicação destes referenciais rangelianos na cronologia proposta neste trabalho: capítulo 2 (2ª dualidade) e capítulo 3 (ciclos juglarianos).

1. A FORMAÇÃO SOCIAL NA FACHADA ATLÂNTICA CATARINENSE E O PAPEL DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ

1.1 OS ALEMÃES NA ORIGEM DA PEQUENA PRODUÇÃO MERCANTIL DA FACHADA ATLÂNTICA CATARINENSE

A dinâmica de um espaço geográfico precisa ser entendida através da análise dos processos sociais que a engendraram, sem esquecer, contudo, as características naturais que proporcionaram as condições para o seu desenvolvimento. A categoria de formação sócio-espacial⁴ permite compreender a realidade sem esquecer a dimensão espacial e tendo presente também, que a história de uma dada sociedade encontra explicações na história da sociedade mundial, o que significa dizer que o estudo deve abarcar os fatos situados no plano local, regional, nacional e mundial. Reunidas estas esferas de análise, a totalidade se expressa no movimento de como a produção se manifesta no espaço, dotado de “múltiplas determinações” representadas por vários elementos concretos, histórica e geograficamente localizados.

Mesmo politicamente subordinadas às decisões brasileiras, as formações coloniais catarinenses puderam constituir dinâmicas específicas, justamente devido às particularidades naturais e econômicas que foram assumidas por meio da combinação de um conjunto de elementos físicos, humanos e biológicos (CHOLLEY, 1964). Enquanto os luso-brasileiros eram herdeiros diretos de uma estrutura mercantilista, feudal e escravista⁵, as colônias européias aperfeiçoaram a pequena produção mercantil com os trabalhadores livres, definindo uma outra realidade social distinta dos modos de produção anteriores. As colônias alemãs localizaram-se em áreas ainda não

⁴ O artigo balizador no Brasil sobre a formação sócio-espacial, intitulado “Sociedade e Espaço: formação social como teoria e como método”, lançado inicialmente em 1977, habilita-nos a pensar esta categoria como um método geográfico, no qual é possível reconhecer a aplicação de um ou sucessivos modos de produção, manifestado(s) pelas relações sociais assumidoras de uma forma material, como ainda pelos dados imateriais políticos e ideológicos, enquanto fatores de uma força produtiva (SANTOS, 1979).

⁵ Esta perspectiva trata os reflexos do desbravamento e ocupação portugueses, realizados através da pesca baleeira no complexo de armações e portos agroexportadores ao longo do litoral brasileiro, bem como pelo sistema escravista e feudal dominante no interior das fazendas nos campos gerais.

ocupadas por brancos, imprimindo-lhes um ritmo de desenvolvimento que nasceu de dentro para fora, com uma produção comunitária (sistema colônia-venda), concentrada e um transporte mais facilitado e barato. Para tanto, a escolha do meio natural no início da colonização alemã era determinante sobre o modo de organização da sociedade, através dos elementos físicos e biológicos locais (clima, hidrografia, relevo e solo), com os quais seria possível a dinamização do sistema colônia-venda, cuja importância regional assumida viria a cargo da definição das atividades humanas.

Diferentemente da aristocracia originada do latifúndio, a implantação da pequena propriedade nas áreas de colonização foi responsável pelo surgimento de uma democracia rural em terras herdadas de antigas sesmarias. Contudo, nem todas as colônias baseadas no minifúndio tiveram a geografia e os recursos disponíveis como facilitadores da sua expansão, como foi o caso das colônias de São Pedro de Alcântara, Vargem Grande, Santa Isabel, Leopoldina, Piedade e Teresópolis, próximas a Desterro que, emersas num contexto diferente, não se industrializaram, ou seja, não apresentaram o mesmo dinamismo de outras áreas coloniais catarinenses, como foi, por exemplo, o que ocorreu na colônia de Blumenau.

A perspectiva igualitária da pequena propriedade, na verdade se revela apenas uma condição inicial de acesso à terra pelos imigrantes alemães, tendo em vista as diferenças sociais decorrentes tanto das regiões de onde provinham os imigrantes num período histórico em que a Alemanha estava em processo de unificação pela via prussiana⁶ como também do desenvolvimento tardio do capitalismo naquele país que, até então, não passara pela revolução industrial, caracterizando, diversamente as regiões catarinenses que passaram a ocupar. De 1865 em diante, quando cessa a chegada de imigrantes alemães a região de Desterro e prossegue a dos que se destinaram às colônias de Dona Francisca (Joinville), Blumenau e Itajaí-Brusque (Brusque), predominam as características capitalistas, já que estes últimos puderam

⁶ Cf. Lênin (1978), o capitalismo pode se desenvolver tanto pela via prussiana quanto pelo tipo norte-americano (via americana). O primeiro caminho corresponde ao exemplo didático do *junker* na Alemanha, o qual ascendia através da expropriação e do jugo dos camponeses. Cf. Silva (2007), a via prussiana está ligada à tendência das cidades assumirem o efeito de dominação sobre uma hinterlândia rural ligada aos domínios de um latifúndio agroexportador ou de mercado interno.

acompanhar os processos de industrialização na Europa e, sobretudo, na Alemanha⁷, país que vai assumir a liderança da 2ª Revolução Industrial no continente europeu.

Nas propriedades rurais alemãs, a terra escasseava ao ser, a cada geração, exercido o direito de herança; o artesão e o comerciante tinham suas atividades restritas pela concorrência; o processo de industrialização não bastou para a absorção de toda a mão-de-obra excedente, de modo que o operário na cidade não tinha oportunidade de ascensão profissional. Neste contexto, é fácil inferir que houve um diversificado perfil de trabalhadores em relação aos indivíduos atribuídos como “colonos” para o amanhã da terra, e que foram muitas as razões para que dirigissem interesse pelas vastas extensões escassamente povoadas de ultramar. O caráter tardio de ocupação das regiões subtropicais, relacionado à dependência econômica dos gêneros tropicais brasileiros de exportação, determinou o direcionamento dos imigrantes até o sul, onde ficou estabelecida uma distinção entre as áreas de campo e de mata que, mais tarde, revelar-se-ia na 2ª dualidade brasileira (1889-1930), pacto de poder⁸ no qual Santa Catarina colocava o latifúndio pastoril serrano ao lado dos comerciantes/industriais originados da colonização alemã nas áreas de mata — faixa esta entre o litoral e o planalto, por isso fachada atlântica catarinense.

Com características capitalistas no seu berço, os imigrantes alemães realizaram a tarefa de expandir algumas áreas no Brasil Meridional, cada uma delas assumindo ritmos e processos localmente diferentes porque tiveram que aprender sobre as especificidades de um novo meio natural e dar continuidade de outra maneira às transformações sociais em andamento na Alemanha. A situação de imigrante dependia dos conhecimentos e experiências anteriores ou determinantes no surgimento do capitalismo alemão. Os indivíduos chegados até a primeira metade do século XIX,

⁷ Cf. Klug (1994 apud Richter s.d.) temos as seguintes fases: 1820-1850 – agricultores e artesãos, na maior parte do sudeste alemão; 1850-1865 – de regiões agrárias mais férteis e dinâmicas em contato com o nordeste; 1865-1895 – predominam pequenos empresários, assalariados e jornaleiros (profissões de características urbanas).

⁸ Cf. Rangel (1987), a elite industrial brasileira, dissidente da burguesia mercantil como sócio maior da classe latifundiária feudal, revezou o comando supremo político-econômico das classes integrantes da coalizão dominante chegando ao poder na fase “b” do 3º Ciclo Longo, quando concluiu o processo de industrialização. Em Santa Catarina, destacaram-se os imigrantes alemães e os seus descendentes dos vales atlânticos nos dois últimos processos de substituição de importações, que culminariam na indústria associada à ampliação do mercado interno devido ao caráter pioneiro na produção de manufaturas como substitutivos de importação: 2ª substituição artesanal que aconteceu nos centros urbanos (1873-1896), e 3ª substituição industrial com a ampliação de mercado (1921-1948).

relacionam-se mais intensamente ao êxodo rural forçado pela instabilidade das divisas territoriais e a redução das propriedades frente à ascensão dos *junkers*, quando a abertura portuária alemã favoreceu o surgimento de agenciadores de colonização. Quando mais próximo de 1850, o processo de industrialização tardia se consolida resultando numa sobra da massa de operários nas cidades, por isso, os imigrantes são dotados de alguma vivência capitalista, momento em que as empresas colonizadoras começam a investir os seus capitais em outras regiões, como foi o caso ocorrido nas áreas do Vale do Rio Itapocu por meio da Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Também a partir daí, a “Lei de Terras”⁹ discriminaria as áreas de domínio público em particular somente por título de compra, o que requeria de seus futuros proprietários, os imigrantes, a conversão da poupança familiar em terra e trabalho.

No litoral catarinense, os luso-brasileiros ocupavam o litoral até uma faixa de quatro léguas em função das instalações de apoio aos capitais mercantis portugueses da pesca da baleia e às exportações agrícolas ao Rio de Janeiro, onde os escravos participavam das lides mais pesadas na indústria baleeira e na agricultura pastoril de grandes propriedades, havendo ainda um complexo de pequenos produtores livres sem especialização, que comercializavam a venda de seus excedentes orientados pela demanda e controle de preços dos latifundiários. Chamado de pequena produção mercantil açoriana, este pequeno modo de produção, servindo no abastecimento de gêneros alimentícios no litoral, embora precoce, não desembocou em relações capitalistas de produção (VIEIRA & PEREIRA, 1997), pois, baseado na camaradagem¹⁰, permitiu a ascensão não duradoura de capitais locais em circunstâncias de uma maior comercialização de farinha de mandioca, o seu principal gênero exportável.

Iniciada quase cem anos adiante da pequena produção mercantil implantada pelos colonos alemães, a estrutura social da pequena produção mercantil açoriana não passou por uma transformação das suas relações de produção, além de nela se verificar um retardo nos processos de trabalho devido à estagnação dos meios de

⁹ Nome que ficou conhecido da Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, que dispunha sobre as terras devolutas no Império. Cf. Rodrigues (1961), entre 1822-1850 a propriedade era adquirida sob o título de posse. Contudo, a lei não alterou as condições de propriedade e nem realizou uma nova distribuição, respeitando os direitos adquiridos e legalizando os duvidosos e vacilantes.

¹⁰ Cf. Pereira (2003) a camaradagem é uma prática de mentalidade tipicamente pré-capitalista. A camaradagem é característica principalmente, da pesca artesanal e dos engenhos de farinha.

produção, até então emersos na policultura e na pesca com poucos gêneros de exportação (farinha, óleo de baleia, aguardente, arroz, madeira, tecidos rústicos, etc).¹¹ A forte dependência com o mercado do Rio de Janeiro e a concorrência com a produção sul-rio-grandense defasava os preços daquilo que era produzido no litoral catarinense no último quartel do século XIX (HÜBENER, 1981). Porém, a principal explicação está, segundo Bastos (2000), no papel concentrador e aristocratizante exercido pelos capitais comerciais de Desterro e Rio de Janeiro, que promoveram o retrocesso das áreas de influência direta da região, tanto a pequena produção mercantil açoriana quanto aquela exercida pelos elementos de origem alemã, através da importação de produtos similares aos produzidos artesanalmente. Por isso mesmo, a região ficou se desenvolvendo sob duas realidades paralelas: uma irradiada por um único núcleo urbano-comercial (a ilha) anexando algumas áreas próximas (São José, Palhoça e Biguaçu) e as vastas áreas agrícolas incrustadas por pequenos núcleos coloniais. Esta conjectura rural será novamente abordada a partir do item 1.2 e o papel exercido pela burguesia comercial-industrial no capítulo 2.

Antes da chegada dos imigrantes alemães não havia condições de incentivo e assentamento dos luso-brasileiros para o desenvolvimento de manufaturas dotadas de um maior preço de comercialização.¹² Para isso, seria necessária uma agricultura de produção comunitária (sistema colônia-venda) ultrapassando a situação de “indústria caseira”, o que até então não acontecera nas áreas litorâneas catarinenses devido à própria limitação do mercado — população reduzida, baixo poder de compra e falta de recursos financeiros e técnicos — e sob uma moderada relação de troca onde os ganhos na venda dos excedentes eram investidos em atividades pouco lucrativas, como a construção de igrejas, fortes e fortins (CUNHA, 1982).

O sistema colônia-venda implantado pelos colonos sustentou uma pequena produção mercantil baseada na produtividade e distribuição de mercadorias, onde, assim como a idéia de combinações de Cholley (1964), foram mais bem-sucedidas as

¹¹ Saint-Hilarie (1978) avaliou que entre 1820-40 os produtos exportados na balança catarinense são quase os mesmos, com a diferença de alguns que deixaram de compor a lista.

¹² Como meio de garantir a unidade territorial da “Grande Colônia Brasileira”, a partir do Alvará de 05 de janeiro de 1758, proibia-se as fábricas e manufaturas de ouro, prata, seda, algodão, linho e lã, perdurando até 01 de abril de 1808, ano da abertura dos portos que permitiu o ingresso de imigrantes e de uma outra lei possibilitando a concessão de terras a estrangeiros (DIEGUES JÚNIOR, 1964).

colônias instaladas em áreas às margens de rios navegáveis que possuíam ligação litorânea, povoando a mata derrubada das terras interioranas e desocupadas por brancos, que apresentavam maior fertilidade para plantio. A abertura de estradas foi outra preocupação imediata destes colonos alemães. Além disso, a chegada de vários tipos de artesãos, agricultores e alguns industriais serviu como mão-de-obra especializada em vários níveis, para todo o tipo de encargo e dificuldades. Este tipo de assentamento contribuiu na ampliação da hinterlândia próxima aos portos de São Francisco do Sul e Itajaí, estabelecendo o mercado consumidor local, além de ambiente ideal na comercialização agroexportadora a partir de cada vale. Outro fator que deliberou a expansão de tais colônias, foi a continuidade dos princípios da administração particular de Joinville e do começo de Blumenau, norteando-as para o lucro num sistema de organização com regras pré-definidas.¹³ O contexto das áreas de colonização alemã próximas a Desterro é totalmente divergente pela combinação dos elementos naturais, humanos e biológicos que se efetivaram, conforme os apontamentos em curso.

Em comparação às demais colônias germânicas de Santa Catarina, apenas uma pequena parcela de imigrantes foram encaminhados às áreas fronteiras a Desterro, que será chamada de “colônias antigas”, como é possível perceber no quadro 1. O estímulo a gradativos fluxos direcionados às colônias de Dona Francisca, Blumenau e Itajaí-Brusque (colônias novas), está diretamente ligado a atividades individuais ou de companhias particulares de colonização alemã.¹⁴ Mais imigrante significava maior força de trabalho, característica esta de funcionamento como de uma empresa, daí porque o crescimento populacional realimentado por novos fluxos se relacionar com as economias locais. Enquanto na região circunvizinha a Desterro estabeleceram-se 2568 imigrantes, as colônias de Blumenau e Itajaí-Brusque localizadas nos vales do Rio Itajaí-Açú e Itajaí-Mirim, receberam, respectivamente, 13451 e 8099 imigrantes. Já a

¹³ Consta em Dias et al (1987), os textos integrais da “Lei Fundamental da Communa de Joinville” e “Artigos Fundamentaes para o estabelecimento de Colônias de Alemães na Província de Santa Catarina”, assinado o último por Doutor Hermann Blumenau.

¹⁴ Cabe ressaltar que a colônia de Itajaí-Brusque é de iniciativa provincial. Contudo, é marcante o interesse por parte das companhias de colonização alemã em direcionar, continuamente, o fluxo de imigrantes até suas terras, mesmo nela havendo uma mistura étnica mais elevada (luso-brasileiros, italianos, norte-americanos, irlandeses e poloneses) ao longo dos rios Itajaí-Mirim e Tijucas, prova de que as condições proporcionadas pelo ambiente possuíam importância maior do que o isolamento étnico.

colônia Dona Francisca reuniu um total de 10232 colonizadores alemães, demonstrado no quadro a seguir:

QUADRO 1 – Estabelecimento das Colônias Alemãs em Santa Catarina¹⁵

Estabelecimento	Ano	População	Católicos	Protestantes
<i>São Pedro de Alcântara</i>	1829*	635	635	-
<i>Vargem Grande</i>	1836*	44	44	-
<i>Piedade</i>	1847*	150	150	-
<i>Leopoldina</i>	1853*	38 ¹	38	-
<i>Santa Isabel</i>	1847*	412	179	233
	1862	667	270	397 (37 A) ²
<i>Teresópolis</i>	1860*	622 ³	106	516
Dona Francisca	1852	394	10	384
	1857	1428	142	1286
	1859	2475	446	2029
	1860	2885	482	2403
	1862	3050	613	2437
Blumenau	1850	246	3	243
	1862	1531	162	1369
	1866	2625	504	2121
	1867	2861	581	2280
	1870	6188	1128	5060
Itajaí (Brusque)	1862	727	486	241
	1865	1121	510	611
	1867	1333	931	402
	1868	1517	1015	502
	1869	1673	1102	571
	1870	1728	1148	580

Fonte: Piazza, 1974.

Em itálico, os nomes das colônias próximas a Florianópolis.

*Acréscimos à tabela original de Piazza, com base em Mattos (1917).

¹ Em 1854, resultaram 49 dos fundadores da colônia, além de 63 luso-brasileiros e 14 que chegaram solteiros em 1849 e 1853 de Hamburgo. Espalharam-se rapidamente sem fixar residência com as famílias, dando origem ao Alto Biguaçu, este com registros de ocupação desde 1830. Ali perto, em Três Riachos, havia luso-brasileiros desde 1812 no regime de latifúndio-escravista.

² A = da religião adventista.

³ Após a chegada de 40 famílias, seguiram-se outras para esta contagem de 1861.

Além de menos numerosas, as colônias marginais a Desterro foram povoadas numa proporção de 55,37% de católicos, enquanto nas demais houve um predomínio do protestantismo, exceto pela colônia de Itajaí-Brusque (Brusque), que apresentou uma margem de 64,10% de católicos. A organização econômica obedeceu à lógica da

¹⁵ Em relação ao ingresso de imigrantes alemães em Santa Catarina, temos ainda no litoral-sul a colônia Grão-Pará, fundada em 1882, considerada de ocupação mista ao receber colonos das etnias alemã, italiana, polonesa e leta, que, em 1887, totalizava 400 famílias (MATTOS, 1917). Estes colonos ocuparam uma ampla área, correspondendo aos atuais municípios de Orleans, Grão-Pará, São Ludgero, Rio Fortuna, Braço do Norte e Lauro Müller.

religião predominante na configuração das relações capitalistas de produção, a qual fortalecia uma coesão cultural e associativa protestante nas áreas de influência das colônias de Blumenau e Dona Francisca, aí incluindo a de Itajaí-Brusque de predomínio católico, elemento este que interferiu também na sua diferenciação social em razão de que boa parte dos católicos tinha a sua origem de cidades rurais alemãs. Esta ideologia do trabalho, além de que, ao mesmo tempo, havia uma relação desigual entre cidade-campo ligada à vida material na Alemanha, programava os indivíduos urbanos a atitudes com tendência a uma maior acumulação de capital.¹⁶

As colônias antigas estavam longe de estabelecerem uma coesão cultural por causa dos dialetos e regiões de origem diversas, da mistura de indivíduos junto às colônias Militar de Santa Teresa e Nacional de Angelina¹⁷, e o reduzido número de lideranças que exercessem o papel de agentes de mudança, bem como de artesãos especializados ou pequenos industriais. Porém, o fator limitante ao desenvolvimento rural de suas terras estava na própria configuração topográfica — relevo com alto índice de declividade, solo pedregoso e rios pouco navegáveis —, pois, por conta dessa paisagem, houve um elevado espraiamento populacional em várias direções.

Os recursos financeiros foram direcionados a contento das melhores condições de progresso. O quadro 2 demonstra os investimentos do Governo Imperial nas colônias catarinenses de origem alemã. O volume atribuído a cada uma delas permite perceber, por exemplo, que a colônia de São Pedro de Alcântara foi a que menos recebeu apoio, inclusive, em relação à vizinha colônia de Angelina¹⁸:

¹⁶ Cf. Klug (1994), nas cidades urbanas alemãs, os protestantes acumulavam duas vezes mais capital do que os católicos.

¹⁷ Cf. Mattos (1917), a colônia Militar de Santa Teresa (1853), em 1854 possuía 112 pessoas, dentre soldados e familiares, que pouco expandiram a agricultura em relação às colônias alemãs mesmo atendidos pelo rio Itajaí do Sul, chegando a 2855 habitantes em 1896, ano de sua emancipação política. A colônia Nacional de Angelina (1859) foi assentada em meio a um triângulo de rios, proporcionando terras cultiváveis que produziram até mesmo fumo, trigo e erva-mate, tendo uma população de 187 pessoas em 1862, e 1734 em 1900, emancipada em 1881.

¹⁸ Este fato também se deve a uma lei provincial, de 15 de dezembro de 1831, que proibia todas as despesas com a colonização estrangeira, interrompendo por alguns anos, os primórdios de assentamento da colônia de São Pedro de Alcântara e arredores (Alto Biguaçu, Vargem Grande e pequenos núcleos).

QUADRO 2 - Despesas do Governo Imperial com colônias até 1880¹

Colônias Catarinenses	Despesas (em mil réis)
<i>São Pedro de Alcântara</i>	28:220\$232
Itajahy e D. Pedro (Brusque)	3.920:089\$843
Blumenau ²	2.338:435\$557
Azambuja	542:090\$252
<i>Angelina</i>	253:306\$938
Luiz Alves	263:465\$760
<i>Santa Isabel</i>	229:501\$730
<i>Therezopolis</i>	242:601\$545
Dona Francisca ³	806:356\$414
Total	8.624:068\$271

Fonte: Adaptado de Mattos, 1917.

Em itálico, as colônias periféricas de Florianópolis.

¹ Exceto Dona Francisca, quando foram analisados os oito anos antes de 1880 em soma ao período até 1889.

² De 1887 a 1894 despendeu-se 861:512\$839 elevando o total conhecido de Blumenau para 3.199:948\$396. De origem particular, encabeçada por Dr. Hermann Blumenau, quando patrocinada pelo governo Imperial a partir de 1860, ficando ainda tutelada pelo fundador, é que se nota a sua expansão (DIAS et al, 1987).

³ Período de 1872 a 1889.

Obs: O autor informa que a Colônia Militar de Santa Theresa não se inclui na relação por falta de informações do Ministério da Guerra, provedor deste núcleo colonial.

Somados, os gastos com as colônias de Santa Isabel, Teresópolis e Angelina correspondem a menos do que o governo dispendeu em doação de oito anos à colônia particular de Dona Francisca. Através dessa comparação de somatório simples, submetendo um cálculo proporcional entre habitantes¹⁹ e recursos direcionados, chega-se a população de 18,45% e recursos de 89,96% em relação aos correspondentes da colônia Dona Francisca. Sabendo das dificuldades de implantação desta última em solo lodoso de estuário, estes percentuais apontam para o fato de que se deu um peso maior à assistência da população mais reduzida das colônias antigas devido à diminuta infra-estrutura existente nas áreas fronteiras a Desterro.

A depressão do comércio internacional (1873-1896) reforçou a política fiscal sobre os impostos de importação e o controle de preços com o câmbio desvalorizado entre 1880-1886, favorecendo a multiplicação de firmas individuais (SILVA, 2006) e no segundo processo brasileiro de substituição de importações (artesanal). Inicialmente constituindo um longo aprendizado local de resistência e lenta expansão (MAMIGONIAN, 1986), as “colônias novas” presenciaram a partir das últimas décadas

¹⁹ Para fins de demonstração, utilizou-se os referenciais de habitantes disponíveis da época, encontrados no quadro 1 e no rodapé 17 — Angelina (187), Santa Isabel (1079), Teresópolis (622) e Dona Francisca (10232).

do século XIX a exportação de manufaturas assentada nas bases financeiras do sistema colônia-venda, dentre vendeiros, atacadistas, artesãos, madeireiros e fumajeiros, proporcionando as estruturas que permitiram a emergência das indústrias. O alavanche para a primeira formação de capitais que se direcionariam ao processo de industrialização veio de uma especialização a partir do beneficiamento da produção agrícola com a exportação dos excedentes — tábuas de madeira em Brusque, manufaturas de tecido em Blumenau e processamento da erva-mate em Joinville.²⁰ Cada qual com a sua indústria de base enquanto indutora da dinamização do sistema produtivo, promovendo artigos têxteis em Blumenau, tecelagem e fios em Brusque, e transformação de metais por meio das oficinas em Joinville (MAMIGONIAN, 1965; VIDOR, 1995). Outros fatores contribuíram na formação do operariado, como a descamponização devido ao desgaste natural do solo nos lotes em sistema *Waldhufendorf*²¹ que mediam apenas 25 hectares²², gerando a intensificação dos extremos, ou seja, o surgimento de industriais abastados sob uma estrutura social verticalizada.

Ao contrário das colônias estabelecidas na extensão dos vales atlânticos, as colônias alemãs próximas a Desterro ficaram vinculadas, do início em diante, às margens da estrada que conduziam o tropeirismo.²³ Diante disso, estas colônias podem ser classificadas como “antigas” porque participaram de um mesmo processo colonizatório sulino, no qual a ocupação de “bocas da mata”²⁴ servia à segurança de um sistema de caminhos de tropa nas distâncias situadas entre Vacaria-Viamão (RS), Lages-Curitiba-Mafra (SC), Campos Gerais (PR) e Sorocaba-Itapeva (SP).²⁵ O

²⁰ Cf. Rocha (1997) a acumulação de capital originária do mate em Joinville não foi aplicada diretamente em indústrias. A sua gênese está relacionada com os ex-empregados e artesãos que abrem negócio próprio e eventualmente com o sistema colônia-venda ou *import-export*.

²¹ Originário da colonização medieval alemã, possui lotes alongados e enfileirados com no máximo 200 metros de frente, que tomam a direção de um riacho ou caminho, com limites lineares e irregulares. Formam povoações intercaladas em linhas e não compactas (WAIBEL, 1979; SEYFERTH, 1990).

²² Era o padrão de assentamento compatível às condições de compra. Apenas alguns lotes chegavam a 50 hectares (SEYFERTH, 2003).

²³ Vale notar que alguns colonos alemães ainda foram encaminhados às armações de baleia em Ganchos (fundando a colônia Piedade) e da Lagoinha (sul da ilha), além de dispersos pelo centro de Desterro, colocando-os também, dessa forma, vivenciando a decadência do antigo modo de produção litorâneo com base nos capitais mercantis portugueses.

²⁴ Cf. Waibel (1979), áreas situadas às margens dos caminhos de tropa para entrada e saída de gado.

²⁵ Cf. Bernardes (1952), muito ligados ao sistema de caminhos, criaram-se os cinco primeiros núcleos coloniais no sul, todos com imigrantes alemães: no Rio Grande do Sul, São Leopoldo (1824), São João

principal acesso ao oeste era a estrada Desterro-Lages, quando ficou restituído o planalto serrano ao território catarinense em 1820.²⁶ Segundo Brüggemann (2004), no século XVIII, a estrada servia para a administração portuguesa demarcar as suas fronteiras. As perspectivas das regiões lindeiras ao trajeto mudam no século XIX, quando se pretendia interiorizar o povoamento abrindo novas alternativas para trocas comerciais frente ao declínio da pesca baleeira.²⁷ O termo “colônia” subentendia uma auto-suficiência que somente se cumpria pela variedade de gêneros agrícolas para venda de excedentes, necessitando adquirir de fora ferramentas, sal, querosene, roupas, animais, etc, além de submetidas as localidades às leis do mercado e intercâmbios com a estrada, dependendo de atividades externas, econômicas ou não. Além de menos favoráveis à expansão populacional porque de reduzidos volumes, os colonos se espaçaram por algumas colônias que rapidamente se desintegraram. É o caso de Vargem Grande, Piedade e Leopoldina.²⁸

A função principal de salvaguardar os caminhos até Lages através do estabelecimento das colônias fica evidente quando se percebe as áreas (linhas) definidas para lotes por parte dos governos Imperial e da Província, lado a lado, confrontando-se aos acessos da estrada até Lages. Além disso, os governos dispunham de menos recursos do que pretendiam em relação aos planos de povoamento. Neste momento, não houve uma qualificação do elemento humano, misturando-se lavradores-artesãos ou somente lavradores (a maioria) e ex-soldados alemães sem habilidades no campo, além do assentamento de luso-brasileiros sem-terra (vindos da ilha) e soldados nas colônias nacionais vizinhas, o que revela a não prioridade em desenvolver economicamente nenhuma das localidades.²⁹ A circulação de mercadorias pela estrada pouco auxiliou na ampliação da produção de manufaturas

das Missões (1825), Três Forquilhas (1826), em Santa Catarina, São Pedro de Alcântara (1829) e, no Paraná, Rio Negro-Capela da Mata (1829).

²⁶ Pelo Alvará de 09 de setembro de 1820, Lages saiu do domínio paulista de quase cinqüenta anos. Como meio de garantir a posse das terras, era necessário que o caminho fosse ocupado e melhorado, o que passou a ser providenciado a partir dos colonos alemães inicialmente chegados nove anos depois.

²⁷ O caminho de Lages continuou a ser relevante economicamente durante o início do século XX, tanto que havia a idéia da construção de uma ferrovia aproveitando o percurso, em 1902, lançada a pedra fundamental no centro de São José (LENZI, 1993).

²⁸ Cf. Peluso Júnior (1980) as razões para tais insucessos estariam em função da escolha das áreas e da má qualidade do solo.

²⁹ Outro fator de desvantagem, era que os diretores das colônias (militares nomeados) não moravam no local, dessa forma, não possuíam vínculos para realmente orientarem as atividades nas mesmas.

alimentares (roschas, pães, queijos, embutidos, farinhas, etc), tendo em vista as condições de encarecimento, demora e precariedade no transporte em tropas de mula.

Vale considerar o fato de que esta influência dos Campos de Lages também colocava as colônias lindeiras à Capital sob os mecanismos de funcionamento do latifúndio pecuarista internamente feudal, área da primeira substituição brasileira de importações (1815-1848), através dos produtos comercializados pelos tropeiros repercutindo nos modos de vida dos estratos sociais. As colônias antigas continuaram ligadas ao modo de produção da primeira substituição artesanal de importações, devido à combinação com o seu caráter servil de minifúndio, que, por conta disso, geravam um artesanato diversificado e de baixo preço complementado por outro de maior preço e circulação direta. O gado representava o retorno de uma parcela importante dos recursos de compra e venda ao planalto, independentemente de alguma intermediação por parte dos colonos. Também é possível entender que a pequena produção mercantil da ilha se subordinava às estruturas comerciais das zonas latifundiárias unidas aos comerciantes de importação (Rio de Janeiro) que, por estas representadas, comandavam as transformações brasileiras através de uma via prussiana, ou seja, de intensa expropriação do pequeno produtor na economia regional em questão. Enquanto isso, os vales atlânticos transpuseram a venda dos excedentes econômicos na segunda (artesanal) e terceira (industrial) fase de substituição de importações, extraíndo de outras áreas os recursos naturais necessários.

Os ritmos das duas regiões coloniais tratadas foram cada vez mais se afastando um do outro, com relações diferenciadas em espaço e tempo. Os meios de transporte nas áreas continentais próximas a Florianópolis continuaram precários até o início do século XX, ao contrário dos vales atlânticos onde havia a navegação fluvial a vapor e as ferrovias, alcançando amplamente novas áreas interioranas em ligação com as zonas portuárias exportadoras. Enquanto as colônias alemãs situadas nos vales atlânticos ao norte conseguiram estabelecer uma urbanização vinculada ao processo de industrialização de base local³⁰, as colônias antigas foram regredindo em número de habitantes, emersas num quadro estritamente rural e sem grandes perspectivas. O

³⁰ Devido à própria coesão cultural, a industrialização independente da região enfrentou barreiras ideológicas durante a 1ª e 2ª Grande Guerra, sobrevivendo as empresas que se modernizaram entre tal época ao lançarem diversificações como substitutivos de importação industrializados (DIAS et al, 1987).

distanciamento do centro urbano de Florianópolis favoreceu a continuidade de uma pequena produção mercantil estacionária, com apenas alguns momentos expressivos de gêneros exportáveis, porém, sem capacitarem a formação de artesãos capitalizados que se dedicassem à industrialização porque conseguiam estágios de acumulação apenas os vendeiros e madeireiros. Vale perceber que a base da estrutura social veio a bordo da própria travessia colonizatória relacionando os ofícios humanos com o relevo apresentado para a ocupação. Nesse sentido, faltava aos lavradores-artesãos chegados nas primeiras levas (colônias antigas) e seus primeiros descendentes uma mentalidade capitalista, assim como uma conjuntura ambiental e econômica favorável.

A compartimentação populacional dos três vales atlânticos (Itapocu, Itajaí-Açú e Itajaí-Mirim) acabou por incentivar centros comerciais independentes e, com isso, uma distribuição espacial e econômica em relação ao volume de negócios. Nelas, a relativa homogeneidade étnica irradiada para outros núcleos veio a formar uma cultura urbana específica (SEYFERTH, 1990), facilitando na pulverização de um conjunto de pequenas e médias cidades desenvolvidas através da implantação de indústrias de base local, as quais atingiram o mercado nacional desvinculadas do processo de industrialização ocorrido no centro econômico brasileiro (MAMIGONIAN, 1986), daí porque o reconhecimento de uma formação social pioneira em Santa Catarina (MAMIGONIAN, 1965; WAIBEL, 1979). Para tanto, também serviu à integração das bases industriais o vínculo permanente com a Alemanha para atualização de profissionais, técnicas e máquinas (MAMIGONIAN, 1965).

É preciso entender que o elemento étnico, de acordo com Cholley (1964), assume preponderância sobre os demais da combinação quando o modo de produção já alcançou o nível de pós-industrialização, por isso, o fato de os operários das fábricas se constituírem numa coesão cultural de descendentes de alemães é visto como um uma construção histórica e não enquanto um fator de sucesso às áreas situadas nos vales atlânticos ao norte. Este tipo de análise será verificado na Região Metropolitana de Florianópolis durante o terceiro capítulo, com relação a alguns indivíduos descendentes de alemães que se tornaram comerciantes durante o desencadeamento

dos ciclos juglarianos brasileiros³¹, período este muito dinâmico economicamente, oferecendo oportunidades para a saída das áreas rurais até as cidades urbanas, que foram alcançadas através de um aprendizado local atravessado por algumas gerações dentro das condições materiais da pequena produção mercantil para assumirem uma atitude empresarial.

Pode-se entender que a colonização alemã na fachada atlântica catarinense apresenta a observação geográfica das “múltiplas determinações” descritas pela visão marxista, assumindo particularidades em razão de duas combinações regionais distintas, daí porque a categoria de “combinações” de Cholley (1964) estar entrosada com o destino tomado pelas áreas coloniais, onde conjuntos constituídos pela convergência dos elementos (naturais, humanos e biológicos) sob pesos diferentes, em circunstâncias históricas parecidas ajustaram paralelamente cada simbiose à sua realidade local. Contudo, é durante a 2ª dualidade que acontece um acirramento de tais diferenças por causa das diferenças nas balanças regionais de importação-exportação, por isso, este período estará num aparte especial (segundo capítulo).

A formação econômica neste período é amplamente entendida por Piazza (1974) como integrante da “modernização brasileira” por meio da contribuição do elemento humano e o caráter estruturador, até então exercido pelos capitais ingleses em investimentos diretos (construção de portos, estradas de ferro e trens, fundições, moinhos, engenhos centrais, etc), pois, os imigrantes alemães ao lado da “sociedade tradicional” — ou seja, aquela de origem luso-brasileira ligada ao modo de produção latifundiário que estava se transformando em comerciante (MAMIGONIAN, 1987) —, promoveram uma nova sociedade, cujos valores vão determinar a criação de uma nova elite, denominada “elite emergente”, que assomou o quadro sócio-econômico e político dinamizando as atividades empresariais por meio das potencialidades nacionais. Esta capacidade empresarial criou as bases para a substituição da importação de bens de capital ao introduzir as inovações em máquinas, por isso também assumindo

³¹ Os ciclos juglarianos ou médios atuam endógenos na economia e através de mudanças rápidas, por conta disso são responsáveis pela acumulação capitalista. Vale lembrar que se observam os ciclos juglarianos na economia brasileira a partir da década de 1920 alcançando o final dos anos 1970, período no qual a cada 10 anos, aproximadamente, um novo conjunto de setores industriais passa a ser enfocado como integrante do processo de substituição de importações, para o qual proporciona a introdução de significativas modificações na estrutura industrial e, por causa desta, as inovações na estrutura comercial.

inicialmente um caráter pioneiro, e depois desenvolvimentista através da indústria consolidada. Foi nesse arranjo de transformações tecnológicas que se conduziu a população ao processo de nacionalização entre a República I e o governo Vargas. A “dualidade básica da economia brasileira” ³² através da aliança latifúndio-burguesia, marca da via prussiana ocorrida no Brasil no século XX, abre a 3ª dualidade com a expansão do capitalismo brasileiro ainda que em situação desfavorável nas relações externas, como ficou evidente na década de 1930 (MAMIGONIAN, 2000).

Logo, na formação sócio-espacial da fachada litorânea os meios de domínio do pequeno modo de produção introduzido pelos imigrantes alemães foram mormente mais efetivos nos vales atlânticos, estrutura sócio-econômica na qual se assentou o movimento da 2ª dualidade (1889-1930), alicerçando, economicamente, a representatividade política de indivíduos originários do comércio ascendidos a militares. Sob este apoio, nomes como Lauro Müller, Carlos Renaux, Felipe Schmidt, Victor e Adolpho Konder, prolongaram a importância política catarinense da região, em razão do aceleração da substituição de importações no período entre-guerras que afinou a estabilidade das indústrias situadas nos vales atlânticos ao norte. A partir da década de 1950, ganham destaque na economia catarinense os descendentes de alemães nas indústrias³³ têxteis, metal-mecânica e em vários segmentos do ramo alimentar inseridas no mercado brasileiro (CUNHA, 1996), o que somente as faz crescerem.

Cabe-nos entender sobre a maneira como se comportaram os capitais comerciais-industriais da Capital catarinense durante a 2ª dualidade, em virtude de que nela também se destacaram elementos de origem alemã, política e economicamente articulados às classes privilegiadas dos vales atlânticos ao norte. Embora sob uma fase

³² A “dualidade básica da economia brasileira” é tida por Rangel (1999) como a representação pública do “modo de produção brasileiro”, estrutura na qual se realiza, pela combinação dos modos de produção fundamentais (comunismo primitivo, escravismo, feudalismo, capitalismo, socialismo), os lados interno (principal) e externo (secundário) nos vértices nacional e internacional. No momento da 3ª dualidade, o latifúndio do Norte e Nordeste somado aos pecuaristas do Sul se aliam à burguesia industrial nascente para comandar a revolução industrial a partir de 1930.

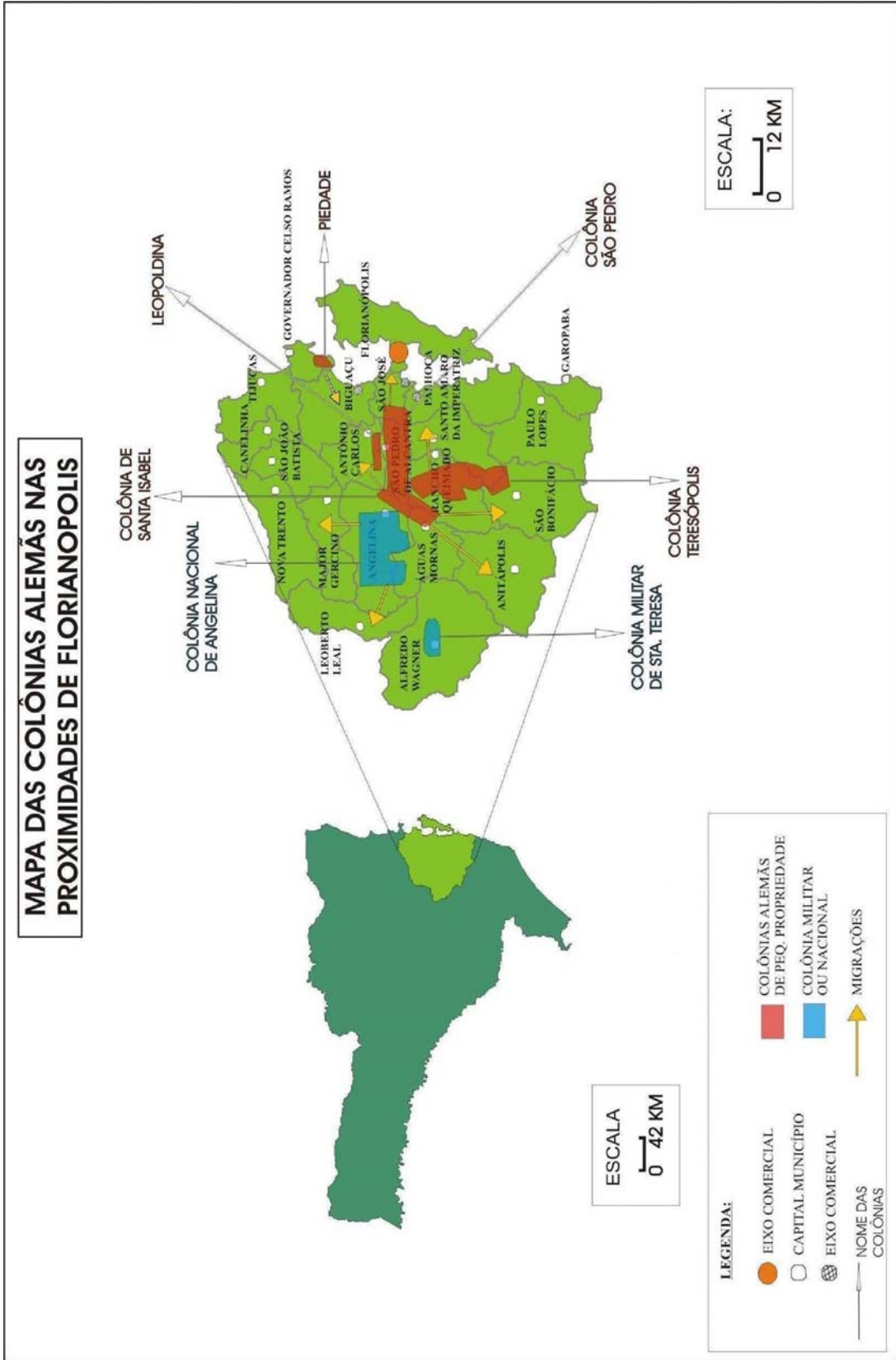
³³ Cf. Almeida (1990), as áreas que correspondem a Blumenau, Jaraguá do Sul, Itajaí, Mafra, Joinville e Pomerode, oferecem subsídios para se observar a industrialização enraizada pelas práticas do comportamento cultural que contém uma formação empresarial própria, na qual existe a mão-de-obra especializada nas fábricas, o paternalismo por parte do patrão, uma relativa subserviência do operário, o pacote de benefícios sociais da empresa, o pensamento econômico inovador por parte dos industriais, a intermediação das relações trabalhistas (tanto de cima, como de baixo) através das associações de classe, a alta solidez de indústrias centenárias e familiares, e a concepção ideológica da empresa coexistindo com as mudanças organizacionais.

depressiva onde se aquecia o abastecimento do mercado brasileiro (3ª substituição de importações), segundo Bastos (2000), estes empresários foram perdendo força a partir da Revolução de 1930, quando o comércio de importação e exportação havia sido apeado da dualidade no vértice internacional, ao qual os capitais florianopolitanos estavam ligados. O mercado da Capital acabou assumindo uma junção de forças centrífugas incompatível para manter a competitividade das indústrias existentes desde o início do século XX. Ao mesmo tempo, o setor agrícola estava na maior parte a atender o consumo da região com poucas chances de ascensão social. A este quadro, deve-se, entretanto, contextualizar as duas dinâmicas entendendo os reflexos do processo colonizatório em relação à formação da estrutura econômica regional.

1.2 O CASO DAS COLÔNIAS ANTIGAS

Com o regime de pequena propriedade e trabalho livre, o governo brasileiro intencionava, através da imigração alemã, mudanças sociais de curto e longo prazo, como a expansão demográfica em áreas desocupadas por brancos, a moralidade com a dignificação do trabalho manual, a formação de uma classe média, a defesa de fronteiras, além da produção de alimentos para os centros urbanos e na assistência das tropas que conduziam gado. De acordo com Woortmann (2004), povoaram-se as áreas de entorno para atender às necessidades alimentares dos centros urbanos com problemas endêmicos de abastecimento. Sob este mecanismo, incluem-se São Leopoldo nas proximidades de Porto Alegre (RS), Petrópolis e Nova Friburgo perto do Rio de Janeiro (RJ), Santa Isabel ao lado de Vitória (ES), como também é possível para São Pedro de Alcântara, Santa Isabel e Teresópolis em relação à Capital catarinense (JOCHER, 2002). Outro fator que influenciou na distribuição dos imigrantes chegados ao Brasil foi o encaminhamento dos mesmos às regiões de menor peso do elemento escravo como base econômica. Dada a população escrava de Desterro na época³⁴,

³⁴ Na Ilha de Santa Catarina, havia 3.213 escravos para 12.483 habitantes (27,5%) e, só na Vila de Desterro, 1.689 para 5.250 (32%) em 1810 (CABRAL, 1972).



cerca de um terço em relação ao número de brancos, áreas distantes da ilha foram os principais pontos destinados aos colonos alemães, certamente para que dedicassem suas atenções apenas ao cultivo dos lotes em torno da estrada. Além disso, perto da faixa marítima e no interior da ilha estava a pequena produção mercantil açoriana, coexistindo nos limites das vilas de São José e São Miguel (Biguaçú) uma atuante classe latifundiária escravista, que também determinaram o afastamento da ocupação colonial alemã. Assentados, estes colonos alemães realmente contribuíram para uma maior diversidade nos gêneros de consumo interno da região, mas, os meios de ascensão social foram escasseados por causa da dependência agrícola³⁵, ficando praticamente sob os mesmos patamares do que correspondiam os pequenos produtores agropastoris-pesqueiros.

O primeiro assentamento dos colonos em São Pedro de Alcântara era semelhante ao da pequena produção açoriana, através de “palhoças” no entorno da fazenda de Silvestre José dos Passos (diretor da colônia), trabalhando no seu engenho de açúcar e numa policultura de subsistência com a qual permutavam os excedentes domésticos, realizando ainda serviços auxiliares (corte de árvores e aumento de trilhas). Este tipo de estabelecimento agrícola não agradou aos colonos que evadiram de lá, para fundarem outra colônia em menos de um ano (Vargem Grande), devido à falta da diária de 160 réis prometida, e de perspectivas de mudança de vida (SCHMITT, 1979). Próximo do local escolhido, mais tarde, instalou-se a Fazenda do Sacramento, do coronel Joaquim Xavier Neves, sob um sistema de parceria com famílias brasileiras e escravos (SCHADEN, 1946). A partir daí, as colônias prosseguem com ocupações comunitárias interdependentes, polinucleando as margens da estrada até Lages, onde dominou este tipo de ocupação. As localidades manifestaram “poder de atração” sobre as demais do entorno por conta de algum acréscimo no volume da produção, sendo que Peluso Júnior (1980) observou o fenômeno em se tratando da “teoria dos lugares centrais” de Christaller.

Em função da baixa fertilidade do solo e da falta de estruturas que agilizassem o transporte de excedentes até o litoral, as colônias não conseguiram originar núcleos

³⁵ Cf. Peluso Júnior (1991b) as áreas coloniais atingiram a ilha somente melhorando seu abastecimento.

populacionais densos, inclusive, chegando à estagnação ou sob um déficit de indivíduos que partiam em busca de melhores terras.³⁶ Por conta disso, as colônias antigas apresentam o mérito de disseminar os descendentes em todas as direções, auxiliando na fundação de municípios também situados fora da região: ao norte, Blumenau, Rio do Sul, Brusque e Itajaí³⁷; a oeste até Ituporanga e Bom Retiro; e ao sul, São Ludgero, Armazém e Forquilha (KOCH, 1995; SCHMITT, 1979; PIAZZA, 1982). Para as novas localizações assumidas, segundo Hatzky (2000), houve influência dos padres no destino tomado pelos colonos. Ao que tudo indica, os imigrantes possuíam desde o seu quadro genético na Alemanha, determinados tipos de adaptação ao meio natural. Por isso, ainda que tenham permanecido as evasões até outras áreas, os principais núcleos coloniais interioranos (São Pedro de Alcântara, Teresópolis, Santa Isabel, Alto Biguaçu e Angelina) permaneceram povoados.

O contingente de imigrantes de 1828-9, destinados ao povoamento de São Pedro de Alcântara, ficando também alguns indivíduos na ilha e Praia Comprida (São José), veio de regiões pouco férteis de Hunsrück³⁸, Turíngia e Luxemburgo, por isso, adaptados à topografia acidentada e às baixas condições que o ambiente proporcionava, misturados aos ex-soldados³⁹ de procedências não informadas. Para Santa Isabel, Teresópolis e Piedade, a maioria proveniente das regiões da Westfália-Renana, bastante férteis em solo de *loess* e diversas culturalmente, constituídas de vilas rurais e cidades urbanas livres, daí originando uma maior incidência de comerciantes e artesãos. Sob uma mistura religiosa (católicos e evangélicos/luteranos), mas, na maior parte formada por católicos, havia algumas famílias de cidades na Baviera, Pomerânia, Holstein, Oldemburgo, Birkenfeld e Hamburgo, combinadoras de

³⁶ Merece atenção o fato de que Peter Müller, migrando de São Pedro de Alcântara para Itajaí, de serrador de madeira torna-se comerciante, sendo o pai de Lauro Severiano Müller, primeiro governador catarinense. Nesse sentido, os colonos da região tinham suas chances diminuídas pelo elemento natural, o lento transporte de produtos e uma falta generalizada de inserção como militares.

³⁷ Cf. Schaden (1946) de famílias migradas de Santa Isabel, destacam-se Bornhausen, Konder e Bauer, cujos descendentes formaram a classe política catarinense a partir de Itajaí no século XX.

³⁸ Representava um quisto católico na Alemanha. A mesma procedência da maior parte dos colonos chegados a São Leopoldo (RS). Na campanha de laicização do ensino, o professor paroquial assumia liderança social e religiosa (GERTZ, 1994). Inclusive, nas colônias antigas, o sacerdócio significou uma possibilidade de ascensão para vários indivíduos, por isso, não constituindo descendência direta.

³⁹ Estes soldados dissidentes dos 27º e 28º batalhões no Rio de Janeiro, eram desertores da Guerra Cisplatina (1825-1828) que se deu na Bacia do Rio da Prata. Integravam o "Regimento de Estrangeiros", fundado em 1823, do qual o Império fez uso para assegurar a integridade nacional em várias instâncias, principalmente na referida guerra.

agricultura, artesanato rural e indústria caseira. A segunda leva até Teresópolis (1860) é formada por agricultores de Solingen, Münsterland e Holanda. Para Santa Isabel, a leva de 1862 é formada por ex-trabalhadores nas fazendas cafeeiras do Rio de Janeiro. Devido a uma incompatibilidade de dialetos e hábitos, apesar de diminutas, as colônias se polarizaram, em vários casos, sem aglutinar um povoado maior somado ao vizinho.⁴⁰ De acordo com Willens (1980), o choque cultural entre alemães católicos e protestantes originou reagrupamentos, sobretudo, na fase de autocolonização, ou seja, através dos deslocamentos e permanências em busca de maiores ganhos e produtividade.

O colono aprendera que a partir da serra ou chapada da Boa Vista, sob um clima mais fresco, a fertilidade do solo nos campos é menor do que na floresta latifoliada, por isso ultrapassaram a colônia Santa Teresa aqueles que explorariam a madeira.⁴¹ Por isso, a partir de Bom Retiro, Ituporanga e Alfredo Wagner (ex-Santa Teresa), bordas do pólo madeireiro dos campos lageanos, é que se distribuíram gradualmente madeireiros descendentes de alemães. Havia ainda, a limitação ao sul com o morro do Cambirela, inviabilizando uma ocupação mais aproximada da faixa litorânea. A região apresenta serras filetadas por rios de baixo curso, quase todos convergentes, e numerosos cursos d'água que movimentam as áreas de plantio carreando os sedimentos. Como tratado anteriormente, a hidrografia para viabilizar o transporte apresentou poucos trajetos navegáveis de comunicação com o litoral: a jusante do rio Maruim a partir da localidade Colônia Santana (São José), o ribeirão Garcia (Angelina) até as águas do rio Tijucas, o rio Cubatão entre Caldas do Norte (Águas Mornas) e Sul do Rio (Santo Amaro), e o rio Biguaçu no percurso do Alto Biguaçu (Antônio Carlos) até a região central de Biguaçu.⁴² As bacias dos rios Biguaçu, Serraria, Maruim e Cubatão, drenam terrenos formados por diversos seixos, dentre granitos, gnaisses e migmatitos (PELUSO JÚNIOR, 1991a),

⁴⁰ Cf. Schaden (1946) os colonos de Löffelscheidt (Santa Isabel) e Teresópolis, por exemplo, divergiam em suas características e por conta disso “nunca” se fizeram compatíveis para trocas comerciais.

⁴¹ Cf. Baldessar (1991) também foi o limite adotado pelos agrupamentos indígenas que, pela falta de roupas para viverem no frio, ficaram até esta altura na região ou seguiram em direção ao sul.

⁴² Este último, foi o principal rio navegável de toda a região. Cf. Reitz (1991) havia um sistema de pequenos trapiches fluviais, navegado por chatas a verga, ligando Alto Biguaçu com a região central de Biguaçu até mesmo durante o século XX.

dificultando no plantio em declividade. O relevo é caracterizado pela distribuição de áreas montanhosas, pedregosas e de baixa fertilidade (elevada acidez).⁴³

A introdução do gado crioulo adquirido com os tropeiros veio a favorecer na fertilização do solo. Contudo, a inviabilidade do arado⁴⁴ e de técnicas mais modernas de plantio repercutia num retardo das colheitas. A agricultura baseou-se em alguns gêneros mais comercializáveis — mandioca, nos solos menos férteis; feijão, pelo fácil cultivo em encostas e chapadas de morro; cana-de-açúcar⁴⁵ e milho (para também tratar os porcos), que ocupavam as áreas estreitas — em razão dos subprodutos⁴⁶ processados pelos próprios colonos, para geração de preços de venda. A preocupação em expandir os volumes reflete o caráter econômico e comunitário dos colonos. O processamento dos gêneros de maior produção (mandioca, cana-de-açúcar, milho e arroz) acontecia pelo aperfeiçoamento do engenho tradicional do luso-brasileiro substituindo a força animal pela roda d'água (REITZ, 1991), ideal em atividade nos córregos de pouca vazão (SEMLER, 1908), abundantes mesmo nas áreas mais altas.

A pequena propriedade familiar nas localidades de povoamento, até a primeira metade do século XIX era estabelecida por terras gratuitas, promovendo na região uma relativa liberalização no tamanho dos assentamentos, pela sua abundância e espraiamento em pequenos núcleos coloniais estritamente rurais. Mais tarde, o endividamento compulsório da terra, auxiliado por leis que restringiam o seu acesso ao colono (Lei de Terras), toma as áreas devolutas a um preço artificial “independente da oferta e da procura, que force o imigrante a trabalhar por tempo mais longo” (MARX, 1984a, p.301) até se legitimar como proprietário, numa espécie de compensação que se reverte ao centro urbano próximo (a Capital) por não se tornar assalariado trabalhando para o capitalista. Uma distribuição relativamente generalizada de

⁴³ Os solos na região apresentam limitação natural de 60% da área com declividade acentuada, impróprio a culturas temporárias; 25% de solo suave com mediana ondulação, ideal para agricultura não irrigada; 5% de solos úmidos para culturas irrigadas; 4% de solos arenosos; e 4% correspondentes a cursos d'água (SDR/SC, 2006).

⁴⁴ Shutel (1988) observou, em 1861, a utilização apenas de machado, foice, aguilhada ou faca, possuindo as mulheres as mesmas habilidades no manejo do que os homens.

⁴⁵ Cf. Roche (1960), com relação às culturas produzidas nas áreas coloniais alemãs, somente a cana-de-açúcar não era uma planta americana.

⁴⁶ Cana-de-açúcar – melado, garapa, cachaça e açúcar; milho – fubá, pães e doces; mandioca – farinha, polvilho e broas. A criação de porcos, além da banha, resultaria na produção de salames, lingüiças, salsichas e morcelas. Também queijos, mel, conservas, manteigas, geléias, etc, como parte da gama de alimentos, segundo Reitz (1991), dotada de mais de vinte tipos de consumo diário.

propriedade e de domínio como a ocorrida na região, desencadeou uma maioria de elementos de padrão médio. Segundo Smith (1947), este tipo de situação apresenta um grau consideravelmente alto de mobilidade social, distinções de classe mínimas e relativa ausência de casta (posição social herdada). Contudo, nas idéias de Lênin (1985), o camponês médio é o elemento menos desenvolvido da produção mercantil porque extremamente instável, sobrevivendo pelo trabalho agrícola independente, contraindo dívidas e procurando rendas suplementares. Para aumentar a renda em dinheiro, as habilidades caseiras se tornaram ofícios artesanais, mas, atendendo somente à própria localidade de moradia.⁴⁷ Os pequenos produtores enfrentaram a barreira de não servirem diretamente aos capitalistas nas cidades litorâneas, buscando a ascensão econômica pelas condições próprias de trabalho. Numa estrutura social com maioria de indivíduos médios, o pequeno produtor patriarcal poderia se converter, evoluindo a si mesmo dentro do campo, num vendista sob um desenvolvimento de tipo norte-americano.⁴⁸ Mas, a acumulação de capital estava nas mãos de um reduzido número de comerciantes no sistema colônia-venda direcionado ao abastecimento da ilha, que, em razão do próprio relevo e da falta de rios navegáveis até as águas de baía era mais prolongado na região, aumentando o número de atravessadores e reduzindo as margens de lucro. No mapa 1, classifica-se a interligação de transporte embarcado até a ilha de eixo comercial, nos pontos centrais de Biguaçu, São José e Palhoça.⁴⁹

⁴⁷ A estrutura social estabelecida nos relatórios oficiais indicando apenas agricultores e ex-militares, aos poucos, assumiu outras características. Em 1867, São Pedro de Alcântara contava com 03 empregados públicos, 18 comerciantes, 31 artistas e 352 lavradores (JOCHM, 1992). Em Teresópolis e Santa Isabel, chegaram profissionais como lavrador (a maioria), marceneiro, carpinteiro, sapateiro, ferreiro, tanoeiro, padeiro e alfaiate (JOCHM, 2002). Um censo de 1867 apontava outros ofícios e estabelecimentos constituídos apenas sete anos após a instalação de Teresópolis: 05 carpinteiros, 01 torneiro, 02 tamanqueiros, 01 tijoleiro, 03 ferreiros, 03 alfaiates, 01 barbeiro, 01 construtor de engenhos, 03 casas de negócios, 04 hospedarias, 01 olaria de louças de barro, 03 fábricas de cerveja, 01 charqueada, 04 marceneiros, 01 tanoeiro, 06 pedreiros, 05 sapateiros, 01 padeiro, 01 funileiro, 01 charqueador, 02 cavouqueiros, 05 tabernas, 01 olaria de telhas e tijolos, 08 moinhos e 01 fábrica de charutos (JOCHM, 1992). Em 1868, outras profissões em Santa Isabel: 24 engenhos de farinha, 03 engenhos de açúcar, fábricas de olaria, curtumes, oficinas e casas de negócio (LOPES, 1939).

⁴⁸ Cf. Lênin (1978), o tipo norte-americano é marcado pela evolução do agricultor sobre si mesmo, a fim de se tornar um granjeiro capitalista, ou seja, assumindo um quadro de especialização comercial numa estrutura social de classe média bastante horizontalizada.

⁴⁹ Vale lembrar que no lado insular das baías, nos pontos de Santo Antônio de Lisboa, Ribeirão da Ilha e seus arredores, havia outro sistema de trapiches que levavam a produção de origem açoriana ao centro da Capital. Através do eixo comercial apresentado no mapa, predominou a pequena produção alemã misturada às contribuições das colônias nacionais e do artesanato que circulava por meio dos tropeiros.

A Capital possuía as representações bancárias ligadas aos investimentos de importação, com isso, uma concentração de capitalistas que não se cruzava com a pequena produção mercantil interiorana a não ser enquanto atacadista dos produtos industriais necessários à sobrevivência no campo (ferramentas, vidros, tecidos, etc) e na concessão de empréstimos, pois, segundo Besen (1991), os pequenos produtores não tinham motivos para se ligarem à sede burocrática e comercial. Ao passo que a ilha assumia a função, isoladamente, como “centro gerador de mercadorias” (SWEEZY, 1977), ou seja, quando da chegada dos gêneros agrícolas através dos entrepostos locais abastecidos pelas áreas rurais circunvizinhas, é que se definia o valor da mercadoria, reforçando o dependitismo econômico. Dessa forma, havia o sistema de produção para o uso (produção rural) e o sistema de produção para o mercado (comércio), baseados na circulação de longa distância, porém, inexistindo interesse por parte dos capitalistas em montarem empresas manufactureiras apoiadas na mão-de-obra periférica. Afinal, com a chegada dos gêneros agrícolas, drenavam na ilha os maiores lucros engessando o sistema rural.

O quadro 3 evidencia que o distanciamento das colônias em relação ao centro urbano forçava a conversão das demandas locais em gastos maiores na importação de equipamentos e utensílios de primeira necessidade ultrapassando o volume da produção agrícola. Nos anos iniciais de instalação da colônia, também a importação se acentuava, como é o caso de Anitápolis. O reduzido volume da colônia militar de Santa Teresa demonstra a sua função estritamente como posto de fiscalização de tropas e gado entre serra e litoral. É possível notar ainda, uma situação de mistura étnica nas colônias até então consideradas nacionais e alemãs:

QUADRO 3 - Comércio Geral nas colônias locais (em mil réis)

Colônias	Exportação	Importação	Saldo
<i>Santa Isabel</i>			
1860 (412 colonos)	35:000\$000	8:000\$000	27:000\$000
1865 (1.200 habitantes)	34:783\$400	14:916\$800	19:866\$600
1868	23:000\$000	34:000\$000	(-) 11:000\$000
<i>Colônia Nacional de Angelina</i>			
1872 (1.100 habitantes) ¹	35:280\$000	25:040\$000	10:240\$000
<i>Colônia Militar Santa Theresa</i>			
1869 (214 colonos)	3:303\$300	4:533\$540	(-) 1:230\$240
1873 (442 colonos) ²	6:182\$280	8:578\$280	(-) 2:396\$000

<i>Anitápolis</i> ³			
1912-1913	67:562\$000	329:554\$000	(-) 261:992\$000

Fonte: Adaptado de Mattos, 1917.

¹ Com 1.041 brasileiros, 01 escravo e 58 alemães (em 12 famílias).

² Sendo 378 brasileiros, 01 português, 02 hamburgueses, 59 prussianos e 02 africanos.

³ Núcleo federal, fundado em 1907, dez anos depois, foi distrito de Palhoça (LOPES, 1939).

Mesmo em condições equilibradas de poder aquisitivo e o cultivo ter sido baseado no sistema de rotação de terras primitivo⁵⁰, o tamanho e qualidade dos lotes constituíram impulsos a uma diferenciação social. Ao contrário do ocorrido nos vales atlânticos ao norte, onde os imigrantes alemães foram assentados em lotes na maior parte de 25 ha e alguns de 50 ha, as áreas coloniais alemãs fronteiriças à ilha repercutiram em vários níveis no tamanho dado aos lotes, entre 10 e 96 ha, em faixas como o sistema *Waldhufendorf*, conforme apresenta a tabela 1:

TABELA 1 - A Divisão de Terras nas Colônias

Colônia	Tamanho dos Lotes	Orientação	Total de área agricultável
São Pedro de Alcântara	30 a 80 braças de frente x 750 de fundos ¹ (de 10,89 até 29,04 ha)	Lado a lado, na 1ª estrada de Lages, a 877,8 metros contínuos da Fazenda do primeiro diretor	3 léguas de comprimento por 200 braças de largura
	100 braças de frente x 750 de fundos ² (36,3 ha)	Pelo 2º caminho a Lages, entre rios Biguaçu e Maruim	
Alto Biguaçu	40 a 50 ha ³	Divisor rios Biguaçu e Maruim	Sem informações
Vargem Grande	Sem informações ⁴	Rio Cubatão, no salto da Vargem Grande.	Sem informações
Piedade	2.700x 500 brs ⁵ (65,34 ha)	Vale de Piedade	Sem informações
Leopoldina	14 datas (média 49,58 ha)	Acima da foz do Rio Biguaçu	33.595.609 ⁶ braças quadradas (694,12 ha)
Santa Isabel	100 a 200 braças largura x 1.000 de fundos ¹ (48,4 até 96,8 ha)	Rio dos Bugres	65 estabelecimentos agrícolas
Teresópolis	220 metros de frente x 1.100 de fundos (24,2 ha)	Confluência dos rios do Cedro e Cubatão	1.260 ha plantações e 703 ha de pastos.
C.M. Santa Teresa	Sem informações	Margens do Rio Itajaí do Sul	798 ha
C. N. Angelina	220 metros x 1.430 fundos ⁸ (31,46 ha)	Margens do Ribeirão Mundéus e Rio Garcia	Sem informações
“Burgos Agrícolas”	Sem informações ⁹	03 distritos às margens da Estrada de Lages	48.592 ha

Fonte: Maioria dos dados de Mattos (1917).

¹ Em São Pedro de Alcântara e Santa Bárbara.

² Incluída a subcolônia de Santa Filomena.

³ Reitz, 1988.

⁴ Primeira frente pioneira espontânea dos colonos ao planalto, sob o “regime comum”.

⁵ Silva, 1992.

⁶ Reitz, op. cit.

⁵⁰ Cf. WAIBEL (1979) no sistema de rotação de terras primitivo, caracterizado pelo predomínio de queimadas e isolamento econômico rompido apenas pelo vendista, enriquece o vendista às custas da vizinhança.

⁷ Em 1860, eram vendidos lotes de 25.000 a 300.000 braças quadradas (JOICHEM, 2005).

⁸ O valor de cada braça quadrada era de 0,50 réis.

⁹ Em 1891, pelo contrato de construção de uma estrada “na margem do rio do sul”, foram dados a Carlos Napoleão Poeta, 41408 ha e o restante dos 90 mil ha para fundação de “três distritos agrícolas”: 1º) lugares do Quebra Dentes, Lessa e Rio Adaga, com 411 habitantes; 2º) lugares do Caeté, Águas Frias e Lomba Alta, com 438 habitantes; 3º) lugares dos rios Jararaca, Engano e Itajaí [do Sul], com 763 habitantes. Na época, pertenciam a São José, tratando-se das áreas entre os municípios de Alfredo Wagner (colônia militar Santa Teresa) e Bom Retiro (LOPES, 1939).

No final do Império, classificavam-se os lotes coloniais na região sul, de acordo com a fertilidade e distância em relação ao povoado mais próximo, como de 1ª classe – 60 ha; 2ª classe – 30 ha; 3ª classe – 15 ha (SEYFERTH, 2004). Dessa maneira, os lotes situados nos vales atlânticos, apesar de estarem em áreas mais planas para utilização do arado, apresentavam níveis médios de ocupação num reduzido tamanho. As áreas próximas à Capital possuíam condições mais favoráveis de acumulação individual em razão de um padrão mais diversificado na definição dos lotes e tipos de solo em meio às áreas montanhosas. Porém, o empobrecimento e a declividade do solo, mas, principalmente, a queda de preços da mandioca para exportação ao Rio de Janeiro, trouxe crises ao meio rural que foram enfrentadas com a redução das áreas de plantio, a policultura como característica da produção agrícola e o abandono de terras.⁵¹

A ascensão social de pequenos produtores na periferia dependeria da obtenção dos meios de expropriação do trabalho — empregados, agregados, arrendando a terra para agricultura e pastagem, ou ainda realizando empréstimos ao entorno.⁵² De acordo com Dobb (1983), devido à instabilidade da economia de pequena propriedade, despontam alguns indivíduos como capitalistas através da prática da dívida, do monopólio e da usura. Citando Marx, o mesmo autor desenvolve a perspectiva de análise na qual o pequeno produtor ao se tornar mercador e capitalista gera a “via realmente revolucionária” de ascensão em oposição à economia agrícola natural e ao artesanato controlado pelas guildas da indústria urbana, assim, não sendo diluído por nenhum dos dois sistemas campo-cidade. Contudo, segundo Hatzky (2000), havia nos empréstimos contraídos a juros dos pequenos comerciantes na região, um alto índice de negócios mal-sucedidos arriscando um número de 95% do povo aplicando calotes.

⁵¹ Na virada para o século XX, pequenos produtores ainda possuíam obrigações no pagamento dos lotes e dificuldades na quitação de dívidas nas ex-colônias de Angelina, Capivari, Teresópolis e Santa Isabel, tanto que foram criadas várias leis estaduais prevendo redução nos valores. Mais detalhes sobre estas leis, consultar Câmara (1940).

⁵² Entre Angelina e São Pedro de Alcântara, por exemplo, havia Kiliano Kretzer trabalhando com empréstimos e acumulação de casas que formaram uma comunidade isolada em meados de 1920 (Casa de Cultura de São Pedro de Alcântara. Informação verbal, 2008).

Os patamares na formação de capitais não se faziam duradouros, em virtude de ciclos internos na produção de gêneros exportáveis — principalmente farinha, banha, madeira e cachaça, bastante concentrada em algumas localidades — semelhante à pequena produção mercantil açoriana. Outro agravante era a partilha das terras em herança de famílias numerosas, que adiante será tratado. Contudo, é preciso entender a pequena produção mercantil a partir de determinadas relações sociais de produção, na qual uma igualdade muito grande de pequenos produtores num dado momento criou diferenciações dentro da aldeia. Estes meios de diferenciação foram obtidos pelas interfaces da relação econômica com o latifúndio dos campos de Lages através da passagem de tropas, e de uma pequena produção mercantil destinada ao abastecimento agrícola da Capital.

A presença de pequenos comerciantes de origem alemã acabou colocando-os rapidamente como representantes políticos em Palhoça, inclusive, apoiadores de Lauro Müller, ao contrário de São José, onde a classe latifundiária cobriu a diferença no apoio estadual articulando a sua retirada (IBGE, 1959). O predomínio das relações pré-capitalistas tanto na pequena produção açoriana como na de origem alemã (ou mista), reforçaram a estruturação do capital mercantil na faixa litorânea devido à convergência dos gêneros agrícolas até a área central da ilha, havendo poucos investimentos em manufaturas no meio rural que se estabeleceram em específicas e lentas condições favoráveis de aumento na escala, matéria-prima e criação de produtos durante o século XX, como mostra os dois exemplos a seguir:

a) Face o distanciamento dos mercados pelas estradas precárias, os agricultores de São Bonifácio se dedicaram ao ramo da criação e engorda de suínos, depois adotado e desenvolvido em outras cidades nos vales do Capivari e Braço do Norte. A primeira refinação de banha de porco era de Heinrich Weber e a segunda de José Selhorst, promoveram a instalação de “casas de banha” que abasteciam Florianópolis e Laguna. Nos anos 1930, despontava a fábrica de produtos derivados de suínos *Avaí* que, no auge da produção abatia de 50 a 60 porcos de uma vez (LOPES, 1939). A banha *Avaí* chegou a ser exportada ao Rio de Janeiro, sob 60% de sua produção (MÜLLER & RICKEN, 2007).

b) A “Fábrica de Bebidas Leonardo Sell” deu início às suas atividades em 1905, enquanto única produtora de cerveja em Rancho Queimado. O proprietário e três funcionários beneficiavam a cevada que vinha do planalto serrano. Com engarrafamento e rotulagem própria desde o início, aprimorando a cerveja surgiu o guaraná, considerado um dos primeiros no País. Somente após 1927, a comercialização direta através do transporte em carroças se expandiu entre Bom Retiro e Florianópolis (ENTRES, 1929). Sob a administração do filho Alfredo Sell, a partir de 1948, além da cerveja Rio Branco e do guaraná Pureza, houve a criação de novos sabores e produtos: o xarope Groselha e, na década de 1960, os refrigerantes Framboesa, Limãozinho e Laranjinha, em garrafas de 200, 300 e 600 ml. A modernização dos equipamentos somente ocorreu entre 1995-6, pela aquisição de uma rotuladora automática e uma enchedora da marca *Holstein-Kappert* em “mix”, com a tecnologia alemã e brasileira à altura das empresas de alta produção (COELHO, 2002). O mercado hoje atende direcionado às cidades urbanas próximas ao litoral, de Tubarão, ao sul, até Curitiba (PR), ao norte. Este é um raro caso de indústria soerguida do artesanato ainda atuante.

O custeio no lento transporte (carroças e cargueiros) e a quantidade de intermediários (vendistas, tropeiros, boleiros e pombeiros⁵³), colocavam o agricultor numa situação pouco lucrativa, obrigando-o na criação de seus próprios canais de distribuição até o litoral ou subindo o planalto quando as estradas estavam melhoradas. Todavia, a base material de pequena produção se beneficiou pela quantidade de vários atravessadores, o que proporcionava condições para a renda ser distribuída entre as localidades. A comercialização ambulante da galinha viva, servindo para aumentar as rendas dos produtores alcançava 100% de rentabilidade (LOPES, 1939).

De um modo geral, a diferenciação social acontecia quando o pequeno produtor obtinha condições para construir uma venda⁵⁴ numa localidade de intersecção

⁵³ Boleiro possuía veículo próprio, agenciando o transporte de mercadorias. Pombeiro era o nome popular para caixeiro-viajante. Cf. Lopes (1939) o município de Palhoça registrava uma forte concentração desses intermediários, o que podemos deduzir o predomínio de sua atuação com a faixa litorânea, enquanto os tropeiros dominavam a mediação das distâncias entre serra e litoral.

⁵⁴ Este tipo de povoamento rural, onde um líder vendista e um pequeno grupo se deslocam até uma comunidade desabitada, é classificado por Roche (1969) de “enxamagem”.

(encruzilhada) e passagem de tropas, sem concorrentes, dominando os preços da mesma porque detentor dos recursos de estocagem, dinheiro e transporte, na transformação do valor de troca (escambo) em valor de uso condicionada pelo centro urbano⁵⁵, isto é, o vendeiro revendia os produtos artesanais possíveis de estocagem adquiridos pela troca, capitalizando através das demandas ocasionais para ainda comprar outros artigos.

Em São Pedro de Alcântara, por exemplo, Germano A. Kretzer ultrapassou a condição de pequeno vendista-rural, tornando-se expressivo comerciante pelo entreposto no caminho de tropa por meio de um conjunto de atividades: casa de hospedagem, atacado do artesanato que chegava, cancha de bocha para divertimento dos viajantes e terras para criação de gado.⁵⁶ No então distrito palhocense de “Santo Amaro”, destacava-se Orlando Becker como um vendista. Conforme Hatzky (2000), salientaram-se os boleiros de Palhoça, como Alberto Scheidt, Felix Hatzky e Germano Berkenbrock, os quais, trabalhando a preços abaixo do custo, intermediavam as mercadorias dos atacadistas situados na ilha (como Meyer, Hoepcke, Riggerbach) até Lages e Curitiba. Nos anos 1930, a melhoria da estrada Santo Amaro-Lages reduziu o frete de passageiros (colonos), tendo os boleiros que buscar outros meios de sustento, período no qual a Ponte Hercílio Luz estimulou a proximidade do colono ambulante com a ilha, tornando-o a base do comércio regional. Os vendistas mais expressivos depositavam os seus rendimentos a juros na Casa Hoepcke.

Os indivíduos da religião evangélica ou luterana dominaram mais distantes do litoral em Santa Isabel⁵⁷ e Teresópolis (hoje Águas Mornas, Rancho Queimado, Anitápolis e São Bonifácio)⁵⁸, que se caracterizaram pelo associativismo em função das trocas dos excedentes com os tropeiros e numa concentração mais diversificada de artífices. Dotados dos maiores e mais distantes lotes do sistema colônia-venda

⁵⁵ Cf. Waibel (1979), o valor de troca dos mantimentos e da madeira é determinado pelo preço comercializado na cidade.

⁵⁶ Germano Kretzer é irmão de Kiliano, anteriormente mencionado [Casa de Cultura, Prefeitura Municipal de São Pedro de Alcântara (Informação verbal, 2008)].

⁵⁷ Cf. Schaden (1946) são raríssimos os casos de quem preferiu a vida urbana e o trabalho fabril dos colonos de Santa Isabel. Para Desterro, rumou o comerciante protestante Carl Moellmann.

⁵⁸ Atualmente, é comum visualizar uma pequena igreja evangélica ou luterana de frente para a católica, e esta numa posição mais alta, podendo ser vistas nas comunidades de Santa Isabel e Vargem Grande (Águas Mornas), e nas áreas centrais de São Bonifácio, Santo Amaro da Imperatriz e Palhoça.

acumularam pela exploração extensiva, onde, segundo Waibel (1979), o trabalho e o capital se limitavam em função de preços menores e de produtos que não poderiam se deteriorar facilmente. Na Capital, também foi organizada uma comunidade luterana urbana, onde a maioria dos membros se originaram das colônias novas ou daqueles indivíduos desagregados das levas até as colônias antigas ao ficarem na ilha, entre os quais alguns ex-soldados alemães.

Os católicos que conseguiram ascender comercialmente predominaram nas áreas menos íngremes e sáfaras de Biguaçú, Palhoça, São José e imediações (JOICHEM, 1997). Na faixa litorânea, os vendistas obedeciam a uma “lei de seleção natural”, na qual as casas fortes funcionariam durante várias décadas e passavam pela substituição por outras. É o caso de Adão Michels⁵⁹ e Johann Nikolaus Schmidt, na segunda metade do século XIX; e Felipe Petry, Pedro Bunn e José Filomeno & Cia, durante a primeira metade do século XX, na Praia Comprida, detendo casas comerciais, trapiches, empregados e embarcações, enquanto destacados intermediários no sistema colônia-venda.

Em Palhoça, destacava-se a firma Luz & Luz, ocupando a antiga casa Costa & Cia, que possuía grande estocagem de fazenda, ferragens, armarinho, depósitos de sal, querosene, açúcar, arroz, etc, no atendimento dos compradores da região serrana. Além desta casa, outros comerciantes: Nicolau José Rosa – secos e molhados e sapataria, Frederico Rühl – casa de fazendas e armarinho, Nicolau Simão Sobrinho – secos e molhados, José Estefano Koerig – fazendas e armarinho, Jacó Schaidt – casa de hospedagem, secos e molhados e duas lanchas para transporte até a ilha, Gustavo Fenner – hospedagem, embarcação e ferraria, Martinho Ferreira da Silva – sapataria, Teodoro Hacming – ferraria de 1ª ordem, Jerônimo Luiz Ávila e Francisco Pereira de Matos – secos e molhados, Francisco Pereira da Silva – sapataria, João Pedro Oldoff e João Pedro Rosar, de ramos não informados (IBGE, 1959; LOPES, 1939). Esta pulverização de pequenos negócios se deve ao polinucleamento populacional exercido pelas colônias, sabendo que as maiores ainda se faziam distritos palhocenses.

⁵⁹ Cf. Avé-Lallemant (1953), na Praia Comprida, os agricultores traziam mercadorias de Biguaçú, São Pedro de Alcântara e Cubatão, tendo como maior comerciante Adão, também dono de uma estalagem. O filho Adão Júnior, estava em Biguaçú instalado como pequeno vendeiro.

Em Biguaçu, João Nicolau Born — filho de imigrantes prussianos chegados na primeira leva a São Pedro de Alcântara, e posteriormente sendo agricultores no Alto Biguaçu — dinamizou o seu capital a partir de um comércio atacadista (o primeiro da cidade) que monopolizava os preços aproveitando as novidades em manufaturas que vinham embarcadas da Capital. Aprimorou a venda inicial, transformando-a em duas maiores e mais sortidas. A mão-de-obra barata de seus escravos alforriados, a comunicação interior e litoral facilitada pelo rio Biguaçu e a sua atuação política, enquanto primeiro prefeito e planejador de estradas, proporcionaram uma acumulação de terras para cana-de-açúcar, e também uma casa de comércio e alguns imóveis na ilha.⁶⁰ O comércio central de Biguaçu foi tocado pelo seu filho Lúcio, mesmo após a Revolução de 1930.⁶¹ Durante esse movimento, o “casarão dos Born”, como ainda é conhecido, servindo de local de encontro entre as autoridades e articulações políticas, foi metralhado e após tudo normalizado o governo estadual pagou 800 mil réis para a sua recuperação (SIQUEIRA, 1999). O capital comercial formado por esta família apresentou uma duração maior em relação a outros das áreas lindeiras à ilha devido ao caráter monopolista de atacado dos produtos importados combinado às atividades políticas, diversificação de negócios, acumulação de terras, imóveis e força de trabalho, nivelando-se aos capitalistas existentes na Capital.

A perspectiva endógena da pequena produção mercantil que se instalou a partir das colônias alemãs e nacionais (vide as ilustrações no anexo 1), em razão do distanciamento na circulação de mercadorias ocasionado pela falta de vias fluviais constantes privilegiava os comerciantes intermediários, tanto aqueles comerciantes situados na faixa litorânea (Praia Comprida, Palhoça e Biguaçu), bem como os pequeno-vendistas das áreas interioranas que realizavam o transporte de gêneros agrícolas, ou ainda, em outro sistema, os capitalistas de *import-export* no porto da Capital, que intercambiavam as manufaturas chegadas do Rio de Janeiro e litoral catarinense. Sobre a formação de capitais destes últimos, tratará o segundo capítulo.

Sobre a relativa homogeneidade na base social agrícola, de indivíduos com as mesmas chances econômicas, é preciso entender que as áreas coloniais antigas

⁶⁰ Incluindo uma casa baixa na esquina das ruas Araújo de Figueiredo e Saldanha Marinho, que depois pertenceu à família Brüggemann (SIQUEIRA, 1999).

⁶¹ Informações obtidas pela autora com a Sra. Dalvina de Jesus Siqueira. Biguaçu, 10/10/2007.

renderam um ambiente mais suscetível ao processo de nacionalização iniciado com a descentralização do poder de uma hierarquia inflexível (a latifundiária) através da Constituição Federal de 1894, na qual se presumia a “noção de indivíduo e de sua livre iniciativa” pela solidariedade social a partir da livre associação (VIANNA, 2004, p.168). Nos anos 1920, revisitou-se o tema do indivíduo dissociado (antes ligado ao indivíduo agrário, agora ao urbano) culminando na Revolução de 1930, em razão da tomada do poder pelos militares aliados aos pecuaristas como sujeição às elites tradicionais. As idéias liberais geraram um pensamento político que se tornou suporte ideológico do Estado Novo quando o governo conseguia manter controles sobre o livre mercado, o que auxiliou no desenvolvimento de diversas empresas neste período, como a Fundação Tupy (1938), Hansen (1941), Buschle & Lepper (1943), etc. A noção de “moderno” não aparecia como uma ruptura com a tradição, pois a imposição da administração pública vedou as burguesias saídas do supercapitalismo ainda minoritárias no País, mas, que, em Santa Catarina, firmavam grande peso político-econômico.

Por conta da Revolução de 1930, os Ramos tomariam medidas possíveis para inviabilizar o retorno dos Konder, manifestadas pela campanha ideológica sobre as regiões de sustentação do seu poderio (os vales atlânticos de descendência alemã). O governo Vargas seguiu as características do “Príncipe” de Gramsci (1989) — conduzido pelo partido e não pelo presidente, mas, num regime totalitário porque o partido possuía um representante para induzir a população a uma vontade coletiva por meio de um “fanatismo de ação”. Este período marcou a unificação de padrões nas indústrias, as leis trabalhistas e de sindicalização, e a integração do mercado nacional, tendo em vista que a modernização exigia tais medidas consolidantes ainda que discriminatórias dos descendentes de imigrantes. A dependência econômica assumida pelas localidades originárias das colônias nacionais e alemãs em afinidade com o planalto serrano e a Capital catarinense leva-se a entender um quadro no qual esta nova ideologia, em seus três aspectos, enquanto mistura étnica na matriz (luso, índio e negro), baixo índice de concorrência e também como redenção ao poder centralizado, já estavam incorporados ao cotidiano do comércio interno e aos matrimônios contraídos.

Emersas num contexto de pequena produção mercantil pouco evoluída em relação às formas superiores de organização econômica, as conseqüências diretas da implantação do Estado Novo, a partir de 1937, podem ser medidas pela proibição do idioma alemão e no fechamento das “escolas alemãs” que atendiam as funções da educação pública básica⁶², mas, que devem ter aumentado o deslocamento dos filhos de quem pudesse pagar pela continuação dos estudos em internatos de moços e moças na ilha⁶³, dessa forma, aparecendo outros meios de ascensão social desencadeados pela profissionalização, através de cursos técnicos, faculdades e serviço público. Além disso, as escolas do governo estadual inicialmente foram construídas próximas às praças centrais das cidades litorâneas, como, por exemplo, em São José, o Grupo Escolar Francisco Tolentino, fazendo com que os descendentes de colonos tivessem que se deslocar a longas distâncias de carroça para concluírem o ensino normal.⁶⁴

A entrada na Segunda Guerra Mundial trouxe outras conseqüências aos descendentes de alemães localizados nas áreas limítrofes da ilha. O Estado Novo impôs a ilegalidade dos partidos políticos com a perseguição aos integralistas, pois, havia um aliciamento de indivíduos de origem alemã e italiana que se deveu à luta anticomunista de ambos, bem explorada pelos “camisas verdes” ligados ao partido nazista. Para não serem presos, muitos ex-integralistas noticiavam, em 1942, conforme as pesquisas de Fáveri (2002), cartas de apoio ao governo estadual e federal em jornais da época, entre as quais aparecem manifestos vindos dos municípios de Palhoça, Rodeio, Joinville e São Bento do sul. O salvo-conduto, uma espécie de taxa cobrada pela circulação do descendente de alemães que se deslocasse até a ilha, fazia com que tais saídas ficassem caras, o que resumia os contatos comerciais.⁶⁵

⁶² Cf. Prof. João Klug, foram fechadas quinze destas escolas na região (Informação verbal, 2006).

⁶³ Reitz (1963) verificou nas localidades que compreendem hoje o município de Antônio Carlos, que os descendentes de colonos se caracterizavam pela ausência de analfabetos preferindo o ensino particular. Contudo, não é possível afirmar que as condições financeiras tenham sido favoráveis a boa parte das famílias a fim de que seus filhos pudessem apenas estudar sem auxiliarem nas atividades agrícolas.

⁶⁴ Este episódio foi extraído da entrevista junto a Antônio Obed Koerich. Florianópolis, 27/11/2007.

⁶⁵ Cf. Fáveri (2002) o salvo-conduto era um documento onde se fixava uma fotografia 3x4, expedido nas delegacias, mediante pagamento de uma estampilha no valor de mil réis (1\$000) e taxa de saúde (não estipulado o valor) a cada viagem ou deslocamento intermunicipal. Em 1942, só em Florianópolis foram expedidos 8726 salvo-condutos a nacionais e 481 para estrangeiros. Na época, a fotografia era um objeto caro e, somada às taxas, essa medida exerceu efetivo controle sobre a população flutuante.

É importante entender que a própria situação de dificuldades destes descendentes menos abastados, fortaleceu as resistências familiares em direção a uma “cultura de pequenos empreendedores” que se afunilaram numa seleção de comerciantes “altamente capitalistas” ao rumarem as suas atenções para o centro urbano, assuntos a serem especificados consecutivamente. Dentre as famílias de colonos, fazia-se comum várias gerações manterem suas atividades restritas à produção agrícola, combinando gêneros agrícolas e manufaturas caseiras nas propriedades sem relações comerciais diretas. Porém, mesmo nestas famílias surgiram membros que se aventurassem em atividades de transformação efetivadas no setor terciário, num indício de que a capacidade empreendedora estava ligada às características comportamentais favorecendo no encontro das oportunidades.

Os pequeno-vendistas (vendistas rurais) realizavam um esforço de circulação de mercadorias sob várias condições. Com os tropeiros, estabeleciam o escambo de farinha e açúcar por queijo, charque e marmelo, adquirindo gado e atendendo na hospedaria de passagem. O vendista buscava de caminhonete, a partir da década de 1930, tecidos e sabonetes em Blumenau, através do caminho entre São João Batista e Nova Trento. A produção agrícola no quintal da venda, como laranja e batata-inglesa, do centro de Angelina descia uma vez por semana em carroças até São Pedro de Alcântara e, de lá, outros vendistas transportavam até a Praia Comprida para enfim abastecer a ilha. Comprava-se cachaça em Biguaçu, e chapéu, bala, etc, em Florianópolis, levando-se três dias para alcançar a faixa litorânea. O complexo vendista resistiu nas áreas mais isoladas até 1960 ⁶⁶, certamente face ao casamento de seus canais de distribuição com os caminhos de tropa, sabendo-se que o sistema de transporte continente-ilha por meio de lanchões⁶⁷ perdurou até a década de 1940-50 (PELUSO JÚNIOR, 1991b), coincidindo com a decadência dos “secos e molhados”, nacionalmente (BASTOS, 2002).

⁶⁶ Informações obtidas pela autora com as sras. Hilda, Irma e Teresinha Schappo. Angelina, 13/09/2007.

⁶⁷ Cf. Pereira Filho (1994, p.67): “Na Ilha de Santa Catarina e na parte continental das baías Norte e Sul, comunidades como Enseada de Brito, Ribeirão da Ilha, São Miguel, Santo Antônio de Lisboa e mesmo sedes de municípios como Palhoça, São José, Ganchos, Tijucas, Porto Belo e outras, podiam trocar mercadorias de produção local como cerâmica, farinha, açúcar mascavo, aves e pequenos mamíferos, peixes, melado e outros produtos agrícolas ou manufaturas utilizando-se da cabotagem de lanchões e baleeiras a vela [...], meio de transporte que gradativamente foi desaparecendo com a implantação de rodovias e com o surgimento da indústria automobilística no país.”

O relato a seguir, considera que as áreas de pastagem se limitavam com as áreas de entreposto comercial, associando o abastecimento agrícola com o de carnes. Nesse sentido, os pontos de compra-venda de gado e de madeira propiciaram o capital circulante (matéria-prima, eletricidade, etc) dos negócios situados no entorno, sustentados pelo movimento pendular no transporte de alimentos até a ilha:

O comércio de São José era muito forte, porque não tinha a ponte Hercílio Luz. Os produtos da colônia vinham até a cidade e, dos trapiches de José Filomeno & Cia, Pedro Bunn e Gregório Felipe Petry, eram embarcados em lanchões e levados ao Mercado Público da Capital. São José abasteceu a Capital por muito tempo com gêneros da lavoura: couro, mel, cera, banha, queijo, manteiga. Agora o pessoal de São Pedro de Alcântara é quem compra comida na Capital. Antes, a carne verde consumida em Florianópolis vinha para a casa Eliseu Di Bernardi e Vaz. O gado descia a serra e ficava esperando nas pastagens onde hoje estão Campinas e Kobrasol. De lá, seguia aos poucos para o Estreito, onde existia um matadouro, bem na frente de onde funcionava a casa André Maikot.⁶⁸

Havia uma poupança de créditos concedidos entre tais comerciantes e os pequeno-vendistas que poderiam favorecer momentaneamente, os negócios nas áreas agrícolas. Contudo, a pouca margem para existir a acumulação de capital, além de lucros inesperados ou o incremento nos valores da terra urbana, deixaram o pequeno modo de produção interiorano como uma base social estanque, porém, não inteiramente por causa do comércio entre os povoados, para as transformações lentamente ocorridas no sistema de abastecimento. A falta de capacidade de expansão dos vendeiros satisfaz os capitais mercantis livremente voltados ao dimensionamento de mercado do planalto serrano através dos comerciantes de tropa, principalmente devido ao preço mais elevado do gado e da madeira em relação à policultura.

O gado e a tropa desciam até o litoral por um longo percurso, numa duração de 10/15 dias, ficando em pousio e pontos de parada até a década de 1950, depois, vindo de caminhão do planalto serrano até os anos 1960, quando a decadência das zonas pecuaristas catarinenses, o fim das serrarias para dar lugar às indústrias de papel e celulose, as precárias estradas e as migrações crescentes ao litoral, fizeram escassear até os anos 1970 os capitais serranos que poderiam se converter em frigoríficos e avícolas de iniciativa local (CAMPOS, 1983). Mas, as terras devolutas de pastagem não

⁶⁸ Depoimento de Antônio Francisco Machado. In: Machadinho e suas histórias. *Jornal Diário Catarinense*. Florianópolis, 19 de março de 1997, p.16.

foram povoadas antes da década de 1960, ficando ainda sob o domínio público. Fazem parte deste roteiro as áreas de Campina - bairro Campinas (São José), Pasto do Gado - hoje as cabeceiras continentais das pontes até a ilha, Barra do Cubatão - da Ponta do Tomé até a foz do rio Maruim (Palhoça), entrada de Santa Isabel - Águas Mornas e localidade de Navalhas - em Taquaras, Rancho Queimado (CAMPOS, 1991; IBGE, 1959). O próprio abatimento na faixa litorânea, por conta do odor produzido, selecionava nas áreas os arruamentos, as casas de operários, as atividades comerciais e os trabalhadores dedicados a este serviço, que certamente vinham do meio rural.

Os abatedouros colocavam em atividade novas áreas originando certos bairros, situação esta de Campinas (São José), Capoeiras e Estreito (Florianópolis), e Ponte do Imaruim (Palhoça)⁶⁹, porque as mantinha sob uma reserva de terras (nos vazios entre os núcleos tradicionais) depois direcionada a centros residenciais-comerciais contíguos pelo efeito de mobilidade nas vias de ligação, bem como organizou-se o bairro Kobrasol pelas frações do capital de dois madeireiros locais e um comerciante, ambos descendentes de imigrantes, dois deles de alemães. De acordo com estes referenciais, é possível entender que o impulso destas concessões e as mudanças nos tipos ocupacionais das pastagens livres para formarem bairros de classe média ou média baixa aconteceram rapidamente durante 1960/70, como reflexos do êxodo rural brasileiro ocorrido a partir dos anos 1950 e da própria estrutura urbana em crescimento.

Importa em saber que estas áreas de expansão serviram na fixação de inúmeras empresas, das quais seus proprietários partiam em boa parte das áreas rurais catarinenses, que foram determinantes na formação de empreendedores na região. Rangel (2005, p.100), aborda que a separação de uma atividade qualquer do complexo rural (neste ínterim, o gado e a madeira) repercute na criação de unidades de novo tipo, especializadas numa mesma atividade ou em algumas correlatas, que implica na dissociação da “unidade produtiva” e da “família” voltada ao aumento no número de bens (acumulação individual) e no rompimento do “caráter combinado” do próprio complexo. Este processo interno de redistribuição do trabalho através da especialização comercial aponta para uma “destruição do complexo rural”. Contudo,

⁶⁹ Nesta localidade havia um grande curtume, pertencente a Augusto Westphal e ainda, a produção e transporte de tijolos e telhas abastecedores de Florianópolis (SOARES, 1990; HATZKY, 2000; LOPES, 1939).

dado o tamanho que representam as áreas agrícolas e a sua limitada população no continente, o complexo rural da região não se desintegrou totalmente. Pelo contrário, veio a acontecer uma evolução lenta no campo a partir do que se pode definir como a sua reestruturação — sistema agrícola (com especializações) e pequenos negócios. Também se entende que não houve a destruição do complexo rural completamente, porque ainda não se manifestava a formação do mercado interno. Na verdade, a constituição do mercado consumidor partiu do núcleo central de Florianópolis atingindo gradualmente os três municípios de contato (São José, Palhoça e Biguaçu), por isso, o meio rural influenciado pelas áreas de colonização alemã não se dissolveu já que não cedeu lugar ao desenvolvimento urbano. Este assunto será retomado no capítulo 3.

Logo à frente, será analisada a dinâmica rural em função do núcleo urbano-consumidor de Florianópolis (item 1.2.2), relacionando os pequenos modos de produção existentes (açoriano e alemão), para se começar a entender as brechas aproveitadas pelos descendentes de colonos nos movimentos campo-cidade. Agora, a caracterização das edificações introduzidas pelos descendentes de alemães, a fim de assinalar as formas de inserção nas classes sociais.

1.2.1 A tipologia arquitetônica

A fisionomia dos edifícios personifica os aspectos de uma paisagem, elemento este que, sem dúvida, provém das forças sociais. Dentre a cultura portuguesa, italiana e germânica, apresenta-se a última como responsável pela maior variação de ornamentos, por isso, pela introdução de novos tipos de prédios devido ao aperfeiçoamento da carpintaria nas regiões catarinenses (PELUSO JÚNIOR, 1991a).

Para o colono nas localidades próximas da Capital, a propriedade se apresentava como unidade econômica e social de produção da sua realidade. A propriedade enquanto célula natural do trabalho com os seus pressupostos materiais, é uma característica das sociedades pré-capitalistas. Uma das preocupações imediatas de famílias numerosas estava no desenvolvimento da moradia e nas estruturas anexas de suporte a processos de beneficiamento agrícola. As primeiras casas de madeira sofreram substituição pelas de alvenaria logo durante a segunda metade do século XIX.

Embora de pequenas dimensões, alcançaram uma configuração própria de caráter regional, inclusive, valendo uma sucessão arquitetônica em menor escala, porém, divergente da encontrada nas colônias novas.⁷⁰ Nas colônias antigas sobressaíram as edificações em duas águas simples como “chalés”, mas, assumindo diferenças de acordo com a época de construção, localização e funcionalidade.⁷¹

As construções obedeceram aos materiais disponíveis em cada região. Os imigrantes vindos de Hunsrück, possuíam na Alemanha casas com paredes e telhados revestidos por lâminas de ardósia, ostentando tons de preto (REITZ, 1988). Identificou-se na fixação da colônia São Pedro de Alcântara, devido ao isolamento, um conjunto único de casas, sendo todas caiadas de branco e janelas azuis (PAIVA, 1929), ou seja, um padrão totalmente oposto ao adotado anteriormente. O aprendizado de adaptação ao novo ambiente com os luso-brasileiros outorgou grande semelhança em seu aspecto construtivo nas pequenas residências situadas no meio rural. Neste primeiro grupo, aparecem casas com janelas em guilhotina e folhas internas, telhas-de-canal (portuguesa) com beirado curto ou “sem-beira” orientada para a estrada, diferenciando-se no aperfeiçoamento da inclinação do telhado (maior) a fim de contemplar um sótão com janelas para o quarto do filho mais velho, além de molduras quadradas nas aberturas adornadas por cimalthas decoradas. Outra característica que diverge das habitações em enxaimel das colônias novas, é que o jardim ficou estabelecido nos fundos da casa ao lado da horta diária (REITZ, 1991).

O segundo grupo de classificação corresponde às residências nas quais o chalé é mais alto e o telhado com ângulo mais agudo, onde o sótão, mais amplo do que no primeiro grupo, funcionaria como o segundo andar, ou, em alguns casos, possuindo dois pavimentos. Com a empena voltada para a rua, as janelas são mais altas e envidraçadas se fechando algumas em quatro folhas e com molduras lisas. A porta está

⁷⁰ Nas colônias novas, caracterizam-se as construções em enxaimel pelo método residencial básico da angulação de peças em madeira escurecida (horizontais, verticais e inclinadas), ocupando um sistema rígido, preenchido por materiais de vedação. As paredes externas em tijolo natural, rebocadas internamente, em contraste com frisos brancos e esquadrias claras. Uma varanda frontal, telhado de chalé duplo, janelas em simetria com a porta principal, sendo a casa elevada do chão. Um jardim na entrada, sótão com janelas (para quarto) e chaminés. O enxaimel foi incorporado em construções sob variadas funcionalidades: casas de comércio, escolas, salões de baile, pequenas instalações industriais, hotéis e igrejas (ODEBRECHT, 1982a).

⁷¹ No anexo 2, consta arquivo de fotos propondo a análise de quatro tipos arquitetônicos básicos de edificação privada na região.

em simetria com as janelas. O beirado é mais alongado, contendo ornamentos de madeira recortada. Somente nas casas mais sofisticadas havia varanda no andar superior ou na lateral. Atualmente, restam poucas destas casas, podendo ser encontradas no centro urbano de Florianópolis, além dos bairros da Agrônômica e Saco dos Limões, e em algumas ruas centrais de Biguaçu, mas, segundo a iconografia de Soares (1990), havia também no bairro Estreito (ruas Gaspar Dutra e Fúlvio Aducci), residindo descendentes de alemães. Porém, não há como se afirmar que sejam moradias exclusivas dos mesmos.⁷² Como no campo as casas de telhado perpendicular à rua são bem raras, estas casas do segundo grupo, com pelo menos oitenta anos, podem marcar um primeiro movimento de indivíduos médios que se deslocam até a faixa litorânea, notadamente nas primeiras décadas do século XX. Assomam este fato as transformações específicas de Florianópolis, as quais a predominância da população urbana em relação à rural ocorre a partir da década de 1930, ao contrário dos demais municípios brasileiros onde o marco é 1970 (Prefeitura Municipal de Florianópolis, 1978), em função da inauguração da Ponte Hercílio Luz, no ano de 1926.

Formam o terceiro grupo as casas de comerciantes mais abastados, de função estritamente residencial, datadas entre o final do século XIX e anos 1920/30, que se edificam em sítio individualizado, profusa ornamentação de madeira, varanda, lambrequins e detalhes de influência francesa, suíça ou alemã, destacando-se pela volumetria eclética. Bastante sofisticadas, a maioria enquanto antigas sedes de chácara ou dotadas de grandes jardins, situam-se na área central de Florianópolis.

As casas de misto comercial-residencial (quarto grupo) compuseram o complexo vendeiro em várias localidades. Sob diversos estilos e períodos de construção que parecem ir até a década de 1950, igualam-se pelo pé direito alto, porão com janelas

⁷² Cf. Veiga (2000) este estilo arquitetônico de tradição germânica se popularizou em Florianópolis, entre o final do século XIX e início do XX. O Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) salienta a influência dos construtores de origem alemã em relação às casas que podem ter sido encomendadas por “manezinhos” devido ao modo econômico de construção (Informação verbal, 2008). Em Entres (1929), consta alguns nomes destes arquitetos e engenheiros, como Gründel, Wildi, Ulrich, Hübel, Schmidt e Göttmann, responsáveis pela maioria das novas construções nos primeiros trinta anos do século XX. Theodor Gründel foi o mais importante deles, importando em 1908 a primeira máquina de fazer telhas de cimento, destacando-se na reforma da Catedral, em construções novas da firma Hoepcke, o colégio das Freiras (hoje Colégio Coração de Jesus), o Ginásio (hoje Colégio catarinense) e a casa particular de Max Hoepcke.

para estocagem de produtos, portas gêmeas imediatas à calçada e a maioria com nave do edifício orientada em paralelo com a rua.

Os maiores edifícios comerciais e industriais construídos na virada do século XX, através da acumulação de capitais em Florianópolis, serão vistos no segundo capítulo.

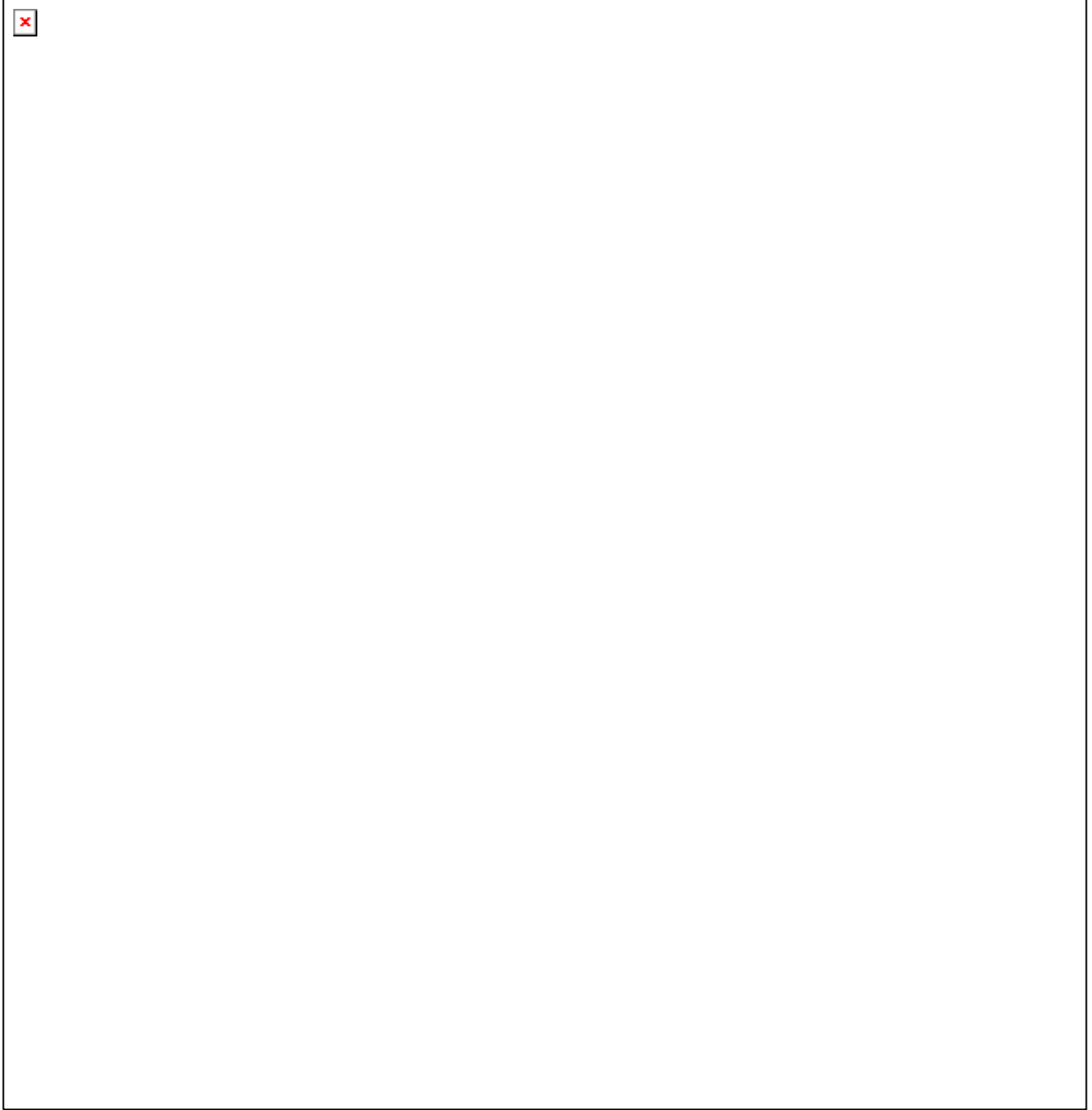
Cabe ainda destacar que, a região ainda atendeu ao estilo germânico em construções públicas amplas, como igrejas, hospitais, colégios e conventos, a exemplo do conjunto arquitetônico da Comunidade Luterana de Florianópolis; do Instituto São José e o Educandário de Santa Catarina, ambos em São José; e a Congregação das Irmãs Franciscanas, em Angelina. Algumas destas edificações refletem o caráter de nacionalização pela via católica intensificada a partir do início do século XX, aparecendo a linha romanizada⁷³ com características germânicas sob a influência dos inúmeros padres descendentes de alemães, a representatividade exercida pelas três principais congregações (hoje colégios Catarinense, Coração de Jesus e Imaculada da Conceição) e o próprio Arcebispado de Florianópolis⁷⁴.

1.2.2 Dinâmica das áreas rurais no entorno de Florianópolis

O sistema de abastecimento dos gêneros agrícolas e a sua orientação ao atendimento do mercado interno dirigido ao centro urbano, correspondendo a um aproveitamento diferenciado da produção, sob os preceitos da “Lei de Thünen” — em seis faixas num raio de até 371 Km — segundo Waibel (1979), devido à variação climática nas regiões serranas em contato com o litoral dos países tropicais, por conta das diferentes altitudes, promoveu alguns rompimentos e modificações no mesmo. A Região Metropolitana de Florianópolis está definida em quase a

⁷³ Cf. Werle (2004) a partir de meados do século XIX até a década de 1940, o Brasil atravessou uma transformação religiosa denominada por muitos autores como a substituição do tradicional catolicismo luso-brasileiro pelo catolicismo ultramontano, europeizado e romanizado, ou seja, o reconhecimento de Roma como o centro religioso.

⁷⁴ Cf. Dallabrida Filho (apud FÁVERI, 2002) a Diocese de Florianópolis, criada em 1908, através da aliança entre Igreja e Estado, focava-se nas escolas paroquiais devido ao crescimento no número de paróquias principalmente ligadas aos ex-núcleos coloniais, e mantendo boas relações com a elite política. Um dos nomes de destaque é o Padre Dom João Becker, alinhado aos auspícios de Vargas. Em 1942, a Arquidiocese Metropolitana de Florianópolis, num relatório de 44 paróquias da fachada litorânea e sul do Estado, contava 52 padres com sobrenome alemão (alguns poloneses e ucranianos), 13 de sobrenome italiano e 8 luso-brasileiros, que teriam que dar conta dos conflitos de Segunda Guerra nas ex-colônias.



metade deste limite baseado no movimento dos fluxos demográficos⁷⁵ e também justificada nos seus limites topográficos⁷⁶, mas, dotada de mais camadas que repercutem na aplicação ilustrativa (mapa 2) o fato de que o autoconsumo diversificado é marcante do seu processo histórico de minifúndio em duas frentes (interior e litoral) sob oito estágios para combinação de cultivos e criações, de acordo com as condições de plantio, o quadro de distâncias terrestres e também o tipo humano introduzido. Através da orientação dos eixos de “gêneros de consumo diário”, algumas localidades assumiram uma autonomia colocada em convergência com outros núcleos abastecedores menores, como São José, Palhoça, Biguaçu e Santo Amaro, direcionadas a Florianópolis; Nova Trento em relação a Tijucas; Anitápolis, São Bonifácio e Angelina às áreas circunvizinhas.

O ingresso da eletricidade respondia a processos menos rudimentares, dessa forma, revigorando o artesanato sob uma diversificação distribuída em localidades. A Usina de Sertão do Maruim, inaugurada em 1907, foi a primeira iniciativa estadual nesse sentido, atendendo apenas São José, Palhoça e Florianópolis, com potência de 600 Kw, inclusive, por meio de maquinários importados da Alemanha. A tabela 2 demonstra um quadro de especialização voltado às serrarias nas localidades que possuíam geradores particulares.

A partir da Revolução de 1930, além da intensificação da industrialização brasileira ocorreu uma aceleração no fim das relações pré-capitalistas, características estas dos processos de pequena produção mercantil (BASTOS, 2000). A área cultivada em hectares na região dividia-se nas médias por propriedade em: Biguaçu – 135; Florianópolis – 5; Garopaba – 10; Nova Trento – 105; Palhoça – 69; São José – 17; Tijucas – 279.⁷⁷ Este mesmo censo registra 42 máquinas de beneficiar café, correspondendo a 50,58% das existentes no Estado. A heterogeneidade no tamanho dos lotes se traduz por uma especialização nas atividades manufatureiras nas zonas

⁷⁵ Cf. IBGE (1996 apud PEREIRA, 1997F), o agregado de municípios limítrofes das regiões metropolitanas se caracterizam pelo forte fluxo demográfico numa estrutura ocupacional com acentuada predominância dos setores secundário e terciário, ficando no entorno de capitais brasileiras litorâneas.

⁷⁶ Cf. Vieira & Pereira (1997, p.460) por causa das dificuldades de articulação terrestre entre litoral-planalto e a presença dos vales atlânticos ao norte como também no sul se “constituíram características geográficas definidoras da ausência em Santa Catarina de uma metrópole, que integrasse diferentes áreas do Estado”.

⁷⁷ Censo Econômico do MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO (1927).

urbanas e das atividades agrícolas policultoras afastadas do centro consumidor, através de uma economia mercantil interna que se desenvolveu graças ao patamar homogêneo das unidades econômicas de pequena produção, restringindo o número de fazendas atuantes sob idêntica função econômica às áreas planas e descampadas da faixa entre Biguaçu e Tijucas.⁷⁸

TABELA 2 - Distribuição produtiva dos distritos de Palhoça em 1939

Distrito de Palhoça	Situação Urbana		Setor agrícola e de transformação		
	Casas	Habitantes	Engenho de farinha	Engenho de açúcar	Produção Agrícola
Santo Amaro ¹	2845	12900	347	426	Hortifrutigranjeiros e serrarias
Teresópolis	164	836	Sem informação	Sem informação	Milho, feijão, batata, farinha, manteiga, etc.
Santa Isabel	425	2336	Sem informação	Sem informação	Cereais, produtos suínos, couros cortidos, etc.
Enseada do Brito	492	3200	57	29 3 alambiques	Farinha, açúcar, pescado, vinho, cachaça, etc.
Anitápolis ²	1695	6000	Engenhos de serrar: 04 Engenhos de fubá: 12		Banha, milho, feijão, batata, farinha, fubá, manteiga, mel, cera, gado em pequena escala, carvão de pedra, minas de ferro e jazida de louças.
São Bonifácio	Sem informação	3875	Sem informação	Sem informação	Criação, engorda e beneficiamento de suínos, etc.
Garopaba	596	3121	237		Farinha, açúcar, pescado, etc.
Paulo Lopes	490	3770	Sem informação	Sem informação	Sem informação

Fonte: Lopes, 1939.

¹ Na época, com três usinas hidrelétricas – Pilões, do governo estadual (500 HP), e particulares: salto da Vargem Grande de Adolfo Kuenze & Cia (1000 HP), salto do Cubatão (Poço Fundo) de Luiz Damiani (2000 HP).

² Havia duas hidrelétricas particulares, no salto das Pacas (rio Vermelho) e no salto do rio Povoamento de José Zumner (20 HP).

As áreas de Tijucas e Biguaçu, consideradas mais fortes na penetração de mercado, foram submetidas às mesmas alterações do complexo agrícola. No final dos anos 1930, a política do governo Vargas impunha medidas de regularização no

⁷⁸ Cf. Gramkow (1983), as áreas rurais situadas no Vale do Rio Tijucas, onde predominou um caráter exploratório sobre os pequenos produtores de cana-de-açúcar, devendo prestar uma cota de sua produção aos latifundiários, marcou-se de uma minoria de agricultores descendentes de alemães.

comércio do açúcar, dando preferência ao açúcar branco, o que provocou uma baixa na produção dos engenhos devido às novas exigências, o que enfraqueceu os pequenos produtores tijucanos por não saberem lidar com livros e registros fiscais (GRAMKOW, 1983).

Adiante, o quadro 4 expõe os níveis de incremento em relação ao período 1940/50, no qual se presencia contenções drásticas na produtividade das áreas em questão, influenciando na distribuição espacial como reflexos da decadência da pequena produção mercantil subaproveitada ao cultivo do café, onde o município de Florianópolis liderava nos volumes catarinenses aos quais a região representava 48,93% no censo de 1940, e 49,20% no censo de 1950 (IBGE, 1951 e 1956), confirmando uma produção até então suficiente ao consumo interno e exportação. Contribui para este aspecto, a informação de que entre 1938-43 aconteceu um aumento na área cultivada catarinense de 63%, com pequeno êxodo rural devido à estabilização da gleba (CÂMARA, 1945). Para os pequenos produtores, o cultivo do café sombreado⁷⁹ (de processo demorado e selecionado) associado a árvores frutíferas altas, era “esporádico” como integrante de uma pequena lavoura⁸⁰, destacando-se apenas algumas “chácaras de café” com até 35 hectares, muitas delas pertencentes aos próprios manufatores. Este aspecto distinguia a camaradagem no processo de torrefação (pilar o grão) nas menores áreas e os comerciantes que detinham máquinas de trituração e torrefação. Os pequenos produtores negociavam o café nas vendas onde eram fregueses para compra de outros mantimentos (SANTOS, 2004), assim, assumindo o café apenas uma relação de troca.

Outras considerações podem ser adquiridas na observação do quadro 4: O decréscimo generalizado das culturas de cana-de-açúcar, farinha de mandioca, milho, feijão, batata inglesa, laranja, bovinos e suínos, equivale à redução gradual no tamanho das áreas aliada ao início da rodoviarização no transporte, trazendo estes itens beneficiados de outras regiões. A criação de suínos relativamente estabilizada

⁷⁹ Cf. Várzea (1985, p.225) o café sombreado (com tamanho elevado das copas) era o gênero agrícola em ascensão na ilha, até então plantado “com a maior irregularidade”, passando a ser rapidamente alinhado e mantidas as distâncias entre os pés pelas plantações crescentes entre os pequenos produtores, marginal às crises do café brasileiras por causa da sua alta qualidade e tamanho de escala mais reduzido, que favoreceram as exportações internacionais.

⁸⁰ Plantava-se café nas localidades de Ratonas, Canasvieiras, Trindade, Ribeirão da Ilha, Jurerê, Itacorubi, Santo Antônio de Lisboa e até nas redondezas do Centro (SANTOS, 2004; BRESSAN, 1990).

(continuação)

Áreas/Produtos	Farinha de Mandioca (t)		Laranja (pés em produção)		Batata Inglesa (t)	
	1940	1950	%	1940	1950	%
Década						
Biguaçu	1519	4657	206,58	47305	3832	-91,89
Florianópolis	2247	3058	36,09	31195	6035	-80,65
Nova Trento	1547	7528	386,61	3160	8615	172,62
Palhoça	2102	22043	948,66	21933	12212	-44,32
São José	1554	16612	968,98	12355	8927	-27,74
Tijucas	2075	7894	280,43	27914	7764	-72,18

Áreas/Produtos	Nº de Bovinos		Nº de Suínos		Nº de Aves	
	1940	1950	%	1940	1950	%
Década						
Biguaçu	6431	1197	-81,38	4274	3974	-7,01
Florianópolis	2147	501	-76,66	913	557	-38,99
Nova Trento	3043	1848	-39,27	9035	14474	-60,19
Palhoça	11352	2938	-74,11	21493	17418	-18,95
São José	4979	2653	-46,71	5292	15163	186,52
Tijucas	5852	1477	-74,76	9891	7062	-28,60

Fonte: Censos Econômicos - IBGE, 1951; IBGE, 1956.

*Na década de 1920, apenas a contagem de máquinas, e anos 1930, não houve a realização de censos no País.

aumentando apenas em São José, evidencia-se pela produção de banha, embutidos e processamento de carnes em pequenas fábricas nas áreas hoje pertencentes aos municípios de São Pedro de Alcântara e São José, a exemplo das “fábricas Stähelin”⁸¹ e das “carnes Koerich”⁸², além de algumas madeireiras e alambiques⁸³. Ainda sobre o quadro 4, o aumento de aves em Florianópolis é proporcional à população crescente nas camadas mais próximas do núcleo, como indícios da demografia matricial no centro da região. O plantio do café também aumenta em São José e Biguaçu, como parte dos efeitos inibidores da pequena propriedade rural na ilha.

É preciso entender que a torrefação do café no interior da ilha e continente próximo (Biguaçu, São José, Palhoça) era rudimentar até os anos 1950, ficando algumas destas pequenas indústrias (misto de residência, comércio e beneficiamento), no centro de Florianópolis. Neste primeiro momento, o café era famoso (símbolo de modernidade e refinamento na ilha), motivo de suas exportações através de marcas tradicionais, como Vesúvio, Santo Estevão, Otto, Nunes, [Indiano, Fiorenzano e Tié]⁸⁴ (BRESSAN, 1990). Após 1955, ficou proibida a comercialização do café sombreado, como medida de controle de produção e de preço ou protecionismo às “zonas cafeeiras” do sudeste brasileiro (BITTENCOURT, 1977). Entre junho/1962 e maio/1967,

⁸¹ Entre 1935-72 as fábricas Stähelin atendiam a produção de cachaça, gasosa (refrigerante), vinagre e banha. O Sr. João Stähelin tinha uma venda, além de produzir farinha de mandioca e tijolos. Dos seus 16 filhos, o mais velho iniciou as fábricas que foram se ampliando num total de 30 funcionários, dentre irmãos e agregados. Obteve, no auge, cerca de 300 litros/ dia de cachaça, 1000 litros/ semana de vinagre, comercializando para Florianópolis, Praia Comprida, bem como diretamente a Campos Novos e Lages (Informações obtidas na entrevista com Ervino Stähelin. São Pedro de Alcântara, 18/04/2008).

⁸² Na década de 1940, este abatedouro de carnes bovinas, suínas e aves, situado na Colônia Santana (São José), chegou a 70 funcionários com equipamentos para cozimento e tratamento, vendendo a produção numa banca do Mercado Público (*A trajetória do empresário Eugênio Raulino Koerich*, 2001).

⁸³ Por volta de 1956, a madeireira Zimmermann teve que se mudar para Santa Teresa, único local no Rio Maruim com energia elétrica a base de roda d'água, a fim de sustentar as atividades da pequena fábrica de móveis. Os alambiques geraram algumas fábricas de cachaça ainda existentes em São Pedro de Alcântara. Informações obtidas em: MARGARIDA, M. Um município de história e tradição. Informe comercial. *Jornal Notícias do Dia*. Florianópolis, 16 de abril de 2008, p.3.

⁸⁴ Estes capitais refletem a diversidade de origens étnicas em relação aos comerciantes locais — o Vesúvio pertencia a Francisco Nappi, um imigrante italiano tardio, pioneiro em torrar o café na própria área comercial da cidade; o Santo Estevão iniciou com a torrefação movida a boi e moinho descascador, no Ribeirão da Ilha; o Otto foi fundado em 1927 por dois filhos de uma Wendhausen, introduzindo a embalagem padrão de comercialização; o Nunes era de um produtor de Biguaçu; e o Indiano pertencia à família Filomeno de São José, anteriormente mencionada, através da qual José Filomeno se tornou presidente da Associação Comercial e Industrial de Florianópolis entre 1936-38. Além disso, a Filomeno & Cia servia ao atacado por grosso de sal, trigo, farelo, charque, açúcar, cereais, etc, exportadora de cera de abelha e agente autorizado da *Pirelli*. (BOLETIM COMERCIAL, jul/1932 e jul/1941). O café Fiorenzano pertencia a José Fiorenzano, e o Tié, a Jorge Haviaras (SILVA, 1995); este último, de descendência grega.

o Plano de Erradicação das Lavouras Improdutivas visava a redução do parque cafeeiro e a diversificação de culturas, o que acarretou na ilha em subdivisões das propriedades, na procura por trabalho fixo e assalariado da pesca embarcada no Rio Grande (RS) e Santos (SP), mas, sobretudo, na falta de acompanhamento no aumento populacional onde a pequena produção significava o arcaísmo de uma policultura de menos gêneros comparada à de origem alemã. A partir daí, a matéria-prima viria do norte do Paraná, café este de qualidade inferior (não sombreado), através de um beneficiamento com poucos operários em estrutura industrial apenas de consumo regional, criando várias marcas (café igual) mesmo sob uma só empresa (SANTOS, 2004; BRESSAN, 1990).

Em toda a região se utilizava a coivara, provocando o desgaste natural do solo, porém, que se tornou excessivo na faixa marítima onde se plantava mais ingazeiros para regeneração natural. A queima dos pés de café durante o plano de erradicação, no qual os pequenos produtores recebiam uma espécie de pagamento ao comprovarem a derrubada, acentuou a deficiência da terra. O quadro 4 ainda traz a informação de algum aumento da banana no município de Palhoça, plantada em encostas (áreas não aproveitáveis), diminuindo em torno da metade nos municípios de Florianópolis e São José, porque a redução da pequena produção na ilha foi mais acelerada. A decadência agrícola acarretou num empobrecimento gradativo até praticamente a extinção das atividades nos engenhos de farinha e açúcar, alambiques, no plantio de laranja, banana e café, frente à acelerada urbanização brasileira no litoral a partir da segunda metade do século XX, quando os pequenos produtores ficaram isolados e dirimidos à subsistência, como ilustra o filme “*Seo Chico: um retrato*” (2006). Concorreu à fraqueza da pequena agricultura e o abandono das lavouras no espaço peri-urbano brasileiro, a força da especulação imobiliária para loteamentos residenciais nas cidades grandes e médias, como é o caso de Florianópolis (MAMIGONIAN, 1965). Mas, será que somente esses fatores explicam a concentração da agricultura pendendo, exclusivamente às áreas continentais interioranas, com isso, aquelas influenciadas pelos ex-núcleos coloniais alemães?

Entre 1950/60, a acentuação da crise na agricultura leva os descendentes a se deslocarem das áreas exclusivamente agrícolas, período no qual foram articuladas onze emancipações municipais, sabendo que, segundo Peluso Júnior (1980), a maioria

das localidades não chegava a dois mil habitantes, como meio de segurar os agricultores no campo. Nessa época, aparece a cisão do “alemão” feirante e negociante, com o abandono dos intermediários para se aventurar em pequenas feiras de bairro, ou buscando se inserir nas atividades da construção civil para estabelecer uma empresa (BESEN, 1991). Este instante é marcado por uma espécie de transição aos acontecimentos transcorridos pelas vias rodoviárias enquanto condutoras da urbanização na ilha. A construção da BR-101 (1953-1971) acabou modificando o anterior eixo viário de Florianópolis, ligado agora ao corredor entre as capitais da Região Sul. Os fluxos do planalto foram deslocados através da BR-470 ao Porto de Itajaí. Na BR-282 somente se iniciou o asfaltamento em 1979, prejudicando as áreas interioranas da Região Metropolitana de Florianópolis. A conversão no sentido da circulação de mercadorias e pessoas, além de seu aceleração por vias asfaltadas, beneficiou apenas o limite urbano-comercial das áreas situadas na faixa litorânea (São José, Palhoça, Biguaçu), enquanto corredor marginal da BR-101 e áreas de descarga do crescimento horizontal de Florianópolis. Nesse sentido, o período 1950/60 sucede o recrudescimento populacional gerador do consumo de alimentos e do número de novas habitações sob o efeito dos ciclos juglarianos, servindo como brechas à transposição de indivíduos extraídos do meio rural que, por um tempo, foram predominantes na região⁸⁵.

A iniciativa de manter um abastecimento regionalizado tentava dar conta da modernização no campo através do acordo básico de cooperação técnica Brasil-Alemanha, iniciado em 1963 e com fase pós-assessoramento em 1997, no qual ocorreu a transferência de conhecimentos junto aos agricultores em troca da aquisição de máquinas alemãs, primeiro diretamente aos pequenos produtores e depois, através da Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina S.A. (EPAGRI).⁸⁶ Cabe entender que os processos de urbanização na ilha e os interesses públicos incumbiram a assessoria às áreas continentais, onde, neste intercurso, instalou-se, no ano de 1976, a Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina (CEASA), no município de São José (como o núcleo de abastecimento). Porém, até o

⁸⁵ Entre 1960/70, somente 25,8% da população estava concentrada na sede dos respectivos municípios da região (Prefeitura Municipal de Florianópolis, 1978).

⁸⁶ Detalhes sobre o Projeto "Assistência Técnica aos Pequenos Produtores Rurais no Estado de Santa Catarina", podem ser vistos no endereço eletrônico <http://www2.mre.gov.br/dai/b_rfa_439_4434.htm>.

final da década de 1970, 80% dos gêneros agrícolas eram importados, justamente favorecidos pelas relações de distribuição com a CEASA paulista (Prefeitura Municipal de Florianópolis, 1978). Mais tarde, as linhas de crédito ao pequeno agricultor garantiram uma produção regional mais competitiva, resultando em 90% a 50% de alguns produtos hortícolas consumidos na própria região metropolitana (PRATES & CORRÊA, 1987).

Através da melhoria de técnicas e incentivos, a água abundante pela quantidade de pequenas vertentes tornou-se ideal na irrigação da horti e fruticultura, com isso, facilitando na inserção de novas culturas agrícolas com tempo mais curto de produção. O aumento de demanda nas cidades e outras iniciativas públicas na facilitação dos canais de abastecimento praticamente sem atravessadores, conduziram a uma quantidade de produtores rurais com estabilização das áreas cultivadas em mais da metade no tamanho médio das propriedades: Antônio Carlos – 9,18 ha e área cultivada 5,12 ha; Águas Mornas – 17,65 ha e 9,53 ha; Angelina – 30,95 ha e 14,08 ha; Biguaçu – 8,0 ha e 5,4 ha; Santo Amaro da Imperatriz – 12,29 ha e 6,64 ha (HENKES, 2006). Atualmente, dadas as diferenças climáticas entre as regiões e as estações do ano, os consumos regionais catarinenses realizam intercâmbios onde praticamente alcançam a auto-suficiência estadual. Sustentadas pelas atividades rurais, as áreas próximas a Florianópolis apresentam uma hierarquia de crescimento relativo na sua população. Das onze cidades emancipadas na década de 1960, atualmente apresenta 17 mil habitantes - São João Batista e Santo Amaro da Imperatriz; pouco mais de 9 mil - Alfredo Wagner e Canelinha; e 6 mil - Antônio Carlos; tendo as demais cerca de 4 mil habitantes - Águas Mornas, Anitápolis, Rancho Queimado, São Bonifácio, Leoberto Leal e Major Gercino (IBGE, 2007). Enquanto São Pedro de Alcântara continua sob a mesma média desde a emancipação em 1994, que correspondia a um total de 4.024 habitantes (IBGE, 2000).

Diante das situações apresentadas, onde estariam as bases da “cultura de pequenos empreendedores” já que não houve estímulos locais por parte dos setores públicos nesse sentido, direcionando tais áreas interioranas da região à permanência do seu quadro rural?

Enquanto ocorreu uma fragmentação excessiva das propriedades na faixa litorânea por parte dos descendentes de luso-brasileiros (BASTOS, 2000) para agruparem as residências dos filhos, dessa forma, relacionada às atividades exclusivistas de camaradagem e dependente dos compradores no centro urbano (BASTOS, 2002), os descendentes de colonos alemães adotaram uma outra postura dentro das famílias. Como mencionado anteriormente, o que favorecia a passagem da produção agrícola dos descendentes de colonos para o estabelecimento comercial eram também fatores ligados ao arrendamento de terras cultiváveis e pastagens. Em relação à divisão de terras em herança, segundo Waibel (1979), nas famílias numerosas era difícil manter o patrimônio. Contudo, em situação vendista, a família de muitos filhos prosperava normalmente com mais frentes de trabalho e poucos funcionários somando os lotes adquiridos, por conta disso, em fatias maiores na partilha dos bens. Mas, o fundamento para a formação de pequenos empreendedores dependia da margem de capital de giro do pai, ou seja, os recursos livres que se convertiam diretamente aos filhos, no intuito de alavancar a independência dos mesmos. Esta transferência poderia vir da venda de uma boa colheita ou de terras acumuladas, ou ainda sob uma espécie de pequena participação dos filhos nos lucros. Os hábitos de poupança e negociação parecem ter sido decisivos, traços estes do elemento humano que foram exercitados dentro de cada família, tanto daquelas dedicadas à agricultura como estabelecimentos comerciais. Assim formavam-se as características capitalistas de comportamento.

Sob uma estrutura familiar patriarcal e masculinizada (ou machista), adotou-se o costume de não divisão dos bens em partilha após o falecimento do pai. Para preservar e expandir o patrimônio, o pai adiantava uma ajuda financeira ao filho mais velho para montar o próprio negócio (ou terra), sendo que o filho posterior o auxiliava com trabalho até que o pai também o ajudasse. Dessa forma, acontecia sucessivamente com os filhos-homens, até que o último ficava com o restante do pai. As filhas quando se casavam pertenciam a uma outra família, situação de que talvez tenham recebido uma espécie de dote ao assumirem matrimônio, ou apenas a festa de casamento, enxoval, etc, sendo pouco provável a ajuda em dinheiro. De um modo geral, quando acontecia de o pai falecer antes de contemplar a todos os filhos, esta sistemática garantia aos

filhos mais velhos a chefia da família na chance de empreenderem agregando os irmãos sem herança (semelhante aos *junkers* na Alemanha) até que assumissem profissões individuais. Porém, a análise feita entre os doze casos pesquisados demonstra que na geração de irmãos a partilharem o patrimônio antecipadamente até os anos 1960 — certamente porque, a partir daí, não poderiam mais escapar das leis brasileiras sobre inventário —, foram mais bem-sucedidos os irmãos que não se submeteram como agregados, lançando-se sozinhos às áreas urbanas de intersecção no trânsito entre os municípios de São José e Florianópolis, na tentativa de montarem uma empresa por meio do aprendizado de um ofício ou sob raras parcerias com irmão e/ou cunhado para abrir um negócio que, na grande maioria das vezes, ficou sob o âmbito unifamiliar⁸⁷; uma prova de que parte dos ex-agricultores na região ascendeu socialmente pela via americana, sobretudo, viabilizada na dinamização exercida pelos ciclos juglarianos brasileiros. É preciso entender que o quadro dos alemães e descendentes na Capital é totalmente outro, tendo em vista que ocorreu numa fase anterior à ascensão advinda do meio rural nas ex-colônias alemãs, marcado por trajetórias comerciais com condicionantes de mercado mais antigas e externalizadas.

⁸⁷ Considerações iniciais através da análise das entrevistas colhidas pela autora, principalmente apoiadas nas explicações de Dionísio Deschamps, com a intervenção do seu filho Dionei Deschamps. São José, 06/12/2007.

2. O CAPITAL MERCANTIL E A BURGUESIA COMERCIAL-INDUSTRIAL: REFLEXOS DA 2ª DUALIDADE NA ILHA

2.1 ANTECEDENTES DA ORIGEM ALEMÃ NA PRAÇA PORTUÁRIA⁸⁸

No panorama das relações mercantis difundidas na Capital, os alemães ou descendentes formavam um grupo de cooperação econômica ligado aos capitalistas situados nos vales atlânticos ao norte, pode-se dizer que representando elos conectados de uma mesma corrente. Nas áreas portuárias catarinenses — Laguna, Desterro, Itajaí⁸⁹ e Joinville — os alemães conseguiam muito cedo uma posição de liderança comercial. Assim como acontece com Itajaí, onde as casas exportadoras de madeira Malburg, Konder e Asseburg — este associado com Willerding criou a primeira empresa de transportes fluviais até Blumenau — que, simultaneamente, operavam com importação, escritório de comissões, despachos e agentes bancários (HERING, 1987), no porto fluvial de Joinville (Lepper, Richlin e outros) e no exportador de São Francisco do Sul, firmou-se uma ligação dos comerciantes germânicos misturados aos luso-brasileiros instaurando atividades terciárias e urbanas em Desterro. Precocemente, Johann David Killenberger, um ex-soldado alemão assentado em Piedade (Ganchos), mudou-se para a ilha, onde implantou uma marcenaria. Também em Desterro, o alemão Feuerbach possuía uma padaria com venda na localidade da Praia de Fora. Entre 1844-50, já se estabelecia na praça desterrense Samuel Wells com uma firma de importação de mercadorias da América do Norte, para a qual exportava café e peles.

No último quartel do século XIX, a vida econômico-financeira de Santa Catarina girava em torno da praça comercial desterrense. Diante das dificuldades de acesso terrestre a logística da ilha, em relação às distâncias litorâneas entre São Francisco do

⁸⁸ Boa parte das informações históricas sobre as firmas contidas nesta seção está em Entres (1929), complementadas pelas demais fontes citadas.

⁸⁹ Cf. Moreira (2002) entre as décadas de 1850-70 prevalece a fase da “economia da madeira” ligada ao extrativismo natural das florestas, especialmente do baixo e médio Vale do Itajaí, repercutindo na organização portuária da costa catarinense a partir do porto de Itajaí.

Sul e Laguna, apresentava uma centralidade na convergência das importações e dos excedentes provenientes da tributação por ser a capital administrativa da Província de Santa Catarina. Estas características colocaram o porto de Desterro numa situação de transbordo a todas as mercadorias chegadas do estrangeiro e entre o porto da União (RJ), São Paulo e o Rio da Prata. O destaque dos elementos germânicos na praça da Capital explica-se, em grande parte, devido aos reflexos da política pan-germanista, primeiramente da Prússia e depois do Reino Alemão (1871). A influência econômica sobre as áreas portuárias brasileiras fica evidente diante do acirramento da concorrência anglo-alemã na luta por compradores de maquinário, embarcações, louças, vidros, cutelaria, ferragens, aço, cimento, etc, também movida pela necessidade de intercâmbio, apesar de que a Alemanha importava os gêneros agrícolas nacionais em menor quantidade do que os gêneros africanos, porém, como a porta de entrada brasileira na Europa Central (WAIBEL, 1955). Uma das maneiras encontradas de aliciar os mercados sul-americanos, principalmente ao envio de substitutivos em máquinas às áreas de colonização alemã, estava na expansão da construção naval e empresas transportadoras que, ao lado da *Zollverein*⁹⁰ e das ferrovias, alicerçaram a industrialização prussiana. Por conta disso, assumia papel relevante uma grande firma alemã em cada um dos principais portos — Theodor Wille, comerciante importador de máquinas em Santos com ramos de atividade em São Paulo e Rio de Janeiro; Hermann Stoltz, dono de uma companhia de navegação no Rio de Janeiro e capitalista industrial (HOLLANDA & CAMPOS, 2004); Martin Bromberg, comerciante de ampla diversificação e aplicação de capitais, em Porto Alegre (PESAVENTO, 1994); e Carl Hoepcke, semelhante a este último, em Desterro/Florianópolis.

Concentravam-se diversos consulados na Capital e em outras cidades, a exemplo de Brusque, Blumenau, Joinville e Itajaí, sendo cônsules os membros de origem alemã mais destacados da burguesia mercantil como lideranças regionais do comércio, que exerciam subsidiariamente as funções de agentes de imigração e relatores da situação econômica aos países de sua competência, dando, porém, um

⁹⁰ Cf. Niveau (1969), o *Zollverein* foi uma união aduaneira, instituída pelo governo da Prússia em 1834, permitindo a livre circulação de homens e capitais entre todos os Estados alemães. Dessa forma, a unidade econômica através de um “mercado comum” surgira antes da unidade política, enquanto um fator favorável ao estímulo do desenvolvimento industrial.

peso maior às questões financeiras do que às diplomáticas.⁹¹ Devido à acumulação dos encargos portuários, tanto da firma exportadora quanto pela incumbência consular, estes indivíduos se adiantavam nas informações cambiais e sobre o andamento dos capitalistas em seus negócios. A nomeação do cargo era tão importante para determinadas firmas que a passagem do mesmo chegava a ocorrer dentro da própria família. O contato internacional consolidava decisões tomadas pelo alto sem conflitos no dimensionamento dos mercados porque a via prussiana, embora mais elitista, permitia a ascensão de uma classe média rural através de papéis políticos, que inseridos na pequena produção mercantil assumiam as especificidades regionais.

Em Desterro, os capitais comerciais foram emergindo de iniciativas implementadas por alguns indivíduos locais (ex-mercenários alemães, ex-militares ou colonos), no direcionamento de capitais das colônias novas e na instalação de filiais alemãs. Ulrich Häberle, oficial no Rio de Janeiro, que possuía uma casa de comércio em Blumenau, de lá, mudou-se para fundar, em 1847, uma loja de fazendas na rua do Príncipe (atual Conselheiro Mafra), comprada dez anos depois por Fernand Hackradt⁹² em sociedade com Karl Andreas Ebel, anteriormente também um ex-mercenário de guerra.⁹³ Häberle foi o primeiro a colocar preços fixos em produtos comercializados na cidade. Era proprietário de escravos e de amplo ponto comercial ao lado do Mercado Público. Os sócios Hackradt e Ebel investiram na construção de um moinho de vento para processar arroz⁹⁴ e num pequeno negócio de cigarros e charutos entre 1864-68.

⁹¹ Tornaram-se cônsules, por exemplo, nos seguintes municípios, com os nomes e respectivos países de sua atribuição: **Itajaí** - Guilherme Asseburg, vice-consulado da Alemanha; família Malburg, vice-consulado da Argentina, consulado do Uruguai e vice-consulado da Alemanha; **Desterro/Florianópolis** - Fernand Hackradt, Fernand Hackradt Júnior e Carl Hoepcke, consulado honorário da Prússia e Alemanha, consulado geral da Alemanha; vice-consulado dos Países Baixos e de Portugal; Ernest Vahl, cônsul da Áustria-Hungria; Michael Tertschitsch, consulado da Áustria; Carlos Victor Wendhausen, vice-cônsul da Argentina; Ernest Riggerbach, cônsul da Suíça; **Brusque** - Carlos Renaux, vice-cônsul da Alemanha (REIS et al, 1999; ENTRES, 1929; SOARES, 1990; MAMIGONIAN, 1960).

⁹² A principal origem dos recursos de Fernand Hackradt advém da liquidação de uma firma agrícola e industrial, da qual detinha 60% do capital em sociedade com Dr. Blumenau, deixando o mesmo sem dinheiro e com dívidas, já que registrara os lotes no Ribeirão da Velha sob o seu nome e não no da empresa (RICHTER, 2004; D'AMARAL, 1950). Avé-Lallemant (1953), observou na sua visita a Desterro em 1858, Hackradt como o mais expressivo representante alemão.

⁹³ Segundo o Diário de Reinoldo Gärtner (escrito a partir de 1851), a transação de venda do negócio de Häberle custou 74\$000. Antes de passar o negócio para frente, Häberle chegou a emprestar dinheiro ao Dr. Blumenau (ENCICLOPÉDIA SIMPOZIO, s.d.).

⁹⁴ Consta no anexo 3, uma ilustração deste moinho de arroz, além de outras iniciativas tratadas neste capítulo.

Os negócios foram se desenvolvendo até que Ebel se desligou da firma⁹⁵ para fundar uma loja de artigos têxteis na Capital, com filial em Itajaí, cujo contato era realizado por meio de um grande veleiro próprio, que providenciava, inclusive o fretamento até o Rio de Janeiro. Com o seu falecimento em 1888, a firma continuou por meio do nome “Viúva Ebel & Filho” sob a liderança de Ricardo Ebel (o filho) que, em 1913, fundou a fábrica de rendas e bordados em sociedade com Carl Hoepcke (REIS et al, 1999). Com o falecimento da viúva e de seu filho, foi criada pelo herdeiro a firma “Otto Ebel & Cia”, que continuou a ampliar os negócios, sucedido pela administração de seu genro Fritz Suchert. Esta firma, por sua vez, tornou-se uma das mais conceituadas casas comerciais de tecidos, vidros e brinquedos da cidade.⁹⁶

De acordo com Hübener (1991), até o início da segunda metade do século XIX, o centro urbano se dividia em três categorias comerciais:

- a) Comércio portuário
 - atacadistas ou comissários de grandes companhias nacionais e estrangeiras com firmas situadas na rua Augusta (João Pinto) e Largo do Palácio (rua Tenente Silveira);
 - varejistas ou retalhistas, concentrados na rua do Príncipe (Conselheiro Mafra);
 - atividades artesanais com comercialização própria (em menor número);
- b) Exportadores de farinha de mandioca
 - principais firmas: “Barbosa Veiga & Cia”, “Boaventura da Costa Vinhas”, “Domingos Luiz da Costa”, “Ernesto Vahl & Cia”, “João Prado Lemos & Cia”, etc;
- c) Casas comerciais britânicas
 - consignatários: “Antônio Joaquim Wanzeller”, “Wellman & Bade”.

⁹⁵ Cf. Entres (1929) os primeiros balanços de 1857, dão um fundo ativo de 9:647\$206. Em 1864, o patrimônio se indica maior, cerca de 69 contos de réis, do qual uns 8 contos de réis ficou direcionado para abrir a fábrica têxtil que se constituiu pela saída de Ebel da sociedade.

⁹⁶ Cf. Boletim Comercial (mar/1920), a “Casa Otto Ebel” vendia uma variedade de artigos têxteis: brim branco, fustão branco, cassa branca, etamine branca, pongee branco, tecidos drancos, laize branca, colchas brancas, meias brancas e *nanzouck*. A loja ficava na rua da República (hoje rua Felipe Schmidt).

Nas décadas seguintes, aparecem como armadores aproveitando o fluxo de pessoas e mercadorias, Antônio Joaquim Wanzeller⁹⁷ e Boaventura da Costa Vinhas, ao lado de João Pinto da Luz⁹⁸ (REIS et al, 1999), indicando o desaparecimento dos exportadores exclusivos de farinha. A farinha de mandioca, maior gênero exportável do porto, vinha dos engenhos situados nas áreas sul-catarinense e faixa marítima próxima em menor quantidade. Representava a “economia açoriana” tendo oscilação de acordo com a demanda nacional. O seu melhor desempenho comercial foi registrado no triênio 1866-1869, quando alcançou 79,23% do total exportado ao Rio de Janeiro, deveu-se a um momentâneo deslocamento de demanda para o sul devido à alta de preços do algodão e café do comércio exportador junto à procura elevada no atendimento das tropas durante a Guerra do Paraguai. Justamente neste período de maior exportação, a queda no valor da moeda brasileira acabou anulando os efeitos positivos que poderia ter gerado à Província (HÜBENER, 1981).

A qualidade inferior da farinha condicionou a produção interna a um mercado restritivo ao Rio de Janeiro, sem o desenvolvimento do comércio interprovincial de algumas manufaturas (BOSSLE, 1988). No sentido de suprir esta necessidade de mercado, a praça de Desterro foi se tornando favorável em aumentar a importação de produtos por causa do aumento da navegação comercial de longo curso sobre a de cabotagem. A abertura internacional se intensificou em duas etapas. Em 1870-71, obteve o despacho de Uruguai (76,81%), Argentina (17,05) e Cidades Hanseáticas (6,14%), onde a farinha participava com 77% do total exportado; e 1885-86, Inglaterra (45,95%), Alemanha (32,81%), Estados Unidos (11,94%), Uruguai (5,20%), e somadas, França, Bélgica e Holanda (4,10%) (HÜBENER, 1981). A exportação de gêneros de baixa rentabilidade e os altos impostos de importação praticados⁹⁹ foram entraves lentamente amenizados por causa da preferência dada nas colônias novas aos

⁹⁷ Seu nome verdadeiro era Antônio Joaquim da Costa, Trata-se de um português que inicialmente trabalhou como caixeiro-viajante em Pernambuco. Negociante e armador em Laguna e, mais tarde em Desterro, assumiu posições militares e foi deputado provincial, entre 1860 e 1865, em dois mandatos (PIAZZA, 1994).

⁹⁸ João Pinto da Luz, de origem coronelista, era negociante e armador, chefe do Partido Cristão, fundado em 1847 (BOLETIM COMERCIAL set/1922).

⁹⁹ Cf. Hübener (1981) em carta dirigida ao presidente da Província, em 1883, assinaram pedido de intercessão contra as taxas definidas pelo governo imperial, os seguintes membros das principais firmas desterreenses: João do Prado Lemos, Carl Hoepcke, Manoel Ferreira dos Santos Magano, Antônio Brinhoza, Bittencourt & Rodrigues, Joaquim M. Jacques e outros.

produtos e máquinas alemãs e dos acordos firmados diretamente com os portos de origem (Hamburgo, Liverpool, Nova York e Richmond). Em 1874, a área portuária-comercial passou a se comunicar por telégrafo com as grandes capitais do mundo, devido ao fato de que a *Western Telegraph Cable Company* precisava de estações de apoio para levar o cabo submarino até Buenos Aires.

É neste momento que os comerciantes luso-brasileiros passam a ser substituídos por comerciantes de origem alemã. Estes promovem a chegada de uma ampla variedade de artigos nunca antes vistos e de alto valor agregado, modernizando as transações mercantis, bem como intensificando as relações comerciais de Desterro com outras praças catarinenses (BASTOS, 2000). A atuação em atacado e varejo compartilhada pelas mesmas empresas, veio a facilitar a expansão comercial nos sentidos vertical e horizontal, conforme as demandas locais e os contatos efetuados no exterior, graças ao crédito associado com o ramo de exportações no estrangeiro. Neste intercuro, as casas comerciais de representação britânica foram cedendo lugar às sociedades teuto-brasileiras, como é o caso da firma “Wellmann & Bade”.

A “Wellmann & Bade” tornou-se a sociedade controladora da *Hamburger Firma* na sua filial de importação-exportação, atendendo, por cabotagem, ao Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.¹⁰⁰ Eduard Wellmann¹⁰¹ retirou-se da sociedade em 1877, quando a firma passou a se denominar “Bade, Kirbach & Cia”, com Carl Kirbach como chefe da filial. Ernest Vahl se tornou procurador da firma. Este, por sua vez, juntamente a Franz Sallenthien (importante colonizador em Itajaí e dono de serraria em Brusque), assumem a empresa em 1882, passando a denominá-la “Ernesto Vahl & Cia”. Em 1898, entrou como sócio Reinold Sallenthien, ocasião em que o nome da empresa é alterado para “Ernesto Vahl & Sallenthien”. Na contratação de dois especialistas na Alemanha, em 1904 – Ernest Stodieck, um comerciante ferragista, e Hermann Beck, um técnico têxtil (HERING, 1987) – ocorre uma nova mudança de procuradores e proprietários dando origem, então, a “Ernesto Beck & Cia”. Funcionando desde 1859, a

¹⁰⁰ Cf. Entres (1929) antes de possuir a terceira parte da sociedade, a firma dispunha de um significativo capital comercial que, em 1864, já estava em 255 contos de réis, liderando as movimentações comerciais até que a firma Hoepcke (sucessora de Hackradt) estivesse em vantagem.

¹⁰¹ Nesse momento, Wellmann prestou auxílio financeiro e técnico a Fernand Hackradt. Hering (1987) acredita que, devido ao estímulo dado a empresa, Hackradt resolveu trazer da Alemanha a sua irmã e sobrinhos, assentando-os em Blumenau. Três anos depois, em 1866, Carl Franz Albert Hoepcke começa a trabalhar com o seu tio em Desterro.

firma atuou como exportadora de farinha de mandioca, tapioca, couros e do “café da ilha” para a França. Nos anos 1930, atua também no comércio de fazendas e ferragens¹⁰², como a segunda maior atacadista de importação até 1941.¹⁰³

Fernand Hackradt formou um expressivo complexo de empreendimentos (moinho, casa comercial, fábricas e embarcações) com a casa varejista e exportadora de Desterro em contato com a filial no município de Blumenau (CZESNAT, 1980). Foi o seu sobrinho Carl Hoepcke quem conseguiu, ainda enquanto guarda-livros (contador), passar a firma para o ramo atacadista e ampliar a exportação dos gêneros agrícolas diversificando a importação de produtos das praças nacionais, européias e norte-americanas em função da ampliação da capacidade de transporte com o fretamento de navios à vela, o que reduziu os custos em pelo menos a metade (MÜLLER, 2007). Em 1877, Carl Hoepcke assumiu a direção da importação de mercadorias vindas da Europa com veleiros, que antes se realizava através da agência central do Rio de Janeiro, responsável pelo comércio ultramarítimo. A transferência do patrimônio de Hackradt aos irmãos Carl e Paul Hoepcke para chegar ao registro inicial da firma Hoepcke, em 1883, aconteceu dentro da própria firma em poucos anos. Em 1871, Fernand Hackradt Júnior assume a parte que cabia ao pai como sócio comanditário (maiorista). Carl Hoepcke se torna o maior acionista (40%) em 1881. Em 1882, entra na sociedade Carl Scharff. A mudança da razão social tinha por finalidade dar continuidade à firma anterior, pois, assumiu todo o ativo e passivo com capital de 492:270\$000. Em 1890, Carl Scharff retira-se da firma, ocasião em que Carl Hoepcke detinha (33%), Paul (32%) e Fernand Hackradt Júnior (14%). Em 1892, foi a vez de Paul Hoepcke desvincular-se da empresa e, em 1899, sai Fernand Hackradt Júnior, entrando como sócios solidários de Carl Hoepcke, o filho Carl Hoepcke Júnior e Carlos Malburg¹⁰⁴, seu genro e comerciante em Itajaí (CZESNAT, 1980). As demais firmas desterrenses seguiram o mesmo caminho como importadores atacadistas que, pouco a pouco, foram se especializando em alguns setores (ENTRES, 1929).

¹⁰² Guia do Estado de Santa Catharina, 1935.

¹⁰³ Boletim Comercial, set/1941.

¹⁰⁴ Carlos Malburg, filho de Nicolau Malburg (fundador da Casa Malburg em 1860), casou-se com Helena Hoepcke, por isso, veio a se tornar sócio da grande companhia na Capital. A propósito, através do casamento das filhas de Carl Hoepcke, foram atraídos novos investidores, entre os quais Zipser-Molenda e Weineck Alperstedt. E os parentes da esposa do seu filho Carl Hoepcke Júnior, Dietrich e Hans von Wangenheim, também como diretores e principais acionistas da empresa (HERING, 1987).

A articulação conjunta dos comerciantes aliada às reservas de capital seguiu a ascensão mercantil durante o ano de 1879, quando o governo imperial criou uma tarifa especial mais baixa para produtos importados pelo Rio Grande do Sul do que por Santa Catarina, gerando alguns prejuízos ao comércio desterrense por causa do deslocamento no aumento da balança para Porto Alegre, dada a alternativa de trazer as mercadorias através do seu porto. A situação catarinense passou a se modificar quando as colônias novas ganhavam mercados durante a substituição manufatureira de importações na fase depressiva do 3º Ciclo Longo (1873-1896), período no qual os comerciantes de Desterro também passam a se articular com os empreendedores dos vales atlânticos ao norte, onde predominavam elementos de origem alemã como operários das fábricas e no comando das mesmas, além do fato de que aconteceu a inserção mais intensa no comércio da Capital de casas de *import-export* com dirigentes de origem alemã, austríaca e suíça. Neste instante, os portos de São Francisco e Itajaí respondiam por dois terços do comércio exportador (HÜBENER, 1991). Também a partir da década de 1880, se integraram ao comércio da Capital, elementos da comunidade grega, e na virada do século, diversas famílias sírio-libanesas, abrindo casas de secos e molhados (CEAG, 1980).

Assim, a Capital passou a controlar, hegemonicamente, o comércio de importação. Este processo histórico que imprimia transformações de ordem sócio-espacial na organização portuária anterior, além do fato de que as firmas assumiram o comércio por meio de representações estrangeiras, também está relacionado a um excedente local na mão-de-obra de estivadores, canoeiros, timoneiros, marinheiros e reparadores de embarcações atribuído aos “negros de ganho” como base de tais ofícios mais do que em outros, consolidando as atividades ligadas à estrutura produtiva e, com isso, numa divisão social do trabalho.¹⁰⁵ De certa forma, a existência de negros de ganho na área portuária contribuiu para repelir o êxodo de artesãos da primeira geração dos imigrantes alemães assentados no continente próximo, o que reforçava o arranjo

¹⁰⁵ Cf. Cabral (1972, p.98): “Os machos davam bons marinheiros que os senhores, quando não eram eles mesmos os armadores ou mestres de embarcação, alugavam aos que o fôsem.(...) Poucos anúncios, entretanto, pois nas rodas marítimas sabia-se quem estava para ser vendido e quem andava buscando comprar. Na rua augusta [hoje João Pinto] qualquer um saberia informar. Era a rua dos armadores, dos negociantes que faziam suas transações por grosso e viviam às voltas com o comércio marítimo.” Silva (1992) também salienta os negros de ganho se especializando nos serviços de embarcação.

de dois sistemas comerciais de simples troca — a pequena produção mercantil interiorana (gêneros agrícolas) e a burguesia ligada ao comércio de importação-exportação na ilha (artigos industrializados).

Alguns investidores ligados à firma Hoepcke possuíam determinado parentesco ou sociedade com as indústrias Renaux, Hering e Garcia, de forma que as três auxiliaram a impulsionar o comércio da Capital, através da transferência de capital-dinheiro (HERING, 1987). O contrário também aconteceu, migrando em sociedade para a “Empresa Industrial Garcia”, Frederico Guilherme Busch¹⁰⁶ e depois, um ramo da família Stodieck. No início das atividades, Carlos Renaux abriu sociedade com Paul Hoepcke e August Klappoth (um agricultor de Brusque), com os quais adquiriu 26 teares na Alemanha (ENTRES, 1929; MAMIGONIAN, 1960). De acordo com a observação de Cunha (2005), esta volatibilidade se deve à atração de capitais de risco até o início do século XX, frente ao impulso econômico das exportações de madeira e erva-mate em Itajaí e São Francisco do Sul, já que Florianópolis até então não concorria na produção de artefatos em bordados, camisarias e meias.

É de se inferir, portanto, que, quando se rompe a crise, no final do século XIX (1873-1896), com o declínio do latifúndio nas redondezas de Desterro¹⁰⁷, a burguesia comercial se preparava ao processo substituidor de importações baseado, principalmente, na ampliação dos seus mercados através da articulação do transporte marítimo de longo curso com o de cabotagem. Nesta fase, a firma Hoepcke está mais afinada com o movimento nacional de substituição de importações, dada a conexão com as fontes de capital europeu e gradualmente pelo reinvestimento, além do crédito

¹⁰⁶ Tornou-se um investidor bastante capitalizado sob vários negócios em Blumenau. Em 1889, em sociedade com Probst e Sachtleben, comprou a indústria Garcia de Nicolau Malburg, quando a mesma já possuía 32 teares. Em 1903, Busch importa o primeiro veículo automotor de Blumenau. No ano seguinte, funda o Cine Busch, um dos primeiros do país. Em 1908, inaugurou a usina hidrelétrica de Pocinho. Também foi responsável pelo pioneirismo de exportar laticínios em escala comercial (ENTRES, 1929; LUZ, 2000; MORITZ, 2000).

¹⁰⁷ É preciso chamar a atenção para o fato de que, nesta época, havia uma respeitada classe de fazendeiros abastados no município de São José, dentre os quais uma matriz política da família Ramos: Francisco da Silva Ramos, vereador em três mandatos (1843-45, 1853-57 e 1865-69) e depois Presidente da Câmara Municipal; sucedido nos mesmos cargos pelo seu filho Francisco da Silva Ramos Júnior (GERLACH & MACHADO, 2007); e o filho João da Silva Ramos, foi deputado provincial (1880-83), ano em que se tornou vereador de São José, e depois, a partir de 1893, presidente da Intendência de Florianópolis, além de várias vezes eleito superintendente substituto (prefeito) e deputado do congresso representativo do Estado (TANCREDO, 1998). Vale enfatizar que Francisco da Silva Ramos vem a ser bisavô paterno de Aderbal Ramos da Silva que, além de uma carreira política bem-sucedida, assumiu através de casamento o comando das empresas Hoepcke a partir da década de 1940.

necessário para a compra e instalação de máquinas e equipamentos que lhe proporcionavam os seus fornecedores, na maioria de origem alemã, seguida de firmas inglesas e norte-americanas.¹⁰⁸

Em 1895, é fundada a Empresa Nacional de Navegação Hoepcke (ENNH), com lanchões e embarcações a vapor (Max, Meta e Ana), estas inteiramente produzidas na Alemanha. Na virada do século XIX-XX, a firma Hoepcke representava o maior conglomerado empresarial catarinense, mantendo filiais nas principais cidades (Blumenau, Laguna e São Francisco do Sul) e, pouco depois, em Lages¹⁰⁹, com lojas e armazéns próprios. Carl Hoepcke inaugurou a fábrica de Pontas de Paris (pregos) em 1896, depois, em 1903, a de gelo, e em 1907, o estaleiro Arataca. Em 1917, a firma Hoepcke comprou as ações que faltavam para comandar a fábrica de rendas e bordados, até então partilhada com Ricardo Ebel. Porém, o principal ramo de atividade da firma Hoepcke, continuou a ser a ampla diversificação comercial-atacadista proporcionada pela importação marítima de máquinas e mercadorias industrializadas.¹¹⁰

¹⁰⁸ A lista de fornecedores e empresas as quais a firma representava é bastante extensa — de transportes marítimos *Hamburg Südamerikanische Dampfschiffahrt-Gesellschaft* e a *Norddeutsche Versicherungs-Gesellschaft*, *Prince Line* de Liverpool, *Norddeutscher Lloyd*, empresa de navegação aérea *Condor Syndikat*, que faziam a rota Porto Alegre-Rio de Janeiro, com escalas em Florianópolis. De indústrias fabricantes de máquinas e equipamentos — *AEG*, *Mannesmann*, *Rudolf Sack*, *Wanderer-Werke*, *A. G. Schoenau bei Chemnitz*, *Gasmotoren Fabrik Deutz*, *Kirchner & Company*. De veículos e peças — *Ford Motor Company*, *Vacuum Oil Company*, *The Goodyear Tire & Rubber Company*, *R. Wolf, Magdeburg*, *Buckau*. De material para ferrovias — *Orenstein & Koppel*. De petróleo e combustíveis — *Anglo Mexican Petroleum Company*, *Standard Oil Company do Brasil*. Bancos — *Brasilianische Bank fur Deutschland*, *London & Brazilian Bank Ltd.*, *Banco do Brasil*, *Banco da Província do Rio Grande do Sul*, *Deutsche Bank*, *Deutsche Überseeische Bank*, *Banco Nacional do Comércio*, *Banco Pelotense*, *Banco Francês e Italiano*, *Banco Germânico da América do Sul* e *Banco Alemão Transatlântico* (REIS et al, 1999; Carl Hoepcke & Cia. In: Carta de Ofício ao Governador. APESC, v.2, Abr/Jun, 1909, fl.84).

¹⁰⁹ Cf. Costa (1982) Carl Hoepcke visitou Lages em 1870, para analisar as suas possibilidades econômicas. Em 1918, abriu filial através de Walter Hoeschl, comercializando as máquinas de beneficiamento de madeira e motoserras da marca alemã *Kirchner & Cia*, que, segundo SILVEIRA (2007), respondia pelos equipamentos mais avançados da época.

¹¹⁰ Os anúncios de propaganda confirmam esta permanência em importação de máquinas — **década de 1920:** representação da *General Eletric do Brasil* (motores, dínamos e material elétrico de toda a espécie); **década de 1930:** Casa importadora de artigos estrangeiros e nacionais por atacado de produtos de toda espécie da Indústria Nacional. Secção especial tecnica com grande stock de machinas agrícolas, motores, machinas para serrarias, oficinas mecânicas, etc, etc, depósito de carvão; **década de 1940:** Matriz em Florianópolis e filiais em Blumenau, Cruzeiro [hoje Joaçaba], Joinville, Lages, Laguna, São Francisco e mostruário em Tubarão. Venda de ferragens, ferro, cimento, vidros, louças, tecidos, armarinhos, tapetes, perfumarias, máquinas em geral, material elétrico, eixos de transmissão, correias de couro, bombas d'água, peças, pneus e câmaras para autos; gazogênio a lenha para caminhões. Fábrica de pregos e de gelo. Estaleiro para reparo de embarcações. Navegação, Despachos, Consignações; **década de 1950:** Filiais em Blumenau, Joinville, Joaçaba, Laguna, Lages, São Francisco, Tubarão, Curitiba. Secções de máquinas, fazendas, ferragens, drogas, *Autoshell*, posto de serviço para automóveis. Agências da ENNH em Laguna, Itajaí, São Francisco do Sul, Paranaguá, Antonina, Santos e

Os negócios de importação requeriam, segundo Dean (1991), certo número de operações realizadas *in loco* fazendo com que o importador exercesse uma perícia técnica de instalação de determinados equipamentos, o que o obrigava a completar no local a manufatura dos artigos caros a serem embarcados totalmente transformados, como pregos, cervejas e caldeiras. Nesse sentido, a inserção da firma Hoepcke nos ramos industriais que implantou em Florianópolis, está ligada, efetivamente, ao suprimento de demandas locais, como aconteceu com o prego para as necessidades de construção, o gelo necessário ao condicionamento de pescado e outros gêneros transportados pelos navios, o estaleiro na manutenção das embarcações da ENNH, e a fábrica de rendas e bordados, ligada ao pioneirismo da firma referente à sua inserção em novos mercados.

Além disso, as oscilações de câmbio, bastante freqüentes até o começo do século XX, propiciaram oportunidades na importação de maquinários baseadas nas reservas monetárias, sendo estas melhor retidas através do recrudescimento empresarial. Antes mesmo da montagem de suas fábricas, a firma Hoepcke já importava máquinas para as colônias novas, quando aquelas indústrias estavam apenas iniciando o seu processo de implantação. O próprio Carl Hoepcke, em carta enviada ao Dr. Blumenau então residindo na Alemanha, no ano de 1898, observou com cautela este período de mudança cambial, diante do quadro majoritário de fazendeiros na primeira metade da 2ª dualidade e, ao mesmo tempo, acreditando na estabilização de sua firma:

O (arranjo) — plano financeiro Campos Salles — é bom e tem condições de melhorar a situação. Porém, isto só poderia ser definitivamente alcançado, se fosse posto um fim na corrupção administrativa do Brasil e nisto não posso crer. (...)

A crise de caixa eu a considero muito grave; ao meu entender temos que esperar uma super-produção geral. Com a melhoria do câmbio a situação brasileira se tornará mais aguda e muitos fazendeiros irão à falência e sem dúvida darão vultosos prejuízos aos institutos financeiros. Mas o que goza de saúde, superará estas crises, mesmo que elas durem, conforme eu julgo, muitos anos (HOEPCKE, 1994, p.107).

Rio de Janeiro. Secção de máquinas na rua Felipe Schmidt com enceradeiras, liquidificadores, aspiradores de pó, bateadeiras, refrigeradores, exaustores, aquecedores e demais aparelhos elétricos, lustres de cristal (BOLETIM COMERCIAL, mar/1920, fev/1930, out/1944, jul-ago/1955).

A década de 1890 é marcada pelo surgimento das “Fábricas de Pontas de Paris” em território nacional, como uma indústria pioneira de beneficiamento de metais, a maioria delas instalada em zonas portuárias, nas cidades do Rio de Janeiro, Recife, Joinville (1895), Belo Horizonte (1898) e Porto Alegre (1901), esta última, através da capitalização de João Gerdau saído de um município periférico onde era vendista (PIAZZA et al, 1981; PESAVENTO, 1994). Instalada no cais Rita Maria, a fábrica de pregos, depois registrada como “Metalúrgica Hoepcke Ltda”, tornou-se a quinta mais antiga do país e, provavelmente a principal do sul-brasileiro até a década de 1950, quando começou a decrescer. Fundada com maquinário importado, compreendendo um motor a vapor a base de lenha com 15 cavalos de força, para mover 10 máquinas de fabrico de prego, 03 de brunição (polidores), ligadas estas por uma correia de transmissão ao eixo acionador conectado à caldeira, além de 01 serra mecânica para corte de madeira necessária aos caixotes para acondicionar os produtos e 01 máquina movida à mão para cortar o material no fabrico de caixas. Inicialmente, contava com 17 operários e produzia 330 Kg/dia (PIAZZA et al, 1981).

O funcionamento e conservação do maquinário estimulou a criação de uma oficina para troca de peça e poucas aquisições para substituí-lo, mas a linha de produção e a área física foi aumentada na década de 1920, quando a máquina maior que fabricava pregos de 12 polegadas passou a produzir até 1.000 Kg diários, e a menor máquina, responsável pela produção de pregos usados em caixas de charuto era de 20 a 30 Kg/dia (REIS et al, 1999), somente no atendimento do mercado nacional. Até o Rio de Janeiro, a produção seguia com os navios da ENNH e, de lá, era distribuída pelos navios do Lloyd Brasileiro e Costeira.¹¹¹

Na década de 1940, para continuar alimentando a caldeira movida à lenha, anexou-se uma chaminé de tijolos, justificada pelo custo inferior em relação à eletricidade que, na década seguinte, tardiamente passou a incorporar a fábrica. Em

¹¹¹ Cf. Doutorando Márcio R. T. Moreira, o tipo de navegação realizado pela “Companhia Nacional de Navegação Costeira” (fundada em 1882) e pelo “Lloyd Brasileiro” (fundado em 1890), diferencia tais companhias. As duas refletem a amplitude das operações a partir do Rio de Janeiro, alcançando o auge entre as décadas de 1920-50, quando o Lloyd Brasileiro foi a maior companhia armadora da América do Sul e a Costeira possuía uma frota de 30 embarcações. O Lloyd Brasileiro foi quase toda a sua existência uma companhia estatal atendendo, principalmente, a rotas internacionais combinadas em menor grau à distribuição de cabotagem nacional, enquanto a Costeira, de natureza privada até a sua incorporação ao patrimônio nacional em 1942, atendeu apenas a linhas domésticas (Informação verbal, 2008).

1955, havia 82 máquinas na fábrica, a maioria delas ao fabrico direto de pregos. Às vésperas do seu fechamento durante a década de 1980, notava-se 58 máquinas de vários tipos e procedências: 21 alemãs, 05 sem marca, 02 nacionais e 01 norte-americana (PIAZZA et al, 1981). Uma das justificativas à estagnação que a conduziu até a posterior decadência, está na falta de técnicos para imitar ou adaptar as máquinas, aproveitando o momento de impulso da industrialização brasileira a partir dos anos 1950.

Desde o início da segunda fábrica, em 1903, acoplada a de pregos, a produção de gelo em barras num tanque por energia elétrica própria, atendia a cidade e arredores até que se modernizasse para fabricar gelo em cubos e escamas, numa média mensal de 75 toneladas de gelo em cubo e 63 toneladas de gelo em escama. O seu maquinário era formado por um compressor mais antigo, de marca dinamarquesa, e três nacionais, entre 10 e 30 HP de capacidade. Em 1999, a fábrica de gelo deixou de ser propriedade do grupo Hoepcke, sendo que, pouco depois, encerrou as atividades (REIS et al, 1999).

A fábrica de rendas e bordados, antes de ser totalmente absorvida pelo grupo Hoepcke, possuía 05 máquinas de bordar e 30 trabalhadores. As ampliações começaram entre 1920-27, aumentando para 26 o número de máquinas de bordar. Às máquinas automáticas de bordado, juntaram-se oficinas de branqueamento, pintura, acabamento, linha de fabricação de renda de bilro, com um total de 300 operários e um capital registrado de 900 contos de réis, sendo muitos de seus técnicos alemães ou descendentes (ENTRES, 1929). Em 1977, instalou uma filial no bairro Roçado, município de São José e, apenas no ano de 2000 ocorreu a transferência total de suas instalações, daí sendo desativada a unidade de Florianópolis (DOMINGOS, 2002), até então situada numa quadra de prédios fabris entre as ruas Conselheiro Mafra e Felipe Schmidt, na extremidade oeste do centro urbano. Atualmente com 160 funcionários, a “Fábrica de Rendas a Bordados Hoepcke S.A.” atende 60% a 70% da produção de itens especiais para grandes marcas do Brasil e do exterior em segmentos de moda, através de uma linha tradicional de barrados, entremeios, tiras e *laisés* de cambraia, vislumbrando implantar uma filial no município de Palhoça.¹¹²

¹¹² Departamento Pessoal da Hoepcke Bordados S.A. (Informação verbal, 2007); Entrevista da Sra. Silvia Hoepcke da Silva In: BENETTI, E. Silvia lidera virada da Hoepcke para a moda. Informe Econômico. *Jornal Diário Catarinense*. Florianópolis, 09 de março de 2008, p.29.

Cada qual, as fábricas Hoepcke criaram longevidades específicas, assinalando um tipo de investimento ligado à oferta e procura de mercados consumidores, principalmente alicerçado nos meios de transporte e na divisão social do trabalho. A década de 1950 foi um marco decisivo para a desaceleração dos negócios devido à decadência de vários portos brasileiros, fato também ocorrido com o porto de Florianópolis, ocasião em que a firma Hoepcke, através de novas aplicações e a retroalimentação de suas fábricas, transformou-se em única sobrevivente durante o processo de rodoviarização brasileira. A partir daí, as fábricas se voltaram apenas para o mercado regional, como aconteceu com as fábricas de gelo e de pregos, ou tiveram que acompanhar as mudanças tecnológicas, como foi o caso da fábrica de rendas e bordados.

O conglomerado Hoepcke apresentou fundamental importância para as trocas comerciais com o capital externo, porém, outras iniciativas econômicas tiveram um destacado papel comercial-industrial balizado nos capitais mercantis, a serem vistas consecutivamente.

Em 1835, proveniente do Rio de Janeiro, Eduard Gottlieb Otto Horn iniciou uma farmácia em Laguna. Atuando na filantropia como médico, o mesmo abriria a farmácia Raulino Horn (nome do seu filho) em Desterro, no ano de 1879, na rua do Príncipe, atual rua Conselheiro Mafra. No início do século XX, o laboratório apresentava projeção nacional por meio dos medicamentos da marca *Rauliveira*, com destaque para a famosa “Camomila Rauliveira” (MEIRINHO, 1999). A farmácia até possuía uma oficina tipográfica para rotulagem de seus produtos. Nessa época, a ilha era atendida por três postos de gasolina, pertencentes às firmas de Eduardo Otto Horn (neto de Eduard e sobrinho de Raulino), Carlos Hoepcke e Meyer & Cia, fornecida por bombas de funcionamento manual, situadas ao redor da praça Floriano Peixoto e cabeceira da Ponte Hercílio Luz (SILVA, 1995). Eduardo Horn trabalhava como agente da “Sociedade de Seguros Marítimos e Terrestres Porto Alegre”, cuja matriz ficava situada na rua João Pinto e tinha também uma filial em Laguna.

Os capitais de Eduardo Horn se abriram através de outras parcerias e trabalhando com comissões e consignações: Importação – vinho, sal, farinha de trigo, fósforos, azeite, charque, louças, ferragens, açúcar, sardinha, soda cáustica, canela,

papel, etc; exportação – farinha de mandioca, polvilho, tapioca, arroz, banha, feijão, café, frutas verdes, couros secos, cera de abelha, crina animal, etc. Passou a atuar também no transporte marítimo de volumes por representação da *The Royal Mail Steam Packet Company London*, a partir de janeiro de 1920, sendo que a firma André Wendhausen & Cia era o agente nacional, entre os portos de Londres, Hamburgo, Antuérpia, Paranaguá, Florianópolis e Porto Alegre. Eduardo Horn trabalhava ainda com a venda dos automóveis *Delahaye*, além de manter um depósito de farinha de trigo e de exportação em couros no Estreito. Nos anos 1920, com Pedro B. de Oliveira (um capitalista sul-rio-grandense) montou uma fábrica denominada “Fábrica Obras de Malha Limitada” para confeccionar camisas e meias, situada na rua Major Costa. O estabelecimento foi adquirido da firma “Progresso Catharinense”, cujo ativo e passivo a nova sociedade assumiu sob o nome de “Raulino Horn & Oliveira”. Na década de 1940, a firma encontrava-se em nome da filha de Raulino, denominada “A Horn Ferro” (Axires Horn Ferro), contendo um laboratório de produtos químicos e farmacêuticos, na rua Conselheiro Mafra, que possuía a concorrência de “H Brüggemann”, com firma situada na rua Saldanha Marinho.¹¹³

O quadro de atividades desenvolvidas pela família Horn é bastante parecido com o da família Wendhausen. Ambas as famílias apresentam a patente de coronel entre os seus membros, que acabou se atrelando aos capitais mercantis em consequência de uma vasta rede de influências que mantinham na Capital, e também do envolvimento dos fundadores destas firmas com a Guerra do Paraguai. Membros destas famílias tiveram também uma participação ativa nas campanhas republicana e abolicionista, que receberam o apoio de alguns comerciantes ao lado de intelectuais e militares, culminando, em 1887, na fundação do Clube Republicano de Desterro.¹¹⁴ Esta geração política, mais tarde, desestabilizou-se pela ação florianista (1893), ano em que Fernand Hackradt Júnior embarcou às pressas para Europa, onde se tornou cônsul do Brasil em Dresden e, em 1899, estabeleceu uma casa de comissões e consignações em

¹¹³ Guia do Estado de Santa Catarina (1935); Raulino J. A. Horn. *In*: Carta de Ofício ao Governador, APESC, v.2, Jul/Dez, 1903, fl. 25; Boletim Comercial, mar/1920, jul/1941, set/1941 e set/1942; Corrêa (1983).

¹¹⁴ Cf. IBGE (1959), entre 1884-1889, participaram de tais campanhas: José Henriques de Paiva, Carlos Guilherme Schmidt, Francisco Margarida, Manoel da Silveira Bittencourt, Germano e André Wendhausen, João da Cruz e Sousa, José Veiga, Raulino Horn, Severo Pereira, Fausto Werner, Emílio Blum, João F. Régis e os irmãos Barbosa. Até então, Germano Wendhansen era um vereador municipal.

Hamburgo. Tornou-se o único membro do clã Hackradt-Hoepcke que participou diretamente da política estadual no último quartel do século XIX, como deputado provincial por três vezes e presidente da Assembléia em 1886-87. Filiado ao Partido Conservador defendeu o regime monárquico, tendo sido um dos fundadores do Partido Federalista de Santa Catarina ao lado de nomes como Duarte Schutel e Eliseu Guilherme da Silva, que apesar de inimigos de Floriano Peixoto escaparam dos fuzilamentos na Ilha de Anhatomirim.¹¹⁵

A Revolução Federalista acabou provocando uma cisão política entre os comerciantes da Capital e dos vales das colônias novas alemãs. Estes últimos, representados especialmente por Lauro Müller e Felipe Schmidt, passaram a integrar o pacto de poder da 2ª dualidade unidos aos latifundiários lageanos. É preciso entender que, neste momento, a família Ramos acabou provocando boa parte das alianças entre as classes de industriais e pecuaristas, sem que, para tanto, desintegrasse este bloco hegemônico durante todo o período da 2ª dualidade, o que permitiu o seu domínio político catarinense no ciclo posterior. Depois da Revolução Federalista, somente se percebe comerciantes descendentes de alemães relacionados à política e associações de classe em Florianópolis, a partir do início do século XX. É o caso de Eduardo Otto Horn, que filiado ao Partido Federalista, assumiu, em 1893, a Secretaria de Governo, retornando ao quadro político estadual somente entre 1922-24, com o mandato de deputado estadual, certamente motivado por alianças com os Ramos, já que era casado com uma filha de Francisco Ramos da Silva (PIAZZA, 1994). Além dele, o seu tio Raulino, presidente do governo provisório catarinense durante a Proclamação da República (1889), apareceu novamente na política estadual como Senador em 1900, e, entre 1919 e 1922, enquanto deputado estadual, presidente da Assembléia e em quatro substituições ao governador Hercílio Luz (CORRÊA, 1983).

Originária a família da região próxima à ilha e operando inicialmente com a importação de ferragens e armarinhos, a empresa “André Wendhausen & Cia” apoiou-se numa ampla operação bancária por meio de representações estrangeiras e da agilização de várias atividades mandatárias e correlatas aos investimentos, dessa maneira, ligando os negócios de natureza nacional com o exterior. Vale acrescentar

¹¹⁵ Piazza (1994); Reis et al (1999); Piazza et al (1981); Bronaut (2004).

que, em 1915, André Wendhausen juntamente com Francisco Pereira Oliveira Filho, Emílio Blum, Paschoal Simone e Lauro Linhares, este último, representando a firma “Carlos Hoepcke S.A.”, tornaram-se sócios fundadores da Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF, 2008). Além de ter sido presidente da ACIF, o sucessor Carlos Victor Wendhausen diplomou-se deputado estadual em várias legislaturas, entre 1910 e 1930 (PIAZZA, 1994).

As propagandas de serviços prestados pela firma “André Wendhausen & Cia” atestam a sua ligação com diferentes escritórios financeiros e revenda comercial — 1909: agentes do *Banco do Brasil*, correspondentes do *Banco Comercial Ítalo-Brasileiro* (Rio de Janeiro e São Paulo), *Banco Aliança* (Porto Alegre e Rio de Janeiro), *London & River Plate Bank Ltd*, *Banco do Comércio* (Rio de Janeiro e Porto Alegre), *Banco Italiano del Uruguay* (Montevideú), *Banco de Itália & Rio de Prata* (Buenos Aires), fazendo operações em qualquer praça da Europa, América do Norte, Rio da Prata e Brasil — 1918: depósito de carvão de pedra *Cardiff* e *Americano*, agentes marítimos com trapiche de atracação de vapores, navios e armazéns de cargas, correspondentes do *Banco de Napoli*, remessas para a Itália, venda dos automóveis *Overland (Willis)*, tratamento na cobrança de ordenados, contas nas repartições públicas, retiradas na *Caixa Econômica*, juros de apólices e dividendos, aquisição de quaisquer materiais para empresas industriais, redes de água e esgoto, instalações elétricas, etc.¹¹⁶ A firma manteve uma agência atacadista em Lages, por um curto espaço de tempo (entre 1920-21), já que o movimento bancário local se relacionava com o do Rio Grande do Sul (COSTA, 1982).

Nas mãos de Carlos Victor Wendhausen, a firma investiu na compra da “Fábrica de Camisas Praia de São Luiz” (fundada em 1909), transformando-a, em 1917, na “Fábrica Santa Catharina”, instalada em edifício próprio e movida à energia elétrica, na rua Bocaiúva. Sob a nova administração, a produção foi triplicada em 1919, sendo vendida para os estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. O volume produzido era de 15 a 20 dúzias de camisas/dia, feitas por 26 máquinas comuns de cozer, 02 grandes máquinas de cazar e 02 máquinas de agulhas duplas (para pregar

¹¹⁶ Boletim Comercial, jan/1918; André Wendhausen & Cia. *In*: Carta de Ofício ao Governador, APESC, v.3, Jul/Ago, 1909, fl. 37.

mangas e fechar camisas).¹¹⁷ A firma ainda investiu na “Companhia de Carris Urbanos”, com bondes puxados a burro em alguns trechos da região central de Florianópolis.

O capital comercial da firma Meyer teve uma origem conturbada em Blumenau, onde, em 1855, além da venda semi-oficial de Victor Gärtner (sobrinho de Dr. Blumenau), havia a “Meyer & Spierling”, firma esta liquidada em 1884 devido à oscilação de preços, causando grandes transtornos à população (HERING, 1987). Em Desterro, a “Meyer & Cia” virou uma ampla importadora, concorrendo numa primeira etapa com a Hoepcke e a Moellmann na venda de ferragens, louças, vidros e cimento.¹¹⁸ Diferenciava-se por comercializar jóias agregando ainda, a revenda de veículos das marcas *Hudson*, *Chrysler*, *Dodge*, *De Soto* e *Plymouth*, através de uma filial localizada em Blumenau, na rua XV de novembro. A loja instalada na rua Conselheiro Mafra, na década de 1940, oferecia uma grande variedade de produtos, entre os quais, ferragens em geral, ferramentas, vidros e artefatos em lâminas, louças de pó-de-pedra e porcelana, material de construção, ferro de todos os perfis, ferro para construção, chapas de ferro, cobre e latão, cimento *Votoran*, tintas e vernizes *Reko*, pneus e câmaras de ar *Firestone*, acessórios para automóveis e caminhões, material sanitário, óleos lubrificantes para todos os fins, lâmpadas *GE* e material elétrico, além de atuar como agente depositário da *Atlantic Refining Company of Brazil*, através de um posto de serviço e abastecimento.¹¹⁹ A loja “Meyer & Cia” manteve-se em atividade até a década de 1960.

A análise das atividades da “Casa Moellmann” também fornece alguns subsídios para se perceber as raras possibilidades de ascensão no meio rural próximo a Desterro. A família, formada por imigrantes que se instalaram na colônia de Santa Isabel (hoje um pequeno distrito municipal de Águas Mornas), precisou economizar durante nove anos, com base no trabalho ambulante do pai e de dois filhos como pintores, vidreiros e fabricantes de tapetes na ilha, além dos demais membros da família na agricultura. Contaram com a ajuda de amigos para abrir uma loja de tintas e vidros no ano de 1869,

¹¹⁷ Boletim Comercial, jan/1918.

¹¹⁸ Cf. Bittencourt (1977) entre 1828-29 é construído o “Hotel Majestic”, de Miguel Daux, sendo que este edifício tem o mérito histórico de ter sido o primeiro de concreto armado na cidade. O seu construtor foi Augusto Hübell e o cimento importado em barricas (possivelmente do exterior) por Ernesto Meyer.

¹¹⁹ Silva (1995); Guia do Estado de Santa Catharina (1935); Boletim Comercial, jul/1943, Jornal A Gazeta 15/09/1943.

em prédio situado na rua João Pinto. Pouco tempo depois, a empresa abriu uma filial maior na própria região central da cidade, localizada na então rua Altino Corrêa (Conselheiro Mafra) com fundos para a rua Felipe Schmidt e ao longo da rua Jerônimo Coelho. A casa importadora de ferragens prosperou, principalmente em contato com Blumenau e Joinville (SILVA, 1969).

Dotada principalmente de venda por atacado, a “Casa Moellmann” precisava inovar em termos de variedade de produtos e foi o que aconteceu ao longo da sua trajetória: 1917 – comércio de fazenda e armarinhos, competindo com as casas Hoepcke e Wendhausen, além de uma fábrica de fogos de artifício e depósito de pólvora na Ilha das Vinhas (Baía Sul); 1919 – inauguração da filial em Blumenau, na rua XV de novembro; 1921 – fechamento da loja na rua Conselheiro Mafra; 1928 – a “Moellmann & Cia”¹²⁰ possuía revendedora *Chevrolet* e *Oakland*; 1935 – importadora de ferragens, louças, tintas, óleos, material sanitário, geladeiras, etc, e com a sociedade “Moellmann & Feijó” revendia veículos da marca *Volkswagen*¹²¹; 1943 – representava a venda de *Rádios Cruzeiro*¹²²; 1946 – “Comercial Moellmann S.A.” revendia automóveis e caminhões *Dodge*, além de peças para *Ford*, *Chevrolet* e *Dodge*.¹²³

Após a Primeira Guerra Mundial, perdera a concessão de veículos da *Ford* para a firma Hoepcke, e durante a Segunda Guerra Mundial, as da *Chevrolet* e *Volkswagen*. Durante o período de guerra, ocorreu a seguinte jogada política: a casa Hoepcke¹²⁴ cedeu a representação da *Ford* para “Tuffi, Amin & Irmão”, na rua Duarte Schutel, e a casa Moellmann a *Chevrolet* para a firma Hoepcke (MOELLMANN, 2002). Em 1951, quando a filial de Blumenau era o principal estabelecimento, encerrou-se a matriz em Florianópolis vendendo a sede blumenauense a antigos funcionários e bisnetos do fundador (Carl Moellmann), também descendentes de Ernest Stodieck (SILVA, 1969).

¹²⁰ Cf. Entres (1929), neste ano, a empresa obtinha um capital registrado de 2255 contos de réis.

¹²¹ O primeiro fusca de Florianópolis foi vendido por Firmino Boaventura Feijó, um dos donos da loja.

¹²² Neste mesmo ano, Jorge Daux era agente autorizado da *Phillips Rádio*, vendendo os seus produtos em loja situada na rua Conselheiro Mafra e Felipe Schmidt (BOLETIM COMERCIAL, ago/1942).

¹²³ Entres (1929); Mamigonian (1960); Moellmann (2002); Silva (1969); Guia do Estado de Santa Catharina (1935); Jornal A Gazeta, 10/09/1943; Boletim Comercial, fev/1928 e abr/1946; SILVA (1995).

¹²⁴ A firma Hoepcke, ainda enquanto razão social “Hoepcke Irmão & Cia”, introduziu a revenda dos veículos da marca *Studbaker*, depois passada, nos anos 1920, a Eduardo Horn e, em seguida, assumindo Saulo Ramos. A “Hoepcke & Cia”, vendia as marcas *Ford* e *Lincoln* até que transferisse a concessão por motivo da Segunda Guerra Mundial, quando os negócios internacionais de determinadas firmas foram temporariamente bloqueados (BOLETIM COMERCIAL, fev/1928; SILVA, 1995).

Em 1978, é lançada a loja em “castelinho”, quando já atuava com a venda de artigos têxteis e, mais tarde, uma filial em Balneário Camboriú; prosseguindo as atividades da empresa até 1999.

Assim como Moellmann, uma outra família protestante frutificada pela colonização alemã nas áreas fronteiras a Desterro/Florianópolis, originária de área situada atualmente no município de Santo Amaro da Imperatriz, é a firma Busch que ostenta a sua longevidade desde 1880.

Em 1898, as firmas “F. Y. Busch” e “Francisco Cabral & cia” assumiam a maior clientela da firma Hoepcke em Florianópolis, com transações no valor de 100:000\$000, superando as casas de “Campos Lobo & Cia”, “Carlos Meyer”, “Viúva Ebel & Filho” e “Rosa Medeiros Santos” (CZESNAT, 1980). Por conta dos volumes de importação no momento em que a companhia de navegação de Carl Hoepcke estava ampliando mercados, considera-se que as casas Busch e Meyer foram as principais parceiras do conglomerado Hoepcke até o início do século XX (MÜLLER & RICHEN, 2007). A sociedade “Busch & Schmithausen”, formava um expressivo negócio de artefatos em couro, exportando sandálias para Grécia (HERING, 1987). Mais tarde, a “Busch & Cia” comercializava artigos para seleiros e sapateiros. Em 1941, ainda revendia artigos em calçado, concorrendo com as empresas de “Viúva J. Ribeiro” e “João B. Peluso”. Em 1943, a “Victor Busch & Cia”, com uma loja situada na rua Jerônimo Coelho, representava a “Companhia Nacional de Papel e Celulose” no Estado.¹²⁵ A empresa se adaptou às demandas locais, atualmente trabalhando através da matriz instalada no centro urbano de Florianópolis e duas filiais nos municípios de São José e Biguaçu, para venda em atacado e varejo de plásticos e espumas.

É importante perceber o fato que, nesta primeira fase de ascensão comercial, as firmas Moellmann, Busch e Moritz se assemelham tanto na origem de capitais da região continental próxima da ilha, como ainda, em razão de serem famílias luteranas, mais raras nas áreas de ex-colônias alemãs que, estabelecidas em Florianópolis, puderam congregiar algumas relações de associativismo com outras firmas de origem alemã, durante o primeiro quartel do século XX, através da “Comunidade Luterana de

¹²⁵ Guia do Estado de Santa Catharina (1935); Boletim Comercial, jul/1941 e set/1941; Jornal A Gazeta, 04/09/1943.

Florianópolis”¹²⁶ e do “Clube Germânia”. Cabe acrescentar que, no início do século XX, foi bastante comum acontecerem casamentos entre alguns membros de famílias dos comerciantes florianopolitanos da época, como o laço que uniu Stodieck e Moellmann, bem como alguns ramos de Moritz e Moellmann, sendo que estes também apresentaram uma ligação de parentescos, através das famílias Amaral e Müller.

A primeira geração da família Moritz provém da localidade do Alto Biguaçu (hoje situada no município de Antônio Carlos) que, em meio a várias dificuldades se mudou para Brusque. Chegando à Capital, o patriarca Johann Moritz montou uma padaria em 1870, na rua Tiradentes, e depois, uma pequena cervejaria para obter fermento para os pães. Com a morte do pai, Carlos assume o acervo de máquinas do estabelecimento em 1888, anexando-o à sua padaria que funcionava na mesma rua. Com isso, João, o outro filho, passou a trabalhar na Padaria Treska¹²⁷, que pertencia ao seu cunhado. Em 1908, João Moritz montou uma padaria própria no bairro Figueira, hoje rua Conselheiro Mafra, mudando-se para a rua Tiradentes em 1913. No mesmo ano, viajou a Alemanha em busca de tecnologia avançada, adquirindo um moderno forno contínuo com tubulação sem costura da marca *Manessmann*, pelo qual a queima de lenha era substituída por um sistema de tubos aquecidos a vapor, sendo o primeiro deste tipo a funcionar no Brasil. João Moritz também adquiriu a primeira geladeira na cidade, uma *Frigidaire* da GM comprada na “Casa Moellmann”, substituindo o antigo modelo que não fabricava gelo, semelhante a uma espécie de armário. Em 1922, pegou fogo a então “Confeitaria e Café Modelo” de João Moritz, instalada na praça XV de Novembro, esquina com a rua Felipe Schmidt. Por este motivo, a panificação mudou para o prédio vizinho, ao lado do Palácio do Governo, onde comercializava pães, doces, salgados e bebidas. Na esquina da rua Felipe Schmidt com a praça XV de Novembro, funcionou “A Soberana” durante vários anos, considerado o primeiro sistema de auto-serviço da cidade. Mais tarde foi comprado o “Empório Rosa”, ao lado do Palácio do Governo, onde hoje está construído o prédio comercial denominado “João Moritz”.

¹²⁶ O anexo 4 demonstra o que sobrou atualmente da área que compreendia a “Comunidade Luterana de Florianópolis”, ou seja, a igreja e a casa da escola alemã.

¹²⁷ Empreendida por Francisco Treska, austríaco que chegou aos 19 anos como ferreiro. Foi professor no Capivari (atual São Bonifácio) e, mais tarde, fundou na Capital a Padaria Treska, na rua Deodoro, também dono de uma grande chácara na rua José Veiga (atual avenida Mauro Ramos) e chácara em Barreiros, no município de São José (JOCHEM, 1998).

Posteriormente, a “Confeitaria e Café Modelo” foi vendida para o seu irmão Henrique e Carlos Kather, um cunhado dos mesmos, além de técnico conceituado em confeitaria na Europa (MORITZ, 2006; MOELLMANN, 2007).

Em 1925, João Moritz dá início à fábrica de balas e bombons, retornando a Alemanha para adquirir novas máquinas, instalando-a, dois anos depois, na rua Tiradentes. Para isso, contratou Alfred Flach (técnico alemão) e trouxe de Porto Alegre (RS) Arthur Kilian (outro cunhado), ex-técnico da fábrica de balas da firma “Ernesto Neugebauer”. A partir daí, passou a fabricar algumas marcas conhecidas como *Rococó*, *Uva do Norte*, *Beijo*, *Língua de Gato*, *Azedinha*, *Eucaliptus*, *Nogatine*, *Rocks*, entre outras, além de doces como folheados e papo de anjo. No final dos anos 1920, as salas-ambientes da fábrica eram equipadas com dois motores de 15 HP e uma caldeira de vapor com pressão atmosférica, produzindo anualmente 150 toneladas de doces, sob um gasto de 188 toneladas de farinha de trigo (MORITZ, 2006; ENTRES, 1929). Em 1934, João Moritz, que se reunia a colegas engenheiros no antigo “Lux Hotel”, acabou auxiliando na fundação da Associação Catarinense de Engenheiros (MOELLMANN, 2007). Em 1935, a “Moritz & Cia” instalou a fábrica de massas alimentícias “Divina”, situada na rua Conselheiro Mafra, além de manter um pequeno varejo de pão, balas e biscoitos na rua Tiradentes. Neste mesmo ano, a venda dos produtos Moritz possuía uma representação de atacado em Curitiba, onde permaneceu até a década de 1940. Em 1943, a “Moritz & Cia” era formada por panificação elétrica, fábrica de caramelos e fábrica de massas alimentícias. Entre uma lista de firmas exportadoras da cidade, consta a “Moritz & Cia” com escritório e fábrica na rua Tiradentes, além de comércio na rua Conselheiro Mafra, e a firma de “Rodolfo G. Hickel”, na rua Almirante Lamego, dedicadas à produção de caramelos e balas.¹²⁸

Em 1947, atinge a firma Moritz um incêndio no prédio da rua Tiradentes, destruindo mais da metade das instalações de panificação e massas alimentícias. A partir daí, o pão passou a ser feito na padaria da Penitenciária do Estado. No mesmo ano, a empresa se modifica juridicamente, passando a se chamar “João Moritz S.A. Indústria e Comércio” (MORITZ, 2006). Como causas no decréscimo das fábricas Moritz, aponta-se o fato de que o governo brasileiro criou dificuldades na importação do

¹²⁸ Guia do Estado de Santa Catharina (1935); Paraná Mercantil, mai/1935; Boletim Comercial, jul/1941.

equipamento necessário para a renovação das mesmas após o sinistro (MOELLMANN, 2007). Em seguida, no ano de 1958, inaugurava-se o primeiro mercado no sistema de auto-serviço para modernizar “A Soberana”, instalada agora na rua Tiradentes, sob a administração de Charles Edgar Moritz, um dos filhos de João. Nos caixas, sob um total de oito atendentes, seis eram mulheres, na década a qual a mulher estava ingressando no mercado de trabalho florianopolitano (BEIRÃO FILHO, 2004). Ainda passou a ser pioneira na rede supermercadista, sob um total de quatro lojas do “Supermercado A Soberana”. Mais dois incêndios marcariam a trajetória dos negócios: um, em 1976, atingindo a fábrica de balas e depósito de mercadorias, ambos na rua Tiradentes, e outro, em 1980, numa parte do supermercado situado no bairro Estreito. Em 1997, houve desmembramento da empresa com uma cota em nome de “João Eduardo Moritz & Filhos Ltda” e a segunda, sob o domínio de “Charles Edgar Moritz” (MORITZ, 2006). Ao lado dos filhos, João Moritz dedicou-se ao ramo da construção civil, inicialmente edificando prédios nos terrenos dos anteriores imóveis comerciais no centro da cidade.

Ao mesmo tempo, no continente imediatamente fronteiriço, o bairro Estreito se desenvolvia sob a forma de apêndice do centro da cidade, abrigando depósitos de exportação como uma espécie de doca para as manobras de carga e descarga nos cais Rita Maria e Badaró, ou seja, as imediações da extensão portuária da rua Conselheiro Mafra, principal eixo comercial no início do século XX. Estes depósitos se diferenciavam pela gama de manufaturas para exportação direta à Alemanha (Hamburgo, Havre e Triest), chegadas por terra do planalto serrano, litoral próximo e das antigas áreas de colonização alemã e nacional lindeiras a Florianópolis, principalmente couros, café, cêra de abelha, crina de cavalo, chifres, tapioca, mamona, cereais, peixe e camarão secos, etc. A partir da década de 1920, o País se engajava na substituição de importações em bens de consumo simples, dentre as quais, através das primeiras indústrias alimentícias. O principal impulso para a função sub-espacial dada ao Estreito, está ligado à inauguração da Ponte Hercílio Luz que atraiu vendistas e pombeiros independentes, munidos de veículos comprados em financiamento que para este bairro se dirigiam a negociar os produtos entre a serra e o litoral (HATZKY, 2000). Neste caso, a ocupação urbana se amplia através da pequena produção mercantil regional porque os comerciantes investiram suas rendas na abertura de ruas e loteamentos no Estreito.

De tais comerciantes, destacaram-se Antônio Augusto Lehmkuhl, André Maykot, Ernest Riggerbach, João Müller e Herbert Janing.¹²⁹

Antônio A. Lehmkuhl¹³⁰, nascido em Vargem Grande (atual distrito municipal de Águas Mornas), sucedeu a firma do seu antigo patrão, o francês Afonso Micholet, casando-se com a filha do mesmo. Em 1920, mudou a razão social “Micholet & Lehmkuhl” apenas para o seu nome, envolvendo-se na política municipal e na acumulação de terrenos no começo da rua Fúlvio Aducci. Originário da localidade de Pinheiral, situada no atual município de Major Gercino, André Maykot¹³¹ possuía o mais sortido “secos e molhados” ao juntar gêneros alimentícios, tintas, vidros, madeira e venda de brinquedos em madeira. Graças ao apoio financeiro do mesmo, a igreja católica do bairro foi instalada sobre uma colina, contendo alguns traços góticos.¹³² Pioneiro em comprar uma máquina de fazer forro, importada de Santos (SP) através de Pedro Cherem, e também, no primeiro edifício de dois pavimentos no bairro, André Maykot loteou a rua Antônio Matos Areias e o seu irmão José, os terrenos onde passa a rua Eduardo Dias. Ernest Riggerbach, alemão-suíço que fundou em 1924 a sua firma exportadora, dedicava-se ainda à importação de sapatos, artigos para sapatos e ferramentas para sapateiros e seleiros no Estreito, além de representante dos produtos químicos *Ciba S.A.* e *Pearson & Cia* (creolina), na rua Francisco Tolentino.¹³³ O comerciante João Müller, iniciando com uma oficina de jóias em ouro e loja de relógios (ENTRES, 1929), mais tarde, incorporou o comércio do Estreito pela “Müller & Irmãos” com revenda de autopeças. Herbert Janing era um hamburguês que trabalhando na Casa Hoepcke capitalizou um comércio próprio (HATZKY, 2000). Vale destacar que até os anos 1940, praticamente não havia se integrado um núcleo comercial no bairro

¹²⁹ Entres (1929) e Boletim Comercial, jul/1941

¹³⁰ Cf. Lopes (1926) a sua antecedência familiar provém do tenente-coronel Francisco Antônio Lehmkuhl, eleito superintendente municipal de Palhoça em 1898, assumindo o cargo em 1899 e reeleito em 1903.

¹³¹ Na verdade, André Maykot é de origem polonesa, chegando à localidade de Pinheiral em 1900, situada no atual município de Major Gercino. Apostou no bairro Estreito num tempo em que havia matadouro e mau cheiro, abrindo o armazém em 1927. Fechando apenas durante a Revolução de 1930, voltou a ser o mais expressivo comerciante do Estreito nos anos 1940-50, ampliando os negócios em duas casas comerciais quando possuía 70 funcionários (Memórias do Dia. n.6. *Jornal Notícias do Dia*. Florianópolis, 30 de agosto de 2008).

¹³² Vale lembrar de Peluso Júnior (1953) que trata da particularidade da influência alemã no traçado urbano, a qual se destaca a igreja em altiplano desvinculada de uma praça e via comercial independente.

¹³³ Soares (1990); Bastos, fev/mar 2000; Entres (1929); Hatzky, 2000; Boletim Comercial, out/1944.

Estreito, que ainda continha depósitos¹³⁴, pequenos estabelecimentos ou imensas áreas vazias e de pastagem, apesar de a terra apresentar um valor menor do que no centro urbano insular. Porém, já havia uma filial do supermercado “A Soberana” e outra área loteada que passou a ser empreendida por um comerciante, estabelecendo, desta vez, o bairro Jardim Atlântico como loteamento precursor em Florianópolis, empreendimento que teve como responsável Jacques Schweidson, proprietário das lojas “A Modelar” (SOARES, 1990).

Havia ainda, pequenas marcenarias com predominância de descendentes de alemães, principalmente Carlos Reinisch, Michael Tertschitsch e Paulo Schlemper. O primeiro deles, possuía a firma situada na rua João Pinto, abrindo o seu negócio em 1894, tendo, cinco anos depois, 12 funcionários. Em 1904, adquiriu máquinas econômicas e, em 1913, iniciou a fabricação de móveis curvados, conhecidos por “móveis de Viena”. No final dos anos 1920, empregava 50 operários trabalhando com modernas máquinas alemãs. Da pequena marcenaria, ergueu-se um grande negócio, a “Carlos Reinisch S.A. Com. e Ind. de Madeiras”, que, em 1943, por motivo de doença do proprietário, abriu sociedade com diversos comerciantes e políticos locais, tendo como diretoria e conselho fiscal efetivo: Sidney Nocetti, Heitor Bittencourt, Laurentino da Costa Ávila, Osvaldo Machado, Norberto Domingos da Silva, Aderbal Ramos da Silva (com capitais Hoepcke), Ire S. Ulisséa, Charles Edgar Moritz e José Elias. Nessa época, a empresa obtinha um capital de Cr\$ 850.000,00, através da mão-de-obra de 200 operários.¹³⁵

Fundada em 1900, a marcenaria da “Terschitsch & Cia” recebeu novas máquinas em 1909, ampliando o estabelecimento situado na rua Felipe Schmidt. Ao lado da fabricação de móveis, havia um galpão que produzia carrocerias para automóveis de carga. O fundador, além de cônsul da Áustria, possuía negócios de cervejaria e

¹³⁴ Nos anos 1940, listava-se como firmas de exportação, possuindo depósitos no bairro Estreito ou na avenida Hercílio Luz, rua José Veiga e na rua João Pinto, situadas no lado leste da região central da cidade: “Antônio A. Lehmkuhl”, “Eduardo Horn”, “Ernesto Riggerbach & Cia”, “Ernesto Riggerbach Júnior”, “Marcos D. Pinho”, “José Araújo & Cia” e “Filomeno & Cia” (BOLETIM COMERCIAL, set/1941). Cita-se ainda, no continente limítrofe, a firma exportadora “Fett & Cia”, localizada no bairro de Coqueiros (SOARES, 1990).

¹³⁵ Entres (1929); Jornal A Gazeta, 11/09/1943; Boletim Comercial, dez/1942.

hotelaria.¹³⁶ A fábrica de móveis de “Paulo Schlemper” situava-se na rua Conselheiro Mafra, na esquina com a rua Pedro Ivo. Logo no início dos anos 1940, estas três firmas industriais de móveis citadas eram as mais fortes da cidade, aproveitando o momento propício de exploração madeireira nas áreas de Lages, São Joaquim, Bom Retiro e dos excedentes chegados a Florianópolis, a fim de transportar pela via marítima para os mercados platinos, americanos e ingleses às empresas que se dedicavam principalmente na importação de gasolina para o abastecimento das máquinas industriais.¹³⁷

Em razão do franco crescimento do ramo madeireiro, organizaram-se outras firmas, algumas delas por meio de alguns capitais industriais dos vales atlânticos ao norte, como a “Sociedade Exportadora Catarinense Ltda”, com escritório localizado na rua Felipe Schmidt, depósito e trapiche no bairro Estreito, e filiais em Itajaí e Rio de Janeiro (RJ); a “Cia Florestal Brasileira”, com matriz na cidade de Florianópolis e filiais em Bom Retiro e Lages; além de “José Araújo & Cia”, com escritório situado na avenida Hercílio Luz e depósito no bairro Estreito; e “Manoel Joaquim dos Santos” (sem informações sobre o mesmo).¹³⁸

Arelados os capitais comerciais ao movimento portuário, os efeitos positivos dos ciclos juglarianos em vistas do desenvolvimento de setores de produção a cada década, acabaram se desarticulando durante os anos 1940, período transitório e estagnador da economia regional, no qual, a partir daí, inicia um lento processo de substituição nos ramos comerciais pela pequena produção mercantil mais recente, voltada a promover o mercado interno regional através da expansão urbana (a ver no capítulo 3). Neste momento, basta entender que, segundo cálculos baseados nos dados de Dias (jul/1947), entre 1938 e 1946 o movimento de carga desembarcado, em toneladas, decaiu (- 48,77%), e o volume embarcado, em toneladas, (- 63,58%), para o qual também influíram as restrições da 2ª Guerra Mundial a unidades mercantes alemãs de grande calado a aportarem em Florianópolis e a autonomia em termos de

¹³⁶ O “Hotel Metropol” passou por vários proprietários, dentre eles, em 1919, Michael Tertschitsch (BOLETIM COMERCIAL, jun/1919). No início deste século, ainda aconteceu a diversificação de negócios na hotelaria de dois outros comerciantes descendentes de alemães: Carl Tobias e Antônio Freyesleben; o último também um cervejeiro (ENTRES, 1929).

¹³⁷ Boletim Comercial, jul/1932 e jul/1941; Dias (jul/1947).

¹³⁸ Boletim Comercial, set/1946.

mercados consumidores dos produtos industrializados assumida pelas cidades nos vales atlânticos ao norte. Além disso, a industrialização de São Paulo consolidou a fabricação própria de inúmeros produtos importados, quando, a partir de 1920 a sua economia regional substituiu a centralidade econômica exercida pelo Rio de Janeiro, despontando, na década de 1940, como a maior aglomeração manufatureira da América Latina naquele Estado (DEAN, 1991). Este amplo contexto de mudanças entre tais décadas (anos 1920-40) acabou despencando os comerciantes descendentes de alemães de Florianópolis que, líderes até então nas suas atuações de mercado, por conseguinte, dissolveram sua articulação econômica — a ser revista na seqüência.

2.2 A BURGUESIA COMERCIAL-INDUSTRIAL NA 1ª METADE DO SÉCULO XX

As firmas industriais situadas nos vales atlânticos ao norte, que escoavam a produção de manufaturas através das áreas portuárias de Itajaí e São Francisco do Sul, exerceram medidas e acordos protecionistas inibindo um volume de importação que fosse capaz de engessar o desenvolvimento industrial, exportando, ao mesmo tempo, tanto produtos industrializados quanto gêneros agrícolas (ROCHA, 1997). Num sentido oposto, Desterro/Florianópolis supriu a maior parte das necessidades de consumo com os artigos importados, tornando-se um comércio altamente lucrativo aos capitais mercantis. Dessa forma, a burguesia comercial pôde ampliar livremente os negócios em vários sentidos — vertical em articulação internacional e horizontalmente por meio de filiais pela costa catarinense —, no aproveitamento das diferenças regionais existentes entre as balanças comerciais das áreas de influência direta de Itajaí, São Francisco do Sul e Laguna, servindo as mesmas como acesso na interiorização de mercadorias.

Tais diferenças regionais faziam com que os comerciantes reguladores de mercado (Hoepcke, Wendhansen, Horn, Meyer, Moellmann e outros), a contento, intermediassem a distribuição dos gêneros agrícolas, mormente produzidos na região próxima a Laguna, como também levassem os artigos industrializados europeus, auxiliando no processo de substituição de importações dos vales atlânticos ao norte. Todavia, através das palavras de André Wendhausen, em carta dirigida ao governador

estadual de 1909, é possível notar um caráter especulativo em relação ao volume de comercialização captado pelos atravessadores nas regiões envolvidas, favorecidos pelas benesses do poder público: *Laguna, baluarte da nossa exportação, se não em valor o é indubitavelmente na quantidade porque a sua produção [sic] é justamente de cereaes [sic] de baixo preço, de primeira necessidade, para os quais a primeira linha é preciso, com o amparo das sábias disposições dos poderes públicos(...)*.¹³⁹ Este ofício solicitava a intermediação do governo estadual na manutenção de linha regular de navegação por meio de dois vapores do Lloyd Brasileiro, tendo o porto florianopolitano como o centro de operações. Outra carta oficial, encabeçada por André Wendhausen, citava a ameaça de retirada do Lloyd Brasileiro na linha fluvial prestadora do serviço há mais de trinta anos, situação esta que viria a prejudicar o ingresso de máquinas e artigos importados pelos comerciantes até os vales atlânticos ao norte. Assinaram o pedido de intervenção ao governador vinte e cinco comerciantes da Capital, dentre eles, “André Wendhansen & Cia”, “Ernesto Beck & Cia”, “Eduardo Horn & Cia”, “Otto Ebel” e “Carlos Meyer”.¹⁴⁰

Este aspecto de aproveitar as oportunidades mercadológicas entre as regiões, justifica, num certo sentido, o papel secundário assumido no desenvolvimento de firmas industriais na Capital, pois, embora possuindo fábricas de artefatos em tecido, farmacêutica e alimentícia (Wendhausen, Horn, Hoepcke, Moritz) prosperando mesmo antes dos anos 1930, período este de expansão brasileira em tais atividades, já não mais pôde sanar a demanda da escala paulista. É preciso entender que o aparecimento das fábricas proveio das facilidades de financiar a importação de máquinas para diversificação econômica que, a partir daí, passou a sofrer restrições.¹⁴¹

O próprio conglomerado Hoepcke, que agregou quatro destacadas indústrias (gelo, prego, bordados e estaleiro) à cidade, dotava-se de uma base de atuação amplamente comercial. O efetivo comercial-industrial de Florianópolis representava uma pequena industrialização diversamente servida de lenha, eletricidade e gasolina.¹⁴² O

¹³⁹ André Wendhausen & Cia. In: Carta de Ofício ao Governador. APESC, v.3, Jul/Ago, 1909, fl.38.

¹⁴⁰ Ibidem, fls.87-88.

¹⁴¹ Cf. Müller (2007), em 1908, a Alemanha respondia por 51% das importações de Santa Catarina.

¹⁴² Cf. Peluso Júnior (1991) a indústria de bens de consumo possuía, em 1914, 606 casas comerciais, dentre a venda de móveis, chapéus de sol, torrefação de café, telhas de cimento, vinagre, bebidas, sabão, caramelos, fogos de artifícios, cigarros, massas alimentícias, refinação de açúcar e gelo.

momento da alta de preços de importação do carvão, em 1916, por exemplo, caracterizou o seu baixo consumo concentrado nas companhias de navegação, dentre as quais, liderava a “Carl Hoepcke & Cia”, que, sob uma demanda de 2000 a 2400 toneladas/ano, foi obrigada a cessar as suas atividades por um reduzido período, enquanto a situação não se estabilizava. Para tanto, Carl Hoepcke Júnior enviou ofício ao governador, a fim de que o mesmo intercedesse em tal questão.¹⁴³

É possível notar que, neste primeiro momento, a firma Hoepcke assumiu responsabilidades perante o governo estadual, respondendo aos interesses tanto privados quanto públicos, a exemplo da representação dos capitais alemães na construção da “Companhia Estrada de Ferro Santa Catarina” e cotas nas sociedades da “EMPRESUL”, “Companhia Industrial Catarinense”, “Companhia de Laticínios Blumenau”, “Sociedade Mineradora Catarinense”, e doações aos hospitais de Caridade, de Lázaros, “Clube 12 de Agosto” e “Colégio Bom Jesus”. Dentro dessa visão ampla de diversificação de capitais e no suprimento das carências locais, a acumulação primitiva pela revenda de produtos industrializados consolida o conglomerado Hoepcke como promotor de uma situação de manutenção do seu poder econômico ao assumir um papel aristocratizante através da deflagração de processos com a dinamização naval pelo litoral catarinense, enquanto uma espécie de nobreza urbana.¹⁴⁴ Além dos envoltimentos político-militares anteriormente abordados sobre as famílias Wendhausen e Horn, sabe-se ainda que membros da família Moellmann¹⁴⁵ e Moritz ligados à política municipal e construção civil, de certa forma, coadunaram os rumos econômicos assumidos pelas conjunturas de Florianópolis. As famílias de comerciantes descendentes de alemães, preferencialmente, casavam-se entre si, num círculo

¹⁴³ Carl Hoepcke & Cia. *In*: Carta de Ofício ao Governador. APESC, v.2, Abr/Mai, 1916, fl.75.

¹⁴⁴ Cf. Dobb (1983) dentro das burguesias urbanas residiam famílias aristocráticas nas cidades mercantis-portuárias italianas, acumulando imóveis de terras devolutas na cidade, com o uso de direitos exclusivos, a exemplo do comércio de longa distância, e fora dela, dominando o corpo burguês ao reter uma identidade separada. Essas famílias representavam um elemento da sociedade feudal, mesmo dentro da sociedade urbana que apoiadas nas redes de poder convertiam campo e cidade circundante em áreas feudo-comerciais.

¹⁴⁵ Cf. Moellmann (2002) José da Costa Moellmann foi engenheiro civil e político, secretário da Fazenda, depois prefeito municipal de Florianópolis; Egberto da Costa Moellmann tornou-se vereador em Florianópolis, sendo diretor da firma na matriz, casando-se com Rodolfina Moritz Treska.

fechado que reforçou o seu aspecto aristocratizante e de associativismo, beneficiando o aumento de capital de algumas firmas.¹⁴⁶

O capital industrial catarinense teve íntima ligação com o comércio *import-export*, o que sintonizava a substituição de importações dos vales atlânticos ao norte com mercados de tecidos em algodão e bordados, através, principalmente, das camisarias em malha (BOSSLE, 1988), mas, graças às políticas cíclicas implementadas pelo Estado nacional brasileiro (SILVA, 2007). A condição de sucesso na penetração do mercado nacional deveu-se à abertura do mercado consumidor enquanto estruturas monopolísticas ou oligopolísticas, isto é, oferta concentrada em uma ou poucas empresas que, concorrentes entre si, contribuíam na modernização tecnológica das indústrias tradicionais. Numa outra frente, é possível entender que o caráter oligopolístico dos capitais comerciais de Florianópolis, no início do século XX, apresentou uma estrutura de mercado distributiva de mercadorias prontas e, num menor grau, alguns casos isolados de indústrias dependentes dos movimentos portuários, que foram gradativamente exauridos.

A pontificação dos Konder de Itajaí na política catarinense, com Victor Konder no ministério da Viação e Adolpho Konder no governo estadual, aliada a um investidor uruguaio atraiu o primeiro sistema de telefones automáticos para Florianópolis, em 1927, que foi precursor de toda a América do Sul (BITTENCOURT, 1977). Nota-se que os anseios de urbanização chegaram a Florianópolis concomitantes às simpatias políticas principalmente ligadas a Hercílio Luz¹⁴⁷, aliado político do bloco teuto-brasileiro que, enquanto governador, promoveu a instalação da primeira ponte ilha-continente e a ampliação Mercado Público, de certa forma, anulando a esfera municipal em relação à instância de poder estadual. Vale lembrar que, segundo Corrêa (1984), a Ação Integralista derrotou o Partido Republicano, além de outras organizações políticas

¹⁴⁶ Explica esta situação o depoimento da Sra. Maria Lina Niconomus Bastos (21/08/1999): “Deixa eu te dizer, os alemães de Florianópolis tinham *status*. Eles eram muito fechados, tinham a vida deles. Vou te falar com franqueza, a sociedade mesmo de Florianópolis não se manifestava (...) porque eles gostavam muito dos alemães. Foi a turba, a manezada, o povão insuflado que fez tudo isso” (FÁVERI, 2002). A entrevistada refere-se, por último, aos movimentos populares da 2ª Guerra Mundial, que levaram à desapropriação do Clube Germânia.

¹⁴⁷ Cf. Luz (2000) até 1930, as oligarquias estaduais eram muito fortes com partidos independentes, porém, que nacionalmente despontavam os políticos mineiros e paulistas. A chamada “política de governadores” fortalecia os “hercilstas” apoiando Felipe Schmidt, cujos companheiros de governo, sem uma oposição definida, seguiam fiel e vantajosamente a nova política federal.

importantes, conseguindo eleger prefeitos nas principais cidades catarinenses. Dessa maneira, o Integralismo se expandiu, mas, o golpe de 1937 confinou, politicamente suas lideranças às áreas de colonização alemã e italiana. Posteriormente, este fenômeno gerou o principal apoio político à UDN (União Democrática Nacional) e, ao mesmo tempo, cerceou a participação dos políticos de origem germânica no Legislativo Estadual, que somente aparecem mais tarde, porém, fortalecidos nas suas alianças (Konder-Bornhausen).

Quando o comércio exportador carioca se desestrutura — suplantado pela indústria, comércio e porto paulista tanto em volume quanto em produção do mercado nacional —, na cidade de Florianópolis permanece o mesmo esteio de operações porque a burguesia comercial-industrial se rentabilizava nas flutuações cambiais. Segundo Pereira (1997R), o Brasil mostrava-se capaz de expansão não somente nas fases ascendentes constituindo uma preparação à industrialização substitutiva de importações (na fase recessiva do 3º Kondratieff), quando, emergencialmente, com a política de Vargas cedeu a estruturação da moeda brasileira através do confisco cambial do café — baseado na centralização do câmbio pelo governo federal, na manutenção da taxa cambial apreciada e na forte demanda externa —, já que estas duas últimas variáveis permitiram transferir renda dos exportadores de café para os industriais que importavam máquinas a preços baixos na medida em que o câmbio estava valorizado, o que promoveu a redução no volume das importações para estimular os substitutos nacionais. A partir daí, emerge um novo surto expansivo do comércio internacional, em que, paulatinamente, vai aproximando a economia nacional do capital financeiro americano. Por isso, a falta do funcionamento de uma hinterlândia exógena (exportadora) em termos da região constituída pelo lugar central de Florianópolis, pesou num gradativo desaquecimento dos comerciantes descendentes de alemães.¹⁴⁸

Vale entender os reflexos da 2ª dualidade, período no qual ocorreu a composição da classe dominante brasileira, quando, em Florianópolis, manteve-se,

¹⁴⁸ Em Hatzky (2000) encontra-se a relação estabelecida entre os atacadistas de Florianópolis e os demais descendentes de alemães pequeno-produtores situados nas áreas lindeiras da ilha, apenas através de empréstimos para compra de veículos e ampliação dos negócios, além dos serviços de transporte de mercadorias por terra.

simultaneamente, a guarda de relações de troca com os vales atlânticos ao norte (para venda de máquinas e bens duráveis), vales atlânticos ao sul (compra e exportação de gêneros agrícolas de primeira necessidade) e planalto serrano (trocas de consumo, como gado, madeira, farinha, etc). Com o país nacionalizando a navegação de cabotagem sem manter a concorrência estrangeira, criou-se um monopólio prejudicial à produção nacional no sentido de expandir a sua permuta interestadual, além de medidas protecionistas que reduziram os produtos da lavoura a serem exportados.¹⁴⁹ O capital comercial carioca perdeu força após a Revolução de 1930 devido à política de substituição de importações, que favoreceu os negócios que convergiram a São Paulo, principalmente alavancados pela superprodução cafeeira. É possível constatar que na Capital catarinense, a partir daí, os interesses de capital privado foram tão mais de articulação política do que em vistas de um desenvolvimento econômico.

O encerramento dessa dualidade para o posterior revezamento de papéis, pode muito bem ser simbolizado pelo casamento de Ruth Hoepcke com Aderbal Ramos da Silva, em 1936, que, como única herdeira do patrimônio Hoepcke conferiu ao marido o título popular de “Conde de Monte Cristo”.¹⁵⁰ A vitória de Nereu Ramos e a sua posterior intervenção, em 1937, acirrou conflitos entre Ramos e Konder-Bornhausen, além de dentro da própria oligarquia Ramos. A partir de então, apesar da origem latifundiário-pecuarista, e cumprindo com a idéia da dialética brasileira com relação aos conservadores no comando das mudanças, foram os Ramos que deram início à transformação sócio-econômica e a modernização da Capital catarinense, intensificada pelo governo JK e pelos governos militares, favorecendo novas iniciativas empresariais, embora que, em Florianópolis, tenha se mantido por algumas décadas uma letargia econômica devido à falta de continuidade na boa administração dos negócios (KRIEGER, 2007), como também aconteceu um desnivelamento no mercado consumidor dada a concorrência com indústrias mais expressivas dentro de um plano brasileiro de atuação.

¹⁴⁹ Boletim Comercial, set/1932.

¹⁵⁰ Este apelido associa-se à idéia figurada de ARS ter encontrado um “tesouro escondido” na ilha. Para saber mais sobre a vida política e privada de ambos, consultar Tancredo (1998) e trechos do depoimento do Prof. Domar Campos à revista *Geosul* em Campos (1999).

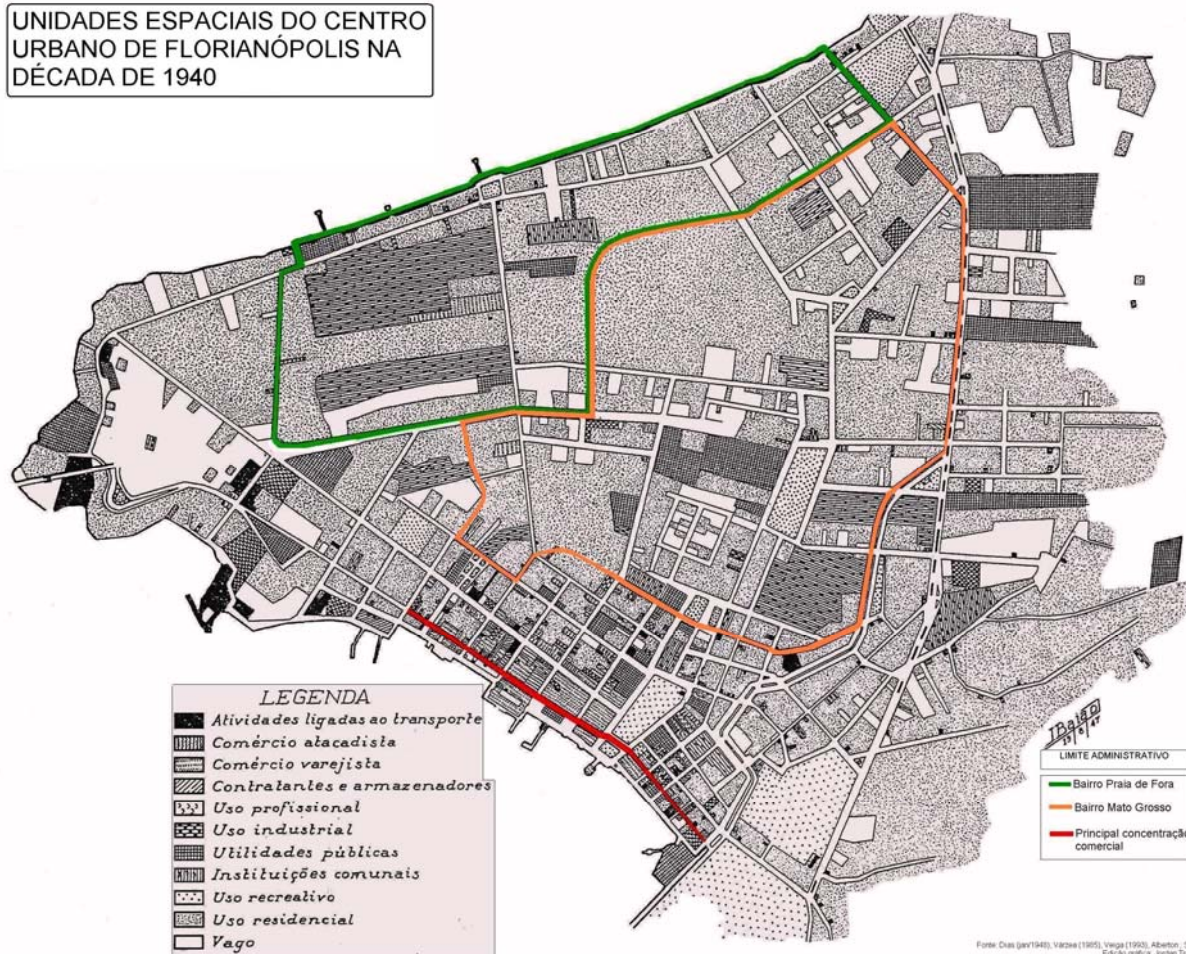
2.3 SITUAÇÃO URBANO-ECONÔMICA NA DÉCADA DE 1940

O filme “*Bocaiúva, 42: os registros de Edla Von Wangenheim*” (2006) retrata os hábitos alemães nos anos 1920-40 incorporando um aparte da sociedade florianopolitana, que conduziu a configuração urbana do Centro no sentido sul-norte por meio dos desmembramentos das áreas de chácaras e preenchimento das áreas no centro do polígono, onde o crescimento urbano tornou-as mais próximas do limite comercial. Em 1937, notava-se 192 automóveis, 27 ônibus e 31 motocicletas, num tempo em que as preocupações de higiene, entre 1910-30, originaram a primeira avenida (av. Hercílio Luz), anteriormente denominada rua do Saneamento. Destas áreas de chacara, a principal delas constitui-se da “Chácara dos Molenda”, uma antiga propriedade da família Hoepcke.¹⁵¹ Segundo Peluso Júnior (1991b), na evolução do plano urbano, a divisão das chácaras aconteceu em função dos interesses de seus proprietários. O mapa 3 — extraído de Dias (Jan/1948) — trata do centro urbano nos anos 1940 com a identificação de subespaços urbanos num tempo em que a cidade apresentava um conjunto de atividades mistas voltadas ao porto, no qual foram assinalados os limites dos bairros da Praia de Fora e do Mato Grosso, onde havia chácaras e vivendas dos comerciantes abastados¹⁵², e também, a principal área comercial que se estendia pelo prolongamento das ruas Conselheiro Mafra e João Pinto.

¹⁵¹ Cf. Alberton (2006) e Abreu Júnior (2004), esta área foi adquirida por Carl Hoepcke no final do século XIX, numa extensão de 20 mil m² com testada de frente à rua Bocaiúva, onde hoje se encontra o 14º Batalhão de Infantaria do Exército e se estendia até a rua Presidente Coutinho. A frente estava no bairro Praia de Fora e fundos no bairro Mato Grosso. A parte dos fundos foi loteada pela então proprietária Meta Luísa Zipser (filha de Carl Hoepcke). A parte da frente foi vendida em 1962 para a UFSC implantar a sua Reitoria. Atualmente, a propriedade pertence ao Exército, sendo que a casa e algumas árvores se encontram protegidas por tombamento. A parte restante dos fundos do terreno foi vendida em vários lotes e também serviu para a abertura das ruas Barão de Batovy (antiga rua Marechal Gama D’Eça) e Santo Inácio Loyola, ambas perpendiculares à rua Presidente Coutinho. Foram lotes muito valorizados para a época, situados em local nobre da cidade.

¹⁵² Cf. Moellmann (2002, p.127-128), “grande parte das residências aristocráticas da cidade pertenciam a famílias alemãs, entre elas Wendhausen, Hackradt, Hoepcke, Horn, Vahl, Moellmann, Moritz, Müller, Beckmann, Molenda, Ebel, Ehlke, Berenhäuser, Meyer, Stodieck, Scheidemantel, Leyendecker, Busch, Loleit e tantas outras.”

UNIDADES ESPACIAIS DO CENTRO
URBANO DE FLORIANÓPOLIS NA
DÉCADA DE 1940



A partir da década seguinte, a forte dependência econômica com o tráfego marítimo desmantelou os auspícios de continuidade dos atacadistas descendentes de alemães. O Golpe de 1964 culminou na extinção de diversos portos brasileiros de médio porte, inclusive, o porto de Florianópolis e, com ele, a maior parte das firmas atacadistas. Todavia, é preciso ater ao fato de que foram estes atacadistas que inicialmente participaram da modernização da Capital catarinense, tendo em vista que o seu referencial é eminentemente urbano como espaço de realização político-social. Conforme observa Pesavento (1994) em relação a Porto Alegre (RS), entende-se que os descendentes de alemães estabelecidos em Florianópolis, ao lado de outras famílias de comerciantes de origem sírio-libanesa, árabe e grega, construíram alguns dos principais prédios comerciais ou industriais na cidade, onde se destacam, em especial, aqueles originários da firma Hoepcke, agora ampliando a área comercial na rua Felipe Schmidt (Vide o anexo 5).

Consta no anexo 6 uma lista dos comerciantes contribuintes do bônus de guerra, uma espécie de arrecadação federal na meta de 3 milhões de cruzeiros, rendendo um juro de 6%, pagável semestralmente e resgatados os valores ao final da guerra, para evitar a criação de novos tributos e cobrir os gastos com as forças armadas.¹⁵³ Embora de contribuição oficialmente espontânea, muitas empresas se submetiam a doações que pudessem afastar as negativas geradas pela guerra, principalmente os descendentes de alemães e italianos. É possível perceber, através deste anexo, os patamares dos capitais comerciais proporcionalmente às rendas dos mesmos, onde, no topo da lista, destacavam-se os descendentes de alemães, seguidos de descendentes de italianos, gregos, árabes, luso-brasileiros, etc.

Ao final da 2ª Guerra Mundial, quando empresas como Hering, Renaux e Hoepcke¹⁵⁴ receberam embargos de funcionamento devido aos contatos com o exterior,

¹⁵³ Dá conta deste dispositivo público o Decreto-lei nº 4789, de 05 de outubro de 1942, e o Decreto-lei nº 6516, de 22 de maio de 1944, aumentando as “obrigações de guerra” para Cr\$ 6.000.000,00.

¹⁵⁴ O Jornal A Gazeta (09/09/1943, p.02) anuncia que a partir de 15/09 os navios “Ana”, “Carlos Hoepcke” e “Max” voltariam a incorporar a “Carlos Hoepcke S.A.”. Dá conta ainda do seguinte relato: “Funcionários de diversas filiais, foram dispensados em conseqüência da falta de adaptação aos fins nacionalistas, costumes foram modificados, até que enfim o governo, por si só reconheceu o valor desse importante estabelecimento e assim é que resolveu que a Companhia Nacional de Navegação Hoepcke, que encontrava sob completo controle e fiscalização do Departamento de Marinha, voltasse a ser incorporada

eram pólos comerciais regionais sob a forma de um comércio atacadista atuante, segundo Mamigonian (1960), por ordem de importância, os municípios de Blumenau, Florianópolis e Brusque. Contudo, em 1941, o número de fábricas e ramos de atividade estava da seguinte maneira:

TABELA 3 - Número de fábricas nos municípios catarinenses em 1941

Município	Número total	Principais ramos de atividade
Biguaçú	45	Banha e farinha de mandioca
Blumenau	274	Fiação e tecelagem, metalurgia e produtos químicos
Brusque	402	Fiação e tecelagem, produtos químicos e cigarrilhos
Florianópolis	89	Pregos, móveis, rendas e bordados, ladrilhos
Joinville	243	Fiação e tecelagem, metalurgia, embalite e celulóide
Nova Trento	216	Tecelagem, móveis, cadeiras de palha
Palhoça	85	Bebidas, latas para conserva
São José	35	Calçados
Tijucas	99	Calçados, móveis, malas, produtos químicos

Fonte: Boletim Comercial, dez/1941.

Com um total de 254 fábricas, somada a quantidade de fábricas em Florianópolis, Biguaçú, Palhoça e São José, resulta-se em praticamente o equivalente aos números de Joinville, porém, os padrões industriais e os seus tipos diferenciam a competitividade do último. Nota-se ainda, o domínio no mercado florianopolitano das indústrias Hoepcke de pregos, rendas e bordados.

Visto isso, abre-se o questionamento: A posterior evolução menos agressiva da firma Hoepcke, resultou em parte dos efeitos da guerra (1939-45)? Ao analisar os balanços gerais da firma “Carlos Hoepcke S.A. Comércio e Indústria” nos exercícios de 1942 e 1945, relativos ao fechamento do ano até 31 de dezembro, entende-se que os valores proporcionais do ativo e passivo apurados pelo aumento de imóveis e propriedades no ativo imobilizado passou a relatar o valor de Cr\$ 35.851.988,44 para Cr\$ 62.099.098,70, ou seja, operando a firma com quase o dobro de capitalização no balancete (Vide o anexo 7). Esta tendência à acumulação de imóveis e propriedades reflete, neste instante, a falta de perspectivas nas atividades produtivas, até mesmo

à referida firma.” Esta etapa foi vencida com ARS assumindo a diretoria, além de dispensar indivíduos de origem alemã, como o Barão Dietrich Von Wangenheim. Por conta disso, o Barão em sociedade com alguns amigos, lançou a “Fundição Sapé S.A.” no bairro Estreito, funcionando de 1947 a 1986.

porque, os investimentos realizados a partir de então por Aderbal Ramos da Silva, segundo consta em Tancredo (1998), convergiram para o café “Cacique” (no norte paranaense), a compra de jornais e emissoras de rádio em situação cambaleante, bancos, indústrias, imóveis e terras na ilha, auxílio beneficente a entidades esportivas e religiosas, etc, assim, dessa maneira, orientados pela sua visão político-estratégica; também um indício de que a Capital ficou estagnada por algumas décadas.

Conforme Schmitz (1991), o complexo vendeiro proporcionou condições para a geração de casas bancárias catarinenses. No período de 1928-48 foram estabelecidas oito casas bancárias a partir das cidades de Rio do Sul, São Joaquim, Blumenau, Ibirama, Itajaí e Joinville. A fundação de bancos pela iniciativa de capitais florianopolitanos estiveram mais rarefeitos — “Banco de Crédito Popular e Agrícola de Santa Catarina” (1927), “Banco Mercantil e Industrial de Santa Catarina S.A.” (1943) e “Casa Bancária Carl Hoepcke S.A.” (1948). Conforme Goularti Filho (2007), entre 1945-62 o capital-dinheiro de capital-industrial e mercantil passa a se transformar em capital-financeiro por meio de bancos, num período transitório para a fase de integração e consolidação da indústria catarinense. A “Casa Bancária Hoepcke” (1947-52) foi incorporada pelo “Banespa”, e o “Banco Nacional do Paraná e Santa Catarina” (Nossobanco), também oriundo de capitais do conglomerado Hoepcke gerido por ARS, passou a pertencer ao “Bradesco”. Neste ínterim, vigorou como o principal banco catarinense o Banco “INCO” de Itajaí, através da retroalimentação dos capitais mercantis e das alianças políticas dominantes firmadas a partir da referida cidade.

Sob a égide da 3ª dualidade, a economia artesanal de pequena produção ficou a mercê das novas tendências comerciais devido ao desenvolvimento prioritário de um grupo de atividades ou setor industrial a cada década (ciclos juglarianos). A contradição fundamental nesta conjuntura nacional está na lenta decadência dos atacadistas no modelo econômico anterior (2ª dualidade) que retardou os efeitos dos ciclos juglarianos brasileiros em relação à região de influência da Capital, como também, pode-se dizer que arremessou o desenvolvimento até a preconização das forças produtivas situadas na faixa litorânea limítrofe da ilha, já que o rodoviarismo veio inicialmente sem ligações com qualquer outro centro econômico, deixando a cidade de Florianópolis fechada

sobre si mesma no período de 1930-50, mas, ainda necessitando do sistema de abastecimento (madeira, carne, etc) localizado nas áreas continentais da sua região.

No período Vargas, Santa Catarina foi governada por Nereu Ramos (1935-37 e 1937-45) que iniciou a ampliação do aparelho estatal criando quatro secretarias estaduais sediadas na Capital, alavancando a divisão social do trabalho, através dos recursos provenientes da folha de pagamento dos servidores públicos (MARCON, 2000). Contudo, os negócios florianopolitanos permaneceram praticamente os mesmos, que, com a perda da hegemonia do capital comercial em relação à fachada atlântica catarinense, não satisfizeram determinadas alterações na vida de relações, a não ser, em que pese a redução de sua área de influência de Tijucas, ao norte, até Garopaba, ao sul, esboçando o perímetro da Região Metropolitana de Florianópolis.

Entre 1950-60, assunto inicial do capítulo 3, principalmente durante o governo de Irineu Bornhausen aliado a JK, promove-se uma outra fase de aparelhamento estatal, conferindo à cidade de Florianópolis a atração de instituições públicas e privadas que desembocaram numa classe média relativamente numerosa, captando incentivos de outras áreas que proporcionaram um ambiente ideal a pequenos negócios, além da chegada de filiais de outras capitais brasileiras.

3. A PRESENÇA DE DESCENDENTES DE IMIGRANTES ALEMÃES NA ASCENSÃO DE ALGUNS GRUPOS EMPRESARIAIS

3.1 EMERGÊNCIA DE CAPITALISTAS A PARTIR DO MEIO RURAL PÓS-1950

Na década de 1950, com a expansão da indústria de bens de consumo duráveis, foram abertas em Florianópolis, entre 1950-52, quatro lojas de eletrodomésticos, seis lojas de roupas exclusivamente femininas, incluindo “A Modelar” e “A Capital” (PELUSO JÚNIOR, 1991b). A especialização do comércio coincidiu com o declínio dos atacadistas situados nas ruas João Pinto e Conselheiro Mafra, dada a concorrência local daqueles comerciantes estabelecidos em praças de maior movimento, como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre (DIAS, jan/1948). Dentre as novas casas, uma das mais duradouras, “A Modelar”, cujo proprietário¹⁵⁵ investiu no loteamento Jardim Atlântico, conforme tratado anteriormente, atendia, na rua Trajano, a venda de peles, roupas feitas, tecidos e tapeçarias catarinenses.¹⁵⁶ Em 1956, é iniciada a rede de fiambrierias Koerich¹⁵⁷, ao lado de filiais e representações em expansão nacional no ramo de eletrodomésticos.

Em classificação dos cem principais municípios brasileiros, segundo a ordem de valor das vendas no comércio varejista, Florianópolis, Blumenau e Joinville, ocuparam as seguintes posições:

¹⁵⁵ Jacques Schweidson veio do Rio Grande do Sul, instalando, na década de 1940, a loja “A Rainha da Moda”, o que deu início a um conglomerado de lojas (“A Rainha da Moda”, “A Grutinha” e “A Modelar”). Criou o crediário organizado em Florianópolis.

¹⁵⁶ Boletim Comercial, ago/1942; Jornal A Gazeta, 14/09/1943. Cf. Beirão Filho (2004), a loja “A Modelar” funcionou até a década de 1990.

¹⁵⁷ Em fevereiro de 1956, dois filhos de Eugênio Raulino Koerich, instalaram a primeira fiambriera no Centro; em outubro, a segunda loja também no Centro; e sucessivamente, no Estreito, Rodoviária (av. Mauro Ramos), Mercado Público, e a sétima filial, inaugurada em 1962, com uma estrutura de supermercado. (Informações obtidas na entrevista junto a Antônio Obed Koerich. Florianópolis, 27/11/2007).

TABELA 4 - Classificação das cidades segundo ordem de valor de vendas (1955)

Colocação	Município	Número de Estabelecimentos	Valor das vendas no ano de 1949 (Cr\$ 1.000,00)
43º	Florianópolis	564	161.417
56º	Blumenau	280	127.007
72º	Joinville	315	106.317

Fonte: Boletim Comercial, jul-ago/ 1955.

Esses dados refletem uma certa fraqueza em relação às casas comerciais situadas em Florianópolis, obtendo apenas uma média, em mil cruzeiros, de 286,20 por estabelecimento, enquanto Blumenau e Joinville, em médias maiores, de 453,59 e 337,51, respectivamente. Isto possibilita pensar que Florianópolis apresentava uma tendência de poucas empresas de grande e moderado porte na função de atacadistas, dividindo o mercado local com uma maioria de pequenas empresas. Muitas destas firmas comerciais surgiram da iniciativa de pequenos produtores que tinham como objetivo propiciar à família melhores condições de vida e possibilidade de estudo para os filhos, caracterizando os êxodos rurais na Região Metropolitana de Florianópolis. Para tanto, este movimento foi possibilitado pela implantação do transporte coletivo entre 1950-60 e pela construção da BR-101 (1953-71), demarcando a mobilidade de tráfego entre as áreas comerciais, primordialmente na inserção de comerciantes nas cidades de São José e Florianópolis.¹⁵⁸

A topografia de colinas suavemente inclinadas e amplos espaços vazios do bairro Estreito, favoreceu a implantação do transporte coletivo ao lado de lojas de médio e grande porte (BASTOS, 2002). Além da concentração populacional na ilha deslocada até o continente imediatamente fronteiro no bi-nucleamento com o Estreito¹⁵⁹, a partir dos anos 1950-60, este inchaço precipitado tanto pelas atividades públicas quanto pelas privadas trouxe efeitos à região como um todo, dividida entre um meio urbano litorâneo e um meio rural interiorano. Preparava-se uma ascensão sócio-econômica através de um quadro diversificado de funções comerciais: no Estreito, com

¹⁵⁸ Cf. Machado Neto (1954, p.202): "Além da orla marítima ou fluvial, o ponto de interrupção ou cruzamento das vias de comunicação é sítio propício ao surto urbano, em virtude de sua importância mercantil."

¹⁵⁹ O distrito do Estreito pertenceu a São José até 01 de janeiro de 1944, quando passou a integrar o perímetro urbano de Florianópolis. Cf. Dias (jan/1948) ao final da década de 1940, o Estreito detinha 1/4 da população florianopolitana.

a presença de madeireiras, indústrias mecânicas, fundições, oficinas, latoarias e demais unidades de serviços; em Campinas, por meio de madeireiras; e em Palhoça, com as olarias, o que gerava uma concentração populacional de operários nessas áreas que, segundo Marcon (2000), despontavam como embriões do processo de metropolização de Florianópolis. Neste período, apresentaram maior prosperidade aqueles empresários que souberam capitalizar um conjunto de pequenas atividades.¹⁶⁰

Afinal, a cisão do “alemão” feirante e negociante, já abordada no item 1.2.2, é concomitante à abertura do complexo rural, resultando, segundo Rangel (2005), na criação do mercado, através de uma múltipla corrente de intercâmbios entre distintas unidades, sejam elas de serviços, residenciais, industriais e, sobretudo, particularmente o comércio e os transportes, cuja função está em possibilitar tal intercâmbio. A abertura do complexo rural corresponde à extinção dos vendistas rurais na região, constituindo ainda na transferência de população e mão-de-obra, do setor agrícola para os demais. O aumento da produtividade no complexo agrícola, também é um dos seus efeitos de longo prazo. A reestruturação no meio rural da região (enfocada no final do item 1.2) — em sistema agrícola (com especializações) e pequenos negócios — proporcionou às áreas limítrofes ao centro urbano de Florianópolis tais mudanças. Portanto, este movimento rural-urbano se caracteriza pela transferência de indivíduos para os centros urbanos gerando um crescimento da população induzido pelo aumento das atividades do funcionalismo público, formando um mercado interno consumidor, tendo o centro urbano de Florianópolis como o núcleo convergente dos maiores recursos monetários em circulação.¹⁶¹ Contribuem também para esta ampliação do mercado interno consumidor as dificuldades do comércio externo, que favoreceu o desenvolvimento do comércio entre as diferentes unidades da federação, iniciando um movimento de divisão social do trabalho.

Na leitura de Bastos (fev-mar/2000), entende-se o desenvolvimento do bairro Estreito enquanto um “divisor de águas” no contexto da decadência do comércio tradicional ilhéu ligado ao porto (tratado no capítulo 2), e do dinamismo da pequena

¹⁶⁰ Jorge Brüggemann, por exemplo, saiu de Santo Amaro da Imperatriz até o Estreito em 1960, montando um comércio de cereais. Em 1965, no mesmo ponto comercial iniciou o hotel e um posto de combustíveis (BASTOS, 1997), ainda existentes, além de um hotel de praia.

¹⁶¹ Cf. Dias (jan/1948), o triângulo insular circunscrito pela avenida Mauro Ramos possuía a população mais favorecida.

produção mercantil da área continental influenciada pela origem colonial alemã, além dos impulsos econômicos engendrados pelo desenvolvimento industrial que vivificaram a Capital catarinense. É a partir da base comercial do Estreito que a parte continental passa a apresentar a vitalidade da pequena produção mercantil através de um complexo de unidades de novo tipo em bairros comerciais e/ou residenciais, gradativamente justapostos ao principal corredor viário da Região Metropolitana de Florianópolis, ou seja, no cruzamento das rodovias BR-101 e BR-282, que favoreceram a expansão de vários núcleos urbanos situados no continente, nas proximidades da Capital.¹⁶²

A partir da década de 1950, segundo Dias (jan/1948), o fenômeno de grandes áreas recém-loteadas, rapidamente adquiridas por especuladores que aguardavam a alta de preços determinada pela pressão das necessidades urbanas, é mais acentuado na parte continental. Os setores ligados à construção civil retomam os investimentos de longo prazo através das facilidades de financiamento dos planos governamentais, confirmando a existência de uma 4ª renda voltada à valorização de terras tanto em balneários quanto em centros comerciais e moradias para a classe média, localizadas na periferia próxima da ilha. Nesse sentido, entre os anos 1950-80, definem-se como faixas de expansão do crescimento habitacional-comercial, em ordem gradativa, o Centro, os bairros do Estreito, Capoeiras, Campinas, Kobrasol e Ponte do Imaruim, nos quais houve uma expressiva participação de comerciantes de origem alemã na condução do desenvolvimento sócio-econômico local.

Para analisar a conjuntura econômica que favoreceu este polinucleamento comercial, principalmente, entre Florianópolis e São José, é preciso entender o processo de formação de capitais a partir de sua origem rural, a fim de que se possa notar os graus de diferenciação na constituição empresarial que vem sendo abordada. O mapa 4 registra os municípios de origem dos empresários descendentes de alemães que foram analisados.

¹⁶² Cf. Bastos (out/1999), o polinucleamento urbano em tal cruzamento viário (anos 60), além da construção da ponte Colombo Machado Salles (anos 70), permitiu o alongamento comercial das avenidas Fúlvio Aducci, Santos Saraiva e Max Schramm (Estreito) com Ivo Silveira (Coqueiros) e com Leoberto Leal (Barreiros), Lédio João Martins (Kobrasol) e Presidente Kennedy (Campinas), que continua pelos bairros residenciais da Praia Comprida, Centro de São José, Ponte do Imaruim (Palhoça) e que vai até Santo Amaro da Imperatriz ao sul. No seu lado oeste, a BR-101 realiza a conexão urbana entre Palhoça, São José e Biguaçu.



O aperfeiçoamento capitalista pela convivência com os hábitos de poupança e negociação dentro da família, conforme foi apontado no final do capítulo 1, ressaltando um diferenciado sistema de heranças originou a via americana de ascensão social, à qual a pesquisa associou os mais destacados empresários de descendência alemã na região. Estes novos empresários, segundo Bastos (2000), praticamente não possuem nenhuma ligação com a estrutura comercial anterior. No item 3.2, verifica-se os ciclos juglarianos como ondas de progresso e de que maneira foram aproveitadas pelo conjunto de doze conglomerados, empresas ou famílias de empresários analisados.

Na seqüência, são apresentados os doze casos (vide algumas ilustrações no anexo 8), contendo, entre parênteses, o ano de nascimento da empresa, acompanhado da relação dos locais de origem familiar com os bairros a que se destinaram para as atividades comerciais e a caracterização do sistema de herança/sucessório:

- a) Indústria de Bebidas Leonardo Sell (1905) – pertencente à única família não-católica (evangélica luterana)¹⁶³ pesquisada, que também permaneceu no mesmo local de origem. O quarto de seis filhos de um artesão-ervejeiro, Alfredo Sell, assumiu sozinho a empresa e funções políticas durante a década de 1960. Mais tarde deixou o filho Arno como herdeiro, gerando dois filhos que descenderam três primos, que atualmente administram a indústria de bebidas no mesmo local de início, no município de Rancho Queimado. A divisão acionária aconteceu na década de 1990, tendo a partilha da unidade de Imbituba (uma distribuidora de bebidas) que veio a falir e a fábrica em Rancho Queimado.¹⁶⁴
- b) Empresas Koerich (1929) – como vendista que alcançou a indústria de processamento de carnes na Colônia Santana (São José), Eugênio Raulino Koerich com os seus quatro filhos-homens, instalou uma casa comercial no Centro de Florianópolis — motivado pelo fato de que os filhos estudavam na

¹⁶³ O Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2000, aponta um certo equilíbrio entre católicos (1425) e evangélicos (1117) na população residente de Rancho Queimado. Nos demais municípios da região, prevalece uma proporção maior de católicos em relação aos evangélicos.

¹⁶⁴ Coelho (2002); Entrevista concedida à autora por Sérgio Sell. Rancho Queimado, 05/12/2007.

Academia de Comércio¹⁶⁵ —, de onde se espalhou pela fachada atlântica catarinense através de várias lojas. Em 1975, o grupo Koerich se associa com Cassol e Brasilpinho para criar o bairro Kobrasol¹⁶⁶. O grupo Koerich manteve-se unido após o falecimento do fundador em 1979. Em 1993, ocorreu a cisão consensual das empresas do grupo entre cinco dos onze filhos.¹⁶⁷

- c) Grupo Müller (1946) – natural de Antônio Carlos, Francisco Júlio Müller deu início ao grupo, em 1946, através de uma venda de “secos e molhados” em Ituporanga. A sociedade com o irmão Júlio Müller Filho começou em 1959, com a instalação de outra venda no município de Lages. Depois, os negócios se expandiram (09 empresas) para várias cidades, tomando a trajetória a começar pelo Oeste, Meio Oeste, Vale do Itajaí, região de Florianópolis e Sul do Estado, que decresceu a partir de 1989. Herdaram a loja “A Barateira”, na rua João Pinto (Florianópolis), única unidade que restou de todo o grupo, dois filhos dos irmãos fundadores.¹⁶⁸
- d) Grupo Philippi (1950-60) – nascido em Águas Mornas, Jair Philippi, cujos avós foram vendedores e locadores de pastagens em áreas situadas entre o litoral e o Planalto, herdou os negócios pecuaristas e madeireiros da família. Em 1965, associa-se com o irmão Rogério e, em 1969, com um cunhado, o que auxiliou na ampliação dos negócios para fora de Bom Retiro. As atividades de serraria entre Santa Catarina e Paraná renderam diversificações em vários setores de

¹⁶⁵ Antônio Obed Koerich salienta que tanto ele como os irmãos sabiam que se ficassem na Colônia Santana (São José) não cresceriam. Por isso, o estudo na Capital motivou uma nova frente de trabalho para se mudarem de lá (Entrevista concedida à autora. Florianópolis, 27/11/2007).

¹⁶⁶ Cf. Luz Júnior (2003), o bairro Kobrasol (1975) visava à ampliação da capacidade de residências para atender aos trabalhadores do Distrito Industrial de São José implantado um ano depois do Kobrasol. A definição da área industrial foi viabilizada pelo governo estadual através da Companhia de Distritos Industriais de Santa Catarina (CODISC). Cf. Pereira (1997F) houve uma licitação estadual para conceder a implantação do bairro Kobrasol, vencendo o grupo de empresários Koerich, Brasilpinho e Cassol, favorecidos pelos contatos de Adroaldo Pedro Cassol, como sócio e tesoureiro do Aero clube de Santa Catarina, sediado no maior montante de área do referido local.

¹⁶⁷ A trajetória do empresário... *Ibidem* (2001); Pereira (1999F); Endereço eletrônico <<http://www.koerich.com.br/empresa.php>>; Koerich (1996).

¹⁶⁸ Grupo Müller. Uma história de sucessos (1993); Entrevista concedida à autora por Artur Alex Muller. Florianópolis, 28/11/2007.

atividade. Atualmente, além dos fundadores, seus filhos e netos se dedicam a gerir empresas dentro do grupo ou de capital separado.¹⁶⁹

- e) Família Scherer (1950-60) – vindo do interior do Rio Grande do Sul, onde já atuava na extração madeireira, Antônio Scherer (pai) instalou no bairro de Campinas (São José) a “Madeireira Brasilpinho”, na mesma época da “Madeireira Cassol”, ou seja, entre 1958-1965. Esta última, ingressou também no ramo de materiais de construção. A “Madeireira Brasilpinho” permaneceu no mesmo endereço, próxima da av. Presidente Kennedy, tendo como sócio Lédio João Martins. Em 1980, mudou-se para o bairro Aririú (Palhoça). Além de ter participado do grupo Kobrasol até 2005, e ainda sendo sócio do grupo Koerich no “Beiramar Shopping”, atualmente Antônio Scherer (filho) possui uma construtora e uma academia de ginástica localizada no mesmo *shopping*, em sociedade com o seu filho nadador Fernando Scherer e um outro filho.¹⁷⁰
- f) Lojas Dominik (1951) – Domingos José Reitz, nascido em Antônio Carlos, dono de alambique e, em seguida, de oficina mecânica, montou a “Vulcanização Reitz” em Biguaçu. Mudou-se para Curitiba (PR) retornando para fundar a empresa na av. Santos Saraiva (Estreito), em 1951, e no Roçado (São José) em 1979. Pai de doze filhos em dois casamentos, na maioria empresários, apenas os dois mais velhos ficaram com as duas unidades, partilhando o patrimônio em 1975, antes do falecimento do fundador, resultando atualmente em três sócios (netos do fundador) na unidade de São José, às margens da BR-101.¹⁷¹
- g) Gerber Móveis (1951) – Antônio Jonas Gerber, nascido em São José, filho de uma professora viúva, mudou-se com a família para Lages, onde aprendeu o ofício de estofaria. Fundou pequena fábrica de colchões de crina com manta de algodão na av. Fúlvio Aducci (Estreito). Sem concorrência nos primeiros trinta anos, cresceu em razão da qualidade dos produtos de fabricação própria, com

¹⁶⁹ Informações de Jair Philippi prestadas à autora ou contidas na entrevista O Menino que venceu os campos e as trilhas perigosas da serra. O moderno empresário conselheiro da FIESC. *Revista História Catarina*. vol. IV, n.4. Lages: Editora Leão Baio, jul/ago/set 2007.

¹⁷⁰ Pereira (1997F); Secretária Cristiane – Beiramar Shopping, e Kobrasol Empreendimentos Imobiliários Ltda (Informações verbais, 2007); Endereço eletrônico <<http://www.acif.org.br/acif/expresidentes.php>>. Faltam mais detalhes, pois, Antônio Scherer (filho) não aceitou responder a entrevista.

¹⁷¹ Informações obtidas através da entrevista concedida à autora por Rafael Reitz. São José, 22/11/2007.

duas unidades de venda, no Estreito e no Centro. Os três filhos trabalham em conjunto com o fundador.¹⁷²

- h) Família Kretzer (1966) – iniciaram as atividades com um atacado em São Pedro de Alcântara (hoje um supermercado), que se tornou um atacadão de cereais às margens da BR-101 em São José, e depois distribuidora de alimentos para 98 municípios, num raio de 200 Km entre Lages e o litoral. O fundador, Sisínio Leopoldo Kretzer, deixou na década de 1990 a administração da distribuidora aos dois filhos (Zulmar e Zuri). Através do parentesco de primo, há ainda um conglomerado que responde pelo frigorífico Kretzer, pelas unidades do “Mercado de Carnes Kretzer” (em alguns bairros de São José e Florianópolis) e pelo Diaudi Hotel (Kobrasol).¹⁷³
- i) Família Nienkötter (1960-70) – natural de Anitápolis, o patriarca da família ascendeu de agricultor a vendista e, mais tarde, percebeu a possibilidade de investir no transporte de pessoas até Florianópolis, construindo com os filhos um ônibus completo. Mudou-se para Florianópolis com os sete filhos para que os mesmos estudassem. Montou a “Auto Viação AGN”, com linhas de ônibus em Paulo Lopes, Garopaba e Angelina. O quarto filho, Aldo Nienkötter, como funcionário público economizou para investir em negócios (duas indústrias de plástico) no bairro Estreito. Atualmente, possui um conglomerado formado por uma rede de postos de combustíveis (cinco), um centro comercial em construção no bairro Capoeiras e a representação brasileira das motos chinesas *Dayang*. Dois de seus irmãos também prosperaram independentes: um, proprietário de duas empresas de transporte coletivo (“Jotur” e “Paulotur”) e o outro, no ramo de automóveis, tendo começado com uma empresa de recauchutagem de pneus, possui hoje as revendas “Repecon” *FIAT* e *Renault*. O patriarca procurou dar autonomia aos filhos para que se tornassem empresários,

¹⁷² Informações obtidas na entrevista concedida à autora por Fabiano L. Gerber. Florianópolis, 07/12/2007.

¹⁷³ Endereço eletrônico <http://www.kretzer.com.br/kretzer/inst_historia.php>; Mercado de Carnes Kretzer (Informação verbal, 2006). Faltam detalhes, porque Zulmar Kretzer não aceitou prestar a entrevista.

porém, os mesmos tomaram iniciativas individuais sem formarem um único grupo.¹⁷⁴

- j) Família Deschamps (1964) – os irmãos Osvaldo¹⁷⁵ e Dionísio Deschamps, são filhos de agricultores que produziam cachaça, açúcar e fubá em São Pedro de Alcântara. Com a rentabilidade de duas colheitas de batata e arroz bem-sucedidas num terreno de planície sem geadas, auxiliadas por um engenheiro agrônomo alemão conhecido por “Dr. Rob” — o que confirma a iniciativa do governo estadual introduzindo técnicos alemães na década de 1960 para orientar os agricultores — mudaram-se para Capoeiras onde construíram 30 casas baixas para vender e, em seguida, no bairro Kobrasol. Os dois irmãos trabalharam juntos por algum tempo. Em 1983, Osvaldo dá início a uma construtora própria acompanhado por dois de seus filhos, sendo hoje proprietário das construtoras Deschamps, RNO e RDO. Na construtora Dionísio Deschamps, por sua vez, trabalham, além do proprietário, um casal de filhos.¹⁷⁶
- k) Supermercados Imperatriz (1974) – Vidal Procópio Lohn, cujo pai possuía uma venda de “secos e molhados”, tornou-se atravessador no entreposto da serra, vendendo açúcar mascavo, cachaça, polvilho e trazendo para o litoral a farinha de trigo *Caturrita*. Sem herança alguma e pai de onze filhos, abriu o primeiro supermercado de 100 m² de área, em 1974, no centro de Santo Amaro da Imperatriz, e o segundo, logo depois, em 1976, na Ponte do Imaruim (Palhoça). Em 1985, faleceu o fundador. Em 1989, na partilha dos bens, a rede de supermercados ficou para seus seis filhos, sendo que um outro ficou com um atacado, outro ainda com um ponto comercial na CEASA, enquanto as três filhas assumiram outras atividades.¹⁷⁷
- l) AM Construções (1978) – do interior de Águas Mornas, Antônio Hillesheim, o mais novo de onze filhos, sozinho e com apenas 17 anos, resolveu se mudar para Florianópolis, na tentativa de aprender a função de pedreiro. Trabalhou em várias empresas ligadas ao setor da construção civil que atuavam nos bairros de

¹⁷⁴ Informações obtidas na entrevista concedida à autora por Aldo Nienkötter. Florianópolis, 08/12/2007.

¹⁷⁵ Cf. Deschamps (2001), Osvaldo Deschamps negociava gado com os municípios de Lages (SC) e Pelotas (RS), tendo ainda um comércio ambulante em São Pedro de Alcântara.

¹⁷⁶ Informações obtidas na entrevista concedida à autora por Dionísio Deschamps. São José, 06/12/2007.

¹⁷⁷ Informações obtidas na entrevista concedida à autora por Vidal Lohn Filho. São José, 23/11/2007.

Coqueiros, Centro e Trindade. A “Emedaux” foi a última empresa em que trabalhou. Construiu as primeiras casas baixas em Capoeiras, depois, passou à incorporação de prédios em Campinas e no Kobrasol. Lançou o primeiro edifício residencial de doze andares no Kobrasol, além do maior prédio em área construída nos bairros de Campinas e Praia Comprida, e do primeiro prédio de 15 andares em Palhoça. Hoje, além do proprietário, trabalham na empresa seus dois filhos.¹⁷⁸

Cabe destacar ainda, que todos os fundadores das empresas tratadas tiveram que aprender novas atividades para realizar a transição campo-cidade. O capital inicial advém da pequena produção mercantil, acrescido de capital proveniente de outros negócios. É preciso destacar que em muitos casos não houve herança de família. Uma significativa parcela das empresas teve suas origens ligadas ao comércio de São José, e atualmente mantém a matriz ainda no mesmo município. Há um empate numérico entre os que iniciaram suas atividades como artesãos (Sell, Gerber e Dominik) e os que tiveram que aprender uma nova profissão (Nienkötter, Deschamps e AM). Observa-se um predomínio daqueles que iniciaram com o comércio de “secos e molhados” ou como ambulantes ou ainda pequeno-atacadistas nas áreas rurais (Koerich, Müller, Kretzer e Imperatriz), contra uma minoria que assumiu os negócios herdados da família (Scherer, Sell e Philippi). Apenas para Philippi e Müller, constituíram-se sociedades duradouras entre irmão e/ou cunhado na primeira geração que empreende o negócio. Quando bem-sucedida, a união familiar de irmãos permitiu na segunda geração, a realização de planos mais auspiciosos a partir da empresa iniciada pelo pai, o que resultou em conglomerados, como é o modelo de Koerich, Müller, Philippi e da rede Imperatriz. De um modo geral, a hierarquia etária dos filhos não se tornou a principal prerrogativa na sucessão administrativa dos negócios, visto que os atributos e as qualidades pessoais no trato com a empresa foram também valorizados. Todavia, nem todos os filhos foram contemplados pela herança da empresa.

Nos doze casos citados, percebe-se que a homogeneidade social do meio rural garantiu as condições materiais para a sua realização no seio da sociedade antiga

¹⁷⁸ Informações obtidas na entrevista concedida à autora por Antônio Hillesheim. São José, 23/11/2007.

(luso-brasileira) assim que amadureceram as condições materiais no aparecimento de novas relações de produção ou, mais precisamente, quando a pequena produção mercantil de origem alemã acabou criando meios de se inserir no contexto urbano, através da mutação de cada indivíduo em trabalhador rural para negociante. Adotou-se a nomenclatura de “família” para Scherer, Kretzer, Nienkötter e Deschamps porque nesses casos não se estabeleceram grupos ou conglomerados integrados.

É importante ressaltar que os hábitos de negociação geraram uma distribuição de renda tal que dava margem a uma pequena acumulação entre alguns produtores. Detecta-se uma diferenciação de base familiar que aponta para a existência de uma “cultura empresarial”, independentemente da conformação apresentada pelo sistema sucessório ou de heranças, pois, geralmente ocorre mais de um processo de capitalização individual dentro da mesma família.

Vale entender que o papel dos empreendedores está no diferente emprego da oferta de meios produtivos existentes no sistema econômico que, na Região Metropolitana de Florianópolis, é dotado de uma pequena produção mercantil internalizada e sem uma base latifundiária atuante, condições estas que são favoráveis à formação empresarial. Mas, esta interpretação expressa apenas uma visão schumpeteriana¹⁷⁹, relacionando o empreendedor como portador das mudanças econômicas através da realização de algo novo?

Na verdade, os empresários investigados detiveram gradualmente os meios de produção e, nesta condição, é que introduziram as inovações em termos da construção civil, novas unidades comerciais, diferentes produtos de venda, promoções, crediário próprio, marca, etc, ou seja, não se trata apenas de um pioneirismo que vem a prosperar alavancando a empresa. Dessa forma, os meios de ascensão se situam no plano da formação de capital, assim como a permanência comercial de trinta até mais de cem anos é fruto de uma manutenção econômica somada ao aproveitamento das oportunidades de incentivo público (ciclos juglarianos e planos de governo).

¹⁷⁹ Schumpeter (1982) aborda o desenvolvimento por meio da introdução de novas combinações diferenciadas em materiais e forças, métodos de produção, abertura de mercado, conquista de nova fonte de matéria-prima ou estabelecendo uma nova indústria. Tais combinações formariam processos de descontinuidade no curso dos acontecimentos, que explicam a situação de indivíduos e famílias ascenderem e decaírem econômica e socialmente, no mecanismo de formação das fortunas privadas.

Entende-se que a maioria de indivíduos médios no meio rural limítrofe a Florianópolis e a reestruturação do sistema de abastecimento agrícola da região geraram condições favoráveis para este empreendedorismo recente.

Entre 1960-80, políticas de investimento e de financiamento implantadas pelos governos militares deram uma nova força ao empresariado local, acelerando a modernização e implantando novos serviços. Estas conjunturas propícias são beneficiadas por um comportamento empresarial de reinvestimento do capital em outros ramos de atividade, numa espécie de movimentação centrípeta que incide sobre o aglomeramento urbano de Florianópolis e São José, o que caracteriza os empresários que emergiram da pequena produção mercantil como altamente capitalistas, portanto, bem mais do que inovadores/pioneiros.

3.2 TRAJETÓRIAS DE DIVERSIFICAÇÃO DOS “ALTO-CAPITALISTAS”

No Brasil, a cada década os esforços de criação de um setor industrial ao longo dos ciclos médios (ou juglarianos) são impulsionados por mudanças institucionais necessárias ao ajuste da sociedade e da economia à conjuntura mundial, capazes de responder com rapidez ao centro dinâmico capitalista (MAMIGONIAN, 2000). Mais regulares do que no resto do mundo, os ciclos juglarianos promovem a substituição de importações setor a setor, escalonadamente (RANGEL, 1985). O preço da terra, ainda conforme Rangel (1987), varia em função da conjuntura do ciclo juglariano brasileiro. Seu preço sobe nas fases recessivas do ciclo (1921-25/1930-34/1951-54/1962-67/1973-77), período também de retração dos negócios, porém, de preparação à próxima fase ascendente, agindo tanto na mercantilização da terra (4ª renda) como na incorporação do mercado, através das inovações tecnológicas que incidem sobre tais áreas de terra, tornando-as, nas cidades, bens imóveis comerciais, industriais ou residenciais.

As conjunturas dos ciclos juglarianos, isto é, os indícios econômicos em seu estado momentâneo que provocam a acumulação capitalista, também ligados às modificações na estrutura comercial, geram a alta de preços somente durante uma

superprodução agrícola (ARRUDA, 1980), por isso as conjunturas estão relacionadas ao comportamento da pequena produção mercantil, no sentido de que as iniciativas empresariais acompanham a recuperação e a expansão do ciclo, através de capitais voláteis no meio urbano. Com efeito, os ciclos juglarianos promotores das atividades dos novos empresários que emergem das áreas rurais na Região Metropolitana de Florianópolis, iniciam-se com o setor madeireiro que viabilizou um conjunto de possibilidades em negócios de consumo melhorados década a década.

Da década de 1950 até o final dos dois decênios de regime militar, o governo federal promoveu, através do Instituto Brasileiro para o Desenvolvimento de Florestas (IBDF), concessões florestais e exploração madeireira como incentivo ao plantio de *pinus* e *eucaliptus*, a fim de elevar o crescimento habitacional nas cidades. Com as empresas “Reflorestadora Scherer Ltda”, “Empreendimentos Massiambú Ltda” e “Madeireira Brasilpinho Ltda”, Antônio Scherer obteve a concessão de terras da Pinheira (Palhoça), bem como de outras áreas catarinenses e gaúchas que permitiram a capitalização em outros negócios, além da reserva de terras nos bairros de Campinas e Kobrasol, que atendiam aos limites geográficos na distribuição de madeira beneficiada a Florianópolis. Este levante que permitiu a ascensão de madeireiros à condição de capitalistas no setor de materiais de construção na Região Metropolitana de Florianópolis, quando houve o esgotamento de pinheiros no planalto serrano, também conta com Cassol¹⁸⁰, Philippi, Capistrano, entre outros. O esgotamento madeireiro também teve reflexos sobre a migração de dezenas de bom-retirenses que acabaram se tornando empresários no município de São José.¹⁸¹

O Grupo Philippi constitui-se de uma ampla diversificação de capitais, tanto em nível de cidades de influência quanto em meios de produção e atividades envolvidas. Inicialmente com madeireiras no Paraná e Santa Catarina, abriu duas novas madeireiras em Florianópolis (1957). Entre 1965-77 atua com a exportação de madeira através do Porto de Itajaí, para o hemisfério Norte e Argentina, e containeres de exportação — empresa na qual o cunhado de Jair Philippi ainda continua em Itajaí —,

¹⁸⁰ Oriundo do interior de São José, Adroaldo Pedro Cassol iniciou as suas atividades através de uma pequena madeireira situada no município de Urubici (Eles marcaram uma época. *Jornal Notícias do Dia*, 20/09/2008).

¹⁸¹ Como alguns exemplos, é possível citar Germano Vieira (madeireiro) e os proprietários das empresas “Eletromeris Buratto”, “Eletro Possenti”, “Tevelândia”, “Casvig”, etc.

entrando no ramo de materiais de construção somente em 1968. Além das lojas “Philippi S.A.” de materiais de construção entre alguns bairros de São José e Florianópolis, o grupo investiu na comercialização das máquinas *Walmet* em 1970, fábrica de esquadrias de madeira no município de Camboriú (1971), beneficiadora de madeira em Santa Cecília, concessionária de automóveis “Phipasa” *Fiat* (1976), e, por último, expandiu para a construção civil na Região Metropolitana de Florianópolis, com a “Phiel Construtora e Imobiliária” (1978) e “Protensul Pré-fabricados de Concreto” (1991). O mapa 5 permite observar o direcionamento espacial da Protensul. Com a reserva de terras na serra, produz maçãs e madeira para exportação, resultando de 500 a 600 contratados nas colheitas. O grupo apresenta um total fixo de 700 funcionários.¹⁸²

Como reflexos da política de substituição das importações de bens duráveis, assim como as “lojas Philippi S.A.” de materiais de construção, também as “lojas Santa Maria” (1962)¹⁸³ e as “lojas Koerich” (1964) de eletrodomésticos, colaboraram na departamentalização das casas comerciais na região central de Florianópolis. Segundo Bastos (2002), com o amadurecimento das indústrias de bens duráveis (automóveis, geladeiras, televisores, etc) acontece a aceleração do desenvolvimento das infra-estruturas de transporte rodoviário, comunicações, eletricidade, etc, onde a atividade comercial assume papel central na urbanização. Na década de 1970, foi a vez das “lojas LPO” (lojas Pereira Oliveira)¹⁸⁴ também despontar entre as iniciativas locais. Os anos 1980¹⁸⁵ marcaram o ingresso de outras redes de lojas locais, como a “Móveis Silva”, numa fase de concorrência acirrada entre as empresas locais e as

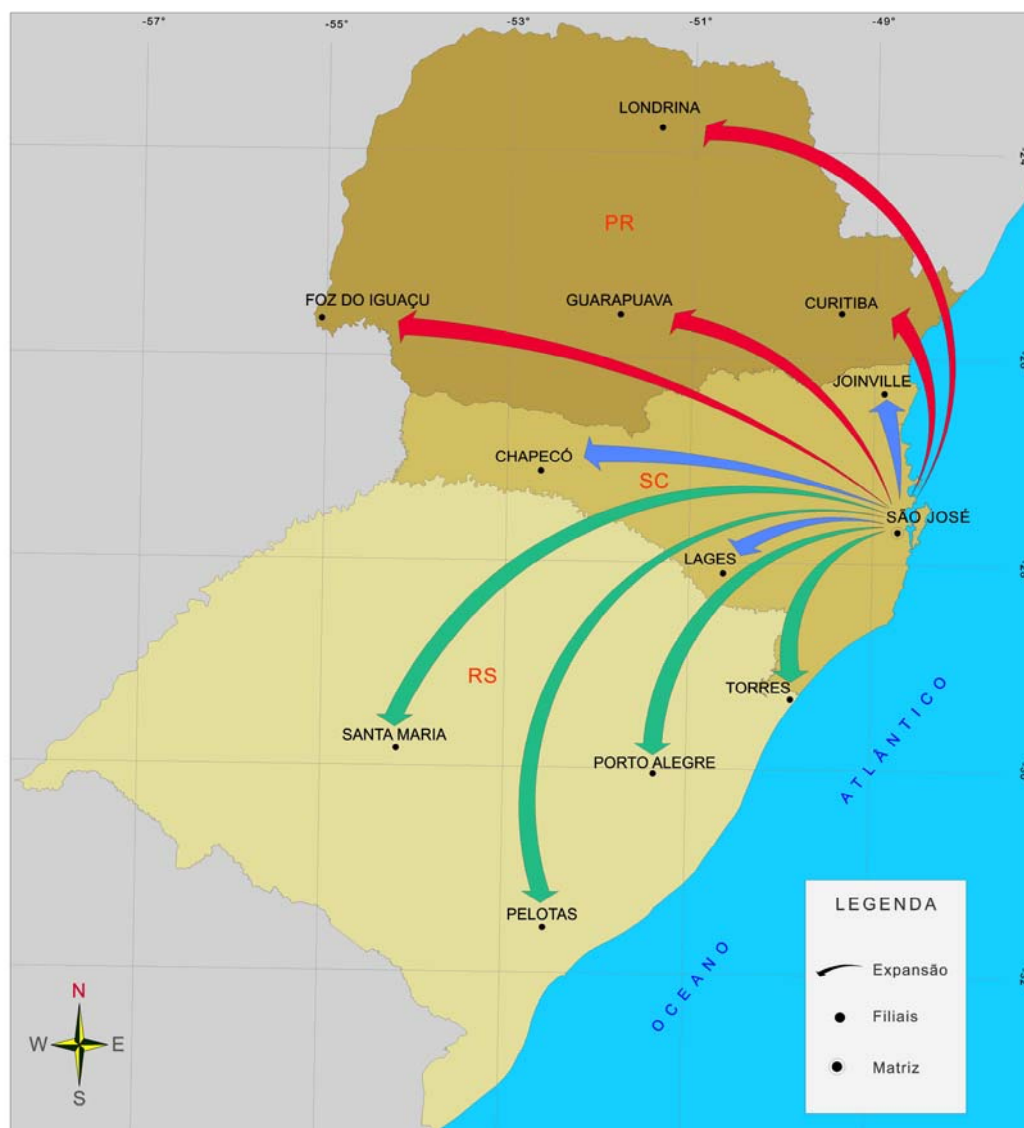
¹⁸² Bastos (1997); Entrevista com Jair Philippi. In: O Menino que venceu... (2007).

¹⁸³ Cf. Bastos (1997), as lojas Santa Maria, que decaiu na década de 1980, foi fundada pelo descendente de alemães José Lino Schappo, filho de agricultores de Antônio Carlos.

¹⁸⁴ A LPO iniciou em 1945, representando jornais, pasta de dente, sabonete e materiais de limpeza. Após oito anos de funcionamento, vendia geladeiras *Frigidaire*, bicicletas e aparelhos elétricos (Eles marcaram uma época. *Jornal Notícias do Dia*, 20/09/2008).

¹⁸⁵ Cf. Pereira (1997F), nos anos 1980, as lojas Koerich chegaram a operar com 49 filiais distribuídas pela fachada atlântica catarinense. De acordo com o filme “*Koerich 50 anos. Uma história de sucesso*” (2005), a primeira loja fora de Florianópolis foi inaugurada em Itajaí, seguida da de Joinville. Depois, Criciúma, expandindo-se por Araranguá, Içara, Orleans, e Tubarão, abrindo também Laguna, Imbituba, Garopaba, voltando ao norte para Jaraguá do Sul, São Francisco do Sul, Garuva, Maçaranduba, Guaramirim, Blumenau, Brusque, Balneário Camboriú e retornando à região em São José, Palhoça, São João Batista e Tijucas. Para entrar em novos mercados, contava com sutilezas na propaganda valorizando as regionalidades das áreas do sul, vales catarinenses ao norte e Florianópolis.

ATUAÇÃO DA PROTENSUL EM SANTA CATARINA E ESTADOS VIZINHOS



40 0 40 80 120km

Fonte: Base cartográfica editada de malha digital do IBGE - 2005. Escala 1:500000
 Informações: Sítio Protensul - www.protensul.com.br - acesso em junho/2008
 Elaborado por Jordan Trebren

filiais de outras regiões brasileiras.¹⁸⁶ Destas empresas regionais, em termos de rede lojista, atualmente restam apenas as “lojas Koerich”. Então, quais razões justificariam a sobrevivência das “lojas Koerich” ?

Entre 1984-85 a “lojas Koerich” estava entre as dez maiores empresas privadas da Região Metropolitana de Florianópolis em termos de receita operacional líquida, ativo operacional, patrimônio líquido, lucro líquido, capital social integralizado, desempenho e número de funcionários (KOERICH, 1996). A diversificação das lojas do grupo em segmentos de mercado (“Koerich”, “Dular” e “Kilar”), as promoções de sorteio de automóveis (“Plano Sorte Koerich”) desde quando foram implantadas as lojas de eletrodomésticos, apresentaram ao público consumidor um novo padrão de *marketing* e fidelização de clientes. Viabilizou-se o sorteio de automóveis através de duas empresas — em 1968, é lançada a “Koesa”, uma revendedora *Volkswagen* e, em 1969, o “Consórcio Koerich”, com linha de financiamento diretamente com a empresa. Nas últimas décadas do século XX, porém, o processo inflacionário levou o governo brasileiro a adotar planos econômicos que, por seis vezes, mudaram a moeda brasileira. Estas medidas acabaram afetando o crediário, devido aos elevados índices de inflação e de inadimplência. Contudo, o crediário próprio das “lojas Koerich” permaneceu disponível aos seus clientes, tendo em vista que o grupo Koerich garantiu a sua reserva de mercado apoiada nos reinvestimentos em outras atividades, tais como a sociedade na indústria “Macedo Koerich”¹⁸⁷, o bairro Kobrasol, as construtoras “Kobrasol”¹⁸⁸, “Zita”, “Koerich” e “Koprime”, “Kimoto”, “PRK Engenharia”¹⁸⁹, “Beiramar

¹⁸⁶ A rede de lojas “Germano Stein”, por exemplo, originária do capital mercantil de pequena produção de Joinville, resultando, inclusive, numa casa bancária, operou em Florianópolis até que foi incorporada pelas lojas Colombo em 1985 (BASTOS, 1997).

¹⁸⁷ Cf. Alperstedt (1994), a Macedo Koerich iniciou em 1973, produzindo 300 frangos/dia, atendendo restrita à Região Metropolitana de Florianópolis. Em 1994, a capacidade é bem maior, abatendo 48000 frangos/dia, e operando com 600 funcionários. O mercado se expandiu, em ordem cronológica, pelo Litoral, Região Serrana e Vale do Itajaí, possuindo centrais de distribuição nos municípios de Lages, Joinville e Içara.

¹⁸⁸ Entre as obras executadas pela “Kobrasol Empreendimentos Imobiliários Ltda” estão o Fórum de São José, o Beiramar Shopping, o Estádio da Ressacada, o Centro Empresarial Terra Firme e o Spazio Uno (no bairro Itacorubi, em Florianópolis). Para se ter uma idéia da sua rentabilidade, somente o Centro Empresarial Terra Firme, registrou, entre 2005-2007, uma valorização imobiliária de 54% (Endereço eletrônico <<http://www.softplan.com.br/siege/cases.do?id=2>>).

¹⁸⁹ Cf. Gevaerd (2002), em Florianópolis, a PRK Engenharia é iniciada em 1975. Depois, transfere-se para São José, como “Koerich Telecomunicações Ltda”. Em 1991, assumiu significativa participação no Programa Comunitário de Telefonia da Telesc (PCT), com atuação em todo o território catarinense, implantando cerca de 130 mil terminais telefônicos em 105 municípios. Até 1998, o primeiro grande

Shopping”, entre outros. A rede de “lojas Koerich” teve a sua expansão interrompida em vários momentos, com a estratégia de crescimento dos seus mercados em imóveis próprios e não a diversificação da loja (KOERICH, 1996). Além disso, a falência durante a década de 1990 de redes como a “Hermes Macedo”, “Disapel” e “Zommer”, abriu o mercado para as lojas regionais de eletrodomésticos (SCHMITZ, 2007). A “lojas Koerich” possui o mérito de ser, por treze anos consecutivos, a loja mais lembrada no Estado (prêmio *Top of Mind - ADVB/SC*)¹⁹⁰ e líder em vendas entre as regionais que atuam na Região Metropolitana de Florianópolis. O mapa 6 demonstra as filiais mais recentes das lojas Koerich integrando a fachada atlântica catarinense.

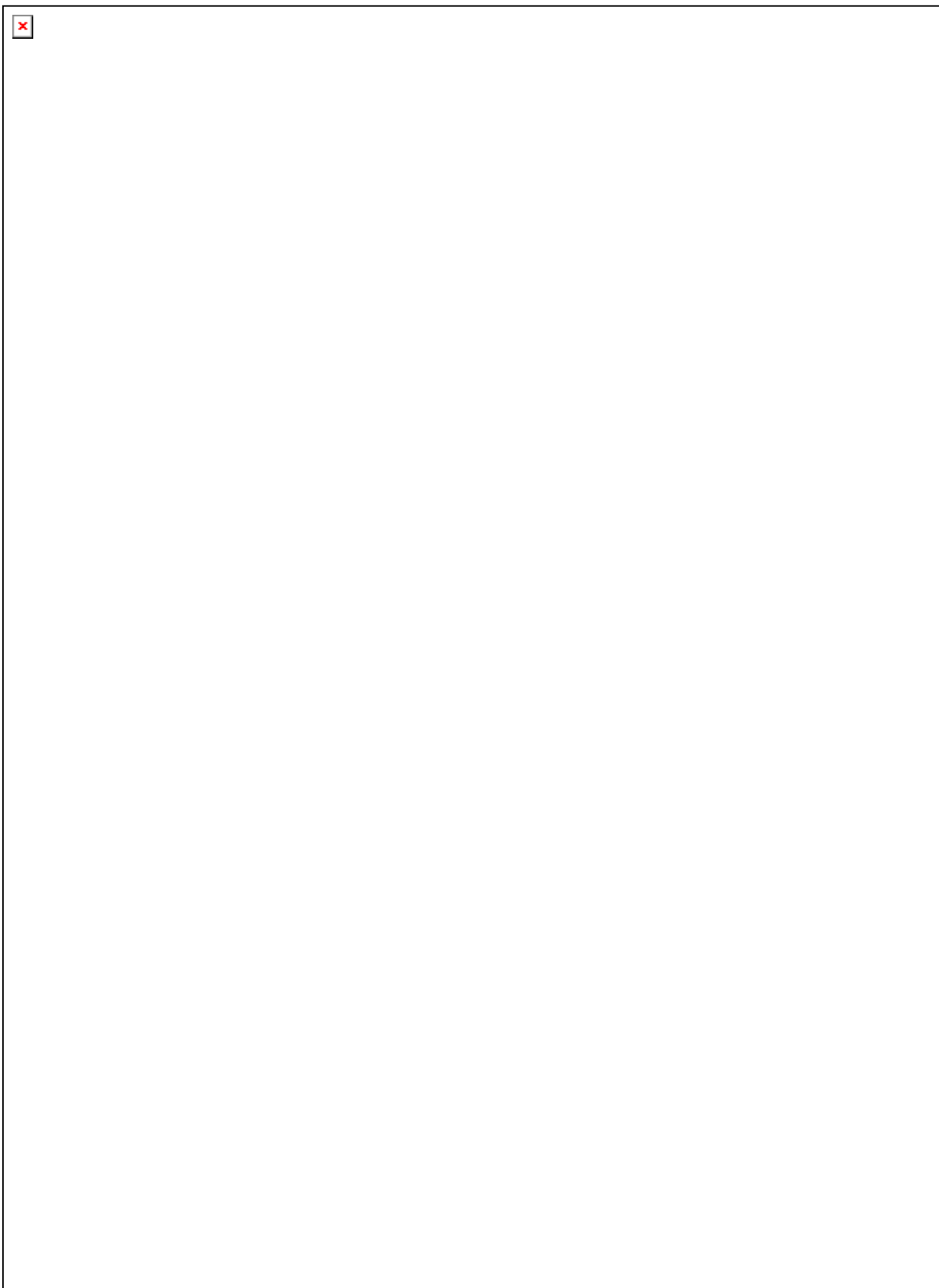
O comércio florianopolitano, sobretudo, a sua região metropolitana como um todo, encontra sintonia com os ciclos juglarianos das décadas de 1950 a 1970, em vistas do fator de valorização de terras na fase recessiva de cada ciclo, momento no qual cada empresário se vê obrigado, neste intercurso de quatro ou cinco anos (período que também delimita uma gestão pública), a buscar de informações sobre os projetos de expansão viária pela iniciativa das prefeituras municipais. Para combinar os interesses privados com o direcionamento dado por obras de urbanização, os comerciantes descendentes de alemães¹⁹¹, além de outros nomes regionais — “Cassol”, “Casas da Água”, “Dimas”, “Eletro Santa Rita”, “Cota”, “Ibagy”, “Brognoli”, etc¹⁹² —, aproveitaram os momentos de expansão nos bairros Estreito, Kobrasol e Campinas, concorreram a licitações públicas, mantiveram um estoque de terrenos em reserva, agilizaram os pedidos de viabilidade e o aumento no gabarito de

momento da empresa foi a responsabilidade de todo o processo produtivo, desde a comercialização dos terminais até a sua efetiva instalação, quando também já atuava implantando estações telefônicas no Rio Grande do Sul e São Paulo. No momento em que a Telesc é privatizada pela Brasil Telecom, em 1998, a empresa continuou prestando os mesmos serviços ao seu maior cliente, ampliando a rede de expansão nas regiões norte (1999) e oeste (2001) catarinense. Recentemente, esta empresa possui 15 clientes de telefonia móvel e fixa, atendendo aos estados de Santa Catarina e Paraná (Endereço eletrônico <<http://www.kch.com.br/index.php?pg=clientes>>).

¹⁹⁰ ADVB é a sigla para Associação dos Diretores de Vendas e Marketing do Brasil.

¹⁹¹ Bastos (2002, p.168-169) afirma que: “Basta fazer um breve exercício empírico sobre as principais iniciativas regionais que estão operando hoje na região metropolitana de Florianópolis, logo se chega a conclusão que os estabelecimentos mais dinâmicos tem sua origem muito modesta e nasceram nas referidas áreas de colonização alemã, com algumas raras exceções.”

¹⁹² Cita-se a naturalidade de cada empresário fundador: Cassol – da localidade de Espinilio (São José), Casas da Água – da localidade de Garcia (Angelina), Dimas – de Biguaçu, Eletro Santa Rita e Cota – de Tijucas, Ibagy e Brognoli – do bairro Estreito (BASTOS, fev-mar/2000; PEREIRA, 1999F).



andares permitido na área de construção, além da mudança no zoneamento, através de um conjunto de relações políticas entre si.

Recentemente, também é possível notar a abertura de quatro unidades das “lojas Koerich” ao longo de uma mesma avenida vicinal no município de Palhoça, possuindo o mesmo uma alta em número de novas edificações durante a atual gestão municipal. Esta valorização urbana do imóvel comercial agiria beneficiando momentaneamente nas vendas ou “aquecendo o ponto” para a sua locação posterior.¹⁹³

Além do ramo madeireiro e dos ciclos juglarianos que dão conta das indústrias de bens de consumo duráveis (décadas 1950-60), ativando as vendas de móveis, eletrodomésticos e materiais de construção, de que maneira estas empresas com origem na pequena produção obtiveram êxito diante do curso dos acontecimentos?

O Plano Nacional de Habitação (PNH) representou um esforço para mitigar o déficit habitacional logo após o movimento político de 1964. A partir deste ano, o governo militar criou as duas peças fundamentais para a execução deste plano, representadas pelo Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e pelo Banco Nacional da Habitação (BNH), que assinalaram o início de uma nova política urbana brasileira. Este esforço na formação de capital tentava desenvolver o campo da indústria pesada, energética, dos serviços urbanos, transportes, etc. Neste período, a construção residencial teve a correção monetária como meio de sustentação à queda da taxa real de juros (RANGEL, 1985). No caso específico das habitações construídas no bairro Kobrasol, mais de 90% delas foram financiadas pelo BNH (PEREIRA, 1999F). Assim, as forças produtivas das imobiliárias e construtoras convergiram para o Kobrasol que se tornou uma espécie de reduto dos novos empreendedores de origem alemã ao lado de alguns outros — das construtoras “Kobrasol”, “Zita”, “Dionísio Deschamps”, “Cota”, “Deschamps”, “RDO”, “RNO”, “AM”, “OK”, “Zilli”, “Santana”; das casas de materiais de

¹⁹³ Verificou-se esta prática das lojas Koerich anteriormente na região central de Florianópolis, quando duas de suas lojas situadas nas ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra, e uma terceira na av. Presidente Kennedy, em São José, foram repassadas ao “Magazine Luiza” ou “Casas Bahia”, concorrentes externos na clientela das mesmas camadas sociais.

construção “Cassol”, “Casas da Água”, “Bloco”; e das imobiliárias “José Ibagy”, “Ludvig”, etc.¹⁹⁴

O período de 1967 e 1973 corresponde ao chamado “milagre econômico” quando a produção e o produto interno bruto brasileiros subiram e ocorreu uma redução estável da inflação. A situação mudou radicalmente a partir de 1980, quando a fase depressiva do ciclo juglariano coincidiu com a do ciclo longo, criando uma crise suficiente à deposição do poder militar (RANGEL, 1985). Contudo, o bairro Kobrasol estava sendo implantado, o que gerou possibilidades de novas empresas. Os construtores e incorporadores do Kobrasol iniciaram com prédios de 16 a 25 apartamentos simples e sem elevador, destinados à classe média. Poucando as rendas adquiridas na venda dos imóveis, os construtores podiam reinvestir em outros lotes e construções. Porém, o governo Sarney (1986-1989) não conseguiu inibir o aumento da inflação de 60 a 70% ao mês, acabando com o plano empresarial e o BNH.¹⁹⁵ Aqueles empresários que detiveram reservas suficientes para contar com o financiamento de compra pela Caixa Econômica Federal ou pelo Banco do Estado de Santa Catarina (BESC) foram crescendo mais lentamente. O lucro vinha através da venda dos apartamentos prontos.

O *boom* imobiliário de Florianópolis na década de 1990, impulsionado pela estabilização do Plano Real (a partir de 1994) respondendo aos mecanismos de mercado, aumentou a demanda da construção civil nos bairros continentais devido ao valor mais acessível dos imóveis, o que reaqueceu os empreendimentos dos construtores mais fortes os quais iniciaram a construção de prédios mais altos, provocando a rápida verticalização dos bairros do Kobrasol e de Campinas (“Zita”, “Kobrasol”, “AM”, “Dionísio Deschamps”, “Deschamps”, “RDO”, “RNO”, “Cota” e

¹⁹⁴ Cf. Pereira (1999F) não havia um critério para os construtores. Os mesmos deveriam preencher um cadastro na Empresa Kobrasol para receber a indicação de crédito e, assim, requerer o financiamento do SFH, objetivando comprar a longo prazo um ou mais lotes.

¹⁹⁵ Cf. Moritz (2000) o longo convívio com a inflação somente foi possível devido a um sistema complexo de correção monetária formado por um emaranhado de índices, destinado a manter atualizados os valores dos vários ativos econômicos e financeiros. Cf. RANGEL (1985) a correção monetária tornou-se a grande vilã da economia brasileira por causa da indexação da economia forçar o uso de reservas do setor público para manter a queda na taxa real de juros, encontrando limites naturais no campo dos serviços de utilidade pública. A correção monetária e a inflação são inversamente proporcionais à formação de capital, além do que a inflação sobe ou abaixa de acordo com a conjuntura, ou seja, a situação ascendente ou decadente do ciclo juglariano brasileiro.

“Santana”¹⁹⁶), que atualmente realizam edificações com alto padrão de acabamento para se diferenciar da concorrência, atendendo o perfil da área de cada bairro. Dentre as construtoras que atuam nestas áreas atualmente, a “AM Construções” possui 200 funcionários e a “Construtora Dionísio Deschamps” gera um total de 70 empregos diretos.¹⁹⁷

O período inflacionário dos planos Cruzado 1 e 2 (1986), Bresser (1987) e Verão (1989) no governo Sarney, ainda foi responsável pela frenagem, a partir de 1989, nos negócios do grupo Müller, outro exemplo de alta diversificação e reinvestimento de capital que chegou a possuir um total de 1400 funcionários. A sua trajetória revela determinados condicionantes de mercado impostos pelas oscilações da economia brasileira, os quais não puderam ultrapassar. Entre 1959-69 a empresa cresceu através da distribuição no território catarinense das lojas “A Barateira”, especializada na venda de roupas prontas (com indústria de confecções em São Paulo) e artigos para o lar, nas cidades de Lages, Ituporanga, Curitiba, Joaçaba, Chapecó e Blumenau. Em 1972, dá início as atividades agropecuárias nos municípios de Ituporanga e Ilhota, além de um supermercado também em Ituporanga. Em 1976, a administração do grupo é centralizada em Lages. Em 1978, é inaugurada a filial das lojas “A Barateira” em Florianópolis. No ano seguinte, com a entrada em mais três ramos de atividade (editora e gráfica, processamento de dados e transportes rodoviários), é fundada uma *holding* para gerir as empresas do grupo: “Müller Administração e Participações Ltda”.

Em 1980, no comércio de móveis e madeiras, a “Mademüller” é transferida de Ituporanga para São José. Um ano depois, as lojas “A Barateira” chegam a Joinville. A administração de todo o grupo é transferida para São José em 1982. Quatro anos depois, novas filiais em Itajaí e Criciúma, além de uma empresa de decorações em São José e Ituporanga, especializada em móveis e eletrodomésticos. Em 1988, uma empresa especializada em tecidos e confecções em Florianópolis e outra na confecção e colocação de cortinas. Um ano depois, a “Sonoart”, fabricante na linha de edredons, colchas e linha bebê, além de uma filial de decorações em Lages. Em 1992, é

¹⁹⁶ Ao que tudo indica, a “Santana Administração, Construção e Incorporação de Imóveis Ltda”, recentemente desapareceu do mercado.

¹⁹⁷ Informações obtidas nas entrevistas concedidas à autora por Dionísio Deschamps. São José, 06/12/2007; Antônio Hillesheim. São José, 23/11/2007; PEREIRA (1999F).

inaugurada a segunda filial das lojas “A Barateira” em Florianópolis. Em 1993, abre-se a terceira filial em Florianópolis, correspondendo à décima segunda loja e à primeira experiência dentro de um *shopping* (Beiramar Shopping). Neste mesmo ano, o grupo era formado por oito empresas.¹⁹⁸ O mapa 7 ilustra as cidades envolvidas pela expansão lojista até o ano de 1993.

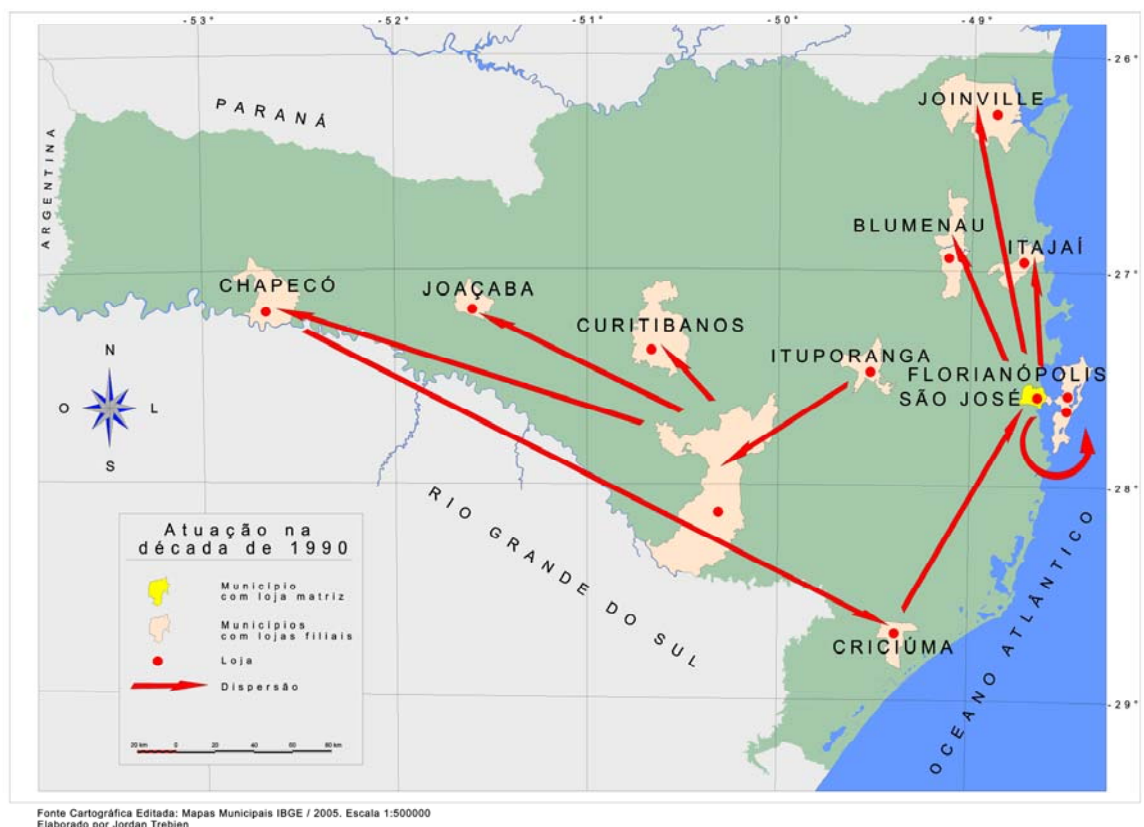
O excesso de tributos com as aberturas e fechamentos das empresas e as gradativas demissões, além das sucessivas manobras de expansão em diversos ramos com unidades distantes umas das outras pelas rodovias BR-282, BR-116 e BR-101, sem pontos de distribuição regionais (a não ser pela central de São José) e a aplicação de capitais em máquinas, são alguns dos elementos que contribuíram para a fragmentação da empresa. As vendas a crédito de 30 a 60 dias já não conseguiam repor os prejuízos dos preços congelados pelo governo, período no qual também quebraram diversos lojistas de roupas feitas no país, como “Mappin”, “Mesbla”, “Incosul”, “Grazziotin”, entre outros.

Aos empresários descendentes de alemães, assim como aos demais, entender o mercado onde atuam e observar o momento propício para reinvestimentos, causou toda a diferença no andamento dos negócios. Foi o que diferenciou, por exemplo, a rede de supermercados “Imperatriz” em relação aos supermercados “Rosa”. Ambos iniciaram na mesma época e tiveram como ponto de partida a mesma comunidade, mas os supermercados “Imperatriz”, com apenas três anos, já instalavam a sua primeira filial no bairro Ponte do Imaruim, município de Palhoça.¹⁹⁹ Dessa forma, a expansão da rede Imperatriz acabou acontecendo dez anos antes da concorrente implantar as suas filiais, o que as distingue em termos de área de atuação na atualidade, pois, enquanto uma ficou restrita à região metropolitana, a outra avançou pela fachada atlântica catarinense.

¹⁹⁸ *Grupo Müller. Uma história de sucessos* (1993); Entrevista concedida à autora por Artur Alex Muller. Florianópolis, 28/11/2007.

¹⁹⁹ Cf. Vidal Lohn Filho, o seu pai Vidal Procópio Lohn e Pedro Amaro Rosa eram amigos e moradores da localidade de Varginha (Santo Amaro da Imperatriz), iniciando comercialmente sob as mesmas condições. (Informações obtidas através da entrevista concedida à autora. São José, 23/11/2007).

ATUAÇÃO DAS LOJAS A BARATEIRA



Na década de 1980, os supermercados Imperatriz contabilizavam onze lojas, havendo uma grande redefinição de conceito e *marketing* durante os anos 1990, a fim de continuar atendendo as classes C e D, que alimentam o mercado, porém, também as classes A e B, a partir daí. Uma destas mudanças foi a introdução do supermercado no “Beiramar Shopping”. Atualmente com 2200 funcionários, trabalhando nas 18 lojas, 03 farmácias e um frigorífico, a maior concorrência é representada pelos supermercadistas vindos de outras regiões catarinenses (“Angeloni”, “Bistek”, “Comper”, “Giassi”, “Hippo” e “Xande”). Já a concorrência externa, como o “Big” (*Wall Mart*), demora para descobrir costumes de consumo presentes em cada localidade de atendimento à população litorânea catarinense. A unidade de Florianópolis é líder em vendas entre as redes regionais, além de *Top of mind*, ou seja, o supermercado mais lembrado entre os consumidores na Região Metropolitana de Florianópolis. Uma das recentes novidades é o cartão de fidelidade, aumentando o tempo nas compras a prazo.²⁰⁰ O mapa 8 apresenta os municípios atendidos pela rede de supermercados Imperatriz.

O ramo supermercadista ingressou em Santa Catarina a partir da década de 1960 (MORITZ, 2000), o que corresponde a uma década antes da sua expansão cíclica brasileira, conforme analisado por Bastos (2002). A ampliação supermercadista deu-se a partir da Lei 5760/71, do Ministério da Agricultura, que regulamentava o abate de carnes, promovendo a formação de quatro frigoríficos fundamentais na Região Metropolitana de Florianópolis: “Kretzer”, “Indil”, “Frigosantos” e “Osvaldo Vidal”, ao lado de outros dois externos²⁰¹.

Estes capitais promoveram uma multiplicação supermercadista em vários níveis e tamanhos na região. A existência, a partir da década de 1960, de uma classe média alta como principal incentivador no desenvolvimento da sociedade, induziu o surgimento de uma classe média com crescente poder de consumo, propiciado pela

²⁰⁰ Uma rede cheia de novidades. Top of mind. Supermercados. *Jornal A Notícia*. Joinville, 27 de abril de 2007, p.20; endereço eletrônico <<http://www.superimperatriz.com.br/www4/sobreimperatriz.php>>.

²⁰¹ Cf. Campos (1983) somando a produção dos frigoríficos locais Frigosantos e Indil com a dos frigoríficos Riosulense e Frigoplan, geravam a distribuição de 50% para supermercados, 35% para açougues e 15% a consumos diversos.



circulação dos salários provenientes do serviço público.²⁰² Estes fatores ainda contribuíram na segmentação de mercado no setor de atividades em que atuam os negócios das empresas “Distribuidora Kretzer”, “Dominik Metalcenter”, “Postos Nienkötter”, “Gerber Móveis” e “Bebidas Leonardo Sell”.

Ao contrário de algumas empresas no ramo de alimentos que se tornaram rentáveis através das altas taxas de inflação, entre 1987 e 1994, o “Atacadão de Cereais Kretzer Ltda” deve o crescimento de suas operações à chegada dos primeiros computadores (1988) e ao aumento no número de vendedores, como também à expansão das regiões que passou a atender. Preparando-se para ampliar a sua atividade, em 1996, a empresa passou a se chamar “DK - Distribuidora Kretzer”, distribuindo produtos de empresas parceiras e nunca comercializando os produtos de suas concorrentes.²⁰³

Durante o ciclo juglariano de desenvolvimento das indústrias químicas e de mecânica pesada nas décadas de 1960-70, as “lojas Dominik”, iniciada no bairro Estreito, expandiu-se suprindo as necessidades de tornearia e solda como parceira das funilarias e mecânicas locais, ao mesmo tempo em que também introduziu no mercado a recauchutagem de pneus, a distribuição de aço e fabricação própria de fios e cabos, correspondendo, o último, a 15% de suas atividades. Atualmente, ela concorre com as empresas “Ferromil”, “Zinca Rápido”, “Orion” e “Gerdau” que, juntas, compreendem 70% do mercado interno e 80% das vendas fora de Santa Catarina. A loja do bairro Roçado, sozinha, possui 108 funcionários.²⁰⁴

Outra iniciativa originária deste ciclo breve (1960-70) equivale às indústrias de plásticos criadas por Aldo Nienkötter. A primeira, logo foi vendida e não prosperou. Iniciada em 1978, no bairro Estreito, a segunda indústria, a “INIPLASA”, ficou com o

²⁰² Cf. Vidor (1995), até 1979, Santa Catarina estava dividida em duas regiões com as maiores médias salariais, a primeira composta por 26 municípios de influência (Região Metropolitana de Florianópolis e mais quatro municípios vizinhos — Bom Retiro, Ituporanga, Garopaba e Porto Belo) e a segunda, de média salarial mais elevada, constituída por 76 municípios (vales atlânticos no entorno de Joinville, Blumenau e Brusque). Esta hierarquização geo-salarial explica, em parte, a polarização exercida pelos municípios de maior rentabilidade, Joinville e Florianópolis, que, apesar da diferença de desenvolvimento industrial existente entre ambos, denota a desenvolvida rede comercial e prestadora de serviços (sobretudo públicos) de Florianópolis, absorvendo todo o contingente de trabalhadores procedentes de cidades próximas e distantes, cujos salários se faziam inferiores.

²⁰³ Endereço eletrônico <http://www.kretzer.com.br/kretzer/inst_historia.php>.

²⁰⁴ Informações obtidas pela entrevista concedida à autora por Rafael Reitz. São José, 22/11/2007.

proprietário por quase trinta anos. Como empresa pioneira na fabricação de plásticos na região, a falta de matéria-prima obrigou o proprietário a recorrer ao auxílio do governo estadual para trazer tais insumos com menores impostos. Esta indústria introduziu novidades em termos de materiais e máquinas, como o polietileno linear, obtendo uma produção de 50 toneladas/mês com um total de 500 funcionários. Dedicando-se à fabricação de embalagens personalizadas para clientes como Sadia, Artex, entre outros, expandiu a sua área de atendimento aos estados sulinos. A fábrica passou por um período recessivo, também ocasionado pela alta inflação no decorrer do governo Sarney (1986-89). Em 1990, a fábrica foi transferida para o município de Palhoça, sendo vendida em 2003.²⁰⁵ O aumento populacional e na frota de veículos da Região Metropolitana de Florianópolis, tão logo motivaram Aldo Nienkötter aos pedidos de licença e à procura de terrenos próximos das principais rodovias a fim de implantar cinco postos de combustíveis, possuindo hoje 150 funcionários.²⁰⁶

Na década de 1980, também a “Gerber Móveis” conseguiu atender ao mercado regional comercializando colchões ortopédicos de fabricação própria, móveis e decoração, alcançando um total de 100 funcionários para atendimento dos segmentos A e B. O Plano Collor 1 (1990) e 2 (1991) não chegou a afetar no seu faturamento, embora, as suas reservas monetárias tivessem diminuído, já que a concorrência vinda de outras áreas se tornou mais forte, a exemplo da “Formaplas”, “Florense”, etc. Entre 1998-2008, nota-se um mercado em oferta de mercadorias com crises para reduzir os custos e no limite para manter o negócio sem expectativas. Hoje apresenta 30 funcionários, trabalhando com estofaria, marcenaria, pintura e cortinas, que resultam em 10% de fabricação própria.²⁰⁷

A “Indústria de Bebidas Leonardo Sell” representa a resistência de um refrigerante regional que concorre com marcas mundiais. Comercializando diretamente com todos os supermercados (exceto o “Makro”), tem ampliado a sua área de atuação, que abrange a Região Metropolitana de Florianópolis, além de ir, ao norte, até Itapema, ao sul, até Tubarão, e a oeste, até Bom Retiro, ou seja, buscando uma abrangência

²⁰⁵ Informações retiradas da entrevista concedida à autora por Aldo Nienkötter. Florianópolis, 08/12/2007.

²⁰⁶ Cf. Aldo Nienkötter, o primeiro terreno, em 1981 na Via Expressa; o segundo em 1985 na SC-401; em 2005 na Área Industrial de São José; em 2006 no Shopping Itaguaçu; e no bairro Coqueiros em 2007.

²⁰⁷ Informações da entrevista concedida à autora por Fabiano L. Gerber. Florianópolis, 07/12/2007.

concentrada na fachada atlântica catarinense. A empresa utiliza os maiores fornecedores disponíveis no mercado em essências (*Duas Rodas*) e gás (*White Martins*), tendo uma reserva de água própria. A década de 1990 marcou um período de modernização da fábrica, do ingresso de novas máquinas engarrafadoras e rotuladoras automáticas até o acompanhamento das garrafas *pet* como a nova tecnologia do ramo. A empresa tem crescido numa média de 5% a cada cinco anos, dividindo o mercado em que atua com 3 a 5% contra 70% da Coca-cola e 25% da Antarctica, que realizam vendas casadas de refrigerantes e cervejas. Mantém 50 funcionários sem que tenha ocorrido até o presente momento qualquer questão trabalhista.²⁰⁸

Cabe destacar que, o crescente potencial de consumo da Região Metropolitana de Florianópolis, em parte, é reflexo do crescimento populacional que repercute numa concentração econômica nos setores da construção civil, supermercados, venda de eletrodomésticos, automóveis e combustíveis, caracterizando um mercado em plena atividade, que busca, para tanto, novas áreas de expansão urbana. Da outra parte, deve-se a uma hierarquia de centros e a uma distribuição mais eqüitativa da demanda e do consumo que, segundo Lobato Corrêa (2006 apud SILVA, 2007), é típica das formações de pequena produção mercantil imigrante. Em outras palavras, a base societária da região em questão, é a de pequenos produtores imbuídos, em si mesmos, na tentativa de alavancar a capacidade empresarial. Neste processo, a indexação de novas áreas urbanas ocorre devido ao próprio projeto de expansão de cada empresa.

O ramo supermercadista, por exemplo, é considerado como “saturado”, pois atende a mais do que o dobro da média nacional.²⁰⁹ A “lojas Koerich” é considerada uma das poucas existentes em eletrodomésticos de capital regional catarinense concorrendo com as de outros estados (por exemplo: “Casas Bahia”, “Magazine Luiza”, “lojas Base”, etc). A construção civil está crescendo sem parar, apenas deslocando o interesse para outras áreas, tanto na ilha como no continente. É nesse sentido que o mercado imobiliário e esses três ramos comerciais (supermercadista, construção civil e

²⁰⁸ Informações da entrevista concedida à autora por Sérgio Sell. Rancho Queimado, 05/12/2007.

²⁰⁹ Cf. Vidal Lohn Filho, a média brasileira é de 7 mil habitantes/supermercado. A Região Metropolitana de Florianópolis apresenta 3 mil habitantes/supermercado (Entrevista concedida à autora. São José, 23/11/2007).

venda de eletrodomésticos), encontram-se afinados para garantir as melhores posições diante da concorrência externa.

As doze empresas elencadas e as demais citadas até aqui, num dado momento, repercutiram suas ações como “rendeiros de terra”, especulando os valores dos imóveis até que assumissem uma valorização de mercado, mas, por outro lado, através dessa prática, também evoluíram uma urbanização gradativa na região metropolitana ao constituírem bairros comerciais de autonomia própria (em especial, Estreito, Campinas e Kobrasol). Estes movimentos de capital poderiam ser feitos por quaisquer empresários, pois não se constituiu numa exclusividade das doze empresas observadas. Dessa forma, renova-se a questão crucial deste trabalho: Há algum comportamento sócio-econômico que se vale do tipo de criação familiar, assim, remetendo à origem de base alemã, comum entre os mesmos e capaz de caracterizar um empresário bem-sucedido?

3.2.1 Padrões gerais obtidos pelas entrevistas²¹⁰

O resultado das nove entrevistas permitiu compor o perfil dos empresários investigados, realizando uma análise que se coloca aquém de apenas responder a existência ou não de uma teuto-brasilidade²¹¹, agregando ainda, a visão empresarial em relação à área geográfica investigada.

Entre os entrevistados, cerca de metade deles citam de forma espontânea Koerich ou Hoepcke como uma espécie de identificação da descendência alemã bem-sucedida empresarialmente. A maioria dos empresários é contemporânea à trajetória do grupo Koerich, sendo o mesmo o mais citado. Mas, quando se trata da empresa que auxiliou nas iniciativas familiares, é feita maior referência a algum envolvimento com a

²¹⁰ Embora até aqui tenham sido abordados 12 grupos empresariais, no decurso da presente pesquisa foram entrevistados pessoalmente nove empresários, sendo que um deles respondeu as perguntas por escrito. A base de informações são as perguntas formuladas, cujo roteiro é apresentado no apêndice 1. São elas: “Dominik Metalcenter”, “Supermercados Imperatriz”, “AM Construções”, “Lojas Koerich”, “Bebidas Leonardo Sell”, “Construtora Dionísio Deschamps”, “Gerber Móveis”, “Postos Nienkötter” e “Protensul”.

²¹¹ Cf. Seyferth (2007), define-se teuto-brasileiro como o indivíduo que preserva em suas atitudes diárias um conjunto de características transmitidas pelos seus antepassados alemães, principalmente a fala de algum dialeto, as cantigas e os costumes na culinária familiar.

firma Hoepcke, seja na importação de máquinas, no auxílio da construção de uma igreja, em empréstimos, etc.²¹²

A área de atuação da maioria das empresas está situada no Aglomerado Urbano de Florianópolis e seus limites (Florianópolis, São José, Biguaçú e Palhoça). Em segundo lugar, o atendimento da fachada atlântica catarinense (supermercados Imperatriz, lojas Koerich e bebidas Leonardo Sell), em seguida, o território catarinense como um todo (Dominik Metalcenter) e, por último, a região sul (Protensul). Em cinco entrevistas, revelou-se apoio político direto ou indireto para atender aos interesses da empresa. Destes empresários, todos têm suas empresas instaladas em imóveis próprios, além de aplicarem suas rendas na aquisição de outros imóveis para aluguel e/ou estoque de terrenos.

As vantagens apontadas para o estabelecimento dos negócios na Região Metropolitana de Florianópolis devem-se às suas características sócio-econômicas, além de um mercado promissor com elevado crescimento do consumo, situado em torno de 10% ao ano. Verifica-se ainda, um grau de liquidez satisfatório com renda menos concentrada e as camadas sociais mais diluídas. Nesse sentido, o crescimento urbano interfere no conhecimento dos produtos e na aquisição de veículos elevando o percentual do poder de compra na região. A localização privilegiada às margens das rodovias BR-101 e BR-282 como ligação às demais rodovias brasileiras, é apontada como uma grande vantagem apenas pela empresa Protensul. Salienta-se entre as empresas da construção civil a aprovação mais rápida de projetos em São José do que em Florianópolis e o fato de que, de certa forma, os novos moradores vem sendo induzidos pela oferta turística, tendo a ilha como o ponto de atração, mas, que depois os mesmos se deparam com o continente mais compatível para a compra. Para este item, responderam “somente o fato de ser a Capital catarinense”, dessa maneira, sem abordar alguma vantagem positiva, as entrevistas de Dominik e Gerber.

Quanto às principais dificuldades encontradas para se manter no mercado florianopolitano, as respostas mais freqüentes foram: 1º) manutenção de custos, carga

²¹² Cabe informar que, o grupo Hoepcke, dividido em duas partes, compreendendo, de um lado, as participações imobiliárias e, com a segunda herdeira majoritária, a indústria de rendas e bordados, além da acumulação de diversos imóveis, mantém uma destacada tradição em novos investimentos, principalmente na construção civil.

tributária e burocracia, além de investimento em *marketing*; 2º) encontrar e manter mão-de-obra de qualidade; 3º) superar a concorrência; e 4º) logística rodoviária e inadimplência. Na entrevista da indústria de bebidas Leonardo Sell, porém, a distância da fábrica em relação ao litoral foi apontada como um elemento favorável já que garante uma mão-de-obra considerada pelo entrevistado como melhor, no município de Rancho Queimado. Por outro lado, há que se considerar o elevado custo dos terrenos no Distrito Industrial de São José, o que impede a transferência da fábrica para aquele local.

Verifica-se, por parte dos proprietários da indústria de “Bebidas Leonardo Sell”, além de supermercados “Imperatriz”, grupo “Philippi”, “AM Construções”, “Distribuidora Kretzer”, “Dominik Metalcenter” e “Postos Nienkötter”, um elevado grau de participação nas diretorias e conselhos de entidades como representantes nos setores em que atuam.

Ao serem questionados sobre os ensinamentos familiares, as respostas estão freqüentemente associadas a: respeito, apego à família, ensinamentos adquiridos através dos mais velhos na gestão da empresa, valorização do trabalho, aprender com a empresa, honestidade, o valor do trabalho, do estudo e da religião, dentre outros. Dessa forma, é possível notar que a metade se referiu ao valor familiar dado ao trabalho, enquanto os demais caracterizaram a família como base de aprendizagem da conduta humana. A religiosidade também preponderou em 100% das respostas considerando fundadora dos alicerces aos valores morais de cada indivíduo, independente de qual seja a religião.

Dentre as características relacionadas a teuto-brasilidade, apenas em dois casos algum parente fala o idioma alemão, sete entrevistados fizeram árvore genealógica ou procuraram a cidade de origem e parentes na Alemanha, enquanto seis possuem a pesquisa de brasão da família e quatro já participaram de festas da família. Woortmann (2004, p.47), refere-se a uma inversão de espaço e tempo na qual a moderna Alemanha é motivo de orgulho, embora na época da imigração ela ainda fosse dominada por relações de produção feudais. Os novos empresários teuto-brasileiros, enriquecidos e já urbanizados passam a se reconhecer

...não como uma ruptura, mas como a conexão que os *re-liga* com a Alemanha. Contudo, no plano da memória (WOORTMANN, 1994), ele remete não à Alemanha do século XIX, com alta concentração fundiária e de renda, subnutrição, epidemias recorrentes e uma estrutura social engessada (ELIAS, 1997), mas à Alemanha de hoje, idealizada como um país moderno, democrático e com alto padrão de vida. É nessa Alemanha que os teuto-brasileiros aburguesados vão procurar brasões e outros símbolos de um passado nobilizante, em boa medida construído por genealogistas profissionais (WOORTMANN, 2000) numa outra versão de 'tradição inventada' (HOBSBAWN & RANGER, 1984).

No que se refere às características empresariais, foi perguntado a cada entrevistado se o mesmo se considera um empresário teuto-brasileiro. Seis deles responderam afirmativamente, argumentando a existência de um comportamento empresarial; uma “garra alemã” de fazer e acontecer; uma cultura empresarial; uma identificação dos agricultores da região com a empresa; um comportamento que provém da descendência européia com um trabalho diferenciado; e uma tradição de nunca se sentir derrotado. Mesmo nas respostas negativas se identifica um argumento para o qual se define a descendência alemã constituindo uma “cultura do trabalho”. Pelo fator de empreendedorismo, a descendência alemã contribui para o sucesso da empresa na opinião de quatro entrevistados (44,4% das respostas), e quando questionados se o sobrenome presente na razão social da empresa funciona como um indicativo de credibilidade e eficiência, as respostas também ficaram divididas (44,4% sim; 44,4% não; 11,2% sim/não).

De acordo com os ensinamentos marxistas, não se deve julgar o indivíduo pela idéia que ele faz de si próprio, mas, sim, explicar a sua consciência através das contradições da vida material e dos conflitos entre as forças produtivas e as relações sociais de produção (MARX, 1984b). Assim sendo, as entrevistas confirmaram a existência de uma “cultura do trabalho” advinda das áreas rurais influenciadas pelas bases coloniais alemãs na Região Metropolitana de Florianópolis. No entanto, a cultura do trabalho é caracterizada por uma construção histórica e não por uma determinação étnica. Em grande parte, estes empresários nasceram e foram criados em pequenas comunidades interioranas (interior do interior), o que também vale para os empresários Adroaldo Pedro Cassol (lojas “Cassol”) e José Nitro da Silva (lojas “Casas da Água”), oriundos das mesmas áreas demarcadas no miolo do mapa 4. Esta ética do trabalho

que emergiu do meio rural, mais do que um conjunto privilegiado de fatores econômicos, é produto de relações sociais determinadas.

3.3 A CULTURA DE PEQUENOS EMPREENDEDORES

A Capital não somente ascendeu economicamente beneficiada pela proximidade do governo e das instituições públicas em várias instâncias, como ainda devido ao grau de empreendedorismo propagado pelas áreas rurais e suas zonas de contato, pois, segundo Peluso Júnior (1991b, p.315), *Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu cresceram independentemente, todas ligadas às suas populações rurais, às quais fornecia, bens e serviços em suas atividades de lugar central.*

Assim como acontece em Santa Catarina, o contingente de empresários do setor comercial na Região Metropolitana de Florianópolis vem apresentando estratos de classe média e também um esteio da economia de mercado, pois uma grande parcela das empresas comerciais são micro, pequenas e médias. Ao lado da pequena produção mercantil evoluindo para estágios de alto-capitalismo — principalmente Koerich, Philippi, Scherer e Imperatriz (Lohn) —, é possível notar a sobrevivência de uma cultura de trabalho do pequeno empreendedor resistindo por meio de algumas fases pré-definidas com o amparo de instituições sociais.

No imediato pós-2ª Guerra, os padres católicos influenciaram na organização social das comunidades e na saída do meio rural de alguns indivíduos de maior habilidade em determinados ofícios, inclusive, dirigindo-os a outras regiões.²¹³ A partir deste período, sob a inspiração filosófico-humanista, a Igreja tentou deslocar a consciência individual para a consciência coletiva do trabalho, onde se deveria evitar o conflito de classes e as elites dirigentes em busca do equilíbrio entre os povos que, segundo Souza (2001), tornou a Igreja a instituição idealizadora e modelar da nova era capitalista, influenciando poderosamente o comportamento econômico-social.

Ora, quando se esgota o papel do vendista (década de 1960) o pequeno produtor ainda consegue dar conta de se tornar um negociante em potencial,

²¹³ Pedro Böeng conta que morava em São Bonifácio e, ainda solteiro, foi influenciado por um padre a se mudar para o município de Brusque aonde trabalhou numa madeireira (Informação Verbal, 2008).

viabilizando, determinadas vezes, uma bem-sucedida saída do meio rural para as áreas urbanas limítrofes a Florianópolis. A existência de diversos atravessadores no sistema de abastecimento até a ilha proporcionou as condições materiais para a alavancagem de diversos estabelecimentos comerciais.

A partir de 1984, com o fim do regime militar, entende-se que ocorre a reabertura da livre iniciativa fortalecendo o associativismo de classe, bastante característico do pequeno produtor rural. Neste intento de ascensão econômica, algumas entidades sociais se tornaram meios para estabelecer redes de influência, como CAEPs²¹⁴, associações, sindicatos de trabalhadores rurais, Maçonaria e política municipal. É também em 1984, que a comunidade católica do bairro Kobrasol, o principal reduto comercial de São José, começa a se organizar através da intervenção de padres descendentes de alemães, do prefeito municipal Germano João Vieira e de 300 moradores (KOERICH, 2001).

De acordo com Moritz (2000), determinados comerciantes tornaram-se elementos de identificação na opinião pública graças ao seu contato diário por meio do *marketing* e vendas. Sobre o contato diário através da publicidade comercial, o exemplo mais didático na região metropolitana é “lojas Koerich”. O filme “*Koerich 50 anos. Uma história de sucesso*” (2005) demonstra a tradição da marca que, entre outros elementos, tem expressado as diversas mensagens natalinas relacionadas à religiosidade cristã. Ainda é possível mencionar alguns panfletos que foram distribuídos pelas “Organizações Koerich” e “Koesa”, durante a década de 1980, com mensagens sob o tema “Dinheiro”, “Oração do Lutador” e até de Abraham Lincoln, instigando, de certa maneira, uma ideologia do trabalho entre os seus clientes.

Para verificar o grau de importância deste empreendedorismo com relação às bases da origem alemã, investigou-se a contagem de empresas de acordo com os tributos lançados pelo município de São José, perfazendo os seguintes referenciais:

²¹⁴ CAEP significa Comissão de Administração Econômica Paroquial.

QUADRO 5 - Cadastro Econômico de Empresas em São José (1980-2007)

Município	Número de registros	Total de Registros Apurados quanto à origem alemã	Participação da origem alemã (%)	Tipo de Cadastro Econômico	Empresas registradas com incidência do sobrenome de origem alemã na Razão Social
São José	30515	7688	25,19	Em Atividade	4782
				Baixado	2906
				Não optante pelo Simples	3592
				Optante pelo Simples	4096

Fonte: Prefeitura Municipal de São José - Secretaria Municipal da Receita, 2008. Contagem da autora.

Obs: A lista dos principais sobrenomes encontrados consta no apêndice 2.

Este quadro salienta uma proporção maior de empresas em atividade e com perfil de optante pelo “Simples” (microempresa). O total de empresas nas quais o proprietário possui um sobrenome de origem alemã alcança 1/4 no total de registros. A seqüência de lançamentos na listagem ainda permite constatar que as empresas iniciadas na década de 1980 apresentam uma elevada incidência de registros no Simples que, durante a década de 1990, alcançou uma maioria de baixados, ou seja, fora de atividade no seu campo de ação. Este dado confirma, de certa forma, que a abertura do meio rural somente até o final de 1960-70 manifestou empreendedores mais fortalecidos para enfrentar as conjunturas econômicas da referida região. A partir da década de 1990, a situação é novamente favorável em vistas de uma ampliação nos setores da construção civil e de serviços em função do crescimento populacional do Aglomerado Urbano de Florianópolis (municípios de São José e Florianópolis).

Em relação às entidades patronais existentes na ilha e no continente, a pequena produção mercantil originada das áreas rurais acabou propagando uma diferenciação entre os seus representantes. Aponta Prochnov (1996), que o perfil empresarial dos associados da ACIF apresenta o predomínio de lojistas e, na Associação Empresarial da Região Metropolitana de Florianópolis (AEMFLO)²¹⁵, as atividades dos associados se referem aos setores de base da construção civil e serviços especializados. Esta maior diversidade nos ramos de atividade reflete um empreendedorismo latente nos municípios periféricos a Florianópolis agindo numa espécie de renovação dos capitais

²¹⁵ Iniciada em 07 de junho de 1984, pela reunião esporádica de alguns empresários do Distrito Industrial de São José, formalizou-se a AEMFLO em agosto de 1986 [AEMFLO. *In*: (propaganda) *SOS Agenda*. São José, Samantha Editora, 1994/1995, p.155].

locais como resultante dos processos de ascensão social, transcorridos na segunda parte do século XX.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso reconhecer a distinção entre as duas fases de pequena produção de origem alemã, abordadas durante os capítulos dois e três. A primeira delas (capítulo dois), está ligada aos atacadistas de conexão com o capital internacional que, apesar de vários nomes terem ascendido de baixo, praticavam casamentos para o aumento de capital representando uma burguesia comercial envolvida com os hábitos elitizados. Para diferenciar cada fase, basta entender o que representava a firma Hoepcke na virada do século XIX-XX e atualmente. Já o empreendedorismo recente (capítulo três), constitui-se de uma maioria de pequenos produtores que ascenderam à condição de comerciantes regionais aproveitando as condições materiais (ciclos econômicos, crescimento urbano, reestruturação do complexo rural) para o aumento de capital.

O conhecimento das diferenças existentes entre a pequena produção mercantil açoriana e a pequena produção mercantil alemã na área geográfica estudada, permite entender que o sistema de heranças e os hábitos de poupança no âmbito familiar tornaram mais resistentes os mecanismos desta última, possibilitados por uma gama maior de atravessadores e pontos de distribuição (complexo vendeiro), o que redundou em chances mais favoráveis à formação de capital. Contudo, é importante frisar que para a grande parte dos empresários entrevistados, as heranças não se constituíram em fontes de capital inicial para a abertura dos negócios, tratando-se, na maioria das vezes, de empreendedores sem capital os quais obtiveram rendimentos através do aprendizado de um novo ofício, seja enquanto artesão ou vendedor ambulante/pequeno atacadista/comerciante. Foi bem mais raro o caso de empresários bem-sucedidos que apenas deram continuidade aos negócios da família.

A fisionomia da região não seria a mesma sem a base social de pequenos produtores, que acabaram realizando a transição entre a economia pré-capitalista e capitalista na região. Dobb (1983), citando Marx, verificou que esta ascensão de capitalistas a partir das fileiras dos pequenos produtores agrícolas, através de

determinadas relações sociais de produção com venda direta de seus produtos, constituiu as bases para a formação da sociedade urbana.

Ao se referir sobre a “via realmente revolucionária” de transição, Dobb (1983) reconhece o duplo papel do pequeno produtor enquanto mercador e capitalista — situação esta que o coloca num pertencimento campo-cidade, sem totalmente estar em apenas um dos mesmos sistemas. Com efeito, esta abordagem fornece elementos relevantes para explicar a formação empresarial emergente do meio rural próximo a Florianópolis, especialmente das áreas de influência da colonização alemã.

Os empresários descendentes de alemães mais bem-sucedidos na região (os doze casos selecionados), adaptaram-se às conjunturas econômicas brasileiras e, através delas, estabeleceram um tipo de comportamento constante de análise do mercado, contudo, sem esquecer os ensinamentos familiares fruto da sua origem agrícola, o que demonstra uma ligação urbana e rural incutida nas características de tais indivíduos.

É importante entender que a Capital catarinense como lugar central de sua região funcional, permaneceu isolada sobre si mesma sem participar da divisão regional do trabalho entre 1930-50, quando algum excedente econômico estadual passou a ser carregado para si por meio de tributações, viabilizando a ampliação dos organismos governamentais e de serviços. Somente a partir daí, as iniciativas de capitais regionais passaram a responder pelo setor terciário na Região Metropolitana de Florianópolis. Em outras palavras, o setor terciário se engendra intimamente dependente da administração pública.

Apesar do seu papel modernizador a ação usurária dos atacadistas até o início do século XX, com o arrefecimento industrial principalmente das fábricas Hoepcke, resultou na organização de um centro tão-somente para o consumo em Florianópolis, o qual postergou o desenvolvimento urbano-regional para as novas frentes criadas pela iniciativa individual de pequenos produtores no continente, principalmente a partir da década de 1950. De certa forma, a pequena produção mercantil de origem alemã pode ser entendida como a dinâmica das áreas adjacentes a Florianópolis que se realizou mais efetivamente no município de São José, através de uma ação centrípeta das forças produtivas de capital privado, ou seja, a matriz da maior parte das empresas

permanecendo nessa cidade favoreceu a expansão de filiais em outras áreas graças à dinâmica rodoviária. Enquanto o mercado interno da Ilha de Santa Catarina é atualmente mais restrito à classe alta, o continente possui uma difusão de empreendedorismo em vários graus, com predominância do nível mediano — aqui representados no modelo para descendentes de alemães como “alto-capitalistas” (nível elevado) e “cultura de pequenos empreendedores” (patamares de micro e pequenas empresas).

A função de Florianópolis no contexto regional, enquanto sede do complexo político-administrativo, ao lado das limitações da agricultura e da indústria regionais, além do rápido processo de urbanização, levaram a um expressivo alargamento do seu setor terciário. O rápido alastramento do setor terciário e da demanda residencial associados às facilidades creditícias oferecidas pelo governo federal ao mercado imobiliário, explicam a dinâmica transformadora da construção civil no cenário urbano da Capital e municípios das redondezas (Biguaçu, São José e Palhoça). Não raro, estas áreas urbanas foram escolhidas pelos descendentes de alemães para empreenderem os seus negócios, adequando o aprendizado no meio rural com o cotidiano urbano para dar origem a uma experiência empresarial.

O que vem ocorrendo na referida Região Metropolitana é, sobretudo, um transbordamento do crescimento horizontal de Florianópolis por meio das iniciativas públicas (ciclos juglarianos brasileiros, planos federais, estaduais e obras municipais) conjugadas às iniciativas privadas continentais (caráter empresarial que emergiu da pequena produção mercantil) para os espaços urbanos do aglomeramento urbano polarizado por Florianópolis e São José, paralelamente ao aumento demográfico, através da transferência de contingentes rurais e não-rurais para esta mesma área. Todavia, no decorrer da pesquisa foi possível identificar algumas fases específicas dos ajuntamentos e predomínios empresariais exercidos pelos capitais de descendentes de alemães, conforme segue:

O primeiro momento se refere a duas realidades mercantis que pouco se cruzaram no decurso dos acontecimentos, respondendo, de um lado, os atacadistas de articulação internacional (liderados por Carl Hoepcke), no centro de Desterro/Florianópolis e, num outro plano, situado nas áreas lindeiras à ilha, aos

vendistas em diferentes estágios de acumulação de capital acompanhados de um lastro de pequenos produtores que se dedicavam ao plantio e artesanato de baixo preço.

Já na segunda fase, as possibilidades de saída do meio rural passaram a ser facilitadas pelas conjunturas econômicas brasileiras incidindo na urbanização das cidades a partir da década de 1950, época em que o ramo madeireiro assumiu um papel importante na configuração urbana e no surgimento de novas empresas locais. Nesta mesma etapa, cumpre em dizer que o centro urbano de Florianópolis começou a substituir os antigos atacadistas pelos comerciantes de ramos especializados, como foi o caso precursor das “lojas Koerich”.

Na terceira fase, a existência de linhas de ônibus até o bairro Estreito possibilitou os deslocamentos periódicos ao centro urbano. Os pequenos produtores receberam apoio do governo do Estado para permanecerem no campo, seja na cooperação de técnicos vindos da Alemanha, na emancipação de pequenos municípios ou no lançamento da CEASA em São José (1976), já que, com o fim do complexo vendista, estes pequenos produtores tiveram que se lançarem sozinhos às áreas urbanas para comercializar os seus gêneros agrícolas.

Em que pese as suas condicionantes, a quarta fase demonstra melhor a transição dos indivíduos de pequeno-produtores em se tornarem empresários, onde o espaço de sua realização foi, conforme já analisado, especialmente o bairro Kobrasol, no município de São José. O projeto do bairro Kobrasol aconteceu na década de 1970, conjugado à implantação do Distrito Industrial de São José. No bairro Kobrasol, a demanda por residências atraiu o empreendedorismo de diversos descendentes de alemães, que contaram com as reservas próprias de capital para implementar negócios voltados à construção civil facilitados pelos financiamentos governamentais.

Na última fase, pode-se dizer que, ao ser edificado o “Beiramar Shopping”, o primeiro da Capital, um novo ajuntamento de capitais de descendentes de alemães passou a se constituir não somente devido aos seus sócios-proprietários, como também ao pioneirismo de novas lojas, tais como, “A Barateira”, supermercados “Imperatriz” e “lojas Koerich” dentro do próprio *shopping*. Esta última fase, durante a década de 1990, também coincide com um novo reaquecimento do setor agrícola na região, no qual se intensificam pequenos capitais de descendentes de alemães. Também, a partir daí, a

situação é novamente favorável na ampliação nos setores da construção civil e de serviços em função do crescimento populacional do Aglomerado Urbano de Florianópolis, que fez despontarem algumas outras empresas.

É preciso entender que o processo de enriquecimento dos doze casos empresariais de descendentes de alemães abordados na pesquisa, atravessou, necessariamente, as interfaces de uma pequena produção mercantil bastante adaptada às demandas locais, tendo que, para tanto, viabilizar os meios próprios de transporte e conexão com as áreas urbanas. A mutação campo-cidade é muito rápida: Se no meio rural um indivíduo era considerado pequeno produtor, ao chegar a São José ou Florianópolis o mesmo se torna um negociante. Esta dinâmica caracteriza o espaço peri-urbano da Região Metropolitana de Florianópolis, onde ainda é visível o misto de pequenos produtores rurais e negociantes nos mesmos indivíduos como base social no abastecimento agrícola.

REFERÊNCIAS

1 - Livros e Trabalhos Científicos

ABREU JÚNIOR, A. F. de. *Florianópolis: uma viagem no tempo*. Florianópolis: Pentagrama, 2004.

ALBERTON, J. O. *Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, UFSC, 2006.

ALMEIDA, R. P. Ideologia dos Industriais Catarinenses. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, n.09, 3ª fase, Florianópolis, 1990, p. 77-85.

_____. *Um aspecto da economia de Santa Catarina: a Indústria Ervateira*. O Estudo da Companhia Industrial. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis, UFSC, 1979.

ALPERSTEDT, C. *O planejamento formal e seus resultados: um estudo de caso na Macedo Koerich S.A.* Dissertação de Mestrado em Administração. Florianópolis, UFSC, 1994.

ARRUDA, J. J. de A. Delimitação das conjunturas. In: ARRUDA, J. J. de A. *O Brasil no comércio colonial*. São Paulo: Ed. Ática, 1980, p. 89-120.

AUED, B. W. *Histórias de profissões em Santa Catarina: ondas largas “civilizadoras”*. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999.

AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858*. parte II. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

BALDESSAR, Q. D. (MONS.). *Os imigrantes no confronto com os donos da terra, os índios*. Florianópolis: Ed. do Autor, 1991.

BASTOS, J. M. *O comércio de múltiplas filiais em Florianópolis-SC*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Florianópolis, UFSC, 1997.

_____. *O comércio de múltiplas filiais no Sul do Brasil*. Tese de Doutorado em Geografia. São Paulo, USP, 2002.

_____. Urbanização, comércio e pequena produção mercantil pesqueira na Ilha de Santa Catarina. In: SANTOS, M. A. dos.(org.). *Ensaio sobre Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000, p.127-140.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

BEIRÃO FILHO, J. A. *Remodelando corpos: As costureiras e suas reminiscências na Florianópolis de 1950*. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção e Sistemas. Florianópolis, UFSC, 2004.

- BENCHIMOL, S. O Aproveitamento das Terras Incultas e a Fixação do Homem ao Solo. In: *Boletim Geográfico*. Ano IV, n.42, Conselho Nacional de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro, set 1946, p. 684-670.
- BERNARDES, N. A colonização européia no sul do Brasil. In: *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro, CNG, Ano X, n. 160, p.89-102, jan/fev 1952, p. 89-102.
- BESSEN, J. A. Contribuição Étnica-Alemã. In: MELO, O. F. de. *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube 12 de Agosto, IHGSC, Lunardelli, 1991, p.103-105.
- BONETTI, E. A teoria das localidades centrais, segundo W. Christaller e A. Losch. In: BONETTI, E. et al. Centralidade – Regionalização. *Textos Básicos*, n.1, IPGH, Rio de Janeiro, 1968, p.01-17.
- BORN, J. N. *Biguassú*. Notícia Estatístico-Descritiva. IBGE. Publicação n.24. Florianópolis: Departamento Estadual de Estatística, novembro de 1941.
- BOSSLE, O. P. *História da Industrialização Catarinense*. (Das origens à integração no Desenvolvimento Brasileiro). Florianópolis: FIESC, 1988.
- BRESSAN, E. L. *A Indústria Cafeeira no Aglomerado Urbano de Florianópolis*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Geografia. Florianópolis, UFSC, 1990.
- BRÜGGEMANN, A. A. *Ao poente da Serra Geral: A abertura de um caminho entre as capitânicas de Santa Catarina e São Paulo no final do século XVIII*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em História. Florianópolis, UDESC, 2004.
- CABRAL, O. R. *Brusque: Subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império*. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1958.
- _____. *Nossa Senhora do Destêrro*. Memória II. Florianópolis: Impresso na UFSC, maio de 1972.
- CÂMARA, L. *Estrangeiros em Santa Catarina*. Florianópolis: Departamento Estadual de Estatística, IBGE, 1940. (Separata da “Revista de Imigração e Colonização”, ano I, n.4, outubro de 1940)
- _____. *Reflexos da guerra na economia catarinense*. Florianópolis: Departamento Estadual de Estatística, março/1945.
- CAMPOS, D. Depoimento. Recordações de Florianópolis e de catarinenses desde 1930. In: *Geosul*. n.28, v.XIV, Departamento de Geociências. CFH/UFSC, Florianópolis, 2º semestre de 1999, p.189-200.
- CAMPOS, N. J. de. *Sistema de abastecimento de mercado florianopolitano: comércio de carnes em geral*. Especialização em Geografia. Florianópolis, UFSC, 1983.
- _____. *Terras comunais e pequena produção açoriana na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: FCC, Ed. UFSC, 1991.
- CASTRO, M. H. M. de. Nosso mestre Ignácio Rangel. In: RANGEL, I. *Obras reunidas*. v.1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p.15-36.
- CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. In: *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro, CNG, n.179 e 180, 1964, p.139-145 e 267-276.

- COELHO, I. É proibido ser alemão: é tempo de abraçar-se. In: GUEDES, S. P. L. de. (org). *Histórias de (i)migrantes: o cotidiano de uma cidade*. Joinville: UNIVILLE, 1998, p.162-195.
- COELHO, R. S. *A história das indústrias de refrigerante de Santa Catarina Leonardo Sell e Max Wilhelm*. Florianópolis: Ed. do Autor, 2002.
- CORRÊA, C. H. *Um Estado entre duas Repúblicas: a revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984.
- COSTA, L. *O Continente das Lagens*. v.3. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- CUNHA, I. J. A imigração de centros urbanos. A indústria e o comércio. In: Simpósio sobre Imigração e Cultura Alemã da Grande Florianópolis. (1, Florianópolis, 2005). *Anais...* Florianópolis, Instituto Carl Hoepcke, 2005, p. 241-266.
- _____. *Evolução Econômico-Industrial de Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- _____. Evolução Industrial de Santa Catarina: uma proposta de periodização. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, n.15, 3ª fase, Florianópolis, 1996, p. 41-56.
- _____. O Fraco Papel da Indústria na Economia da Ilha de Santa Catarina: um caso diferenciado de desenvolvimento. In: PEREIRA, N. do V... (orgs). *A Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente*. v.2. Florianópolis: IHGSC, 2002, p. 303-319.
- CZESNAT, L. de O. *As Estruturas das Atividades Comerciais da Empresa Carl Hoepcke e Cia no Contexto Catarinense*. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis, UFSC, 1980.
- D'AMARAL, M. T. Contribuição à História da Colonização do Vale do Itajaí. In: Congresso de História Catarinense. (1, Florianópolis, 1948). *Anais...* v.2. Florianópolis, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1950, p. 276-329.
- D'AZAMBUJA, B. A. N. *Descrição Topographica do Mappa da Província de Santa Catharina*. Rio de Janeiro: Governo Imperial, Typographia Franco-Americana, 1873. (Comissão do Registro geral e Estatística das terras publicas e possuídas)
- DEAN, W. *A Industrialização de São Paulo (1880-1945)*. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- DÉNYS, R. Esboço de Planejamento sobre a Imigração. In: *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro, CNG, Ano VIII, N.94, Conselho Nacional de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro, jan 1951, p.1159-1161.
- DESCHAMPS, O. *Estradas da vida: história de um ramo da família Deschamps*. São Pedro de Alcântara: Ed. do Autor, 2001.
- DIAS, J. R. de S.; TEIXEIRA, V. I. & SANCHES, D. P. *Santa Catarina: Imigrantes & Indústria*. São Paulo: Ed. Rios, 1987.

DIAS, W. Florianópolis: Ensaio de Geografia Urbana. In: *Boletim Geográfico do Departamento Estadual de Geografia e Estatística*. Anos I e II. n.1, 2 e 3. Florianópolis: DEGC, jan./1947, p. 64-75; jul./1947, p. 01-75; jan/1948, p. 41-63.

DIEGUES JÚNIOR, M. *Imigração, Urbanização e Industrialização*. (Estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1964.

DINIZ, J. A. F. Evolução das propriedades agrícolas do município de Araras (1850-1965). In: PAULA, E. S. de. (org.). Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. (5, v.2, Coleção Revista de História XXXVI, São Paulo, 1971) - Portos, Rotas e Comércio. *Anais...* São Paulo, Revista de História, 1971, p. 531-548.

DOBB, M. H. *A Evolução do Capitalismo*. São Paulo: Abril, 1983.

DOMINGOS, M. S. *Evolução Sócio-Econômica do município de São José/SC*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Florianópolis, UFSC, 2002.

ENCICLOPÉDIA NAÇÕES DO MUNDO. *Alemanha*. Rio de Janeiro: Time Life, Abril, 1986.

ENTRES, G. Handel, Industrie, Technik und Handwerk. In: ENTRES, G. *Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier Deutscher Einwanderung in Santa Catarina*. Florianópolis: Livraria Central - Alberto Entres, 1929, p.152-163.

FAISOL, S. Alguns Aspectos do Problema da Colonização no Brasil. In: *Boletim Geográfico*. Ano X, n.111, Conselho Nacional de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro, nov-dez 1952, p. 691-711.

FARIAS, K. A. de. *130 Anos de Colonização Alemã em São Ludgero*. São Ludgero: Prefeitura Municipal, 2003.

FARIAS, W. F. de. *São José: 250 anos – natureza, história e cultura*. São José: Ed. do Autor, 1999.

FÁVERI, M. de. *Memórias de uma (outra) guerra*. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Tese de Doutorado em História. Florianópolis, UFSC, 2002.

GERLACH, G.; MACHADO, O. *São José*. Breve história da cidade e seu teatro. São José: Gráfica Canarinho, janeiro de 1982.

_____. *São José da Terra Firme*. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, Reserva Rio das Furnas, Floriprint, 2007.

GERTZ, R. E. Cidadania e nacionalidade: história e conceitos de uma época. In: MÜLLER, T. L. (org.). *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994, p.13-26.

GEVAERD, J. R. *Aspectos críticos da Gestão Organizacional: o caso Koerich*. Dissertação de Mestrado em Administração. Florianópolis, UFSC, 2002.

GOULARTI FILHO, A. *Formação Econômica de Santa Catarina*. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

GRAMKOW, M. M. *O Colono da Cana* – estudo sobre as unidades de produção familiares do Vale do Rio Tijucas. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Florianópolis, UFSC, 1983.

GRAMSCI, A. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. 7.ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1989.

HATZKY, E. *Uma mulher do século passado*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

HENRIQUE, R. C. O Desenvolvimento proporcionado pela Rodovia BR-101 aos Municípios da Grande Florianópolis – SC. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE SANTA CATARINA, I, 1996. *Anais...* Florianópolis: IHGSC, 1997, p. 534-541.

HERING, M. L. R. *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Ed. da FURB, 1987.

HERKENHOFF, E. São Pedro de Alcântara – um marco na História Catarinense. In: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XX, n.10, Fundação Dr. Blumenau. Blumenau, outubro 1979, p. 276-279.

HOEPCKE, C. A situação econômica do Brasil em fins do século passado. Trad. E. Odebrecht. In: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXV, n.04, Fundação Dr. Blumenau. Blumenau, abril 1994, p.107.

HOLLANDA, S. B. de.; CAMPOS, P. M. *O Brasil Monárquico*. Tomo II. 4.vol. Declínio e Queda do Império. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira)

HÜBENER, L. M. *O comércio da cidade do Desterro no século XIX*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1981.

_____. História Econômica e Financeira. In: . In: MELO, O. F. de. *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube 12 de Agosto, IHGSC, Lunardelli, 1991, p.183-191.

IBGE. *Atlas Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis: Diretório Regional de Santa Catarina, 1958.

IBGE. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. *Santa Catarina*. v.32. Rio de Janeiro: IBGE, 13 de novembro de 1959.

IBGE. Geografia do Brasil. *Grande Região Sul*. v.4. tomo I e II. 2.ed. n.18. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira, 1968.

JOCHEM, T. V.; ALVES, D. B. *São Pedro de Alcântara. 170 anos depois... 1829 - março - 1999*. São Pedro de Alcântara: Comissão dos Festejos, 1999.

JOCHEM, T. V. *A formação da Colônia Alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860-1910)*. Palhoça: Ed. do Autor, 2002.

_____. Política de imigração x pequena propriedade e trabalho livre. In: Simpósio sobre Imigração e Cultura Alemã da Grande Florianópolis. (1, Florianópolis, 2005). *Anais...* Florianópolis, Instituto Carl Hoepcke, 2005, p. 213-240.

- _____. *Pouso dos Imigrantes*. Florianópolis: Papa-livro, 1992.
- _____. (org.) *Sesquicentenário da Colônia Alemã Santa Isabel (1847-1997)*. Celebração e memória. Águas Mornas: Comissão dos Festejos, 1998.
- KLUG, J. Confessionalidade e etnicidade em Santa Catarina: tensões entre luteranos e católicos. In: *Revista de Ciências Humanas*. v.16.n.24. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, p. 111-127.
- _____. *Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro-Florianópolis*. Florianópolis: Papa-Livro, 1994.
- KOCH, E. D. A Colonização no Médio-Vale do Rio Itajaí do Sul. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, n.14, 3ª fase, Florianópolis, 1995, p. 92-103.
- KOERICH, A. F. Kobrasol, uma caminhada de fé. In: *Sinfonia Poética e Prosa...* Academia São José de Letras. Vol. II. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 2001, p.19-26.
- KOERICH, A. P. K. *A diversificação como estratégia da Empresa Eugênio Raulino Koerich S/A*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Ciências Econômicas. Florianópolis, UFSC, jun/1996.
- KRIEGER, G. P. *O papel dos imigrantes alemães na formação dos novos empresários na Região Metropolitana de Florianópolis – SC*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Geografia. Florianópolis, UFSC, 2007.
- LENIN, V. I. *El programa agrario de la socialdemocracia en la primera revolución rusa de 1905-1907*. Moscou: Editorial Progreso, 1978.
- _____. *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- LENZI, C. A. S. A saga de uma estrada. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, n.12, 3ª fase, Florianópolis, 1993, p. 192-194.
- LINS, H. N. *Reestruturação Industrial em Santa Catarina*. Pequenas e médias empresas têxteis e vestuaristas catarinenses perante os desafios dos anos 90. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.
- LOHBAUER, C. *Brasil - Alemanha: fases de uma parceria (1964 - 1999)*. São Paulo: Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung, 2000.
- LOPES, J. L. *Palhoça*. (Nota estatístico-descritiva). Florianópolis: Departamento de Geografia e Publicidade do Estado, 12 de novembro de 1939.
- _____. *São José – Palhoça: seus antigos e actuaes limites*. Florianópolis, 1926.
- LUZ, A. A. da. *Santa Catarina, quatro séculos de história*. Florianópolis: Insular, 2000.
- LUZ JÚNIOR, E. J. da. *Evolução do Distrito Industrial da Fazenda Santo Antônio do Município de São José/SC (1975-2003)*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Geografia. Florianópolis, UDESC, 2003.

MACHADO NETO, B. Importância do Comércio na Formação das Cidades. In: *Boletim Geográfico*. Ano XII, n.120, Conselho Nacional de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro, mai-jun 1954, p. 298-303.

MAMIGONIAN, A. A Escola Francesa de Geografia e o papel de Cholley. In: *Cadernos Geográficos*. n.6. Departamento de Geociências. Florianópolis, UFSC, maio de 2003.

_____. Apresentação. Florianópolis, julho/1991. In: SILVA, C. M. e. *Ganchos/SC: Ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira*. Florianópolis: FCC, Ed. UFSC, 1992, p.15-17.

_____. Brusque: Estudo de Geografia Urbana e Econômica. In: Sociedade Amigos de Brusque. *Álbum do 1º centenário de Brusque*. Brusque: SAB, 1960.

_____. Florianópolis. In: *Atlas Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis: Diretório Regional de Santa Catarina, IBGE, 1958.

_____. Indústrias. In: *Atlas de Santa Catarina*. GAPLAN. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro, 1986.

_____. Introdução ao pensamento de Ignácio Rangel. In: *Geosul*. n.3, Ano II, Departamento de Geociências. CFH/UFSC, Florianópolis, 1º semestre de 1987, p.63-71.

_____. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XXVII. n.3. Rio de Janeiro: IBGE, julho/setembro 1965.

_____. O processo de industrialização em São Paulo. In: *Boletim Paulista de Geografia*. n.50, São Paulo, março de 1976.

_____. (org). Simpósio Nacional sobre O Pensamento de Ignácio Rangel. (1.: 1994 : Florianópolis). *O Pensamento de Ignácio Rangel* Apresentadores Domar Campos... [et al.] Florianópolis: UFSC, PPGG, 1997.

_____. Teorias sobre a Industrialização Brasileira. In: *Cadernos Geográficos*. n.02. Departamento de Geociências. CFH/UFSC. Florianópolis, maio/2000.

MARCON, M. T. de R. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Florianópolis, UFSC, 2000.

MARX, K. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. *O Capital: crítica da economia política*. v.1.Tomo II. São Paulo: Abril Cultural, 1984(a).

_____. Prefácio. In: MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984(b).

MATTOS, J. A. de. *Colonização do Estado de Santa Catarina: Dados históricos e estatísticos (1640-1916)*. Florianópolis: Secretaria Geral dos Negócios do Estado, Tipografia "O Dia", 1917.

MEIRINHO, J. Raulino Horn: um republicano histórico em Santa Catarina. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, n.18, 3ª fase, Florianópolis, 1999, p. 233-245.

- MOELLMANN, L. *João Moritz e o desenvolvimento de Florianópolis no século XX*. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2007.
- _____. Os Alemães. In: PEREIRA, N. do V... (orgs). *A Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente*. v.2. Florianópolis: IHGSC, 2002, p. 115-136.
- MOREIRA, M. R. T. *A formação do capital mercantil e industrial em Itajaí (SC): uma industrialização incompleta*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Florianópolis, UFSC, 2003.
- MOREIRA, S. M. T. O porto da madeira. In: LENZI, R. M. *Itajaí: outras histórias*. Itajaí: Prefeitura Municipal, Fundação Genésio Miranda Lins, 2002, p. 79-90.
- MORITZ FILHO, J. E.; MORITZ NETO, J. E. A. João Moritz. Texto extraído do II Livro da Família editado em 1993. In: MORITZ, L. M. C. (coord.). *A História da Família Moritz no Brasil*. 3º Encontro da Família Moritz. Brusque: Sociedade Esportiva Bandeirante, Ed. São Miguel, out/2006, p. 35-39.
- MORITZ, O. G. O Comércio em Santa Catarina. In: CORRÊA, C. H. *A realidade catarinense no século XX*. Florianópolis: IHGSC, 2000, p. 328-345.
- MÜLLER, M. J. *Carl Hoepcke: o estruturador do desenvolvimento catarinense*. Florianópolis: Insular, 2007.
- NIEMAYER, E. *Os allemaes nos Estados do Parana e de Santa Catharina*. (1829-1929). Curitiba: Empresa Editoria Olivero, 1929.
- NIVEAU, M. *História dos Fatos Econômicos Contemporâneos*. São Paulo: Difel, 1969.
- ODEBRECHT, S. Histórico das construções em enxaimel. In: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXIII, n.03, Fundação Dr. Blumenau. Blumenau, março 1982(a), p. 84-85.
- _____. Uma casa em enxaimel. In: *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXIII, n.05, Fundação Dr. Blumenau. Blumenau, maio 1982(b) p. 149-151.
- PAIVA, J. G. de O. e. A colonização alemã de São Pedro de Alcântara. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo X. (Original escrito em Villa de São José, 20 de maio de 1848). Florianópolis: Typographia da Liv. Moderna, 1929.
- PELUSO JÚNIOR, V. A. A colonização alemã na área fronteira à Ilha de Santa Catarina. Observações geográficas. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, n.2, 8ª fase, Florianópolis, 1º semestre, 1980, p. 131-145.
- _____. *Aspectos geográficos de Santa Catarina*. Florianópolis: FCC, Ed.UFSC, 1991(a).
- _____. *Estudos de geografia urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991(b).
- _____. *Tradição e plano urbano*. Cidades Portuguesas e Alemãs no Estado de Santa Catarina. (Contribuição ao 2º Congresso Nacional de Folclore) Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore, 1953.

PEREIRA, F. R. da S. *O papel da grande empresa no processo da expansão urbana de Florianópolis: Parque Residencial Kobrasol*. Projeto de Qualificação para Mestrado em Geografia, Florianópolis, UFSC, 1997(F).

_____. *O Parque Residencial Kobrasol no processo de expansão urbana de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em Geografia, Florianópolis, UFSC, 1999(F).

PEREIRA, N. do V. *Etnografia Açoriana*. Engenheiros de farinha. Florianópolis: Fundação da Cultura Açorianista, 1992.

PEREIRA, R. M. F. do A. *A Geografia e as bases da Formação Nacional Brasileira: uma interpretação fundamentada nas idéias de Ignácio Rangel*. Tese de Doutorado em Geografia. São Paulo, USP, 1997(R).

_____. *Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna*. 3.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999(R).

_____. Formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina (Brasil): gênese e transformações recentes. In: *Geosul*. v.18, n.35, Departamento de Geociências. CFH/UFSC, Florianópolis, jan/jun 2003, p. 99-127.

PEREIRA FILHO, C. da C. *Navios na costa: iconografia náutica da costa catarinense*. São Francisco do Sul: Associação dos Amigos do Museu Nacional do Mar, 1994.

PESAVENTO, S. J. De como os alemães se tornaram gaúchos pelos caminhos da modernização. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas/RS: Ed. ULBRA, 1994, p. 199-208.

PIAZZA, M. de F. F.; BARRETO, M. T. S. & SOUZA, S. R. S. de. *A Fábrica de Pontas Rita Maria – um estudo de arqueologia industrial*. Florianópolis: Edeme, 1981.

PIAZZA, W. F. *A colonização de Santa Catarina*. Florianópolis: BRDE, junho de 1982.

_____. *A “modernização” e as elites emergentes: a contribuição alemã*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1974.

_____. *Angelina*. Um caso de colonização nacional. Florianópolis, Tese de Doutorado em História, UFSC, 1973.

_____. (org). *Dicionário Político Catarinense*. 2.ed. Florianópolis: ALESC, 1994.

_____. *Santa Catarina: história da gente*. 6.ed. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 2003.

PHILIPPI, A. J. *São Pedro de Alcântara*. A primeira colônia alemã de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. do Autor, 1995.

PRADO, A. et al. (orgs.). *Rio Grande do Sul: Terra e Povo*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1964.

PRATES, A. M. M. CORRÊA, W. K. Produção e comercialização de hortaliças no município de Antônio Carlos - SC: alguns resultados preliminares. In: *Geosul*. n.4, Ano II, Departamento de Geociências.CFH/UFSC, Florianópolis, 2º semestre de 1987, p.65-72.

Problemas de povoamento e a pequena propriedade. Resenhas e opiniões. In: *Boletim Geográfico*, Ano I, n.12, Conselho Nacional de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro, mar 1944.

PROCHNOV, N. de J. *Panorama do sistema de representação de interesses do empresariado, na microrregião de Florianópolis: enfoque da organização e das demandas (1985-1995)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia Política. Florianópolis, UFSC, 1996.

RANGEL, I. A Industrialização. In: RANGEL, I. *Obras reunidas*. v.1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p.87-128.

_____. *Economia: milagre e anti-milagre*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. *Dualidade Básica da Economia Brasileira*. 2.ed. São Paulo: Bional, 1999.

_____. Dualidade e ciclo longo. In: *Geosul*. n.3. ano II. Florianópolis, Departamento de Geociências. CFH/UFSC, 1º semestre de 1987, p. 44-62.

RECLUS, O. *A Terra Ilustrada*. Resumo de Geographia Universal. (trad. Tito Augusto de Carvalho, 1841-1902) Lisboa: (s.d.) - Localização na Biblioteca Nacional II – 231,7,15.

REIS, S. R. P. dos; OLIVEIRA, S. R. R. de & KLUG, J. *Carl Hoepcke: a marca de um pioneiro*. Florianópolis: Insular, 1999.

REITZ, R. *Alto Biguaçu*. Narrativa cultural tetrarracial. Florianópolis: Lunardelli, Ed. UFSC, 1988.

_____. *Frutos da Imigração*. História e Genealogia da Família Reitz. Lista de Imigrantes. Viagens. Brusque: Igreja de Azambuja, 1963.

_____. *Santa Bárbara: primeiro núcleo da colonização alemã em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.

RICHTER, K. Primórdios da colonização sistemática alemã em Santa Catarina – 1846-1848. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, n.23, 3ª fase, Florianópolis, 2004, p. 11-52.

ROCHA, I. de O. *Industrialização de Joinville-SC: da gênese às exportações*. Florianópolis: Ed. do autor, 1997.

ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. v.2. Porto Alegre: Globo, 1969.

_____. Alguns Aspectos da Vida Rural nas Colônias Alemãs do Rio Grande do Sul. In: *Boletim Geográfico*, Ano XVIII, n.156, Conselho Nacional de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro, mai-jun 1960, p. 378-394.

RODRIGUES, J. H. História da Concessão de Terras no Brasil. In: *Boletim Geográfico*. Ano XIX, n.162, Conselho Nacional de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro, jun 1961, p. 366-370.

SAINT-HILARIE, A. *Viagem a Curitiba e Santa Catarina*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1978.

SANTA CATARINA. Centro de Assistência Gerencial de. CEAG/SC. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: CEAG/SC, 1980.

SANTOS, E. H. dos. *O Café requer sombra e a Cidade sol: Ilha de Santa Catarina de 1945 a 1970*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em História. Florianópolis, UFSC, 2004.

SANTOS, F. M. dos. *Uma análise histórico-espacial do setor hoteleiro no núcleo urbano central de Florianópolis (SC)*. Dissertação de Mestrado em Turismo e Hotelaria. Balneário Camboriú, UNIVALI, 2005.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: *Espaço e Sociedade*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1979, p. 09-27.

SCHADEN, F. S. G. Início da organização da vida espiritual de Teresópolis. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Vol XIII. Florianópolis, 2º semestre de 1944.

_____. Notas para a história da localidade de Löffelscheidt. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. São Bonifácio, 1946.

SCHMITT, E. (OFM). *A primeira comunidade alemã de Santa Catarina*. Florianópolis: Governo do Estado, 1979.

SCHMITZ, S. *Bancos privados e públicos em Santa Catarina: a trajetória do BDE*. (Contribuição à história bancária catarinense). Tese de Doutorado em História. São Paulo, USP, 1991.

SCHUMPETER, J. A. *A Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SEVERINO, J. R. Itajaí: pluralidade ética do início do século XX e a invenção da açorianidade. A maquiagem do possível. In: *Revista Alcance*, ano IV, n.10, Univali, Itajaí, jun 1997, p.17-27.

SEYFERTH, G. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Sociedade Amigos de Brusque (SAB), Ed. Movimento, 1974.

_____. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, N. A. (org.). *Etnia e educação: a escola "alemã" do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Tubarão: Ed. da Unisul, 2003, p. 21-61.

_____. Imigração, colonização e estrutura agrária. In: WOORTMANN, E. F. (org). *Significados da terra*. Brasília: UNB, 2004, p. 69-150.

_____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UNB, 1990.

_____. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SEMLER, H. *Manual para Agricultores e Comerciantes*. (trad. Frederico Maurício Draenert). 2.ed. v.1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908. (1ª edição em alemão de

1897 – Colônia/Alemanha) / (Publicado por ordem do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas do Governo dos Estados Unidos do Brasil)

SHUTEL, D. P. *A Massambu: romance inédito de 1861*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.

SILVA, A. N. da. *Florianópolis, história de uma cidade*. Florianópolis: Papa-Livro, 1995.

SILVA, C. M. e. *Ganchos/SC: Ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira*. Florianópolis: FCC, Ed. UFSC, 1992.

SILVA, J. F. da. Cem anos de uma grande organização. In: *Blumenau em Cadernos*, Tomo X, n.12, Blumenau, dez 1969, p. 221-232.

SILVA, M. A. da. As origens da burguesia industrial e o tipo de evolução capitalista do nordeste catarinense (uma nota crítica). In: *Geosul*. n.28. CFH/UFSC. Florianópolis, 1986, p. 101-111.

_____. Geografia e marxismo: questões de método e notas de pesquisa. In: *Ciência Geográfica*. IX. Vol. IX - (2). Bauru, maio/agosto de 2003, p. 165-173.

_____. O processo de industrialização no Sul do Brasil. In: *Cadernos Geográficos*. n.15. Departamento de Geociências. CFH/UFSC. Florianópolis, maio/2006.

_____. Transição capitalista, industrialização e desenvolvimento urbano e regional: notas sobre o Sul do Brasil. In: SIMPURB – Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Trajetórias da Geografia Urbana no Brasil: tradições e perspectivas, X, 2007. *Anais...* Florianópolis, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007, (cd-rom).

SIQUEIRA, D. de J. (org.). *Um Passeio pela Grande Florianópolis*. Florianópolis: Papa-Livro, 1999.

SMITH, T. L. O Tamanho das Propriedades Rurais no Brasil. In: *Boletim Geográfico*. Ano V, n.56, Conselho Nacional de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro, nov 1947, p. 885-893.

SOARES, I. (org.). *Estreito: vida e memória*. Florianópolis: FFC, 1990.

SOUZA, R. L. de. *A Reforma Social Católica e o Novo Limiar Capitalista (1945-1965)*. Tese de Doutorado em História. Curitiba, UFPR, 2001.

SWEEZY, P. M. Uma crítica. In: SWEEZY, P. M.; DOBB, M.; WILTON, R. *A transição do feudalismo para o capitalismo*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 33-56.

TANCREDO, L. H. *Doutor Deba: poder e generosidade*. Florianópolis: Insular, 1998.

VALVERDE, O. *Planalto Meridional do Brasil*. XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1957.

VÁRZEA, V. *Santa Catarina: A Ilha*. 2.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1985. [1ª ed. 1900]

VEIGA, E. V. da.(coord.) *Circuito Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: PMF, 2000.

_____. *Florianópolis: memória urbana*. Florianópolis: Ed. da UFSC, FFC, 1993.

_____. *Processo histórico de mutação da paisagem urbana na área central de Florianópolis: 1850-1930*. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis, UFSC, 1990.

VIANNA, L. W. Americanistas e Iberistas: a polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos. In: VIANNA, L. W. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Revan, julho/2004, p. 151-194.

VIDOR, V. *Indústria e urbanização no Nordeste de Santa Catarina*. Blumenau: Ed. da FURB, 1995.

VIEIRA, M. G. E. de D.; PEREIRA, R. M. F. do A. Formações Sócio-Espaciais Catarinenses: notas preliminares. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE SANTA CATARINA, I, 1996. *Anais...* Florianópolis, IHGSC, 1997, p. 453-463.

_____. Geografia e Marxismo: o Caso da Formação Sócio-Espacial do Brasil Meridional (Notas). In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, XI, 2007. *Anais...* Bogotá, Departamento de Geografia, Facultad de Ciencias Humanas, 2007, (cd-rom).

VIEIRA, S. *A indústria de alta tecnologia em Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Florianópolis, UFSC, 1995.

WAIBEL, L. *Capítulos de geografia tropical e do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

_____. O Abastecimento da Zona Temperada com Produtos Agrícolas Tropicais. In: *Boletim Geográfico*. ano XIII, n.125, Conselho Nacional de Geografia, IBGE, Rio de Janeiro, mar-abr 1955, p.143-154.

WERLE, A. C. "A revista de tropas do exército católico": os Congressos Católicos realizados pelos Jesuítas alemães no sul do Brasil. In: *Esboços*. Dossiê Cidade e Memória. Vol.11, Departamento de Pós-Graduação em História. Gráfica Universitária, Florianópolis, 2004, p. 73-82.

WILLENS, E. *A aculturação dos alemães no Brasil*. Estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

WOORTMANN, E. F. Ein gutes Land: uma categoria do imaginário teuto-brasileiro. In: WOORTMANN, E. F. (org). *Significados da terra*. Brasília: UNB, 2004, p. 23-68.

ZEFERINO, A. C. O ambiente da migração na visão do geógrafo. In: Simpósio sobre Imigração e Cultura Alemã da Grande Florianópolis. (1, Florianópolis, 2005). *Anais...* Florianópolis, Instituto Carl Hoepcke, 2005, p. 46-76.

2 - Jornais, Periódicos, Edições Limitadas, Propagandas, Censos e Cartas Oficiais

Acervo da Autora

A trajetória do empresário Eugênio Raulino Koerich - (1901-2001). Florianópolis: Midialux, 2001(encarte). (doação da empresa)

AEMFLO. [propaganda] *SOS Agenda*. São José, Samantha Editora, 1994/1995, p.155.

AM Construções completa 29 anos de construção civil com qualidade total. Informe Especial. *Jornal Notícias do Dia*. Florianópolis, 24 de outubro de 2007, p.12-13.

AMORIM, A. B. de. O movimento nazista em Santa Catarina. In: *Revista História Catarina*. vol. V, n.5, Editora Leão Baio, Lages, out/nov/dez 2007, p.35-37.

BASTOS, A. Patrimônio. 101 anos e conservado. Geral. *Jornal Diário Catarinense*. Florianópolis, 22 de junho de 2008, p.36.

BASTOS, J. M. A verdadeira dimensão do Estreito. Opinião. *Jornal do Continente*. Ano IV, n.10, Florianópolis, outubro/1999, p.02. (doação Prof. Messias)

_____. Assim desenvolveu-se o comércio do Estreito. História. *Jornal do Continente*. Ano V, n.2, Florianópolis, fevereiro/março 2000, p.02. (doação Prof. Messias)

BENETTI, E. Silvia lidera virada da Hoepcke para a moda. Informe Econômico. *Jornal Diário Catarinense*. Florianópolis, 09 de março de 2008, p.29.

BITTENCOURT, V. *Café Otto – 50 anos (1927-1977)*. Florianópolis: Gran Meta, Grafo's, Jornal o Estado, outubro de 1977(encarte).

Crescendo com sustentabilidade. Desenvolvimento e Empreendedorismo 1. Memórias do Dia. n.8. *Jornal Notícias do Dia*. Florianópolis, 20 de setembro de 2008.

Eles marcaram uma época. Desenvolvimento e Empreendedorismo 2. Memórias do Dia. n.9. *Jornal Notícias do Dia*. Florianópolis, 20 de setembro de 2008.

FÁVERI, M. de. A Segunda Guerra vivida em Santa Catarina – cotidiano, medo e prisões. In: *Revista História Catarina*. vol. V, n.5, Editora Leão Baio, Lages, out/nov/dez 2007, p.13-18.

FILGUEIRA, B. M. N. Uma guerra construída: alguns reflexos da política de nacionalização sobre os germânicos, em Florianópolis, durante a segunda guerra mundial (1939-1945). In: *Revista História Catarina*. vol. V, n.5, Editora Leão Baio, Lages, out/nov/dez 2007, p.19-22.

GERLACH, G. Um inglês a passeio. Cultura. *Jornal Diário Catarinense*. Florianópolis, 07 de julho de 2007, p.03.

Grupo Müller. Uma história de sucessos. São José: edição da empresa, 1993 (encarte). (doação da empresa)

ITAMARO, G. Receita de sucesso Koerich. In: *Revista Infocomércio*, n.1, Federação do Comércio. Florianópolis, junho 2006, p.09-11.

JOCHER, T. V. A Saga de uma colonização sesquicentenária. *Jornal Ô Catarina*. n.22. Fundação Catarinense de Cultura. Florianópolis, março/abril 1997, p.12-13.

Lojas Koerich. Perfil Organizacional. Florianópolis: edição da empresa, junho de 2007 (encarte). (doação da empresa)

Machadinho e suas histórias. *Jornal Diário Catarinense*. Florianópolis, 19 de março de 1997, p.16.

MARGARIDA, M. Um município de história e tradição. Informe comercial. *Jornal Notícias do Dia*. Florianópolis, 16 de abril de 2008, p.3.

O menino que venceu os campos e as trilhas perigosas da Serra. O moderno empresário conselheiro da FIESC. Entrevista. In: *Revista História Catarina*. vol IV, n.4, Editora Leão Baio, Lages, jul/ago/set 2007, p.18-23.

Pureza – o puro sabor da fruta. Rancho Queimado: edição da empresa, 200- (folder). (doação da empresa)

Séculos de Trocas. Memórias do Dia. Comércio e Gastronomia. n.6. *Jornal Notícias do Dia*. Florianópolis, 30 de agosto de 2008, (caderno especial).

SILVEIRA, C. História secreta da madeira. In: *Revista História Catarina*. vol. V, n.5, Editora Leão Baio, Lages, out/nov/dez 2007, p.28-34.

Uma rede cheia de novidades. Top of mind. Supermercados. *Jornal A Notícia*. Joinville, 27 de abril de 2007, p.20.

Acervo do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC)

CARTAS AO GOVERNADOR DE 1890 A 1917 – Índice Cronológico das Correspondências dos Correspondentes Diversos para o Governador do Estado. Período 1890 – 1917. vol. 1, 2, 3. Elaboração e digitação: Neusa Maria Schmitz. Florianópolis, set/2004:

HORN, R. J. A. Ofício ao Governador D/SGNE – 1903. Estante 6E. Jul/Dez, v.2, fl.25.

HOEPCKE, C. Ofício ao Governador D/SGNE – 1907. Estante 6E. Jul/Dez, v.2, fls.54 e 172.

Carl Hoepcke & Cia. Ofício ao Governador D/SGNE – 1909. Estante 6E. Abr/Jun, v.2, fl.84.

André Wendhausen & Cia. Ofício ao Governador D/SGNE – 1909. Estante 6E. Jul/Ago, v.3, fls.37-39, 87-88.

Carl Hoepcke & Cia. Ofício ao Governador D/SGNE – 1916. Estante 6E. Abr/Mai, v.2, fl.75.

Acervo da Biblioteca do IBGE/SC

IBGE. *Censo Demográfico e Contagem da População*. Banco de Dados Agregados. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IBGE. *Recenseamento Geral do Brasil*. Realizado em 01/09/1940. Série Regional. Parte XIX. SANTA CATARINA. Censo Demográfico. Censos Econômicos. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1951.

IBGE. ESTADO DE SANTA CATARINA. *Série Regional*. Vol. XXVII. Tomo II. Censos Econômicos. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. *Recenseamento do Brasil*. Realizado em 01/09/1920. Vol. V, 3ª parte. Estatísticas complementares do Censo Econômico. AGRICULTURA. Instrumentos e machinas agrícolas dos estabelecimentos ruraes. Beneficiamento da produção. Rio de Janeiro: Typografia da Estatística, 1927.

Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPESC)

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano I, n.2, Florianópolis, jan/1918.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano II, n.20, Florianópolis, jun/1919.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano III, n.41, Florianópolis, mar/1920.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano III, n.42, Florianópolis, abr/1920.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano III, n.43, Florianópolis, mai/1920.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano III, n.47, Florianópolis, set/1920.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano XI, n.149, Florianópolis, fev/1928.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano XIV, n.193, Florianópolis, jul/1932.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano I, n.3, Florianópolis, jul/1941.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano I, n.5, Florianópolis, set/1941.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano I, n.8, Florianópolis, dez/1941.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano II, n.16, Florianópolis, ago/1942.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano II, n.17, Florianópolis, set/1942.

BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano II, n.24, Florianópolis, abr/1943.

- BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano III, n.27, Florianópolis, jul/1943.
- BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano IV, n.42, Florianópolis, out/1944.
- BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano V, n.60, Florianópolis, abr/1946.
- BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano VI, n.65, Florianópolis, set/1946.
- BOLETIM COMERCIAL, ACIF, ano I, n.2, Florianópolis, 2ª quinzena de jan/1948.
- BOLETIM COMERCIAL E INDUSTRIAL, ano III, n.33/34, Florianópolis, jul-ago/1955.
- GUIA DO ESTADO DE SANTA CATHARINA. Chorographico Commercial e Industrial. Parte II. Florianópolis: Liv. Central de Alberto Entres, 1935.
- JORNAL A GAZETA, várias edições de setembro/1943.
- PARANÁ MERCANTIL, ano II, Curitiba/PR, mai/1935.

3 - Estudos e Relatórios Oficiais

- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. *Projeto CHPU/BIRD Cidades de Porte Médio*. Vol.1. Florianópolis, IPUF, julho/1978.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ. Secretaria Municipal da Receita. *Relação de Econômicos em atividade no período de 01/01/1980-31/12/2007*. Centro de Processamento de Dados (CPD). São José, relatório gerado em 05/05/2008 (3391p).
- SANTA CATARINA. SDM/Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente de. Associação de Municípios da Grande Florianópolis/GRANFPOLIS. *Plano Básico de Desenvolvimento Econômico-Ecológico*. Florianópolis, SDM, julho/1996.

4 - Publicações na Internet

- ALBERTON, J. O.; SZÜCS, C. P. *O Movimento Moderno e a Arquitetura Residencial em Florianópolis*. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Josicler%20Orbem%20Alberton.pdf>>. Acesso em: 29 jan 2008.
- Associação Comercial e Industrial de Florianópolis. *Ex-presidentes; Histórico*. Disponível em:<<http://www.acif.org.br/acif/expresidentes.php>>. Acesso em: 25 jan 2008.
- BRONAUT, M. M. C. *Três portas para entrar na Casa do Barão: uma história de sensibilidades e percepções urbanas*. Dissertação de Mestrado em Educação e Cultura. Florianópolis: UDESC, 2004. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=119>. Acesso em: 07 nov 2007.
- “Em especial sobre a colônia alemã na Capital do Estado de SC”. Enciclopédia Simpozio – SC – Provincial. Itens 405 a 407. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~simpozio/EncReg/EncSC/MegaHSC/Santa%20Catarina%20Pr>>

ovincial/91sc1384-1416.htm>. Acesso em: 08 nov 2007.

Distribuidora Kretzer. *História*. Disponível em: <http://www.kretzer.com.br/kretzer/inst_historia.php>. Acesso em: 25 abr 2008.

HENKES, J. A. *Caracterização dos agentes do mercado atacadista da Ceasa/SC* – unidade de São José. Dissertação de Mestrado em Agroecossistemas. Florianópolis, UFSC/CCA, 2006. Disponível em: <<http://www.ceasa.sc.gov.br>>. Acesso em: 02 dez 2007.

IBGE – Cidades@ - Contagem da população em 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 05 jan 2008.

Kobrasol: através do SIENGE empresa se moderniza para acertar no alvo. *Casos de Sucesso*. Disponível em: <<http://www.softplan.com.br/siege/cases.do?id=2>>. Acesso em: 08 abr 2007.

Koerich – *Empresa*. Disponível em: <<http://www.koerich.com.br/empresa.php>>. Acesso em: 20 out 2007.

Koerich Telecomunicações. Clientes. Disponível em: <<http://www.kch.com.br/index.php?pg=clientes>>. Acesso em: 02 mai 2008.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Divisão de Atos Internacionais. Ajuste Complementar, ao Acordo Básico de Cooperação Técnica de 30/11/1963, sobre o Projeto "Assistência Técnica aos Pequenos Produtores Rurais no Estado de Santa Catarina". Disponível em: <http://www2.mre.gov.br/dai/b_rfa_439_4434.htm>. Acesso em: 10 jan 2007.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Tabela de medidas agrárias não decimais. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/arquivos/TABELA_MEDIDA_AGRARIA_NÃO_DECIMAL.pdf>. Acesso em: 08 jan 2007.

Protensul. Empresa; Atuação. Disponível em: <<http://www.protensul.com.br/img/atuacao>>. Acesso em: 13/05/2008.

SANTA CATARINA. SDR/Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional da Grande Florianópolis - 18ª SDR. *Caracterização Geral*. Florianópolis, 09 mar 2006. Disponível em: <http://www.soo.sdr.sc.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=76>. Acesso em: 19 jan 2007.

SCHMITZ, C. Regionais e resistentes. *Revista Empreendedor*. Editora Empreendedor, 23/11/2007. Disponível em: <http://www.empreendedor.com.br/_novo/_br/?secao=Noticias&categoria=135&codigo=58>. Acesso em: 18 jan 2008.

_____. Varejista acidental. *Revista Empreendedor*. Editora Empreendedor, 21/08/2006. Disponível em: <http://www.empreendedor.com.br/_novo/_br/?secao=Noticias&categoria=162&codigo=24>. Acesso em: 18 jan 2008.

SENADO FEDERAL. Decreto-lei nº 4789, de 05 de outubro de 1942. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislação/ListaPublicacoes.action?id=3573>>. Acesso em: 18 jan 2008.

Supermercados Imperatriz. Nossa História. Disponível em: <<http://www.superimperatriz.com.br/www4/sobreimperatriz.php>>. Acesso em: 30 nov 2007.

5 - Entrevistas, Filmes, Informações Escritas e Palestras

ALVES, R.; AWAD, V. *Bocaiúva, 42: os registros de Edla Von Wangenheim*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Jornalismo. Florianópolis, UFSC, 2006, 1 vídeodisco (30 min): color.

AZEVEDO, M. E. de.; PENNA FILHO; PIRES, J. H. N.; MAMIGONIAN, J. R.; BASTOS, L.; FAGANELLO, C. *Seo Chico: um retrato*. Curtas catarinenses 2. Florianópolis, Fundo Municipal de Cinema de Florianópolis, 2006, 1 vídeodisco (130 min): color.

Entrevista concedida à autora por Hilda (82 anos), Irma (79) e Teresinha (70) Schappo, donas de casa, filhas do comerciante João Schappo, residentes em Garcia, Angelina. Data: 13/09/2007.

Entrevista concedida à autora por Dalvina de Jesus Siqueira, 78 anos, educadora aposentada e escritora, neta do comerciante João Nicolau Born, residente no Centro, Biguaçu. Data: 10/10/2007.

Entrevista concedida à autora por Rafael Reitz, Diretor de Marketing da empresa Dominik Metalcenter, neto de Domingos Reitz (fundador da empresa), sede no Roçado, São José. Data: 22/11/2007.

Entrevista concedida à autora por Vidal Lohn Filho, Diretor de Marketing e Sócio da rede de Supermercados Imperatriz, filho de Vidal Procópio Lohn (fundador da empresa), sede central no Ipiranga, São José. Data: 23/11/2007.

Entrevista concedida à autora por Antônio Hillesheim, Proprietário e fundador da empresa AM Construções, sede no Kobrasol, São José. Data: 23/11/2007.

Entrevista concedida à autora por Antônio Obed Koerich, Diretor Presidente das Lojas Koerich, filho de Eugênio Raulino Koerich (fundador da empresa), matriz no Centro, Florianópolis. Data: 27/11/2007.

Entrevista concedida à autora por Artur Alex Müller, Sócio Proprietário da Loja A Barateira, filho e sobrinho dos fundadores do Grupo Müller, sede no Centro, Florianópolis. Data: 28/11/2007.

Entrevista concedida à autora por Sérgio Sell, Diretor Administrativo, Jurídico, Contábil e Sócio Proprietário da Bebidas Leonardo Sell, bisneto de Alfredo Sell (fundador da primeira empresa), sede no Centro, Rancho Queimado. Data: 05/12/2007.

Entrevista concedida à autora por Dionísio Deschamps, Proprietário e fundador da Construtora Dionísio Deschamps, sede no Kobrasol, São José. Data: 06/12/2007.

Entrevista concedida à autora por Fabiano L. Gerber, Diretor Comercial e sócio da Gerber Móveis, filho de Antônio Jonas Gerber (fundador da empresa), filial no Centro, Florianópolis. Data: 07/12/2007.

Entrevista concedida à autora por Aldo Nienkötter, Proprietário da rede de Postos Nienkötter, matriz em Capoeiras, Florianópolis. Data: 08/12/2007.

Entrevista concedida à autora por Ervino Stähelin, 79 anos, caminhoneiro aposentado, irmão de Celso Stähelin (proprietário da então fábricas Stähelin) e pai do atual prefeito municipal, residente em Boa Parada, São Pedro de Alcântara. Data: 18/04/2008.

KOERICH 50 anos. Uma história de sucesso. 1955-2005. [produção institucional da empresa]. Florianópolis, Lojas Koerich, 2005, 1 vídeodisco (100 min): color. (doação)

MÜLLER, M. J.; RICKEN, I. *Palestra*: Carl Hoepcke – Notas sobre sua contribuição para a economia de Santa Catarina. *In*: II Simpósio sobre Cultura e Imigração Alemã na Grande Florianópolis, Auditório do Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Instituto Carl Hoepcke, 14/06/2007, (50 min).

Roteiro da Entrevista (em apêndice) respondido por Jair Philippi, proprietário da Protensul Pré-fabricados de Concreto, através do e-mail <protensul@uol.com.br> para <cruzkarina@hotmail.com>. Data: 24/06/2008, 13:24:18.

SEYFERTH, G. *Palestra*: O conceito de Cultura Teuto Catarinense. *In*: II Simpósio sobre Cultura e Imigração Alemã na Grande Florianópolis, Auditório do Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Instituto Carl Hoepcke, 15/06/2007, (40 min).

6 - Consultas e Informações Verbais

Arquivo Público Municipal de Florianópolis (2007 e 2008).

Casa de Cultura – Prefeitura Municipal de São Pedro de Alcântara (2008).

Departamento Pessoal da Hoepcke Bordados S.A. (2007).

Instituto Carl Hoepcke (2007).

Kobrasol Empreendimentos Imobiliários Ltda (2007).

Márcio Ricardo Teixeira Moreira – Doutorando em Geografia/UFSC (2007 e 2008).

Mateus Schappo – Mestrando em Geografia/UFSC (2007).

Mercado de Carnes Kretzer Ltda (2006).

Pedro Böeng – nascido em São Bonifácio, morador de Balneário Camboriú (2008).

Professor PhD. João Klug – Departamento de História/UFSC (2006, 2007 e 2008).

Secretária Cristiane (do Sr. Antônio Scherer) – Beiramar Shopping (2007).

Serviço de Patrimônio Histórico – IPUF (2008).

APÊNDICE

Apêndice 1 - Roteiro Básico das Entrevistas junto aos Empresários

A) PERFIL DE CONSTITUIÇÃO DA EMPRESA

1 - Início histórico — cidade de origem, o nome do fundador e profissão, origem do capital inicial, local da 1ª sede, ano, mudou-se para onde, primeiros concorrentes, o motivo (se houve mudança de ramo), as dificuldades iniciais:

2 - Momento econômico brasileiro e/ou situação local que favoreceu uma primeira expansão da empresa.

3 - Relatar brevemente os momentos (décadas) mais importantes de crise e superação da empresa.

4 - Houve algum pioneirismo de produtos/serviços por parte da empresa? Qual? Quando? De onde veio o conhecimento para introduzi-lo?

5 - Houve associativismo com irmão(s)... Qual o papel da família? No caso de empresa familiar, qual a geração que está no comando (1ª, 2ª, 3ª)? Está acontecendo preparação do sucessor?

B) ESTRUTURA E COMPETITIVIDADE

6 - Qual a estratégia de comercialização – estrutura própria (c/ ou s/ filiais?), acordos comerciais (venda terceirizada), em comissões (vendedor externo), franquias, etc?

7 - Patrimônio Físico: Ano de inauguração/fechamento de cada sede, indicando bairro/cidade. Circunstâncias que o levaram a investir em outros ramos de atividade ou na abertura de filiais:

8 - Para grupos que se dividiram: Motivo, ano da divisão e participação acionária (%):

9 - Sobre as empresas concorrentes: Qual a proporção (%) de concorrentes de origem local e (%) concorrentes vindos de fora da região? Possui algum tipo de contato com a concorrência direta?

10 - A empresa já se envolveu com apoio político?

11 - Atualmente, qual o número de funcionários?

12 - Qual o percentual de produtos que a própria empresa produz e comercializa?

C) O MERCADO LOCAL

13 - Qual a área de atuação da empresa?

- Aglomerado Urbano de Florianópolis (Fpolis, São José, Biguaçu, Palhoça)
- Grande Florianópolis (entre os 22 municípios)
- Granfpolis e outra(s) região(ões). Citar qual(is).
- Estados do Sul/ Brasil. Citar os estados.

14 - Em relação ao seu ramo de atividade, o mercado da Grande Florianópolis está em crescimento ou já alcançou a maturidade? Nesse caso, quando acredita que chegou?

15 - É líder em vendas ou qual a colocação no seu seguimento na Grande Florianópolis?

16 - A matriz está situada em Florianópolis, São José ou em qual cidade?

(Fornecer um mapa com filiais, quando forem muitas)

17 - Escolha quatro itens abaixo e ordene de 1 a 4 numa escala das principais dificuldades encontradas para se manter na Grande Florianópolis:

- a) manutenção dos custos (porque considera o mercado sazonal)
- b) encontrar e manter bom nível de mão-de-obra
- c) acompanhar as tendências de consumo frente ao crescimento urbano
- d) negociar preços e entregas com os fornecedores
- e) superar a concorrência (pois a competição é equilibrada)
- f) obter empréstimos junto aos bancos
- g) realizar boa parte das vendas a prazo
- h) alcançar uma imagem respeitada e reconhecida
- i) a valorização dada aos imóveis (terrenos, pontos e salas comerciais...)
- j) logística rodoviária de atendimento à região (trânsito intenso ilha-continente e BR-101, distância do interior...)
- l) Se desejar, inclua outro: _____

18 - Fale sobre as vantagens de atuação na Grande Florianópolis em relação a outras áreas catarinenses que tenha conhecimento:

D) SOBRE O EMPRESÁRIO

19 - Como se mantém atualizado sobre as novidades no seu ramo?

20 - Quais ensinamentos familiares foram importantes para a sua formação como empresário?

21 - A religiosidade é fundamental na sua vida? Apóia alguma igreja ou irmandade?

22 - O Senhor e sua família preservam costumes ou alguém na mesma fala um dialeto alemão?

23 - Já buscou fazer a árvore genealógica e/ou pesquisar brasão, cidade de origem e parentes na Alemanha?

24 - Realiza encontros festivos com descendentes de alemães? A sua empresa é divulgada ou já apoiou esses eventos?

25 - O Senhor se considera um “empresário teuto-brasileiro”? Porque?

26 - A descendência alemã de algum modo contribuiu para o sucesso de sua empresa? Explique:

27 - O senhor acredita que a valorização do sobrenome de origem alemã na razão social de uma empresa pode funcionar como um indicativo de eficiência e credibilidade?

**Apêndice 2 - Lista dos principais sobrenomes de origem alemã presentes na
relação de econômicos do município de São José (em ordem alfabética)**

Albrecht, Alflen, Althoff, Arns, Assing, Assmann, Anderle, Annusenk, Bach, Back, Barth, Bauer, Baumgarten, Beck, Berger, Bergmann, Beppler, Berenhauser, Berkenbrock, Bernes, Bernhart, Besen, Bizz, Böell, Born, Brandt, Brellinger, Braunn, Broemer, Broering, Brüggemann, Brun, Bücheler, Buss, Bunn, Conrad, Decker, Deeke, Deschamps, Deucher, Dircksen, Eger, Egert, Ewald, Faber, Faust, Feiber, Felipe, Feltrin, Folster, Franz, Freiburger, Friedemann, Fritzen, Fuerbach, Fuber, Gerber, Gerlach, Gevaerd, Gipp, Goerdet, Goetz, Gorges, Grimm, Grisard, Groth, Guchert, Grudtner, Guesser, Hablitzel, Hames, Hang, Hans, Harger, Hartmann, Hasse, Hausmann, Heberle, Heinz, Heinzen, Hermesmeier, Henke, Hess, Hillesheim, Hinckel, Hirtz, Hoffmann, Horn, Hubert, Iahn, Iwersen, Jacques, Jacob, Jahn, James, Jochem, Junckes, Justen, Juster, Juttel, Kahlenberger, Kamer, Kammes, Kill, Kirchner, Klein, Kloepfel, Kloppel, Klueger, Knabben, Knoll, Koenig, Koerich, Kolling, Koning, Korbs, Kolz, Kroll, Krause, Krauss, Kremer, Kretzer, Kroon, Kuerten, Kuhn, Kuhnen, Kuntze, Lehmkuhl, Lohn, Loch, Loks, Losekann, Luchmeyer, Luckmann, Lummertz, Lutz, Maffei, Mannes, Marschner, Martendal, Mathias, Maykot, Meinchein, Meurer, Meyer, Michels, Momm, Moritz, Niehues, Nienkötter, Passing, Peifer, Plentz, Probst, Phillipi, Prim, Platt, Petersen, Peters, Pirath, Pitz, Pierre, Petry, Quandt, Quint, Rachadel, Radtke, Reitz, Richter, Rosar, Rupp, Sebold, Seidler, Sell, Sens, Schaffer, Schappo, Scheibe, Scheidemantel, Scheitzer, Schell, Scherer, Schlemper, Schlosser, Schneider, Schramm, Schroeder, Schmidt, Schmitt, Schmitz, Schuler, Schurhaus, Sckweitzer, Sheidt, Somer, Speck, Spengler, Stahelin, Stein, Steinbach, Steffens, Steil, Stodieck, Stoltz, Stulp, Teske, Thiesen, Turnes, Uldrich, Vandresen, Vilbert, Wagner, Waltrick, Wang, Wanzeller, Weber, Weinz, Weiss, Wendhausen, Wenz, Werlang, Werlich, Werner, Wesling, Wesler, Westphal, Wesstrupp, Wiese, Wiethorn, Wiggers, Will, Wild, Willemann, Winckler, Winter, Zimer, Zimmermann.

Base de dados: Prefeitura Municipal de São José, 2008.

ANEXOS

Anexo 1**Álbum sobre o complexo vendeiro - Século XIX-XX**

Foto 1 - O trapiche da Praia Comprida no município de São José (fins do séc. XIX)



Fonte: Gerlach & Machado, 1982.

Foto 2 - O comércio de Felipe Petry em 1922, na Praia Comprida, São José



Fonte: Gerlach & Machado, 1982.

Foto 3 - Vista do centro de São José (anos 1920)



Fonte: Entres, 1929.

Foto 4 - Benjamin Gerlach no seu Café Social, praça central de São José (1930)



Fonte: Gerlach & Machado, 1982.

Foto 5 - Estrada Geral de Coqueiros com a Escola Alemã e Salga do Fett (1926)



Fonte: Gerlach & Machado, 2007.

Obs: A Escola Alemã de Coqueiros está no centro à direita (casa com quatro janelas e porta laterais) e a "Salga do Fett" (pertencente à firma "Fett & Cia", mencionada no rodapé 134) é a pequena casa na ponta que avança ao mar.

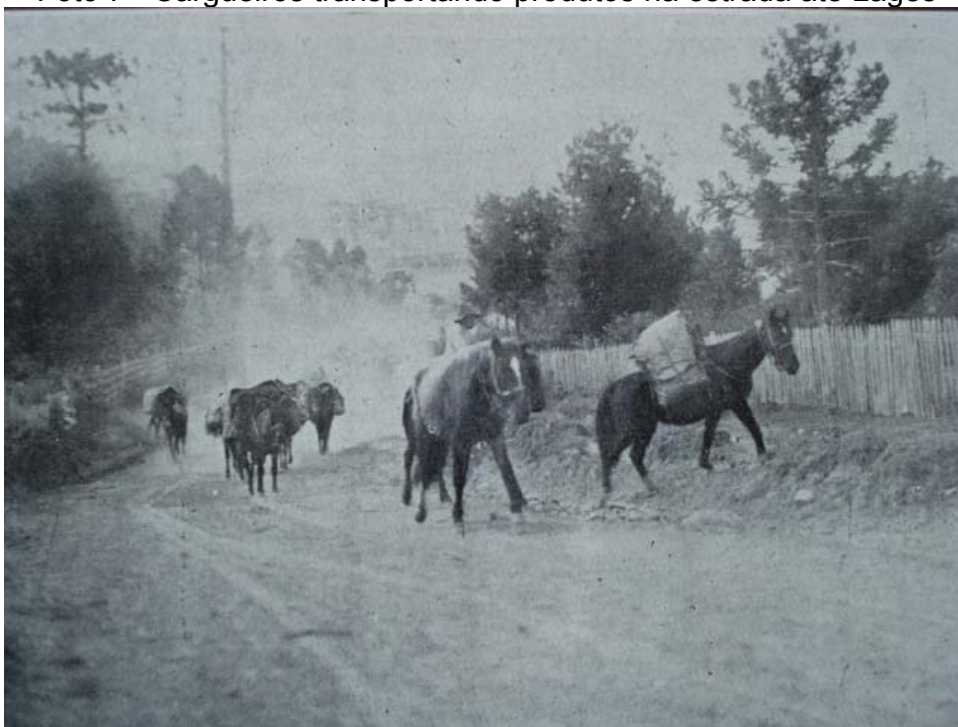
Foto 6 - A venda rural de João Schappo em 1930, na localidade de Garcia, no município de Angelina



Fonte: Acervo da família Schappo (2007).

Obs: O município de Angelina possui como data de fundação o dia 10 de novembro de 1860.

Foto 7 - Cargueiros transportando produtos na estrada até Lages



Fonte: Entres, 1929.

Foto 8 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Palhoça (1906)



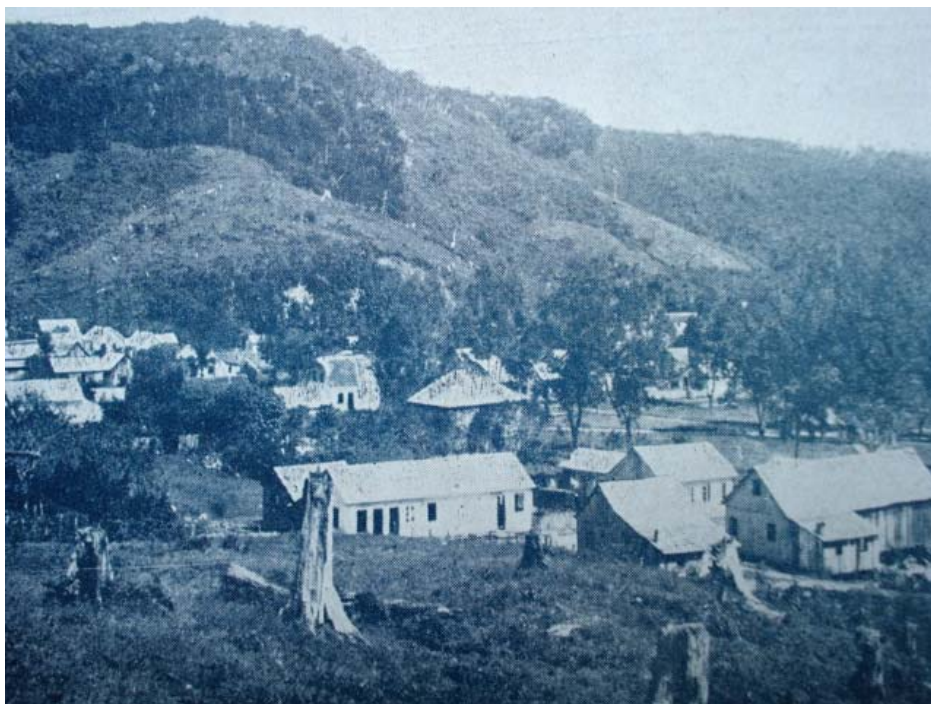
Fonte: Gerlach & Machado, 2007.

Foto 9 - Rua central de Palhoça com traços arquitetônicos luso-brasileiros e, ao fundo, a Igreja Evangélica



Fonte: Entres, 1929.

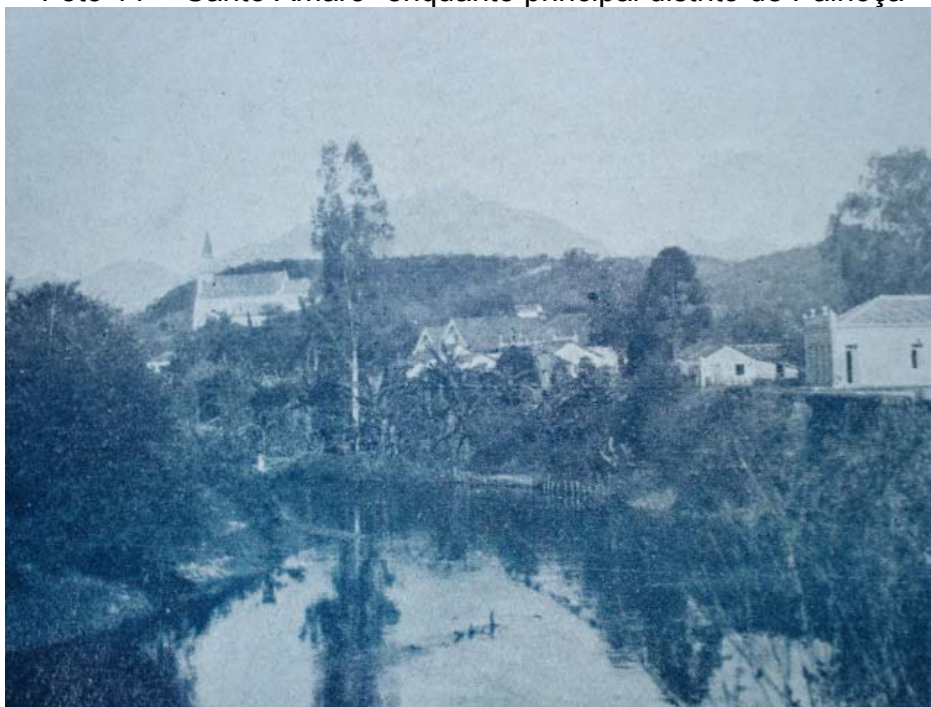
Foto 10 - Vista panorâmica de Anitápolis, então distrito de Palhoça



Fonte: Entres, 1929.

Obs: Anitápolis tornou-se município em 29 de dezembro de 1961.

Foto 11 - "Santo Amaro" enquanto principal distrito de Palhoça



Fonte: Entres, 1929.

Obs: Santo Amaro emancipou-se do município de Palhoça somente em 10 de julho de 1958, quando passou a se chamar Santo Amaro da Imperatriz.

Foto 12 - Estrada entre as localidades de Caldas e Santo Amaro



Fonte: Entres, 1929.

Foto 13 - Visita do governador Adolpho Konder ao comércio de Germano A. Kretzer, no caminho entre São Pedro de Alcântara e Angelina (1926)



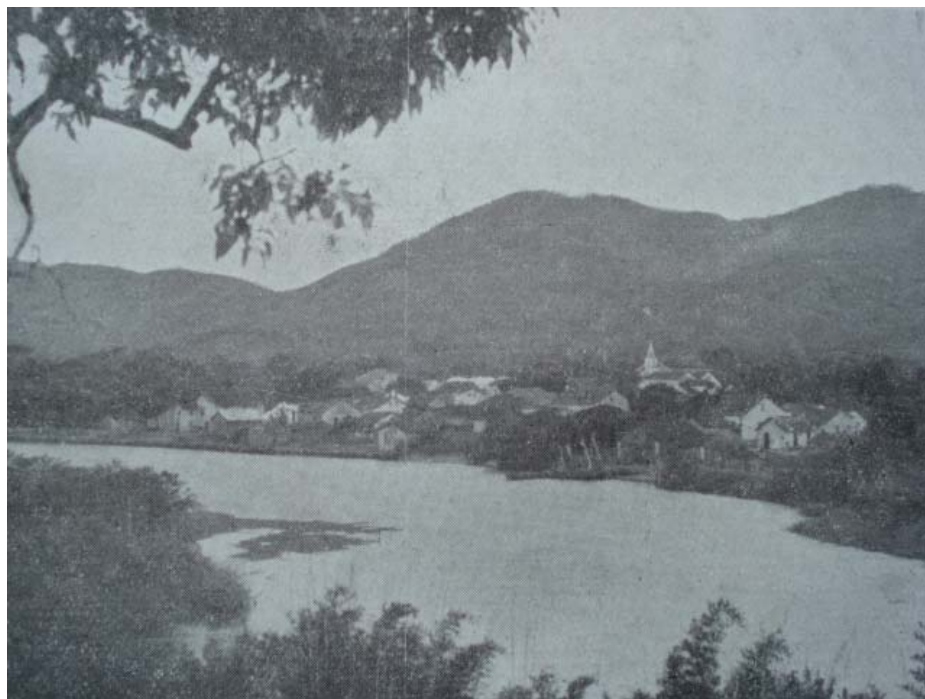
Fonte: Gerlach & Machado, 2007.

Foto 14 - Vista do alto da Igreja Matriz de São Pedro de Alcântara (1929)



Fonte: Gerlach & Machado, 2007.

Foto 15 - Vista parcial do Alto Biguaçu, margeado pelo rio Biguaçu (1929)



Fonte: Entres, 1929.

Anexo 2

Classificação dos tipos arquitetônicos

Grupo 1 - De influência portuguesa

Foto 16 - Casa no bairro Limeira, no atual município de Antônio Carlos



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Foto 17 - Casa no bairro Santa Filomena, em São Pedro de Alcântara



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Foto 18 - Casa no bairro Garcia, município de Angelina



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Foto 19 - Casa no bairro Vargem Grande, município de Águas Mornas



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Grupo 2 - Chalés ornamentados

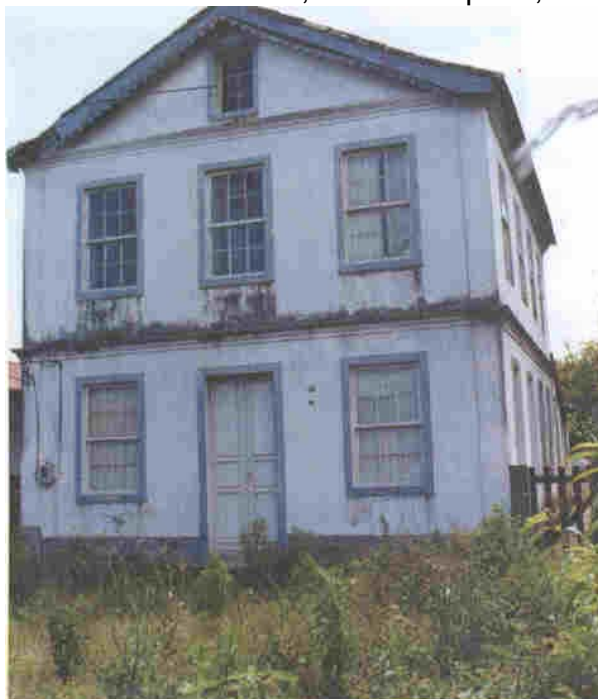
Foto 20 - Casa na rua Alves de Brito, Centro, Florianópolis



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Obs: Esta rua fazia parte da chácara de José F. Alves de Brito que, por volta de 1864, doou uma área de “180 braças de comprimento por 4 de largura” para que fosse traçada uma ligação entre a Praia de Fora e o Mato Grosso, antigas localidades do Centro (VEIGA, 2000). Houve uma concentração de chalés neste local, com três ainda remanescentes.

Foto 21 - Antiga casa da família Bunn, Praia Comprida, São José (demolida)



Fonte: Farias, 1999.

Obs: Demolida há menos de dez anos. No local, atualmente, existe uma revenda de veículos e *drive in*.

Foto 22 - Casa na av. Bocaiúva esq. Othon Gama D'Eça, Centro, Florianópolis



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Foto 23 - Casa na av. Santos Saraiva esq. Marechal Câmara, Estreito, Florianópolis



Fonte: Arquivo da autora (2008).

Grupo 3 - Casarões de comerciantes

Foto 24 - Sobrado de João Nicolau Born (1892), Centro, Biguaçu



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Obs: Este casarão está sendo restaurado para abrigar um centro cultural, através da iniciativa da Prefeitura Municipal de Biguaçu.

Foto 25 - Casa que pertenceu a Fernand Hackradt (Século XIX), família Scheele e ao barão Dietrich Freiherr von Wangenheim, Centro, Florianópolis



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Obs: Segundo apontamentos do IPUF, havia um proprietário antes de Fernand Hackradt (VEIGA, 2000).

Grupo 4 - Casas comerciais-residenciais

Foto 26 - Casarão Philippi construído em 1907, Vargem Grande, Águas Mornas



Fonte: Arquivo da autora (2008).

Obs: Conforme parecer da Fundação Catarinense de Cultura, trata-se o casarão de um importante exemplar arquitetônico com características urbanas, apesar de situado em área rural (BASTOS, 2008).

Foto 27 - Casa de Germano Kretzer construída em 1920, Santa Filomena, São Pedro de Alcântara



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Obs: Este casarão da foto é a parte principal de um complexo de três casas, quando Germano Kretzer atendia os tropeiros com uma estalagem, uma cancha de bocha coberta, a sua própria residência e a venda de "secos e molhados".

Foto 28 - Antigo Comércio de Felipe Petry construído em 1908, Praia Comprida, São José



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Obs: O mesmo casarão aparece na foto 2, onde está posando membros da família e, atrás dela, estão as portas originais do comércio. Hoje, esta casa é uma raridade no seu estilo amplo de armazém, que há algumas décadas também se percebia nas vias centrais de Palhoça e Santo Amaro da Imperatriz.

Foto 29 - Comércio inicial de Eugênio Raulino Koerich (1930), Col. Santana, São José



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Obs: Esta foi a célula inicial do Grupo Koerich. A terceira e a quarta janela, da esquerda para a direita, davam lugar às portas comerciais do “secos e molhados” a partir de 1931, morando a família no restante da casa. Mais tarde, à esquerda da residência, edificou-se uma loja de processamento de carnes.

Foto 30 - Antigo prédio de vendeiro, Centro, Rancho Queimado



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Foto 31 - Antigo “secos e molhados” rural de João Schappo construído em 1920, Garcia, Angelina



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Foto 32 - Antiga casa vendista rural, Santa Filomena, São Pedro de Alcântara



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Obs: A Prefeitura Municipal de São Pedro de Alcântara está buscando informações sobre o seu funcionamento e data de construção, estimando em torno de 1920. Atualmente, há projeto de restauração da casa que foi adquirida pelo Instituto Carl Hoepcke, a fim de torná-la um centro cultural.

Foto 33 - Casa com aparência de ex-vendista no centro de Antônio Carlos



Fonte: Arquivo da autora (2007).

Anexo 3

Algumas sedes comerciais ou industriais das firmas de Desterro/Florianópolis

Foto 34 - Moinho inicial de Hackradt e Ebel (séc. XIX)



Fonte: Entres, 1929.

Foto 35 - Antiga sede (ao fundo) de Hackradt e posterior de Hoepcke (séc. XIX)



Fonte: Müller, 2007.

Foto 36 - Seções de Fazendas (esq) e Ferragens (dir) da firma Hoepcke, rua Altino Corrêa (Conselheiro Mafra) esquinas com a Deodoro



Fonte: Boletim Comercial, abr/1920.

Obs: Tratam as fotos 35 e 36 do mesmo local (atualmente a rua Conselheiro Mafra esquinas com a rua Deodoro), onde é possível constatar o quadro evolutivo do comércio da firma Hoepcke. O prédio da esquerda, décadas depois, cederia lugar para o moderno centro comercial ARS.

Foto 37 - A “Fábrica Santa Catarina” da firma Wendhausen, na rua Bocaiúva



Fonte: Boletim Comercial, mai/1920.

Foto 38 - Interior em funcionamento da “Fábrica Santa Catarina”



Fonte: Boletim Comercial, set/1920.

Foto 39 - Padaria Moritz (lado direito) na esquina da rua Felipe Schmidt (década 1950)



Fonte: IBGE, 1959.

Foto 40 - Casa Moellmann na rua XV de Novembro, em Blumenau (década 1960)



Fonte: Silva, 1969.

Anexo 4

A Comunidade Luterana de Florianópolis na atualidade

Foto 41 - A Igreja da Comunidade Luterana de Florianópolis



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Foto 42 - A Escola Alemã da Comunidade Luterana de Florianópolis



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Anexo 5

Prédios centrais edificados com capitais de descendência alemã

Foto 43 - Prédio do antigo atacado Hoepcke



Fonte: Arquivo da autora (2008).

Obs: Este prédio remete ao início do século XX, sendo o mesmo visualizado na foto 36 (lado direito).

Foto 44 - Prédio na rua Felipe Schmidt esq. com Deodoro



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Obs: Inicialmente, este prédio abrigou a revenda de automóveis Hoepcke. Nesta época, havia a concorrência direta da firma "Tuffi Amin & Irmão", situada no prédio branco ainda existente na esquina ao lado. A partir da implantação do calçadão (década de 1970), o prédio passou a ser alugado para alguns estabelecimentos comerciais, onde atendeu, principalmente, a loja Kilar pertencente ao grupo Koerich.

Foto 45 - O Centro Comercial ARS, na rua Conselheiro Mafra



Fonte: Arquivo da autora (2008).

Obs: Inaugurado em 20 de novembro de 1975, o ARS foi o primeiro centro comercial da cidade, abrigando 57 lojas e 120 conjuntos comerciais, numa área total de 17 mil m². Viabilizou-se o empreendimento pela parceria do grupo Hoepcke, Maguefa e Sul Brasileiro (TANCREDO, 1998).

Foto 46 - Prédio da antiga fábrica de pregos Hoepcke



Fonte: Arquivo da autora (2008).

Obs: Quando foi vendido durante a década de 1990, este prédio abrigou uma unidade dos supermercados "Imperatriz". Atualmente, neste local funciona uma casa de shows e eventos, a partir da sociedade de Vidal Lohn Filho (um dos proprietários da rede Imperatriz) com um empresário de Santo Amaro da Imperatriz, dedicado ao ramo de casas noturnas (proprietário da "New Time Danceteria").

Anexo 6 - Contribuições à Campanha de Aviação Nacional até 07/09/1942

Empresa até 500\$000	Valor	Empresa menos de 500\$000	Valor	
Carlos Hoepcke S.A Ind. Com	50:000\$000	Reinaldo Filomeno	300\$000	
Meyer & Cia	10:000\$000	Irmãos Glavan	250\$000	
S.A. e Comercial Moellmann		H. Soncini		
Jorge Salum S.A. Comercial	6:000\$000	Libório Soncini	200\$000	
Ernesto Beck & Cia	5:000\$000	José Jorge		
Ernesto Riggerbach & Cia Ltd		Eduardo Santos		
Fernandes Neves & Cia		Farmácia Esperança		
Ludgren & Irmão, Lojas Pernambucanas		Carlos Galuf		
José Rosa Cherem & Cia	3:000\$000	João Cascais		150\$000
Eduardo Horn		Procópio Borja		
Busch & Cia		Paulo Schlemper		
Felipe O. Laporta		Panagioti Mandalis		
Syriaco T. Atherino & Irmão	2:000\$000	Miguel Mandalis	100\$000	
Estefano Kotzias & Filho		Francisco Grillo & Filhos		
Romanos & Irmão		João Batista Berreta		
Orlando Scarpelli		Firmino Vieira		
Estefano Nicolau Savas		Cyriaco Christoval		
R. Schnorr		Viúva Antônio Perrone		
Machado & Cia		Limongi & Evangelista		
Alberto Entres		Arnoldo Heidrich		
Moritz & Cia		Casa Oscar Lima		
Tom Wildi		Farmácia Santo Agostinho		
Otto Bernhardt	João Atanásio	1:000\$000		
Anastácio Kotzias	Pedro Xavier & Cia			
Empresa Auto Viação Catarinense	Oscar M. Sohn			
Dr. Álvaro Millen da Silveira	Armando H. da Silva			
Um anônimo	Domingos Cardoso			
Demétrio Lucas	Euclides Pereira			
Teodoro Ferrari	Roberto Müller			
J. Braunsperger	Norberto Domingos da Silva			
Demétrio Camburis	Francisco Berka			
Siríaco J. Kalafataz	Paulina Silva & Filhos			
Machado & Martins	Nelson Di Bernardi			
Milton Espezim Vieira	Carione & Irmão			
André Maykot	Walter Moritz			
José Araújo & Cia	H. O. Ligock			
Campos Lobo & Cia	Werner Schmidt			
M.A.S. Carvalho	Luis Batistotti			
Brando & Cia	500\$000	Pedro Bruno	500\$000	
José Elias (Casa Paraíso)		Faraco & Cia		
Eliseu Di Bernardi		Nicolau Jorge Berber		
Filomeno & Cia		Osmar Ragueira		
Gerken & Cia		Francisco Evangelista		
Viúva João Moura Júnior		Antônio B. Pereira		
Paulo T. Posito		João Di Bernardi		
Antônio Augusto Lehmkuhl		Anônimo		
Kosmos Apóstolos		Leopoldo Kraemer		

(Continuação)

Empresa menos de 500\$000	Valor
José Francisco da Silva	100\$000
João da Cruz Simão	
José Salem Filho	
Jorge Barbato	
Dr. Sílvio Ferraro	
Eugênio Szpoganicz	
Álvaro Soares de Oliveira	
Jaci Daussen	
João Abraham	
L. Früberger & Cia	
Lauro Mendes	
João Augusto de La Martinière	
João Corrêa de Amorim	
J. Moreira & Cia	

Fonte: Boletim Comercial, set/1942.

Anexo 7 - Balanços da firma Hoepcke nos exercícios de 1942 e 1945

Carlos Hoepcke S. A. Comércio e Indústria
Balanço geral de 31 de dezembro de 1942

ATIVO	
Imobilizado	976.562,30
Propriedades	769.351,80
Embarcações	1.745.914,10
Disponível	2.040.039,55
Caixa: em moeda corrente e bancos	14.678.729,59
Realizável a curto e longo prazo	15.837.654,75
Devedores	799.061,90
Mercadorias	537.394,90
Matéria-prima	93.193,65
Participações	31.946.034,79
Diversas contas	120.000,00
Contas de compensação	<u>120.000,00</u>
Ações caucionadas	Cr\$ 35.851.988,44

PASSIVO

Capital	6.800.000,00
Reservas	6.700.000,00
Fundo de Previsão	4.500.000,00
Fundo Especial Navegação	600.000,00
Fundo de Auxílio	297.600,00
Fundo para Contas Duvidosas	1.000.000,00
Lucros suspensos	115.298,27
Exigível a curto e longo prazo	20.012.889,27
Credores	14.687.786,07
Diversas contas	11.313,40
Dividendo	1.020.000,00
Conta de compensação	<u>15.719.099,17</u>
Caução da diretoria	<u>120.000,00</u>
	Cr\$ 35.851.988,44

Carlos Hoepcke S. A. Comércio e Indústria
Balanço geral de 31 de dezembro de 1945

ATIVO	
Imobilizado	2.624.837,50
Propriedades	806.808,00
Embarcações	3.431.645,50
Disponível	2.349.707,20
Caixa: em moeda corrente e bancos	25.622.952,20
Realizável a curto e longo prazo	27.643.677,60
Devedores	1.208.590,50
Mercadorias	1.615.536,60
Matéria-prima	146.989,10
Participações	56.237.746,00
Diversas contas	80.000,00
Contas de compensação	<u>80.000,00</u>
Ações caucionadas	Cr\$ 62.099.098,70

PASSIVO

Capital	6.800.000,00
Reserva	6.700.000,00
Fundo de Previsão	4.500.000,00
Fundo para flutuação ativo	6.000.000,00
Fundo depreciação imóveis	3.431.645,50
Fundo para participações	1.615.536,60
Fundo para contas duvidosas	2.400.000,00
Fundo de auxílio	276.523,60
Lucros suspensos	40.128,20
Exigível a curto e longo prazo	31.763.833,90
Credores	28.730.819,40
Diversas contas	708.445,40
Dividendo	816.000,00
Conta de compensação	<u>30.255.264,80</u>
Caução da diretoria	<u>80.000,00</u>
	Cr\$ 62.099.098,70

Fonte: Boletim Comercial, Abr/1943 e Abr/1946.

Anexo 8

Destaques atuais dos descendentes de alemães

Foto 47 - Indústria de Bebidas Leonardo Sell, em Rancho Queimado



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Foto 48 - Unidade da “Lojas Koerich”, situada na rua Conselheiro Mafra, Centro, Florianópolis



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Obs: Trata-se de um dos primeiros pontos comerciais que atenderam a rede de fiambrias.

Foto 49 - Unidade dos supermercados “Imperatriz”, na rua Aniceto Zacchi, Ponte do Imaruim, no município de Palhoça



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Obs: Instalada em 1976, esta unidade foi a primeira filial da rede de supermercados.

Foto 50 - O Bairro Kobrasol no município de São José



Fonte: Acervo da Assessoria de Imprensa de São José (2008).

Obs: Neste bairro, constituíram diversos empresários da construção civil, dentre os quais, os irmãos Koerich, Antônio Scherer, Antônio Hillesheim, Dionísio e Osvaldo Deschamps.

Foto 51 - Protensul com fábrica situada no bairro Ponta de Baixo, em São José



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Foto 52 - Loja Dominik, marginal da rodovia BR-101, no bairro Roçado, São José



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Foto 53 - Distribuidora Kretzer, localizada na marginal da BR-101, bairro Praia Comprida, São José



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Foto 54 - Posto Nienkötter, no bairro Capoeiras, Florianópolis



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Foto 55 - Loja da Gerber Móveis, na rua Anita Garibaldi, Centro, Florianópolis



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Foto 56 - Loja "A Barateira" na rua João Pinto, Centro, Florianópolis



Fonte: Arquivo da Autora (2008).

Foto 57 - O Beiramar Shopping, Centro, Florianópolis



Fonte: Arquivo da Autora (2008).